OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

PATRIARCHA DE LISBOA

PRECEDIDAS DE

UMA INTRODUCÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE

PUBLICADAS POR

ANTONIO CORREIA CALDEIRA

TOMO VI

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1876

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

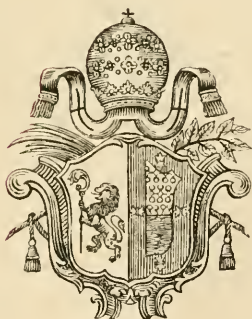
PATRIARCHA DE LISBOA

PRECEDIDAS DE

UMA INTRODUCÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE

PUBLICADAS POR

ANTONIO CORREIA CALDEIRA

TOMO VI

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1876

ESTUDOS BIBLIOGRAPHICOS

HISTORICOS E CRITICOS

ÁCERCA DAS

NAVEGAÇÕES, VIAGENS, DESCOBRIMENTOS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

SEGUIDOS DA

LISTA DE ALGUNS ARTISTAS NACIONAES

APONTAMENTOS BIBLIOGRAPHICOS

(Terminados pelo Auctor em 1844.)

NOTICIA

DE ALGUNS ESCRIPTORES PORTUGUEZES QUE TRATÁRÃO DOS NOSSOS DESCOBRIMENTOS E NAVEGAÇÕES, OU DAS REGIÕES E SUCCESSOS DE ALEM-MAR

N.º 1

Affonso de Albuquerque

Não se costuma nomear entre os escriptores Portuguezes das cousas da India o grande Affonso de Albuquerque, conhecido aliás, e famoso na nossa Historia não menos por seu heroismo militar, que pelas suas virtudes politicas, civis e moraes, e pela raiva frenetica com que foi perseguido de seus baixos e infames inimigos. Nós porém não duvidariamos numeral-o naquella classe, attendendo ao grande numero de *Cartas,* que elle escreveo da India, e que ainda se conservão no Real Arquivo da Torre do Tombo, originaes, em que elle dá conta a el-Rei D. Manoel das suas acções heroicas naquellas partes, das suas conquistas, e trabalhos, dos seus projectos em augmento do imperio oriental Portuguez, que havia fundado, e até em justificação de suas acções, a que se via muitas vezes obrigado pela facilidade com que el-Rei recebia, e talvez

acreditava as mentiras dos que Albuquerque chamava *Poetas da India.*

Na divisão do Real Arquivo, intitulada *Corpo Chronologico,* em dez, ou doze *maços,* que nos foi possivel examinar, achámos mais de oitenta *Cartas officiaes* daquelle illustre Governador, e algumas dellas de 10, 15, e 30 meias folhas de escriptura, de muitas das quaes se poderia fazer huma boa collecção impressa, de grande utilidade para a historia, e para a geografia do paiz.

Por esta razão nos pareceo collocar o nome de *Albuquerque* entre os varões illustres, de que fazemos menção nestes apontamentos, dando assim testemunho da veneração, que temos á sua memoria, aos seus distinctos talentos, e aos inapreciaveis serviços que fez á sua e nossa patria.

N.º 2

Affonso de Albuquerque (filho)

Foi filho de Affonso de Albuquerque, o *Grande,* e natural de villa d'Alhandra. Chamava-se Braz de Albuquerque; mas depois da morte de seu pai, tomou o nome de *Affonso,* e commummente se diz, que o fizera por insinuação de el-Rei D. Manoel, querendo este Principe assim perpetuar a memoria de tão illustre varão, e talvez reparar a injustiça, com que o havia tratado. Escreveo:

«*Commentarios de Affonso de Albuquerque, Capitão Geral, e Governador da India, collegidos por seu filho Affonso de Albuquerque das principaes Cartas, que elle escrevia ao muyto poderoso Rey D. Manoel, o primeiro deste nome, em cujo tempo governou a India. Vão repartidos em quatro partes, segundo os tempos dos seus trabalhos. Lisboa, 1557*», fol.

Sahirão segunda vez em *Lisboa* por *João de Barreira,* 1576, fol.

E terceira vez em 1774, 8.º, 4 vol.

N.º 3

Affonso Cerveira

Correo differentes pontos de Africa, e foi Feitor em Benim no tempo de el-Rei D. Affonso V. Escreveo:

«*Historia da conquista dos Portuguezes pela Costa de Africa.*» (Manuscripto.)

Da qual se aproveitou Gomes Eannes de Azurara, como diz Barros, referindo-se ao mesmo Azurara. Hoje não sabemos que exista este escripto.

N.º 4

Affonso Gonsalves de Vianna — Sebastião Martins

Escrevêrão:

«*Roteiro do Rio Grande até o Maranhão, por Affonso Gonsalves de Vianna, e Sebastião Martins, Pilotos da costa*», &c.

«*Roteiro do Maranhão para o Pará.*»

«*Roteiro para Indias do Pará.*»

Tudo em 9 fl. de 4.º, letra de 700. Na Bibliotheca Eborense. (Manuscripto.)

N.º 5

Agostinho de Azevedo (Fr.)

Religioso da Ordem de Santo Agostinho. Escreveo:

«*Apontamentos sobre as cousas do Estado da India, e Reino de Monomotapa*», fol.

Existia na Bibliotheca Real de Madrid. (Manuscripto.)

N.º 6

Aleixo da Mota

Mr. Camus, na *Mémoire sur les collections des grands, et petits voyages, et sur la collection des voyages de Melchisedech Thevenot,* falando do

«*Routier pour la navigation des Indes Orientales, par Aleixo da Motta*»
adverte que, segundo Thevenot, he este o melhor *Roteiro,* que possuem os Portuguezes, dado pelo mesmo Thevenot conforme a traducção de *Grand-maison*, que por quatro ou cinco annos commandou navios de el-Rei de Portugal á costa de Angola. A este *Roteiro* está junto hum *mappa,* do qual diz Thevenot, que nelle se estabelece contra a opinião commum, que não ha *estreito de Anjan* entre a China, e o Japão.

O *Roteiro* de Pimentel refere-se em alguns lugares ao de Aleixo da Motta.

N.º 7

André Alvares de Almada

Escreveo:

«*Tratado breve dos Rios de Guiné do Cabo-verde, des de o Rio do Sanagá até aos Baixos de Sant'Anna*, &c, &c. *Pelo Capitão André Alvares d'Almada, natural da ilha de Santiago de Cabo-Verde, pratico e versado nas ditas partes. 1594. Publicado por Diogo Köpke, Capitão da 3.ª Secção do exercito, e Lente da Academia Polytechnica do Porto. Porto: Typographia Commercial Portuense, 1841*», 8.º

(Vej. num. 10.)

N.º 8

André Coelho

Foi Capitão-mór das costas de Ceilão. Escreveo:

«*Advertencias a Fernam de Albuquerque, Governador da India*», fol.

Forão escriptas em Goa a 24 de Julho de 1620.

«*Avisos a Gaspar de Mello e Sampayo*», fol.

Escriptos em Goa a 24 de Fevereiro de 1621. Na Bibliotheca Real de Madrid. (Manuscripto.)

N.º 9

André de Faro (Fr.)

Escreveo:

«*Relação do que obrárão na segunda missão, os annos de 1663 e 664, os religiosos capuchos da provincia da Piedade do reino de Portugal em a terra firme de Guiné, na conversão dos gentios, e discorrendo da povoação de Cacheu, rio de S. Domingos, passando ao rio Grande, rio de Nuno, rios de Ponga, rios de Carsseres, rios da Serra-leoa, escrevendo não só o que obrarão no serviço de Deos, e as muitas almas, que converterão á fe de Christo, nos muitos reinos, em que estiverão, mas ainda escrevendo alguns ritos e costumes dos gentios daquellas terras. Por Fr. André de Faro, missionario na mesma terra firme de Guiné, e religioso da mesma provincia.*»

Manuscripto em 4.º, com 90 fl., na Bibliotheca Eborense. (Original.)

A dedicatoria a Pedro Fernandes Monteiro, Desembargador do Paço, e Ministro Maior da Inconfidencia, &c., he datada de Cacheu a 10 de Agosto de 1664.

N.º 10

André Gonsalves

André Gonsalves de Almeida, natural da cidade de Santiago, na ilha capital de Cabo Verde, aonde foi Capitão, escreveo:

«*Relação e Descripção de Guiné, na qual se trata de varias nações de negros, que a povoão, dos seus costumes, leis, ritos, ceremonias, guerras, armas, trajos, e da qualidade dos portos, e do commercio, que delles se faz. Lisboa, 1733*», em 4.º

O auctor da *Bibliotheca Lusitana* diz, que esta obra se imprimio em estylo, e ordem diversa da que o seu auctor lhe deo, e que não só lhe mudárão o titulo, que era

«*Tratado breve dos reinos de Guiné, e Cabo-verde*»

Mas tambem o appellido do auctor, que era *Alvarez*, no de *Gonsalvez*. Parece que Barbosa Machado quiz indicar a João Baptista Lavanha como auctor, ou occasião destas mudanças; pois delle se cita o manuscripto acima apontado, com o mesmo titulo, com que esta Relação se imprimio; e se attendermos á brevidade summaria da Relação impressa, por certo que mais lhe conviria o titulo de *Tratado breve*, &c., do que o que se lê no impresso, a cujas promessas se não satisfaz no corpo da obra.

(Vej. num. 7.)

N.º 11

André Pereira (Capitão)

Escreveo:

«*Relação do que ha no grande rio das Amazonas, novamente descoberto*», fol.

Na Bibliotheca Real de Madrid. (Manuscripto.)

N.º 12

Antonio de Andrade (Padre)

O Padre Antonio de Andrade foi natural de Oleiros, e tomou o habito de Jesuita em Coimbra. Foi mandado ás missões do Oriente, e estando a governar o Collegio de Mogor, resolveo hir em busca da christandade do *Tibet*, aonde os Portuguezes não tinhão ainda penetrado. Partio com effeito em 1624, e depois de longa e trabalhosa peregrinação, entrou em *Caparanga*, côrte daquelle reino. Vindo a Goa, voltou segunda vez ao Tibet com o Padre Gonçalo de Souza, e alguns outros Padres, que o ajudassem nas missões já começadas com fructo. Quiz ainda fazer terceira vez a mesma viagem, mas os seus superiores não lho permittirão. Escreveo:

«*Novo descobrimento do Gran-Catayo, ou dos Reynos de Tibet. Lisboa, por Mattheus Pinheiro, 1626*», 4.º

Vem esta Relação no tom. 4.º da *Imagem da Virtude*

em o Noviciado da Comp. de Jesus na côrte de Lisboa, cap. 31.º, pag. 375, impresso em 1717.

Foi traduzida em Castelhano, Francez, Italiano, Flamengo, &c. E della extrahio Theodoro Rhay, Jesuita Allemão, parte das noticias, que vem na sua *Descriptio regni Thibet,* impressa em Paderborn, 1658, 4.º

Das duas traducções Castelhana e Franceza vimos notado em hum *Catalogo de livros,* impresso em Londres, o seguinte artigo:

«*Tibet — Andrade (Antoine d') Le Gran Cathayo, ou Royaumes de Tibet, n'agueres descouverts: trad. de l'Espagnol en François. — à Gand, 1627*», 8.º

Escreveo mais o Padre Andrade:

«*Carta, em que relata como voltou ao Tibet a 15 de Agosto de 1626.*»

A qual vem no referido tom. 4.º da *Imagem da Virtude,* pag. 400, e acho escripto, que fôra traduzida em Francez com o titulo:

«*Histoire de ce qui s'est passé au royaume de Tibet, en l'année 1626. Paris 1629*», 8.º

Tambem foi traduzida em Italiano.

Do Padre Andrade se estampou o retrato com esta inscripção:

«*P. Anton. de Andrade, Societ. Jesu, Provinc. Goanae* XVII *Provincialis, Missionis Thibetensis primus explorator, et fundator, Obiit an. Dom. 1634, 14. Kal. Aprilis, aetatis suae. 53*» (a 19 de Março de 1634).

Seus pais se chamavão *Bartolomeu Gonsalves, e Magdalena de Andrade, moradores na villa de Oleiros, Diocese do Crato.*

(Vej. o num. 118.)

N.º 13

Antonio de Castilho

Foi natural da villa de Thomar, e filho do celebre ar-

chitecto João de Castilho. Foi Cavalleiro da Ordem de Aviz, Alcaide-mór, e Commendador de Mora, Embaixador á côrte de Inglaterra, Chronista-mór do reino, e Guarda-mór da Torre do Tombo desde 1571 até 1593, anno em que consta servir Rodrigo Homem por *sua ausencia.* Não sabemos o anno preciso do seu fallecimento. Escreveo entre outras obras, que não pertencem ao nosso assumpto:

«*Commentarios do cerco de Gôa e de Chaul no anno de 1570.*» Lisboa, 1573, em 8.º, e 1736, em 4.º

N.º 14

Antonio Cordeiro (Padre)

Foi natural da cidade de Angra na ilha Terceira, Jesuita, douto nas letras sagradas e profanas, missionario zeloso, celebre pelos seus infortunios. Escreveo:

«*Historia Insulana, Lusitana, das Ilhas a Portugal sujeitas no Oceano Occidental.*» Lisboa, 1717, fol.

Florecia este escriptor pelo meio do seculo XVII. Trata brevemente das ilhas *Canarias,* e das de *Cabo Verde,* e com maior extensão das que compõem o archipelago dos *Açores,* para o que se servio muito (como elle a cada passo confessa) da obra do Dr. Gaspar Fructuoso, de que falâmos a num. 66.

N.º 15

Antonio Durão

Militou nos estados da India, e achou-se na praça de Moçambique, quando cercada pelos Hollandezes em 1607 e 1608. Escreveo:

«*Cercos de Moçambique defendidos por D. Estevão de Ataide, General, e Governador daquella praça.*» Madrid, 1633, em 4.º

N.º 16

Antonio Fialho Ferreira

Escreveo:

«*Relação da sua viagem, que fez a Macáo. Lisboa: por Domingos Lopez. 1643.*»

He referido pelo Padre Bluteau no Catalogo dos livros, que leo para a composição do seu *Vocabulario.*

Escreveo mais:

«*Razões á pergunta que se me fez sobre a navegação, que se tem aberto da China á India pelos boqueirões de Balle; e se será acertado fazer-se viagem da China em direitura a Lisboa, e que caminho farão as embarcações*», fol. (Manuscripto.)

Na Bibliotheca Real de Madrid.

N.º 17

Antonio Galvão

Este illustre Portuguez foi filho do bem conhecido Chronista Duarte Galvão. Alguns escriptores nossos dizem, que nascêra na India, o que nos parece grosseiro erro. He certo que Duarte Galvão falleceo na ilha de Camaram, no Mar Vermelho, quando hia por Embaixador de el-Rei D. Manoel ao Abexi, em 1517. Mas nem consta que levasse sua mulher comsigo, nem elle mesmo estava já muito em idade de ter lá este filho, vistoque Damião de Goes attribue a sua morte á sua longa idade, e assim he de presumir de hum Varão, que tinha servido varios empregos já desde o reinado de el-Rei D. Affonso V.

Antonio Galvão foi de Portugal em 1522 com D. Pedro de Castro (o qual invernando em Moçambique, foi á expugnação da ilha de Quirimá), e fez ahi os serviços, e as acções de valor, de que dá conta Castanheda na *Historia*

da India, liv. 6.º, cap. 43.º, e Andrada, na *Chronica de de D. João III,* part. 1.ª, cap. 40.º E esta he outra prova (se fosse necessaria) de que Galvão não nasceo na India; porque seu pai sómente para lá navegou em 1515, e falleceo em 1517. Pelo que teria o filho, se lá houvesse nascido, quando muito sete annos, em 1522, em que foi a facção de Quirimá.

Em 1526 voltou á India por Capitão de huma das náos da carga. O que fez nesta viagem póde ver-se em Castanheda, liv. 7.º, cap. 10.º, e em Andrada, part. 2.ª, cap. 9.º, aonde se achão provas da grande pericia de Galvão na marinhagem.

«Nos principios de 1527 voltou para Portugal, e então *trouxe a ossada de seu pay Duarte Galvão, que ho clerigo Francisco Aluares trouvera á India, de Camarão, vindo do Preste.*» (Castanheda, liv. 7.º, cap. 14.º)

Em 1533 navegou Antonio Galvão ainda outra vez para a India, e tanto na viagem, como na estada na India, como depois no governo das Molucas, deo tantas provas de pericia nautica, de valor, de justiça, de desinteresse, e de christandade, que de todos era honrado, estimado, e venerado; mereceo em Ternate o nome de *pai dos povos;* dos Portuguezes o appellido de *Apostolo das Molucas,* &c. Vej. Castanheda, liv. 8.º, cap. 64.º, 120.º, 124.º, 125.º, 155.º–163.º, 180.º, &c.; Andrada, Couto, &c.

Este virtuoso Portuguez, que despendeo tudo o que tinha por bem servir o estado, veio viver de esmolas no hospital de Lisboa por dezesete annos, e com esmolas foi enterrado. (Barros, dec. 4.ª, liv. 9.º; Couto, dec. 5.ª, liv. 7.º, cap. 2.º, &c.) Escreveo:

«*Tratado dos varios e diversos caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta e a especiaria veio da India ás nossas partes, e assim de todos os descobrimentos antigos e modernos, que são feitos até á era de 1550, com os nomes particulares das pessoas, que os*

fizerão, em que tempos, e suas alturas.» Lisboa, 1563, 8.º, e 1731, fol.

Existe na Bibliotheca Publica de Lisboa hum exemplar da sua obra, que vi em dezembro de 1838, e o seu verdadeiro titulo he o seguinte:

«*Tratado que compôz o nobre e notavel capitão Antonio Galvão, dos diuersos e desuayrados caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veyo da India ás nossas partes, e assi de todos os descobrimentos antigos e modernos, que são feitos em a era de mil e quinhentos e cincoenta. Com os nomes particulares das pessoas que os fizeram: em que tempos, e as suas alturas, obra certo muy notauel e copiosa. Foy vista e examinada pela santa Inquisição. Impressa em caza de Joam da Barreira, impressor delrey nosso senhor, na rua de Sã Mamede*», em 12, com 80 fl., sem numeração no verso dellas, além do frontespicio e prologo, que não são numerados.

Tem no fim:

«*Laus Deo. A louuor de Deos e da gloriosa virgem Maria se acabou o liuro dos descobrimentos das Antilhas e India. Imprimio-se em caza de Joham da Barreira, impressor delrey nosso senhor. Aos quinze de Dezembro de mil e quinhẽtos e sessenta e tres annos.*»

Escreveo mais:

«*Historia das Molucas, e seu descobrimento em 1511.*» (Manuscripto.)

Na *Bibliotheca Historica*, num. 61.

Em hum *Catalogo Inglez* achámos este artigo:

«*Galvano (Antonie) governor of the Malucca Islands, Discoveries of the World from their first original unto 1555. by Rich. Hakluyt. 1601*», 4.º (Raro.)

No Real Arquivo da Torre do Tombo, gav. 18, maç. 2.º, num. 46, se conserva huma *Carta de Anton. Galvão escripta a elRei sobre a India, e Maluco, e especiarias,* que me pareceo digna de se ler.

N.º 18

Antonio Gomes de Oliveira

Foi natural de Torres Novas. Escreveo:

«*Historia da Ilha Terceira*»

De que faz menção D. Francisco Manoel nos *Apologos Dialogaes, Hospital das letras*, pag. 386.

N.º 19

Antonio de Gouvêa (D. Fr.)

Augustiniano, natural de Beja, esteve na India, e lia a cadeira de Theologia no seu convento de Goa em 1597. No anno de 1602 partio por Embaixador á Persia, de mandado do Vice-Rei Ayres de Saldanha, e tendo a fortuna de agradar ao Sophi, obteve delle algumas graças favoraveis ao christianismo. O mesmo Rei da Persia o mandou em companhia de hum seu Embaixador ao Papa Paulo V, e a el-Rei de Castella, pedindo auxilio contra o Turco. Voltou á Persia com caracter de Legado do Papa; mas não achando já as precedentes disposições, padeceo graves vexações, e quando voltava á Europa, foi tomado por Mouros, e por elles posto em captiveiro dous annos. El-Rei D. Filippe III o nomeou Bispo de Cirene, e em 1624 se intitulava *Bispo de Cirene, Visitador Apostolico na Persia, do Conselho de Sua Magestade, e seu Prégador pela Corôa de Portugal*. Falleceo em Hespanha na villa de Mançanares em 1628. Escreveo:

«*Jornada do Arcebispo de Gôa D. Fr. Aleixo de Menezes Primaz da India Oriental, religioso da Ord. de S. Agostinho: quando foy ás Serras do Malauar, e lugares, em que morão os antigos christãos de S. Thomé, e os tirou de muitos erros e heregias, em que estauão, e reduzio á nossa Santa Fé Catholica, e obediencia da*

Santa Igreja Romana, da qual passava de mil annos que estauão apartados.

«*Recopilada de diversos Tratados de pessoas de autoridade, que a tudo forão presentes. Por Frey Antonio de Gouuea, religioso da mesma ord. de S. Agost., Lente de Teologia e Prior do convento de Gôa. Dá-se noticia de muytas cousas notaueis da India, de que a não hauia tão clara.*

«*Dirigida ao Reverendissimo Senhor D. Frey Agostinho de Jesu, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, religioso da mesma Ordem.*

«*Em Coimbra: Na officina de Diogo Gomez Loureyro, Impressor da Vniversidade. Com licença do S. Offic. e Ordinario. Anno Dñi 1606*», fol.

Vem junto a esta Relação:

«*Synodo Diocesano da igreja e bispado de Angamale dos antigos christãos de Sam Thomé, das Serras do Malauar, das partes da India Oriental.*

«*Celebrado pello Reverendiss. Senhor D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo Metropolitano de Gôa, Primaz da India, e partes Orientaes, Sede vagante do dito bispado, por autoridade de dous Breves do S.^mo P. Clem. Pp. VIII. nosso Senhor, no 3.° Domingo depois de Pentecoste aos 20 dias do mez de Junho da era de 1599, na igreja de todos os santos, no lugar e reyno do Diamper sogeito a elRey de Cochim infiel, no qual se deo obediencia ao Sũmo Pontifice Romano, e se sogeitou o dito bispado com todos os christãos delle á Santa Igreja Romana.*

«*Em Coimbra na Officina de Diogo Gomez Loureyro, impressor da Vniversidade. Com licença do Santo Officio e Ordinario. Anno Domini 1606.*»

Vem finalmente:

«*Missa de que usão os antigos christãos de São Thomé do bispado de Angamale das Serras do Malauar da India Oriental, purgada dos erros, e blasfemias Nestoria-*

nas, de que estava chea, pello illustriss. e reverendiss. Senhor D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Gôa, Primaz da India, quando foy reduzir esta christandade á obediencia da Santa Igreja Romana, tresladada de Siriaco ou Suriano de verbo ad verbum em lingoa latina.»

Da Relação que compõe a primeira parte deste volume consta ter-se o seu auctor servido:

1.º De hum *tratado de grande autoridade, dino de toda a fé, que compôz o muito douto e R.mo P. D. Francisco Roz da companhia de Jesu, Bispo, que hoje he dignissimo dos mesmos christãos, e bispado de Angamale,* que foi hum dos que acompanhárão o Arcebispo.

2.º De outro *tratado feito por Belchior Braz, frade capellão de elRei, e Mestre escola de Gôa,* que tambem acompanhou o Arcebispo.

3.º De algumas *lembranças breves* escriptas pelo mesmo Arcebispo.

Achámos notado que esta obra de Gouvêa corre traduzida ao Francez com o titulo seguinte:

«*Histoire Orientale des grans progrés de l'eglise catholique, Apost., et Rom. en la reduction des anciens christiens dits de S. Thomaz, de plusieurs autres schismatiques et hérétiques al'union de la vraye eglise, conversion encore des Mahometains, Mores, et Payens. Par les bons dévoirs du reverendissime et illustrissime Seigneur D. Alexis de Menezes del Ordre des Eremites de S. Augustin, Archêveque de Goa, et Primat en tout l'Orient. Anvers (al. Bruxelles) 1609*», 8.º

Tambem foi trasladada em Castelhano por Francisco Munõz, e em Inglez com notas, por Mr. Geddes, cancellario da igreja de Salisbury.

As Actas do Concilio de Angamale forão publicadas em Latim pelo augustiniano João Facundo Rolin, illustradas com eruditas notas e dissertações, e impressas em Roma 1745.

Gouvêa escreveo tambem:

«*Vida y muerte del bendito P. Juan de Dios fundador de la Orden de la hospitalidad de los pobres, enfermos.*» Madrid, 1624, 4.º, a qual não pertence a este lugar.

«*Relaçam, em que se tratam as guerras, e grandes victorias, que alcançou o grande Rey da Persia Xá Abbas do grão Turco Mahometto, e seu filho Amethe: as quaes resultarão das embaixadas, que por mandado da Catholica e Real Magestade delRey D. Felippe segundo de Portugal fizerão alguns Religiosos da Ordem dos Eremitas de S. Augustinho á Persia.*

«*Composto pelo P. Fr. Antonio de Gouvea, Religioso da mesma ordem, Reitor do Collegio de S. Augustinho de Goa, e professor da Sagrada Theologia.*

«*Dirigido ao illustrissimo e Reverendissimo Senhor Dom Frey Aleixo de Meneses, Arcebispo de Goa, Primás, e Governador da India Oriental.*

«*Com licença da S. Inquisição, Ordinario, e Paço. Impresso em Lisboa por Pedro Craesbeeck: anno* MDCXI. *Com Privileg. Real.*» Hum vol. em 4.º

N.º 20

Antonio de Gouvêa

Escreveo:

«*Monarchia da China, dividida por seis idades.*»

Começa por hum prologo, datado em 20 de Janeiro de 1654, do qual consta, que a escrevêra no interior da China sobre memorias estudadas nas chronicas do paiz, e nas proprias observações de vinte annos em seis das suas provincias. He dividida em dez partes, e tem no fim hum Indice geral, e a *Historia da Tartaria*, tudo em 390 pag. de fol.

Manuscripto, na Bibliotheca Real de Madrid.

N.º 21

Antonio de Mariz Carneiro

Escreveo:

«*Regimento dos Pilotos, e Roteiro das navegações da India Oriental. Lisboa: por Lourenço de Anveres. 1642.*»

Referido no Catalogo dos livros, que o Padre D. Rafael Bluteau leo para a composição do seu *Vocabulario.*

N.º 22

Antonio Pinto Pereira

«*Historia da India, no tempo em que a governou o Viso-Rey D. Luis D'Ataide. Composta por Antonio Pinto Pereyra. Dirigida a elRey D. Sebastião. E agora impressa assi como estaua em seu original, por ordem de Frey Miguel da Cruz, Frade da Ordem de N. Senhor Jesu Christo, Theologo Prégador.*

«*Com todas as licenças e aprouações necessarias. Em Coimbra. Na impressam de Nicolao Carvalho. Anno de 1616*», em fol. (Extremamente raro.)

O livro 1.º consta de 33 cap., em 151 fl., numeradas no recto, com seu index. O 2.º livro, que se segue com nova numeração, tem 54 cap., em 162 fl., com seu index.

N.º 23

Antonio do Porto (Fr.)

Ha no Archivo da Torre do Tombo, no Corpo Chronologico, part. 1.ª, maç. 102, doc. 25, huma

«*Carta a el-Rei D. João III, datada de Salcete a 20 de Novembro de 1557*»

Em que lhe diz, que tivera em sua companhia dous Bispos Caldeos, e dá noticia do estado dos christãos do Malabar.

N.º 24

Antonio de Saldanha (Padre)

«Prasse Pastoral... Modo breve de catequizar os catecumenos adultos, que se hão de baptizar, e outra varia doutrina sobre os sacramentos da S. M. Igreja, ordenada, e composta pello P. Antonio de Saldanha, religioso da Companhia de Jesu.»

He manuscripto, em 12, que vi, escripto em lingua do *Concan*, com hum glossario, ou vocabulario de frases da mesma lingua, com o titulo:

«Modos de falar em Canarȳ.»

Vej. Barbosa Machado, e Nicoláo Antonio.

(Veio da Cartuxa de Evora, e o mandei para o Deposito de S. Francisco.)

N.º 25

Antonio Rodrigues Codorniga

Escreveo:

«Historia de Angola.»

Grosso vol., em fol. Manuscripto, na Bibliotheca de Evora.

N.º 26

Antonio Tenrreyro

Foi natural de Coimbra, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e servio na India. Estando em Ormuz sahio d'ali, no anno de 1522, em companhia de Balthazar Pessoa, que de mandado do Governador da India D. Duarte de Menezes hia por Embaixador á Persia. Esteve na Persia, passou á Armenia, veio á Syria, ao Cairo, á Alexandria, á ilha de Chipre. De Chipre voltou ao continente, e logo a Ormuz por terra. Passados cinco ou seis annos (como elle mesmo diz), tornou a sahir para vir por terra a Portugal, com recados a el-Rei sobre a armada do Turco, sendo Governador da India Lopo Vaz de Sampaio, e Capitão de Ormuz Christovão de Mendoça. Sahio de Ormuz

nos fins de Setembro de 1528, e chegou a Portugal no anno seguinte com alguns mezes de viagem. Escreveo:

«*Itinerario de Antonio Tenrreyro, cavaleyro da Ordem de Christo, em que se contêm como da India veo por terra a estes reynos de Portugal.*»

No fim:

«*Foy impressa a presente obra em a muy nobre cidade de Coimbra, em caza de Antonio de Mariz, aos vinte dias do mes de Abril de 1560,* (4.º) *Com licença dos senhores Inquisidores e Ordinario.*»

Sahio segunda vez impressa em *Coimbra, por João de Barreira,* no anno de 1565, em 8.º, e ambas estas edições são raras.

Sahio terceira vez em 1725 na Officina Ferreyriana, juntamente com a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, em fol.; e outra vez, em 1762, com a mesma *Peregrinação,* tambem em fol.

Sahio em fim recentemente na nova edição de Fernão Mendes, de 1829, no 4.º vol., com este titulo:

«*Itinerario de Antonio Tenrreyro, cavaleyro da Ordem de Christo, em que se contém como da India veo por terra a estes reynos de Portugal. Nova edição conforme á primeira de 1560. Lisboa. Na Typograph. Rollandiana, 1829* (em 12). *Com licença da Meza do Dezembargo do Paço.*»

No fim desta edição vem a nota das variantes, que se achárão entre as duas primeiras edições de 1560 e 1565, com o que se deve ter por exacta, e fiel cópia do que o auctor escreveo.

N.º 27

Balthazar Marinho

Escreveo:

«*Relação do que se executou na expedição de Mombaça, para onde partio em 8 de Janeiro de 1633.*»

Manuscripto em fol., na Bibliotheca Real de Madrid.

N.º 28

Balthezar Barreira (Padre)

Jesuita empregado nas missões de Guiné e Serra Leôa, escreveo:

«*Carta, em que dá conta da disposição que achou para receberem a santa prégação do evangelho em todos os reinos daquella costa, e pela terra dentro, que elle pessoalmente foi descobrir, e do fructo que até então se tinha feito na conversão daquella gentilidade*», &c.
da qual Carta vem a cópia na *Relação annal* do Padre Guerreiro, liv. 4.º, cap. 2.º e seguintes, desde fl. 223 até fl. 264 v.

(Vej. num. 47.)

N.º 29

Bento de Goes

Foi natural de Villa Franca, porto maritimo da ilha de S. Miguel. Militou na India, e depois disso, entrou na Companhia de Jesus em Goa. Algumas idéas vagas, que corrião, da Christandade do Catayo lhe inspirárão o pensamento, e desejo de hir ao descobrimento della, e conseguindo isto dos seus superiores, com intervenção do Vice-Rei Ayres de Saldanha, e do Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, e tendo-se já d'antes dado á prégação na côrte e terras do Mogol, partio em busca do Catayo em 1603, em companhia de dous mercadores Gregos, e hum Armenio, dirigindo-se pelo norte do imperio do Mogol desde o paiz dos Vsbegs, para o Oriente até á China. Andou quatro annos por aquelles vastissimos sertões no meio de incommodos e riscos, e approximando-se á entrada da China com o Armenio, que constantemente o acompanhou, convenceo-se de que o chamado *Catayo* era o proprio imperio da *China*. Avisou da sua chegada os Padres Jesuitas

de Peckin, os quaes obtendo licença para a entrada de Goes, enviárão o irmão João Fernandes para o conduzir. Chegado a *Socheo,* e sendo ainda mui dilatada a jornada a Peckin, enfermou ali, e falleceo aos 11 de Abril de 1607, tendo de idade quarenta e cinco annos.

Escreveo a *Relação da sua viagem,* que foi inserida na *Relação da China* do Padre Trigaut, como consta da *Nova Relação* do Padre Gabriel de Magalhães, pag. 31 e 32.

N.º 30

Bernardo Gomes de Brito

Collegio as antigas *Relações* de varios naufragios das náos Portuguezas com este titulo:

«*Historia Tragico-maritima, em que se escrevem chronologicamente os naufragios, que tiverão as náos de Portugal depois que se poz em exercicio a navegação da India. Lisboa, 1735*», 2 vol., 4.º

O 1.º vol. comprehende:

«*Naufragio do galeão S. João na Terra do Natal, anno de 1552.*»

«*Naufragio da náo S. Bento no cabo da Boa-esperança, no an. 1554, por Manoel de Mesquita Perestrello, hum dos naufragantes.*»

«*Naufragio da náo Conceição nos baixos de Pero dos Banhos, em 1555, por Manoel Rangel, que se achou no naufragio.*»

«*Relação do successo, que tiverão as náos Aguia, e Graça em 1559 pelo P. Manoel Barradas, Jesuita.*»

«*Descripção da cidade de Columbo.*» (Junta á precedente Relação.)

«*Relação do naufragio da náo Santa Maria da Barca, em 1559.*»

«*Naufragio da náo S. Paulo na ilha de Samatra em 1561, com a Descripção do sitio e maneira da ilha Sa-*

matra, e assim tambem a figura e maneira do boqueirão de Sunda, escripto por Henrique Dias, criado de D. Antonio, Prior do Crato, que hia na náo.»

O 2.º vol. comprehende:

«*Naufragio, que passou Jorge de Albuquerque Coelho vindo do Brasil para este reino em 1565, escripto por Bento Teixeira Pinto, que se achou no naufragio.*»

«*Relação do naufragio da náo Santiago no anno de 1585, e itinerario da gente, que delle se salvou, por Manoel Godinho Cardoso.*»

«*Relação do naufragio da náo S. Thomé na terra dos Fumos, no an. de 1589, e dos grandes trabalhos, que passou D. Paulo de Lima nas terras da Cafraria, até á sua morte. Escripta por Diogo do Couto, Guarda-mór da Torre do Tombo, no anno de 1611.*»

«*Relação do naufragio da náo S. Alberto no Penedo das fontes, no anno de 1593, e itinerario da gente, que delle se salvou, até chegarem a Moçambique: escripta por João Baptista Lavanha, Cosmografo mór de S. Mag., no anno de 1597.*»

«*Relação da viagem e successo, que teve a náo S. Francisco... na armada que foi para a India no an. de 1596, escripta pelo P. Gaspar Affonso, que nella hia.*»

«*Tratado das batalhas e successos do galeão Santiago com os Hollandezes, na ilha de Santa Elena no an. de 1602. Escripta por Melchior Estacio do Amaral.*»

Estas Relações, postoque refirão successos particulares, merecem comtudo a attenção dos doutos, tanto pela noticia, que nellas se acha, das terras, costas e mares, em que succedêrão os naufragios, como pelo especial conhecimento, que algumas dellas nos dão das terras da Cafraria, das producções daquelles paizes, das gentes que os habitão, e seus costumes, &c.

He para sentir, que se não continuasse esta util empreza, aproveitando as Relações manuscriptas, que ainda

ha dispersas, e evitando em todas os muitos erros, e incorrecções typograficas, que se encontrão nestes dous volumes, os quaes, assim mesmo, não merecem o pouco caso que delles se faz.

Vi hum volume, em que, sem titulo algum geral, achei collegidas muitas Relações de naufragios, escriptas em differentes tempos, e em differentes typos, e typografias, das quaes darei aqui noticia pela ordem em que estão no dito volume, em 4.º:

1.ª «*Historia da muy notavel perda do galeam grande S. Joam, em que se contão os grandes trabalhos e lastimosas cousas que acontecerão ao capitão Manoel de Sousa Sepulveda, e o lamentavel fim, que elle, e sua mulher e filhos, e toda a mais gente houverão, na terra do Natal, onde se perderão a 24 de Junho de 1552. Em Lisboa. Na Officina de Antonio Alvares.*»

2.ª «*Relaçam do lastimoso naufragio da náo Conceiçam, chamada Algaravia a nova, de que era capitão Francisco Nobre: a qual se perdeo nos baixos de Pero dos Banhos em 22 de Agosto de 1555. Em Lisboa. Na Officin. de Antonio Alvares.*»

3.ª «*Naufragio da náo Santo Alberto, e Itinerario da gente que delle se salvou. Por João Baptista Lavanha, Cosmografo mór de Sua Magestade, dedicado ao Principe Dom Philippe nosso Senhor. Em Lisboa. Em caza de Alexandre de Siqueira. Anno de 1597.*»

4.ª «*Relaçam do naufragio da náo Santiago, e itinerario da gente que delle se salvou. Escripta por Manoel Godinho Cardoso. Com licença da Santa Inquisição. Em Lisboa. Impresso por Pedro Craesbeeck. Anno de 1602.*»

(Vej. num. 112.)

5.ª «*Tratado das batalhas e successos do galeam Santiago com os Olandezes na ilha de Santa Elena, e da náo Chagas com os Inglezes entre as ilhas dos Açores; ambas*

capitanias da carreira da India; e da causa e desastres, por que em vinte annos se perderão trinta e oyto naos della. Escripto por Melchior Estacio do Amaral. Na Officina de Antonio Alvares. No anno de 1604.»

6.ª «*Tratado do successo que teve a náo S. Joam Baptista, e jornada que fez a gente que della escapou, des de trinta e tres gráos no cabo de Boa-esperança, onde fez naufragio, até Sofala, vindo sempre marchando por terra. A Diogo Soares, Secretario do Conselho da Fazenda de Sua Mag., &c. Auzente, ao P. Manoel Gomes da Sylveira. Com licença da S. Inquisição, Ordinario, e Paço. Em Lisboa, Por Pedro Craesbeeck, Impressor delRey, anno 1625.*» (A dedicatoria he assignada por *Francisco Vaz de Almada.)*

7.ª «*Memoravel Relaçam da perda da náo Conceiçam, que os Turcos queimárão á vista da barra de Lisboa, e varios successos das pessoas que nella cativárão. Com a nova descripção da cidade de Argel, de seu governo, e cousas mui notaveis acontecidas nestes ultimos annos de 1621 até o de 1626. Por Joam Tavares Mascarenhas, que foi cativo na mesma náo. Dedicada a D. Pedro de Menezes, Prior da igreja de Santa Maria de Obidos. Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Na Officina de Antonio Alvares. Anno de 1627.*

8.ª «*Relaçam da viagem e successo que teve a náo capitania Nossa Senhora do bom despacho, de que era capitão Francisco de Mello, vindo da India no anno de 1630. Escrita pelo P. Fr. Nuno da Conceiçam, da Terceira Ordem de S. Francisco. Lisboa. Na Officina de Pedro Craesbeeck. Anno de 1631.*»

9.ª «*Naufragio da náo N. Senhora de Belêm, feito na terra do Natal no cabo de Boa-esperança, e varios successos que teve o capitão Joseph de Cabreira, que nella passou á India no anno de 1633, fazendo o officio de Almirante d'aquella frota até chegar a este Reyno. Escritos*

pelo mesmo Joseph de Cabreira, offerecidos a Diogo Soares, do Conselho de Sua Mag. e seu Secretario de Estado em Madrid. Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Lourenço Craesbeeck, Impressor delRey. Anno de M.DC.XXXVI. »

(Vej. num. 97.)

10.ª «*Relaçam do naufragio que fizeram as nãos Sacramento, e nossa Senhora da Atalaya, vindo da India para o Reino no cabo da Boa-esperança, de que era capitão mór Luiz de Miranda Henriquez, no anno de 1647. Offerecida á Magestade de elRey D. Joam o IV nosso Senhor, por Bento Teyxeyra Feyo. Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Impressa na Officina de Paulo Craesbeeck. No anno de 1650.*»

11.ª «*Relaçam da viagem do galeam São Lourenço, e sua perdição nos baixos de Moxincale em 3 de Setembro de 1649. Escrita pelo Padre Antonio Francisco Cardim, da Companhia de Jesus, Procurador Geral da Provincia do Japão. A Manoel Severim de Faria. Em Lisboa. Por Domingos Lopes Roza. No anno de 1651.*»

N.º 31

Christovão Borro (Padre)

Foi religioso da Companhia de Jesus. Escreveo:

«*Tratado da navegação de Leste Oeste.*»

Citado por Pimentel na *Arte de navegar*, ediç. de 1712, a pag. 393.

N.º 32

Christovão Ferreira (Padre)

Escreveo:

«*As Annuas do Japão de 1627*». *(Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa.)*

N.º 33

Constantino de Sá e Noronha (D.)

Escreveo:

«*Descripção dos rios, plantas, portos de mar, e fórma da fortificação da ilha de Ceilão.*»

Foi enviada de Ceilão em 1624 com as fortalezas muito bem delineadas, 4.º

Manuscripto, na Bibliotheca Real de Madrid.

N.º 34

Diogo de Paiva de Andrada

Filho de Francisco de Andrada (vej. num. 52), escreveo entre outras obras:

«*Chauleidos Libri duodecim. Canitur memoranda Chaulensis urbis propugnatio, et celebris victoria Lusitanorum adversus copias Inicae-Maluci. Olisipone. 1628*», em 4.º

N.º 35

Domingos de Abreu de Brito

Escreveo:

«*Summario e Descripção do reino de Angola, e do descobrimento da ilha de Loanda, e da grandeza das capitanias do estado do Brasil, feito por Domingos de Abreu de Brito, portuguez. Dirigido ao muito alto e poderoso Rey D. Philippe Primeiro deste nome, para augmentação do estado, e renda de sua coroa. Anno de 1592.*»

Manuscripto, na Bibliotheca Publica de Lisboa.

N.º 36

Domingos Alves Branco Moniz Barreto

Escreveo:

«*Plano sobre a civilisação dos Indios do Brasil, e prin-*

cipalmente para a capitania da Bahia, no qual tambem se manifesta a missão, que entre os mesmos Indios fizerão os Missionarios, e proscriptos Jesuitas. Apresentado ao Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Bispo de Beja, por Domingos Alves Branco Moniz Barreto, Tenente Coronel do regimento de cavallaria auxiliar da capitania da Bahia.»

Manuscripto em 4.º, com cousa de 100 fl. sem numeração, na Bibliotheca Eborense.

A dedicatoria he datada de Lisboa, a 2 de Janeiro de 1790.

Parece que ha outro exemplar na Bibliotheca Real do Palacio da Ajuda.

N.º 37

Duarte Barbosa

Escreveo:

«*Livro de Duarte Barbosa.*»

Esta importante obra, com este proprio titulo, foi impressa a primeira vez em Portuguez na *Collecção* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, no tom. 2.º, em 4.º, anno 1812, num. VII. Contém a breve descripção dos principaes lugares, e portos de mar, desde o cabo de S. Sebastião, proximo ao da Boa Esperança, até aos *Lequios,* ultimo termo então conhecido dos navegadores Portuguezes, com a noticia dos povos que os habitão, e seus costumes, do seu trafico, das suas mercadorias, lugares aonde nascem, e para onde se conduzem, &c., tudo acabado de escrever pelo auctor em 1516.

Parece-nos escusado acrescentar aqui cousa alguma ao que desta obra, e do seu auctor disse Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*, e o douto academico, que escreveo a *Introducção,* que precede a obra, no citado volume da Academia. Sómente julgâmos conveniente notar duas cousas:

1.ª Que temos por pouco exacta a noticia de haver Duarte Barbosa *sido morto com veneno;* pois o contrario

se deduz do *Roteiro da Viagem de Magalhães,* ha pouco publicado pela Academia na referida *Collecção,* e da Carta de Maximiliano Transsilvano, que lá mesmo, em nota, apontâmos.

2.ª Que na livraria dos monges de S. Bento da Saude desta cidade de Lisboa existia outro exemplar da *obra* de Duarte Barbosa, escripto no seculo xvi, postoque imperfeito, do qual já tambem fizemos menção na introducção ao *Roteiro de Magalhães,* quando o apresentámos á Academia, e lhe demos conta do modo, com que tinhamos procedido em tirar a sua cópia, e nas notas que lhe ajuntámos. Aquelle exemplar manuscripto deve hoje conservar-se no *Depositos de livros,* &c., no convento de S. Francisco da Cidade.

N.º 38

Duarte Lopes

Este Portuguez passou de Portugal ao Congo em 1578. Passando a Roma em 1589 para procurar alguns soccorros aos missionarios, que estavão em Africa, foi acolhido por Antonio Migliore, Bispo de S. Marcos, e Commendador do Santo Espirito. Este deo ordem a *Pigaffeta* para ouvir as Relações de Lopes, e as pôr por escripto. Lopes explicava-se em Portuguez, e *Pigaffeta* escrevia em Italiano. Estas Relações imprimírão-se com este titulo:

«*Relatione del Reame di Congo, et delle circonvicine contrade, tratta dalli scritti, et ragionamenti di Odoardo Lopez Portugheze: per Filippo Pigaffeta. Con disegni vari di geografia, di piante, d'habiti, d'animali, et altro. Al molto illustre e R.mo Monsignore Antonio Migliore, vescovo di S. Marco, et commendatore di S. Spirito, in Roma, appresso Bartolomeo Grassi*», em 4.º (Sem data de anno, mas a epistola dedicatoria he de 7 de Agosto de 1591.)

Vem esta obra na 1.ª part. da *Collecção das pequenas viagens,* com o titulo:

«Regnum Congo, hoc est, vera descriptio regni Africani, quod tam ab incolis, quam Lusitanis Congus appellatur... Francofurti, Wolffgangus Richter, 1598.»

Mr. Camus na Memoria, que já citámos, *sobre a Collecção das grandes e pequenas viagens, París 1802, 4.º*, fala do referido original. Diz, que a *Relação de Pigaffeta* foi traduzida do Italiano para o Inglez, e impressa em Londres, em 1597, em 4.º: que tambem se imprimio em Hollandez, em Amsterdam, 1658, 4.º: e que Agostinho Cassiodoro Reinio, que outros chamão *de Reyna*, he o auctor das traducções Latina, e Allemãa, que se mettêrão nas *collecções* dos irmãos de *Bry*... Que o Abbade Prévost fez conhecer a pessoa de *Duarte Lopes*, e a *Relação*, escripta por Pigaffeta: e que os extractos da descripção de Lopes são de grande interesse na historia das viagens, por isso mesmo, que são comparados por Prévost com as Relações dos viajantes, que tem estado em Africa depois de Lopes.

Pigaffeta conclue a sua *Relação* annunciando aos que desejarem novas illustrações sobre o *Congo*, e em particular sobre as *origens do Nilo*, que Lopes vinha de embarcar-se para o Congo; mas que promettia voltar a Roma o mais breve que lhe fosse possivel. Depois porém desta época não houve mais noticia delle.

A Relação de Lopes he a mais antiga, que temos do *Congo*, e por isso mesmo recommendavel. Elle assegura que as fontes do Nilo não sahem dos *montes da lua*, mas de terras mais remotas *para o meio dia*. Os objectos que descreve pertencem á historia natural e civil do Congo, &c.

A traducção Ingleza tem este titulo:

«Pigaffeta (Ph.) Report of the Kingdom of Congo, in Africa, and of the Countries that border the same, besides the Description of divers plants, fishes, and beastes, translat. by Abr. Hartwel. 1597», em 4.º

N.º 39

Duarte de Sande

Escreveo:

«*Itinerario dos Principes Japões á Europa. Macau. 1589.*»

Vem notado este Itinerario no Catalogo dos livros, que Bluteau diz que lêra para a composição do seu *Vocabulario.*

«*Relação da China para o P. Preposito Geral.*»

«*Itinerario dos Principes de Japão, que delle partirão para Roma no an. de 1584.*»

N.º 40

Duarte de Rezende

Este Portuguez era Escrivão da Feitoria Portugueza de Ternate, quando appareceo naquellas ilhas a armada de Fernam de Magalhães em 1521. Depois dos varios successos da armada, hindo a náo *Trindade* arribada á mesma ilha de Ternate, e dando ahi mesmo á costa, vierão os papeis da náo ás mãos de Duarte de Rezende, que delles extrahio hum *Tratado da navegação de Fernam de Magalhães,* manuscripto offerecido a João de Barros, como este escriptor refere na dec. 3.ª, liv. 5.º, cap. 10.º Póde ver-se o que escrevemos na *Prefação* ao Roteiro de Magalhães, publicado na *Collecção* da Academia Real das Sciencias, de que tantas vezes temos falado.

N.º 41

Egidio Viterbense

Augustiniano. Escreveo:

«*Historia latina do descobrimento da India e propa-*

gação da Religião Christãa naquellas partes por elRei D. Manoel, e a elle dedicada.»

Manuscripto, em 8.º, sem numeração.

Parece original, magnificamente escripto em bello pergaminho, e encadernado com luxo. Começa a dedicatoria: «*Sero tandem ad te Rex optime*», &c.

Na Bibliotheca Publica Eborense.

N.º 42

El-Rei D. Manoel

Vi, e tive em minha mão hum opusculo em 12, que julgo ser raro, e tem por titulo:

«*Epistola Serenissimi Regis Portugalie ad Julium papam secundum de victoria contra infideles habita. Venundantur Parrhysiis in Palatio Regio a Guillelmo Eustace sub tertio Pilari.*»

Por baixo deste titulo tem no fundo da pagina em letra de mão «*M.D.VII*».

A Carta de el-Rei he datada: «*Ex oppido Abrantes XXV Septembris M.D.VII.*»

N.º 43

Estevão Lopes (Padre)

Escreveo:

«*Copia da Relação do P. Estevão Lopes da Companhia, da entrada* (?) *do embaixador da China Francisco Xavier de Assis Pacheco em 1752.*»

Em 3 pag. de fol., manuscripto.

Existe na Bibliotheca Eborense.

N.º 44

Estevão Soares de Mello

Foi senhor da villa de *Mello,* e lá nasceo: prezou muito

as sciencias, e deo-se particularmente ás mathematicas. Vivia pelo meio do seculo XVII, e servio na guerra da acclamação. Escreveo:

«*Tratado de Cosmografia universal.*»

Manuscripto de que dá noticia o auctor da *Historia Genealogica* no *Apparato*, e que não julgâmos alheio do nosso intento nestes apontamentos.

N.º 45

Felix de Jesus (Fr.)

Escreveo:

«*Primeira Parte da Chronica e Relação do principio que teve a congregação da ordem de S. Agostinho nas Indias Orientaes, &c. Escripta pelo P. Fr. Felix de Jesus... Dirigida ao illustrissimo e reverendissimo Senhor D. Fr. Agostinho de Castro, Dignissimo Arcebispo de Braga, e Primaz das Hespanhas.*»

Manuscripto, na Bibliotheca Eborense, com 93 fl., sem numeração. A dedicatoria he datada de Goa a 15 de Janeiro de 1606.

N.º 46

Fernão Gomes de Lemos

Sendo mandado pelo grande Affonso de Albuquerque por Embaixador ao Xeque Ismael *(Shek Ismael)*, Rei da Persia, muito bem acompanhado, cumprio dignamente esta honrosa commissão, da maneira que escreve Castanheda no liv. 3.º, cap. 143.º, e seguintes, e voltou á India. Escreveo a Relação do seu *caminho e embaixada em hum livro*, que mandou a el-Rei D. Manoel, como elle mesmo lhe diz na Carta escripta de Cochim a 4 de Janeiro de 1517, a qual se acha original no Real Arquivo da Torre do Tombo, no Corpo Chronologico, part. 1.ª, maç. 21, num. 4.

N.º 47

Fernão Guerreiro

Escreveo:

«*Relaçam annal das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, e em algumas outras da conquista deste reyno nos annos de 607 e 608, e do processo da conversão e christandade daquellas partes, com mais huma addiçam á relaçam de Ethiopia.*

«*Tirado tudo das cartas dos mesmos Padres, que de lá vierão, e ordenado pelo Padre Fernão Guerreiro da Companhia de Jesu, natural de Almodovar de Portugal.*

«*Vai dividida em cinco livros.*

«*O primeiro da provincia de Goa, em que se contêm as missões de Manomotapa, Mogor, e Ethiopia.*

«*O segundo da provincia de Cochim, em que se contêm as cousas do Malabar, Pegú, Maluco.*

«*O terceiro das provincias de Japam, e China.*

«*O quarto em que se referem as cousas de Guiné e Serra Leôa.*

«*O quinto em que se contêm huma addição á relação de Ethiopia.*

«*Com licença da Sancta Inquisiçam, Ordinario e Paço. Em Lisboa: impresso por Pedro Craesbeeck. Anno* MDCXI», em 4.º (Raro.)

Do Padre Fernão Guerreiro, Jesuita, diz o Padre Cordeiro, na *Historia Insulana,* que fôra natural de Almodovar, na provincia do Alemtejo, Secretario da Provincia de Portugal, Vice-Preposito da Caza de S. Roque, e que compozera as *Cartas Annuaes do Oriente,* e em S. Roque fallecêra. Foi o primeiro, ou hum dos primeiros superiores do Collegio Jesuitico de Ponta Delgada na ilha de S. Miguel, fundado pelos annos de 1591.

Vej. *Historia Insulana,* liv. 5.º, cap. 21.º

Escreveo mais:

«Relaçam annal das cousas que fezeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, e no Brasil, Angola, Caboverde, Guiné nos annos de seis centos e dous, e seis centos e tres, e do processo da conversam, e christandade daquellas partes, tirada das Cartas dos mesmos Padres, que de lá vieram. Pelo padre Fernam Guerreiro da mesma Companhia, natural de Almodouuar de Portugal. Vay diuidido em quatro liuros. O primeiro de Japã. O II *da China, e Maluco. O* III *da India. O* IIII *do Brasil, Angola, e Guiné.*

«Em Lisboa: per Jorge Rodrigues impressor de liuros. Anno M.D.CV», 4.º

N.º 48

Fernão Lopez de Castanheda

Foi natural de Santarem. Quando o Governador Nuno da Cunha foi governar a India em 1528, foi Fernão Lopez em companhia de seu pai, o licenciado Lopo Fernandez de Castanheda, que hia ser *Ouvidor da cidade de Goa.* Voltando a Portugal *doente, e pobre, acceitou servir* na Universidade de Coimbra os officios de *Bedel da Faculdade das Artes, e Guarda do Archivo.* Tanto na India como em Portugal, tendo resolvido escrever a *Historia do descobrimento, e conquista* daquellas terras orientaes, não cessou de informar-se de tudo, e de todos os que podião dar-lhe noticias certas do acontecido até então, que era espaço de cincoenta annos, fazendo para isto largas despezas *disso pouco que tinha* (como elle mesmo se explica), gastando nestas indagações vinte annos, *o melhor tempo de sua idade*; e sendo sempre *tão perseguido da fortuna,* que por não ter outro remedio com que se mantivesse, aceitou os officios que dissemos, &c. Escreveo a *«Historia do descobrimento, e conquista da*

India pelos Portuguezes», que dividio em 10 livros, dos quaes sómente se imprimírão 8; a saber:

O 1.º livro *foi impresso em 1551,* em 4.º, de que não sabemos, que exista exemplar algum. Foi porém reimpresso, emendado, e acrescentado pelo proprio auctor com este titulo:

«*Ho livro primeiro dos déz da Historia do descobrimento e conquista da India pelos Portuguezes. Agora emendado, e acrecentado. E nestes dez livros se contém todas as milagrosas façanhas, que os Portuguezes fizerão em Ethiopia, Arabia, Persia, e nas Indias, dentro do Ganges, e fora delle, e na China e nas ilhas de Maluco, do tempo que dom Vasco da Gama conde da Vidigueira, e almirante do mar Indico descobrio as Indias, até á morte de dom João de Castro, que lá foy governador, e visorey. Em que se contém espaço de cinquoenta annos.*»

No fim:

«*Foy impresso este primeiro liuro da Historia da India em a muyto nobre e leal cidade de Coimbra por João da Barreira, impressor del rey na mesma vniuersidade. Acabou-se aos vinte dias do mes de Julho. De* M.D.LIIII», fol.

O 2.º livro sahio com este titulo:

«*Historia do Livro Segundo do descobrimento, e conquista da India pelos Portuguezes, feyta per Fernão Lopez de Castanheda.*»

No fim:

«*Foy impresso este segundo liuro da historia da India em a muyto nobre e leal cidade de Coymbra por João de Barreira, e João Aluarez, empressores del rey na mesma vniversidade. Acabou-se aos vinte dias do mes de Janeiro. de* M.D.LII», fol.

O 3.º livro sahio á luz com este titulo:

«*Ho terceiro livro da Historia do descobrimento, e conquista da India polos Portugueses, feito por Fernão Lo-*

pez de Castanheda. Com priuilegio Real. Em Coimbra. M.D.LII», fol.

No fim:

«*Foy impresso este terceiro liuro da historia da India em a muyto nobre e leal cidade de Coimbra, por João de Barreyra, e João Aluarez, empressores delrey na mesma vniversidade. Acabou-se aos doze dias do mes Doutubro. De* M.D.LII.»

O 4.º e 5.º livros sahírão com este titulo:

«*Os Livros quarto e quinto da Historia do descobrimento e conquista da India pelos Portugueses. Com priuilegio Real.* M.D.LIII.»

No fim:

«*Acabou-se de empremir a presente obra per João da barreira, e Joã aluarez em a muyto nobre e sempre leal cidade de Coimbra. Aos* XV. *dias do mez de Outubro de* M.D.*liii*», fol.

O livro 6.º tem este titulo:

«*Ho sexto liuro da Historia do descobrimento e conquista da India polos Portugueses. Feyto por Fernão Lopez de Castanheda. Impresso em Coymbra. Com priuilegio Real.* M.D.LIIII», fol.

No fim:

«*Aqui faz fim ho seysto libro da historia do descobrimento e conquista da India pelos portugueses. Feyto por Fernão Lopez de Castanheda. E impresso em a muyto nobre e sempre leal cidade de Coymbra, per João de barreira, empremidor da vniversidade. Acabou-se aos iij dias do mes de Feuereiro de* M.D.LIIII.»

O 7.º livro sahio com este titulo:

«*Ho seitimo livro da historia do déscobrimento, e conquista da India pelos Portugueses. Feyto por Fernã Lopez de Castanheda. Com priuilegio Real. 1554*», fol.

O 8.º livro tem este titulo:

«*Ho octavo livro da historia do descobrimento, e con-*

quista da India pelos Portuguezes. Feyto por Fernão Lopez de Castanheda, que Deos tem. Impresso em Coimbra. Com Real Priuilegio. M.D.LXI», fol.

No fim:

«*Foy impresso este Octauo liuro da historia da India em a muyto nobre e leal cidade de Coimbra, por João de Barreyra, impressor del Rey na mesma vniuersidade. Acabou-se aos vintaseys dias do mes Dagosto de 1561. anuos.*»

Reimprimio-se o 1.º livro da *Historia da India* de Castanheda, em 2 vol. de 8.º, *Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1797,* por empreza do Professor Francisco José dos Santos Marrocos, que não continuou a publicar os outros livros.

Reimprimirão-se porém todos os oito livros com o titulo:

«*Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos Portugueses: por Fernão Lopez de Castanheda. Nova edição. Lisboa.* M.DCCC.XXXIII. *Na Typographia Rollandiana*» (que correm juntos, e distribuidos em 8 vol. de 4.º).

Esta edição he exactissimamente feita segundo as edições originaes, que acima vão descriptas, e póde ter-se como fiel cópia dellas. Parece que foi formada sobre o exemplar da Real Bibliotheca da Ajuda.

Em hum *Catalogo de livros,* impresso em Londres, achámos notada a existencia de outro *exemplar completo em 5 vol., fol.,* fazendo-se grande elogio a esta Historia, e em prova ou testemunho delle as notaveis palavras de *Meuselio:*

«*Opus rarissimis adscribendum. Minore quidem auctoritate Castagneda, quam Barros; frui tamen majore dignus praedicatur, licet admodum verbosus, et minutiarum studiosus sit.*»

E com effeito nos parece acertadissimo este breve, mas judicioso conceito do escriptor, se se attender com es-

pecialidade á fidelidade, imparcialidade, e exacção de Fernão Lopez, que nestas virtudes nos não parece de modo algum inferior a Barros, postoque o seja no estylo. Emquanto á nota que se faz a Castanheda de *verboso e minucioso*, sem querermos negar de todo esta especie de defeito, limitâmo-nos a dizer, que para o leitor Portuguez não he inutil a *miudeza* da narração de Fernão Lopez, aliás demonstradora da diligencia, e cuidado, que elle poz em suas indagações, e informações antes de começar a escrever.

Pelo proprio Fernão Lopez, no prologo do 3.º livro, sabemos que o 1.º livro foi logo traduzido em Francez por *Mestre Nicolão* (Grouchi), *que cá foi Lente de Artes no Collegio Real de Coimbra, e impresso em França*, como se diz no prologo do 7.º livro.

Deste ultimo prologo consta tambem, que então se *imprimia em Italia* o que já estava publicado da obra.

E finalmente achámos mencionada huma traducção em lingua Castelhana.

Os dous livros 9.º e 10.º, que completavão o trabalho de Castanheda, e que estavão promptos para a impressão, parece que não chegárão a imprimir-se, e não sabemos que existão manuscriptos.

N.º 49

Fernão Mendes Pinto

Foi natural de Montemór o Velho. De dez, ou doze annos foi levado a Lisboa, quando se quebravão os escudos pela morte de el-Rei D. Manoel, como elle mesmo diz; pelo que parece que nasceo em 1509, ou em 1511. Partio para a India em 1537, e peregrinou por todo o Oriente vinte e hum annos, recolhendo-se ao reino em 1558, depois de ter passado os extraordinarios, e maravilhosos casos que elle refere. Escreveo:

«Peregrinaçam de Fernam Mendes Pinto. Em que dá conta de muytas, e muyto estranhas cousas, que vio, e ouvio no reyno da China, no da Tartaria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no de Calaminhan, no de Pegú, no de Martavão, e em outros muitos reynos, e senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhuma noticia.

« E tambem dá conta de muytos casos particulares, que acontecerão assi a elle, como a outras muytas pessoas. E no fim della trata brevemente de algũas cousas, e da morte do santo Padre mestre Francisco Xavier, unica luz e resplandor daquellas partes do Oriente, e Reytor nellas universal da companhia de Jesus.

«Escrita pelo mesmo Fernam Mendes Pinto.

«Dirigido á Catholica Real Magestade delRey dom Felippe o III. deste nome nosso Senhor.

«Com licença do Santo Officio, Ordinario, e Paço. Em Lisboa. Por Pedro Craesbeeck. Anno 1614», fol.

Sahio segunda vez em Lisboa, 1678, por Antonio Craesbeeck de Mello, fol.

Terceira vez no officina de José Lopes Ferreira, 1711.

Quarta na officina Ferreiriana, 1725.

Quinta na officina de João Aquino de Bulhões, 1762.

Todas em Lisboa, e em fol. Cada huma porém destas segundas edições alterou arbitrariamente tanto o titulo da obra, como as palavras e frases da edição original, a sua orthografia, &c.

Ultima e recentemente se reimprimio, copiando exactamente a *edição princeps*, e pondo á frente della este frontispicio:

«Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Nova edição, conforme á primeira de 1614. Lisboa. Na Typographia Rollandiana. 1829», 4 vol. em 12.

Dos quatro volumes porém, de que consta esta edição, o ultimo consta de opusculos, que não pertencem a Fernão

Mendes, mas que em outras edições delle se tinhão ajuntado, como peças pequenas, que tratão de cousas da Asia. Taes são as *Viagens* de Tenreiro, o *Tratado sobre as cousas da China* de Fr. Gaspar da Cruz, &c., de que falâmos em seus proprios artigos.

Podemos asseverar, que esta edição Rollandiana se deve ter como exacta, e fidelissima cópia da edição primeira, não podendo desejar-se maior escrupulo no seu editor. Deve a litteratura Portugueza este serviço ao Ex.^mo^ e Rev.^mo^ Arcebispo de Lacedemonia, o Dr. Antonio José Ferreira de Sousa, já fallecido.

N.º 50

Francisco Alcoforado

Alguns antigos escriptores falando do descobrimento da ilha da *Madeira*, dizem que fôra na expedição Francisco Alcoforado, e que a descrevêra depois em huma exacta Relação.

O douto fidalgo D. Francisco Manoel, na sua *Epanafora 3.ª Amorosa*, tratando do descobrimento da ilha da Madeira, diz que Francisco Alcoforado foi na expedição dos descobridores, e a descreveo, e nomeando outros que se derão a hum semelhante trabalho, acrescenta:

«*Antes e melhor que todos Francisco Alcoforado, escudeiro do Infante D. Henrique, fez de todo o successo huma Relação, que offereceo ao mesmo Infante, tão cheia de singelleza como de verdade, por ser hum dos companheiros neste descobrimento, a qual Relação original eu guardo, como joia preciosa, vindo á minha mão por extraordinario caminho*», &c.

N.º 51

Francisco Alvares (Padre)

Foi natural de Coimbra, e Capellão de el-Rei D. Manoel. Quando pela morte de Duarte Galvão, Embaixador á

Ethiopia, fallecido na ilha de Camaram em 1517, foi substituido para a mesma Embaixada D. Rodrigo de Lima, ficou como Capellão da Embaixada o Padre Francisco Alvares, que já com esse titulo tinha acompanhado o Galvão. Em 1520 entrárão com effeito na Abyssinia, aonde o Padre Alvares se conservou por alguns annos. Escreveo, ou deixou Memorias para se escrever:

«*Verdadeira Informação das terras do Preste João, segundo vio, e escreveo ho Padre Francisco Alvares, càpellão de elRei nosso Senhor. Lisboa. 1540*», fol., goth.

He obra mui rara, de que ha hum exemplar na Bibliotheca Episcopal de Evora, e outro no Museo Britannico em Londres.

Achámos notado, que esta Relação fôra traduzida nas linguas Castelhana, Franceza, e Italiana: e nesta ultima lingua a inserio Ramuzio na sua Collecção impressa em Veneza em 1550 com o titulo:

«*Viagem á Ethiopia por Francisco Alvares.*»

Ahi mesmo vem, e se lhe attribue a *obediencia ao Papa Clemente VII em nome do Preste João,* escripta em 1524.

À Relação de Alvares se tem repetido nas seguintes edições de Ramuzio de 1563, 1606, &c., de cuja collecção diz Camus, que he preciosa, e estimada dos eruditos, e fazendo a resenha das peças mais importantes, que nella se achão, conta neste numero as *Viagens de Alvarez na Ethiopia,* &c.

No Real Arquivo da Torre do Tombo, no *Corpo Chronologico,* part. 1.ª, maç. 23, num. 6, se acha huma *Carta original do Padre Francisco Alvares,* escripta de *Cochim* a el-Rei D. Manoel, a 9 de Janeiro de 1518, em que lhe dá breve relação do que até então se tinha passado na Embaixada; das discordias entre Duarte Galvão, e o Embaixador de Ethiopia Mattheus, e causas dellas; e da morte de Galvão na ilha de Camaram, &c.

O Padre Francisco Alvares trouxe a Goa os ossos de

Duarte Galvão, que depois forão transportados a Portugal por Antonio Galvão, filho de Duarte.

N.º 52

Francisco de Andrada

Natural de Lisboa. Por Alvará de 24 de Julho de 1599 lhe deo el-Rei D. Filippe II de Portugal, o lugar de Chronista-mór, *de que já vocalmente o tinha encarregado el-Rei seu pai em 1593*, para continuar as Chronicas de D. João III, D. Sebastião, D. Henrique, e de el-Rei seu pai D. Filippe I de Portugal. Nesse mesmo tempo lhe deo el-Rei a *Superintendencia da Torre do Tombo*, e o fez do seu Conselho. Mas não consta que tivesse Carta de *Guarda-mór da Torre*, constando que exercitára aquella *Superintendencia* pelo menos até o anno 1606, em que se acha huma certidão expedida pelo Real Arquivo, no mez de Novembro, e assignada por Luiz Ferreira de Azevedo, *Guarda-mór*, e do Conselho de el-Rei, e por Francisco de Andrada, *Superintendente* da Torre. Escreveo a *Chronica de el-Rei D. João III*, em que se contém muitos successos das nossas conquistas de Africa, e Asia, &c., e além disso escreveo tambem:

«*O primeiro Cerco, que Turcos poserão ha fortaleza de Diu nas partes da India, defendida pelos Portuguezes. Coimbra. 1589*», em 4.º (Poema em vinte cantos.)

«*Commentarios da memoravel e gloriosa victoria, que os Portuguezes ouverão a 2 de Setembro de 1594 contra o poderoso exercito do Inizamaluco, escritos de mandado de S. Mag. por Francisco de Andrada do seu Conselho, e seu Chronista-mór.*»

Estes *Commentarios*, que não vem notados na *Bibliotheca* de Barbosa Machado, achão-se entre os Codices manuscriptos da *Bibliotheca Apostolica Vaticana*, e vem como taes indicados no Indice dos escriptos relativos a Portugal

desde o anno 1120 até 1744, referindo-se ao vol. 11.º da *Miscellanea Lusitana,* que existe na Bibliotheca Real do Palacio da Ajuda.

N.º 53

Francisco Cardim (Padre)

Escreveo:

«*Relação das provincias do Japão, Malabar*», &c.

Vem notado pelo Padre Bluteau entre os livros que leo para a composição do seu *Vocabulario.*

N.º 54

Francisco ... Coelho

Escreveo:

«*Descripção da costa de Guiné desde Cabo-verde até Serra-leôa. Offerecida ao Capitão-General de Cabo-verde Manoel da Costa Pessoa, em data de 8 de Setembro de 1669, por Francisco ... Coelho.*»

Manuscripto, na Bibliotheca Publica de Lisboa.

N.º 55

Francisco da Gama (D.)

Conde da Vidigueira. Escreveo:

«*Relação do que lhe aconteceo na viagem da linha até Moçambique.*»

Manuscripto, na Bibliotheca Real de Madrid.

N.º 56

Francisco Lainez (D. Fr.)

Natural de Lisboa. Escreveo:

«*Defensio Indicarum Missionum Madurensis, Maysurensis, et Carnatensis edita occasione decreti ab Ill.mo Domino Patriarcha Antiocheno D. Carolo Maylard de Tournon Visitatore Apostolico in Indiis Orientalibus lati.*»

N.° 57

Francisco de Lemos

Foi Capitão na cidade e ilha de Santiago, capital das de Cabo Verde. Escreveo:

«*Descripção da costa de Guiné, e situação de todos os portos, e rios della, e roteiro para se poderem navegar todos seus rios, feita pelo capitão Francisco de Lemos em S. Tiago de Cabo-verde no anno de 1684.*»

Manuscripto, na Bibliotheca Publica de Lisboa.

N.° 58

Francisco Manoel (D.)

He tão conhecido entre nós este fidalgo Portuguez, e distincto litterato do seculo XVII, que nos dispensa de fazer aqui o extracto abreviado da sua vida, serviços, infelicidades, e escriptos. Diremos sómente, que entre os seus numerosos escriptos, tanto impressos, como manuscriptos, pertencem ao nosso especial assumpto os seguintes:

«*Do descobrimento da ilha da Madeira*» (de que elle mesmo fala nos seus *Apologos Dialogaes,* e he nas *Epanaforas* impressas a 3.ª, que elle denomina *Amorosa).* Lisboa, 1660 e 1676, 4.°

«*Relações historicas da expedição dos Lusitanos em America*» (de que elle tambem fala nos referidos *Apologos Dialogaes,* pag. 408, e de que não temos outra noticia).

«*Da Recuperação de Pernambuco*» (de que dá noticia no mesmo lugar, e he a Epanafora 5.ª, que denomina *Triunfante).* Lisboa, 1660 e 1676, 4.°

«*Relaciones del Oriente*» (que vem entre as obras não estampadas, historicas, no Catalogo impresso no 1.° tom. das *Obras Morales).* Roma. 1664.

N.º 59

Francisco Pereira de Magalhães

Escreveo:

«*Diario de huma viagem a Moçambique em 1744 por Francisco Pereira de Magalhães.*»

Manuscripto, em fl., na Bibliotheca Publica de Lisboa, B. 4. 7.

N.º 60

Francisco de Sousa Tavares

Escreveo:

«*Tratado dos descobrimentos maritimos dos Portuguezes*», que se imprimio posthumo em 1563, segundo diz o auctor do *Agiologio* nas notas ao dia 11 de Março, e tambem:

«*Tratado de Maluco*», em 10 livros, que passou (diz o mesmo auctor) a Damião de Goes, e se perdeo.

De hum Francisco de Sousa Tavares, na India, em tempo do Governador Nuno da Cunha, faz algumas vezes menção Castanheda, liv. 8.º

O objecto de ambos os Tratados, e a impressão do primeiro em 1563, fez-nos suspeitar se haveria equivocação do auctor do *Agiologio,* confundindo este Francisco de Sousa com Galvão, e suas obras.

N.º 61

Francisco Xavier da Rua (Prior de Requeixo)

Escreveo:

«*Relação da Embaixada, e do que por respeito della succedeo, que ElRey N. S. D. João o 5.º no anno de 1725 mandou ao Emperador da Tartaria e China, cujo reinado era Ium-Chim.*»

He hum vol. manuscripto em fl., que tenho, e adquiri neste anno de 1843.

Tem no fim:

«Breve e Sumaria noticia de algumas cousas pertencentes ao Imperio da China.»

Tem a data de

«Lisboa Occid. aos 10 de Março de 1729.»

E logo

«Francisco Xavier da Rua, Prior de Requeyxo a fez.»

N.º 62

Gabriel de Magalhães (Padre)

Este Padre nasceo no anno de 1609, de pais nobres, e pios, e da mesma familia de que tinha sahido o famoso navegador Fernão de Magalhães.

Aos dezeseis annos de idade entrou na Companhia de Jesus, em cujos estudos tinha sido educado. Pretendeo com empenho ser enviado ás missões orientaes: e havendo chegado a Goa em 1634, foi, dous annos depois, mandado á missão do Japão.

D'ahi passou á China, e a correo quasi toda desde 1640 até 1648. Neste anno se estabeleceo em Pekim, aonde esteve quasi vinte e nove annos até ao seu fallecimento, que foi em 1677, e não obstante ter padecido graves perseguições, mereceo a particular affeição do Imperador, que até na sua morte honrou com distinctas demonstrações a sua memoria. O conhecimento, que tinha adquirido das cousas da China, o moveo a escrever hum Tratado, a que deo o titulo de

«Doze excellencias da China.»

Este Tratado veio ás mãos do Cardeal d'Estrées, o qual o fez traduzir, e publicar com este titulo:

«Nouvelle Relation de la Chine, contenant la description des particularités les plus considerables de ce grand Empire. Composée en l'année 1668 par le R. P. Gabriel de Magaillans, de la compagnie de Jesus, missionaire

apostolique. Et traduite du Portugais en François, par le S.r B.— A Paris ... chez Étienne du Castin. 1690», 4.º

O traductor ajuntou muitas notas suas, que illustrão, e explicão alguns lugares de *Magalhães*, e trazem importantes noticias do imperio Chinez. Desta obra se colligem tambem outros escriptos de Magalhães, especialmente os seguintes:

1.º «*Alphabeto Tartaro*», que o nosso escriptor promettia dar, o que não cumprio por não dar a ultima mão á sua obra. (Vej. pag. 6 e 33.)

2.º «*Relação das acções do famoso tyranno Chãm hiém chũm*» de que o Padre Martini deixou huma cópia em Roma, e outra no Collegio de Coimbra. (Vej. pag. 44 e 67.)

3.º «*Tratado das letras e da lingua Chineza para os que vem prégar a este Imperio*». (Vej. pag. 84 e 91.)

Conclue a obra com o

«*Abrégé de la vie et de la mort du R. P. Gabriel de Magaillans ... par le R. P. Louis Buglio, son compagnon inséparable durant 36 ans, et envoyé de Pekim l'an. 1677.*»

N.º 63

Gabriel Soares de Sousa

Natural de Lisboa, de nobre geração. (Vej. Barbosa, *Bibliotheca Lusitana.*) Escreveo:

«*Roteiro geral com largas informações de toda a costa, que pertence ao Estado do Brasil, e descripção de muitos lugares delle, especialmente da Bahia de todos os Santos.*»

Consta (diz Barbosa) de dous Tratados. O primeiro comprende 74 cap., e o segundo 196, o qual tem por titulo:

«*Memorial, e declaração das grandezas da Bahia de todos os Santos, da sua fertilidade e das notaveis partes que tem.*» (Manuscripto em fol.)

Conserva-se na Bibliotheca Real (diz ainda Barbosa), dedicado a D. Christovão de Moura, em o anno de 1587.

Desta obra, e seu auctor, fazem memoria Pedro de Mariz, *Dialogos de varia historia*, cap. 5.º, fl. 36, e o moderno addicionador da *Bibliotheca Geografica* de Antonio de Leão, tom. 3.º, col. 1710, aonde escreveo compozera Gabriel Soares:

«*Relação do descobrimento das Esmeraldas.*» (Manuscripto.)

Pelo que deixâmos copiado de Barbosa, se vê qual he o verdadeiro auctor, e titulo da obra, que com titulo diverso, e sem nome de auctor, se imprimio no tom. 3.º da *Collecção de Noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, part. 1.ª, num. 1. Lisboa, 1825, em 4.º A epistola dedicatoria, que vem no impresso da Academia com a data do anno de 1589, tem em Barbosa o anno de 1587, e este mesmo anno he o que lia o Padre Manoel Ayres de Cazal, auctor da *Corografia Brasilica*, no exemplar manuscripto de que usou.

O Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen, erudito mancebo, de quem a litteratura póde conceber mui vantajosas esperanças, notou os referidos erros do exemplar, de que a Academia se servio para a sua edição, e rectificou muitos outros, que nella se achão, em hum Tratado, manuscripto, que com grande, e generosa bondade me communicou, e a que pôz este titulo:

«*Reflexões Criticas sobre hum escripto do Sec. 16, que foi impresso em 1825 com o titulo de «Noticia do Brasil» no tom. 3. da Collecção de Noticias para a historia e geografia das Nações ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes, publicada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa: onde se pretende dar informações circumstanciadas sobre esta obra e seu auctor; mostrar que havia adulterações no manuscripto que guiou a sua impressão, e apresentar algumas correcções. Seu auctor Francisco Adolfo de Varnhagen. 1838.*» (Manuscripto em 4.º)

N.º 64

Garcia d'Orta

Vi a edição original da sua obra com este titulo:

«*Coloquios dos simples e drogas, he cousas medicinais da India, e assi d'algũas frutas achadas nella, onde se tratam algũas cousas tocantes á medicina, pratica, e outras cousas boas, pera saber, compostos pello Doutor garçia dorta: fisico delRey nosso Senhor, vistos pello muyto Reuerendo Senhor, ho liçençiado Alexos Dias falcam, desenbargador da casa da Supricaçam inquisidor nestas partes.*

«*Com priuilegio do Conde Viso Rey. Impresso em Goa por Joannes de endem aos x dias de Abril de 1563 annos*», em 4.º

Consta desta obra, que o auctor *tivera começado este Tratado em lingua Latina*, e que por ser importunado dos seus amigos, e por o fazer mais familiar, determinou escrevel-o em lingua Portugueza.

Consta mais que o auctor estudou nas universidades de Alcalá, e Salamanca: que leo *por alguns annos nos estudos de Lisboa*, exercitando ao mesmo tempo a pratica da medicina na cura dos doentes: que na Asia, por espaço de trinta annos *tinha curado muita diversidade de gentes*, e estado *nas côrtes dos Reis Mouros, e gentios*, &c.

Consta mais que a conversão de passante de 50:000 Chistãos na *Costa da Pescaria* foi obra de Miguel Vaz, Vigario Geral da India, acrescentada depois por Mestre Francisco (de Xavier), &c.

João Baptista de Castro diz que este Tratado fôra traduzido em differentes linguas por Costa, Monardes, Marrucino, e Carlos Clusio. Nós diremos as traducções que temos visto desta obra:

1.ª «*Simplicium medicamentorum ex novo orbe delatorum, quorum in Medicina usus est, historia: hispanico*

sermone duobus libris descripta a D. Nicolao Monardis Hispalensi Medico, latio deinde donata et in unum volumen contracta, insuper annotationibus, iconibusque affabre depictis illustrata a Carolo Clusio Atrebate. Tertia editio auctior et castigatior ex postrema autoris recognitione. Antuerpiae: ex offic. Plantin. apud Viduam et Jo. Moretum MD.XCIII», em 12.

2.ª «*Simplicium medicamentorum ex novo orbe delatorum, quorum in Medicina usus est historiae liber tertius. Hispanico Sermone nuper descriptus a D. Nicolao Monardes Hispalensi Medico, nunc vero primum Latio donatus, et notis illustratus a Carolo Clusio A. Altera editio auctior et castigatior. Antuerpiae* ...» (Tudo o mais como acima), em 12.

N. B. Destas duas obras, que aqui notâmos polas acharmos juntas ás de Garcia d'Orta, duvidâmos se com effeito são delle, tanto por se não fazer menção do seu nome, como por se tratar de simplices vindos *do Novo Mundo*, o que parece referir-se á America. Os exemplares porém que dizem respeito ao nosso artigo, e que temos visto, são os seguintes:

3.ª «*Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia, primum quidem Lusitanica lingua* διαλογικεῶς *conscripta a D. Garcia ab Horto Proregis Indiae medico: deinde latino sermone in epitomen contracta, et iconibus ad vivum expressis, locupletioribus que annotatiunculis illustrata, a Carolo Clusio Atrebate. Quarta editio castigatior et aliquot locis auctior. Antuerpiae ex offic. Plantin. apud Viduam et Joannem Moretum* MDXCIII. *cum gratia et privilegio*»: em 12.

4.ª «*Christophori a Costa medici et chirurgici Aromatum et medicamentorum in Orientali India nascentium liber, plurimum lucis adferens iis, quae a Doctore Garcia de Orta in hoc genere scripta sunt: Caroli Clusii Atrebatis opera ex hispanico sermone latinus factus, in epitomen*

contractus, et quibusdam notis illustratus. Altera editio, castigatior, et auctior. Antuerpiae: ex offic. Plantin. apud viduam et Jo. Moretum MD.XCIII»: em 12.

Barbosa, *Bibliotheca Lusitana,* menciona *quatro edições* Latinas de Antuerpia. Destas (segundo o que li n'huma *Gazeta* de Lisboa) ha duas na livraria do convento de Jesus; huma dellas:

5.ª «*Ex officin. Christoph. Plantini, Architypographi Regii* CIↃ.IↃ.LXXIV.»

E a outra com este titulo:

6.ª «*Aromatum et Simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia, primum quidem Lusitanica lingua ... conscripta a D. Garcia ab Horto, Proregis Indiae medico: deinde latino sermone in epitomen contracta et iconibus ad vivum expressis, locupletioribus que annotatiunculis illustrata a Carolo Clusio Atrebate. Quarta editio,* &c. (Como acima no num. 3.)

Moreri, no *Diccionario,* além de outras noticias, que já ficão apontadas, faz menção de huma edição dos *Colloquios* em Italiano, em *Sena,* 1576, e 1616: e de outra em Francez por Antonio Colin, Boticario de *Leão,* e ahi impressa em 1619, 8.º

O grande Camões, na ode ao Conde de Redondo, Vice-Rei da India, lhe recommenda, que favoreça a *Orta,* dizendo:

> «Favorecey a antiga
> Sciencia, que já Aquilles estimou:
> Olhay que vos obriga,
> O ver, que em vosso tempo rebentou
> O fructo d'aquell'Orta, onde florecem
> Plantas novas, que os doutos não conhecem.
> Olhay que em vossos annos
> Produz hum'Orta insigne varias hervas
> Nos campos Indianos,
> As quaes aquellas doutas e protervas
> Medêa e Circe nunca conhecêrão
> Postoque a ley da Magica excedêrão.»

Na *Flora Cochinchinensis* de Loureiro, vem notada:

«*Historia simplicium et aromatum, de Garcia de Orta, latino sermone contracta a Car. Clusio. Quinta editio, Raphelengii 1605*», fol.

Vi em 1839:

«*Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium Historia: Primum quidem Lusitanica lingua per Dialogos conscripta, D. Garcia ab Horto, Proregis Indiae Medico, auctore. Nunc vero latino sermone in epitomen contracta, et iconibus ad vivum expressis, locupletioribusque annotatiunculis illustrata a Carolo Clusio Atrebate.*

«*Antuerpiae, ex officina Christophori Plantini, architypographi Regii.* CIↃ.IↃ.LXXIIII» (1 vol. em 12).

No mesmo volume vem:

«*De Simplicibus medicamentis ex occidentali India delatis, quorum in Medicina usus est. Auctore D. Nicolao Monardis, Hispalensi Medico: Interprete Carolo Clusio Atrebate.*

«*Antuerpiae: Ex offic. Christophor. Plantini, architypogr. Regii* M.D.LXXIIII.»

No *Dictionnaire Universel des Drogues simples*, par Mr. L'Emery, Paris, 1760, 4.°, acho que a obra de Garcia d'Orta fôra traduzida em Francez com o titulo:

«*Histoire des Drogues, Epiceries, et Medicaments simples*», 8.°

Veio á minha mão em Abril de 1842 o

«*Tractado de las Drogas y medicinas de las Indias Orientales, con sus plantas debuxadas al bicco por Christoval Acosta medico y cirujano que las vio ocularmente.*

«*En el qual se verifica mucho de lo que escrivio el Doctor Garcia de Orta.*

«*Dirigido a la muy noble y muy mas leal ciudad de Burgos cabeça de Castilla, y camara de Su Magestad.*

«*En Burgos. Por Martin de Victoria impressor de Su Magestad.* M.D.LXXVIII. *Con Priuilegio.*»

Christovão da Costa foi Medico assalariado pelo Senado de Burgos.

Peregrinou diversas regiões, e provincias, examinando as plantas de cada huma. Encontrou nas Indias Orientaes o nosso Portuguez Garcia d'Orta, *varão grave,* de raro e peregrino engenho, que naquellas partes compoz (diz o auctor) hum livro em lingua Portugueza, intitulado *Colloquios dos simples e drogas, e cousas medicinaes da India, e de algumas fructas que por lá se crião,* &c.

Vem neste livro huma especie de attestado do Licenciado João da Costa, Cathedratico em Salamanca, em elogio do auctor e da obra, e delle consta que Christovão da Costa escreveo a sua obra não *en los descansos de sus naturalezas e patrias, sino en la dureza de tristes captiverios, qual el los padescio en la Africa, en la Asia, y en la China,* &c.

Vem logo o retrato do auctor com este letreiro:

«*Christophorus Acosta Africanus.*»

E logo adiante na seguinte pagina:

«*Claudii Libessardi Atrebatensis.*»

Epigramma

«Cui fortuna potens invidit, atracque sorores.
Barbaries gentis, barbariesque maris.
Dum non mercator velut, ast Epidaurius alter
Naufragus Indorum littora grata petit:
Plantarum primus noua docto ignota Galeno,
Atque aliis medicis, ut genera inde ferat.
Ne tantos terra exhaustos pelagoque labores
Nocte, die, tumida mergeret unda maris
Acostae docto meritam tulit alma Africano
Clarae virtutis aemula Pallas opem.
Cujus quid referam laudes? cum fama superstes
Sit Superis, similem terra, nec aequor alat?
Si tamen (o Lector) cupias cognosse figuram
En tibi depictus candidus autor adest.»

«Ejusdem ad Autorem Distichon»

«Africa te genuit, fertilis et Asia pavit,
Te nunc Europa, Doctor Acosta tenet.»

N.º 65

Gaspar da Cruz (Fr.)

Eborense, Dominicano. Passou á India em 1548 com outros companheiros, que fundárão conventos da sua ordem em Goa, e Malaca. De Malaca passou ao reino de *Camboja,* com intento de fundar tambem ahi convento, e empregar-se na conversão daquelles povos: como porém encontrasse gravissimas difficuldades insuperaveis, navegou pára a China, e ahi prégou o Evangelho. Voltou á India, e em Ormuz exercitou o santo ministerio. Ultimamente depois de estar dezoito annos no Oriente, voltou a Portugal, e falleceo em Setubal. Foi sepultado em Azeitão em 1580. Escreveo:

«*Tractado, em que se contam muito por estenso as cousas da China com suas particularidades, e assi do Reyno dormuz, composto por el R. Padre Frey Gaspar da Cruz da Ordem de Sam Domingos. Dirigido ao muito poderoso Rey Dom Sebastiam nosso Señor. Impresso com licença. 1569. Segunda edição.*»

Findo o Tractado da *China*, segue-se:

«*Relaçam da Cronica dos Reys Dormuz, e da fundaçam da cidade Dormuz, tirada de hũa Cronica, que compôs hũ Rey do mesmo Reyno, chamado Pachaturunxa, scripta em Arabigo, e sumariamente traduzida em lingoajem Portugues por hum religioso da ordem de Sam Domingos, que na ilha dormuz fundou hũa caza da sua ordem.*»

No fim se lê:

«*Foy impresso este tratado da China na muy nobre e sempre leal cidade de Evora, em casa de André de Burgos impressor e cavalleiro da casa do Cardeal Iffante. Aca-*

bou-se aos xx dias de Fevereiro de mil quinhentos e setenta.»

Esta obra reimprimio-se em Lisboa, na Typografia Rollandiana, no tom. 4.º da *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, anno de 1829, 12.

N.º 66

Gaspar Fructuoso (Dr.)

Foi natural da cidade de Ponta Delgada na ilha de S. Miguel, e nasceo em 1522. Seguio os estudos com aproveitamento e credito, e recebeo o grão de Doutor em Artes e Theologia na Universidade de Salamanca. Em Portugal e nas ilhas mereceo a estima de muitas pessoas notaveis, e tendo recusado a dignidade de Bispo de Angra, aceitou comtudo a de Parocho da villa da Ribeira Grande na ilha de S. Miguel. Falleceo em 1591. Escreveo huma obra a que deo o titulo:

«*Saudades da terra.*»

E diz o Padre Cordeiro, que lhe hia ajuntando outra, com o titulo: «*Saudades do Ceo.*»

Esta obra, que ficou manuscripta em 2 vol., he citada com o titulo de *Historia das Ilhas*, ou do *Descobrimento das Ilhas*, e trata de todas as que compõem o archipelago chamado dos *Açores*. Existe hum exemplar na Real Bibliotheca Publica de Lisboa, como testifica o Bibliothecario-mór Ribeiro dos Santos: e della se servio o Padre Cordeiro para escrever a *Historia Insulana,* aonde a cita a cada passo.

N.º 67

Gaspar Pereira dos Reys

Na *Arte de Navegar* de Manoel Pimentel, edição de 1712, a pag. 459, vem:

«*Viagem de Goa ou Cochim para Pegú em Abril e em*

Setembro, escripta por Gaspar Pereira dos Reys, anno de 1635. »

N.º 68

Gaspar de S. Bernardino (Fr.)

Religioso de S. Francisco, natural de Lisboa, missionario na India. Depois de fazer naufragio na ilha de S. Lourenço, passou a Mombaça, Mar Vermelho, Cabo de Rozalgate, e Ormuz. Passou d'ahi á Persia, Chaldea, Syria, ilha de Chipre, &c. Visitou Jerusalem, e Lugares Santos, desembarcou segunda vez em Chipre, foi a Candia, Zante, Cefalonia, e Corfu. D'ahi veio a Italia, Hespanha, e Portugal. Escreveo:

«*Itinerario da India por terra até o reino de Portugal, com a descripção de Jerusalem. Lisboa: por Vicente Alvares. 1611*», 4.º

Este *Itinerario* parece que foi escripto pelo auctor de mandado da Rainha D. Margarida de Austria, mulher de D. Filippe III de Castella, e II de Portugal. O auctor o dividio em tres partes, de que sómente vi a primeira, cujo exemplar possuo.

N.º 69

Gaspar Villela (Padre)

Escreveo hum livro sobre as questões, que lhe propozerão os sabios de Meaco.

Traduzio alguns livros na lingua mais elegante da côrte do Japão, taes como as *Relações* ou *Cartas das cousas do Japão,* que andão impressas no volume que mandou imprimir D. Theotonio de Bragança, Arcebispo de Evora.

N.º 70

Gonçalo Ayres Ferreira

Acompanhou a João Gonsalves Zarco no descobrimento da ilha da Madeira, e escreveo a *Relação* deste successo

em hum caderno, que andava nos escriptorios dos Capitães daquella ilha, e de que depois se servio o Conego Hieronymo Leite (ou Jeronymo Dias Leite) para escrever sobre o mesmo assumpto.

Veja-se a *Historia Insulana* do Padre Cordeiro, liv. 3.º, cap. 10.º e 15.º, pag. 85 e 92, aonde acrescenta, por testemunho de Gaspar Fructuoso, que Gonçalo Ayres Ferreira fôra o primeiro povoador, que na ilha da Madeira teve filhos, e que por isso pozera *a hum o nome de Adão, e a outro Heva.*

N.º 71

Gonçalo Rodrigues (Padre Mestre)

Jesuita, mandado á Ethiopia em tempo do Vice-Rei da India D. Pedro Mascarenhas. Depois de voltar a Goa, escreveo d'ahi aos Padres da Companhia de Portugal:

«*Carta de 13 de Setembro de 1556, em que narra os trabalhos de sua navegação e caminho a Ethiopia, e o que lá passou com o Rei d'aquelle paiz.*»

«*Tratado dos erros de Ethiopia, e verdade de nossa Fé.*» que foi traduzido em Caldeo por Affonso de França, e apresentado ao Rei Claudio.

De huma e outra cousa dá noticia o Padre Fernão Guerreiro na *Relação annal*, já citada, pag. 281, e seguintes.

(Vej. num. 47.)

N.º 72

Gonçalo Vaz Coutinho

Escreveo:

«*Historia da Ilha de S. Miguel.*» (Manuscripto.)

Era Governador da mesma ilha em 1592. Desta Historia fala D. Francisco Manoel nos *Apologos Dialogaes*, pag. 386, dizendo, que lhe parecêra *bem principiada se a causa fôra maior*, d'onde se póde collegir, que Gonçalo Vaz não chegou a acabar a sua composição.

N.º 73

Henrique da Silva

Foi Ouvidor Geral nos estados da India, e escreveo, e dirigio a D. Christovão de Moura, em onze capitulos:

«*Memorial do que se deve prover nos estados da India Oriental, feito pelo Licenciado Henrique da Silva, Ouvidor Geral, que foi naquellas partes, para o Senhor D. Christovão de Moura ver.*»

Manuscripto da Bibliotheca Vaticana, no vol. 5.º da *Miscellanea Lusitana*, que se conserva na Bibliotheca de el-Rei no Real Palacio da Ajuda.

N.º 74

Infante D. Henrique

Hesitámos por algum tempo se deviamos, ou não, escrever o nome deste immortal Principe entre os escriptores, que tratárão de nossos descobrimentos, navegações, e viagens. Comtudo parece incrivel, que elle não lançasse em escriptura os seus planos e projectos, e o progressivo desenvolvimento, e resultado de emprezas tão sabiamente combinadas, e com tanta perseverança executadas.

O elegante Chronista Dominicano Fr. Luiz de Sousa, na *Historia de S. Domingos,* diz que víra em Valença de Aragão *hum livro dos descobrimentos do Infante D. Henrique*, que *parece* (são as suas proprias palavras) *ser obra sua,* mandado pelo Infante a hum *Rei de Napoles,* d'onde passára ao poder do Duque de Calabria, ultimo descendente da linha masculina daquelles Principes, e Vice-Rei de Valencia de Aragão. Na portada deste livro se vião debuxadas humas pyramides, e a conhecida letra do Infante: «*Talent de bien faire*», &c.

Occorreo-nos, que o Rei, a quem o Infante fez presente

daquella preciosa obra, poderia ser D. Affonso V, Rei de Aragão, Sicilia, e Napoles, denominado *o Sabio*, e fallecido em 1458, cujo bisneto D. Fernando Principe de Calabria morreo sem geração. Outros farão mais acertada conjectura.

N.º 75

Jeronymo Leite (Conego)

O Padre Cordeiro na *Historia Insulana*, nos lugares citados no num. 69, fala deste Conego, a que chama *Capellão de Sua Magestade*, e diz que *a Historia dos Capitães do Funchal* fôra composta primeiro por Gonçalo Ayres Ferreira, *e depois pelo Conego Hieronymo Leite*, a quem o segundo Conde e sexto Capitão João Gonsalves da Camara mandára a Relação de Gonçalo Ayres. (Vej. os lugares de Cordeiro.)

Na *Bibliotheca Historica de Portugal*, edição de 1801, em 4.º, num. 87, pag. 50, achâmos indicado como escriptor da *Historia da Ilha da Madeira*, Jeronymo Dias Leite, natural do Funchal, e Conego na Cathedral desta cidade, e diz o auctor, que escrevêra:

«*Insulana, ou descobrimento e louvores da ilha da Madeira.*» Poema em oitava rima (manuscripto).

Este escriptor, que pelo nome, e dignidade nos pareceo identico com o outro de que fala Cordeiro, vê-se agora ser differente, tanto por ter escripto em verso, como porque o auctor da *Bibliotheca* o suppõe *vivo em 1732*, o que não concorda com a existencia do primeiro em tempo do segundo Conde da Calheta, e sexto Capitão do Funchal.

N.º 76

Jeronymo Lobo (Padre)

Nasceo em Lisboa pelos fins do seculo XVI, e entrou na Companhia de Jesus em 1609. Sendo mandado ás

missões da India, partia para lá em 1621, mas como a náo arribasse, tornou a sahir em 1622, e chegou a Goa.

Em 1624 partindo para Moçambique, tomou terra em Pate, entrou o paiz dos Galas, e penetrou até a Abyssinia, aonde viveo varios annos, não sem grandes trabalhos, e perseguições. Embarcando depois para Portugal, naufragou na *costa do Natal*, aonde se demorou alguns mezes, até se construirem dous barcos, em que elle, e os companheiros do naufragio passassem ao reino. Hum dos barcos perdeo-se no mar: no outro chegou Jeronymo Lobo a Angola, e navegando d'ahi para o Brasil, foi tomado pelos Hollandezes, e lançado em huma ilha deserta. D'ahi passou ao continente, e logo a *Cartagena.* Voltando para Portugal, sofreo ainda huma grande tormenta, e por fim chegou ao reino, d'onde passou a Roma em favor das missões orientaes; mas nota a historia, *que não achou naquella capital o que esperava.*

Fez ainda nova viagem á India, aonde foi Reitor da Caza Professa de Goa. Voltou em fim a Portugal, aonde estava em 1658. Falleceo em S. Roque de Lisboa, quasi aos oitenta e cinco annos de idade, em Janeiro de 1678. Escreveo:

«*Itinerario de suas viagens.*»

Este he o titulo, que lhe dá a *Bibliotheca Historica Portugueza,* tirado (segundo me parece) da *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado.

A obra de Lobo nunca foi impressa (que nos conste) em Portugal. Achâmos escripto, que della se fizera huma edição em Inglez com o titulo:

«*Ashwort relation of the river Nilo. London, 1673*», 8.º

Tevenot o traduzio do Inglez ao Francez. París, 1678, fol.

O Florentino Magalotti o publicou em Italiano com o titulo:

«*Relazioni varie, cavate da una traduzione inglese dal original portugheze, fatta da Girolamo Lobo Jesuita. Florencia, 1693*», 4.º

Ultimamente o Abbade Joaquim le Grand o traduzio em Francez com o titulo:

«*Voyage historique de l'Abbyssinie, continuée, et augmentée de plusieurs dissertations, lettres, et memoires... Paris, 1728*», 4.º E segunda vez em Amsterdam, 1728, 2 vol., 12.

Destas duas edições Francezas de Mr. le Grand achâmos noticia em Catalogos Inglezes de livros, aonde tambem se annuncião as duas Inglezas seguintes:

«*Lobo's voyage to Abyssinia by Dr. Johnson. London, 1735*», 8.º

«*Lobo's voyage to Abyssinia by Dr. Johnson. London, 1789*», 8.º

Por termos observado, e notado as muitas liberdades que tomão os estrangeiros, maiormente os Francezes, quando traduzem, ou dão como traduzidas, as obras de escriptores Portuguezes, muito desejaramos, que apparecesse entre nós *hum exemplar manuscripto de Lobo, e que se imprimisse na lingua Portugueza tal como o auctor o escreveo.*

N.º 77

João Rodrigues Giram

Vi hum manuscripto em 4.º com este titulo;

«*Carta annua da Vice-Provincia do Japão do anno de 1604 pera N. P. Geral. 1.ª via.*»

He o original, escripto em papel do Japão, com data de *Nangasaqui* a 23 de Novembro de 1604, e assignada: «*Por commissam do P. Viceprovincial: De V. P. Indino filho em o senhor — Joam Roiz Giram*».

No Deposito de S. Francisco da cidade.

N.° 78

João Baptista Lavanha

Dizem ser natural de Lisboa, sobre o que se podem ver os *Apologos Dialogaes* de D. Francisco Manoel, pag. 461. Foi Cosmographo-mór do reino, e Mestre de Geographia de el-Rei D. Filippe IV. Entre varias obras que escreveo, attribue-se-lhe:

«*Descripção de Guiné, em que se trata de varias nações de negros, que a povoão, dos seus costumes, leis, ritos, ceremonias, guerras, armas, trajes, e das qualidades dos portos e commercio, que nelles se faz.*»

(Vej. num. 10.)

N.° 79

João Cabral (Padre)

Foi natural de Celorico da Beira, e professou na Companhia de Jesus em 1615. Passou á India, e querendo os seus superiores da provincia do Malabar enviar Missionarios ao Tibet, foi escolhido para isso o Padre Cabral, que fez a sua viagem por *Bengala*, evitando atravessar as serras por onde tinha feito caminho o Padre Andrade. Foi Cabral Provincial do Japão, e Preposito da Caza do Bom Jesus de Goa, onde falleceo. Escreveo:

«*Relação copiosa dos trabalhos, que padeceo na missão de Tibet.*»

Vej. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana.*

N.° 80

João de Cáceres (Padre)

Presbytero, filho de Luiz Mendes de Cáceres, Senhor de Algodres, Penaverde, Fornos, e Lousãa, e de sua pri-

meira mulher D. Isabel de Mello. Falleceo na Lousãa em 1564, e escreveo:

«*Tratado dos rios, e portos maritimos da India, que até seu tempo estavão descobertos.*» (Manuscripto.)

Deo-nos esta noticia o *Agiologio Lusitano* ao dia 7 de Fevereiro, nota *g*, aonde diz, que o manuscripto se perdêra com outros do mesmo auctor.

N.º 81

João de Castro (D.)

Ha na livraria do Marquez de Castello Melhor hum manuscripto em fol. com este titulo:

« *Roteiro da costa do norte de Goa até Dio, no qual se descreuem todos os portos, alturas, sondas, demarcações, differenças de agulha, que ha em toda esta costa.*

«*Composto pelo grande D. João de Castro, Governador e Viso-rey que foi da India.*»

A fl. 38, falando D. João de Castro do reino de Cambaya, diz: «*E porque em hum tratado, que tenho começado da Cosmografia das terras, que jazem entre o Eufrates e o Gange, trato largamente dos costumes e modos de vida desta gente* (Bramenes, e Baneanes), *basta por agora o que delles tenho dito* ...» &c.

Em outros lugares refere-se tambem a hum *segundo Roteiro*. Assim, v. g., a fl. 17 diz: «*Este banco soldei* (assim escreve sempre o que hoje se diz *sondar) o primeiro dia de Fevereiro de 1540, como se dirá no segundo Roteiro*», &c.

Do *Roteiro do Mar Vermelho* do mesmo Castro, que recentemente se imprimio em París, a pag. 25, *in fine*, se vê, que elle já tinha escripto os *Commentarios da costa da India*, pois a elles se refere no anno de 1541.

Compoz o mesmo Castro outro *Roteiro da viagem que fez de Lisboa até Goa*, a primeira vez que foi á India em

1538, do qual havia hum exemplar em fol., doado pelo Cardeal D. Henrique ao Collegio dos Jesuitas de Evora, com este titulo na pasta:

«*Roteiro de D. Joam de Castro, do Collegio da Companhia de Jesus em Evora.*

«*Foi dom delRey D. Henrique de gloriosa memoria, seu fundador.*»

Dentro, se lê o verdadeiro titulo da obra, que diz:

«*Roteiro da viagem, que D. Joam de Castro fez, a primeira vez, que foy á India no anno de 1538.*»

No alto da primeira folha tem a nota «*Non prohibetur. Car.*», que parece ter sido escripta, e assignada pelo Cardeal D. Henrique, Inquisidor Geral. (Existe huma cópia, ou o original na Bibliotheca Publica Eborense.)

Existe na mesma Bibliotheca:

«*Cosmografia e Descripçam da Asia per D. João de Castro.*»

Manuscripto em 44 fl., dedicado ao Infante D. Luiz.

N. B. He cópia exacta, tirada do original pelo distincto antiquario Eborense o Licenciado Padre José Lopes de Mira, que falleceo em 1822 ou 1823.

«*Roteiro da viage, que D. Joam de Castro fez, a primeira vez que foy á India no anno de 1538.*»

Manuscripto em 47 fl. de grande papel, sem numeração, dedicado a D. João III.

N. B. He cópia incompleta em letra do passado seculo XVIII. Tem no principio a nota: «*DelRey D. Henrique, dado ao collegio do Spirito S. d'Evora, sendo ainda Cardeal*».

Em Setembro de 1836 veio á minha mão hum manuscripto em fol., que tem este titulo:

«*Livro das mercês, que fez o Senhor D. João de Castro, sendo Visorrey da India, aos capitães, e fidalgos daquelle Estado, e a todas as pessoas, que o ajudárão no cerco e soccorro da fortaleza de Dio.*»

Este titulo he escripto de letra moderna; mais adiante porém se acha o titulo original, que diz:

« *Liuro em que estão as mercês que tenho feytas aos capitães e fidalguos da Imdia, dos quaes não tenho, nem espero de ter nenhũu agardecimemto.* »

Segue-se logo:

« *titollo de dom João mascarenhas.* »

E logo seguidamente varios titulos, dos quaes alguns trazem (como este) mercês feitas a huma só pessoa; outros trazem muitas a diversos, com os seus nomes, e mui summariamente aquillo, em que servírão, e o motivo por que se lhe fazião as mercês.

O escriptor fala sempre de si mesmo, e em seu nome; por onde se vê, que este era o proprio livro, aonde Castro registava as suas mercês. A letra parece ser do Secretario, de quem tenho visto outras.

Neste mesmo livro manuscripto se acha:

1.º « *titollo dos Oficyaes da ribeira.* »

2.º « *Estas são as carguas, que mandey pera o reyno: e cabedal que veyo para ellas do reyno.* »

3.º « *titollo dos paguamentos geraes, que mandey fazer na Imdia.* »

4.º « *Estes são os Officiaes macanyquos, que seruem na ribeyra, a que o feytor paga cada mez seus soldos e mamtimentos.* »

Note-se que no *titulo dos pagamentos* começa o primeiro assento por estas palavras:

« *A y de Setembro de 1545 cheguey á Imdia, e sorgy na barra de Guoa* ... », &c.

Donde se vê que D. João de Castro chegou á India a 2, e não a 1, nem a 10, como alguns tem dito.

Este livro dá bom conhecimento da prudencia, e justiça de Castro no seu governo, e de algumas cousas da administração daquelles estados.

He digno de se notar, que entre os *Apontamentos* dos

Prelados do reino sobre as cousas, que se devião tratar nas Côrtes de 1562, se lê este artigo:

«Que deve S. Alt. mandar aos Viso-reis e Governadores, que assentem em hum livro todas as mercês que fizerem da fazenda delRey, e as razões porque as fizerem, e a quem se fizerão, e mandalo por duas vias nas nãos que vierem cad'anno, assi para S. A. saber a cantidade e calidade das mercês, como tambem para se conformar cáa na obrigação das que fizer aos homens por respeito dos serviços da India.»

Quando isto se escrevia em *apontamento* para as Côrtes, já D. João de Castro, muitos annos antes o tinha praticado no seu governo da India.

Existe na livraria do Marquez de Castello Melhor:

«*Chronica de D. João de Castro VisoRey que foy da India, dirigida ao muito esclarecido e illustre Senhor o Senhor D. Antonio de Ataide, Conde da Castanheira, Senhor de Povos e de Cheleiros, alcaide mór de Colares, e Veador da fazenda delRey nosso Senhor.*»

No fim tem esta nota:

«*Acabada por Leonardo Nunes escrivão do Provedor moor dos defuntos da India a 22 de Fevereiro de 1550 annos.*»

(Manuscripto em folha grande.)

Esta obra contém mais particularmente a historia do governo de Castro na India desde 1545 até 1548, em que elle falleceo: mui poucas cousas diz do mais tempo da sua vida.

Vi outro manuscripto em folha com este titulo:

«*Chronica dos valerosos e insignes feitos no governo da India do Viso-Rey D. João de Castro, de gloriosa memoria, em que se refere a grande batalha da fortaleza de Diu: por D. Fernando de Castro seu neto, filho natural de D. Alvaro de Castro.*»

No cap. 8.º vem huma *descripção do reino de Daquem,*

e diz o auctor, que a tirou *do Livro que o Viso-Rey fez de muitas descripções, que dirigio ao Infante D. Luiz.*

No cap. 19.º, trazendo a descripção de Diu, torna a dizer: « *A qual descripção tyrei do livro, que o Viso-Rey deixou feito de sua letra, aonde estão as descripções de todas as fortalezas, que temos na India* ».

Da Chancellaria de el-Rei D. João III, no Real Arquivo constão as seguintes datas:

«A 14 de Agosto de 1532 teve D. João de Castro *Carta de privilegio de fidalgo.*»

«A 31 de Janeiro de 1538, *Carta da Commenda de S. Paulo de Salvaterra, em attenção aos serviços feitos na guerra contra os infieis, e a ter servido huma Commenda dos dous annos em Tangere*» (1).

«A 7 de Janeiro de 1545, *Carta de Conselho.*»

«A 28 de Fevereiro de 1545, *Carta de Governador da India.*»

«A 13 de Outubro de 1547, *Carta de Vice-Rei da India.*»

«A 16 de Outubro de 1547, *Carta de Capitão-Mór do mar da India a seu filho D. Alvaro de Castro.*»

A 15 de Novembro de 1545 escrevia André de Souza a el-Rei, referindo-lhe como D. João de Castro, chegando á India, se houve com os Principes de Ceilão, que ali estavão. (Real Arquivo, gav., 2, maç. 6, num. 12.)

No Real Arquivo, *Corpo Chronologico,* part. 1.ª, maç. 77, doc. num. 20, está hum *Parecer dado a D. João de Castro sobre o contrato da pimenta,* por Fernão de Pina, em data de Goa, a 19 de Novembro de 1545.

Para o negocio dos *bazarucos* (moeda que corria na

(1) Vejão-se os *Annays de D. João III,* agora impressos (em 1844) a pag. 354, aonde se refere, que no anno de 1542 foi D. João de Castro mandado a despejar as terras de *Çafim,* e *Azamor,* e se diz o bem que executou esta melindrosa commissão.

India) ouvio os Fidalgos, Chanceller, Desembargadores, e Ouvidor, a quem mandou, que tomassem acordo sobre o que se devia fazer. O mesmo ordenou ao Veador da fazenda, e Contadores della: e o mesmo ao Bispo, e Cabido com os prégadores, e letrados da Igreja. E ouvidos todos os pareceres, mandou fazer novos *bazarucos* melhorados, com que o quintal de cobre, que estava em 36 pardáos da moeda pequena, ficou em 25, que 50 *bazarucos* valião 60 réis. E nestes se pôz de huma banda huma cruz como a do meio tostão, e da outra hum *Y* grego. Logo concorreo abundancia de tudo, &c. (Gaspar Correia, *Lendas da India.)*

Quando Lourenço Pires de Tavora foi á India em tempo de D. João de Castro, mandou el-Rei, que fosse tambem com elle *Francisco Pires, grande mestre de obras*, para fazer a fortaleza de Moçambique, o que não fez porque Lourenço Pires passou por fóra da ilha de S. Lourenço, e não tomou porto em Moçambique. Foi porém Francisco Pires o que dirigio a obra da nova fortaleza de Diu, fundada por Castro depois da famosa victoria com que terminou o cêrco da praça. (Gaspar Correia, *Lendas da India*, tom. 4.°, fl. 343, v.)

Lançou-se a primeira pedra da nova fortaleza com grande solemnidade, no baluarte S. Martinho, a 24 de Novembro de 1546.

A 21 de Fevereiro de 1547 lançarão-se pregões, que toda a pessoa que tivesse emprestado dinheiro viesse á Camara recebel-o. Concorrêrão todos, e forão todos pagos á vista dos livros da receita: retirárão-se contentes, e dizendo, «*que nunca arreceárão de emprestar se lhe tam boa paga haõ de fazer*». (Consta da *Carta* de Ruy Gonçalves Caminha a D. João de Castro de 22 de Fevereiro de 1547.)

Castro chegou a Goa a 19 de Abril de 1547, em terça-feira: esteve em Pangim na quarta e quinta-feira, e a 22,

em sexta-feira, entrou na cidade em triunfo. (Gaspar Correia, *Lendas da India.*)

Na porta por onde entrou estavão dous leões com os escudos de armas do Governador nos peitos, e abaixo delles este letreiro:

«BEMAVENTURADO E IMMORTALL TRYHUNFO.
POLLA LEY, POR ELREY, E POLLA GREY.»

D. João de Castro na sua marcha triunfal, chegando á Caza da Misericordia, entrou, fez oração, e offertou huma peça de brocado.

O mesmo fez em *Nossa Senhora da Serra,* aonde deitou *agoa benta sobre Affonso de Albuquerque.* D'ahi foi á cathedral.

Existe no Real Arquivo da Torre do Tombo, no *Corpo Chronologico,* part. 1.ª, maç. 81, doc. num. 66, huma Carta, escripta de Goa a el-Rei D. João III, com data de 22 de Outubro de 1548, cujo sobrescripto diz:

« *Pera ellRey nosso Senhor — De mestre Pedro Vigairo geral, e de frey antonio do Casall, Custodio, e de mestre francisco, e de frey Joam de vila de conde.* »

Dizem a el-Rei, que estando D. João de Castro para fallecer, lhes dissera a todos quatro, que escrevessem a Sua Alteza, e lhe fizessem lembranças em seu nome delle:

1.º «Os muitos, e grandes serviços, que fizera Manoel de Souza de Sepulveda na batalha de Dio, e no fazer da fortaleza, e que em outras cousas o ajudou muito, e com muito trabalho: e pede a Sua Alteza lhe faça mercê, e que se algum desprazer teve por não aceitar a fortaleza de Dio, lho perdoe.»

2.º Francisco da Cunha, que tambem servio muito na batalha, e nas obras, provendo gente, e doentes, &c. E que lhe perdoasse o não tomar o governo da fortaleza.

3.º Recommenda D. Francisco de Lima, e Vasco da Cunha. D. Francisco assistio-lhe até á morte.

4.º D. Diogo de Almeida, Capitão de Goa, que muito o ajudou nas guerras das terras-firmes, e sempre nellas foi dos dianteiros.

5.º Antonio p.ª, que o ajudou muito na armada para Dio, e em outras, e que tendo-lhe dado a fôro humas aldêas nas terras de Baçaim, pede a Sua Alteza lhas confirme.

6.º Pede tambem a Sua Alteza, que perdoe a Amrique de Sousa Chichorro, havendo respeito a estar pobre, e ter cazado pobre. (Assignão) — *Petrus fernandes;* — *Fr. Antonio do Casal;* — *Custos.* — *francisco;* — *Frei Joham de villa de conde.*

Na *Historia da India em tempo do Viso-Rei D. Luiz de Ataide,* por Antonio Pinto Pereira, no liv. 2.º, cap. 7.º, tocando o autor de passagem em D. João de Castro, lhe faz este grande, mas justo elogio:

« ... *Em tempo do VisoRey dom Joam de Castro, cuja gloriosa memoria, e desacostumados merecimentos naõ sofrem ser (em historia da India) nomeados singelamente. Pois juntas a tanta grandeza de animo, e a hum taõ raro valor das armas, se viram resurgir neste capitaõ as mais esquecidas Virtudes da continencia e desinteressada pureza da antiguidade Romana, com spirito temperado, mais manso, que severo, em que se achou sempre hum puro e verdadeiro concerto de vida virtuosa.* »

No Real Arquivo, *Corpo Chronologico,* part. 1.ª, maç. 81, num. 82, está huma Carta original de Fernão de Lima, escripta da India a el-Rei em 12 de Novembro de 1548 sobre objecto particular, na qual diz:

« *Ho vysoRey dom Joam é fallecido: foy gramde perda pera esta terra, e pera vosa Allteza, porque lhe certefyquo. que hera muito pera ella, porque agora estava hofferecido ho tempo pera se ganhar muyta parte della.* »

Em hum *Catalogo de livros,* impresso em Londres, acho notado:

«*Andrada's. Life of Dom John de Castro, Vice Roy of India. Brilliant impression of the portrait, and plates, by Faithorne. 1664*», *fol.*

D. Thomás Caetano de Bem, Clerigo Regular, compoz hum poema em Latim, intitulado:

« *Castreidos Libri v.* (em 4.º) *Ulyssipone. 1739* »

No qual canta a insigne victoria, com que D. João de Castro terminou o segundo cêrco de Dio, defendido heroicamente por D. João Mascarenhas em 1546.

Diogo de Teive, Bracarense, doutor em leis, e distincto litterato, chamado de Paris por el-Rei D. João III para Professor de Humanidades em Coimbra, escreveo:

« *Commentarius de rebus in India apud Dium gestis. Conimbr. 1548* »

Que he huma elegante, e exacta relação do dito segundo *cêrco de Dio.*

N.º 82

João de Empoli

Este escriptor era Florentino: comtudo foi a primeira vez á India no anno de 1503 em huma náo, que fazia parte da esquadra do grande Affonso de Albuquerque, hindo como commissario dos Marchiones, ricos commerciantes Florentinos estabelecidos em Lisboa, e depois servio na India nas esquadras Portuguezas, como se póde ver em Castanheda, *Historia da India*, liv. 3.º, cap. 100.º, e liv. 4.º, cap. 4.º, aonde lhe chama *Joannes Impolim*, &c.

Escreveo em Italiano, em fórma de Carta, a Relação da sua primeira viagem, que João Baptista Ramuzio inserio na sua Collecção, e a Academia Real das Sciencias de Lisboa a publicou traduzida em Portuguez na Collecção tantas vezes citada, tom. 2.º, num. 6, com este titulo:

«*Viagem ás Indias Orientaes por João de Empoli, Feitor de huma náo Portugueza, armada por conta dos Marchiones de Lisboa, traduzida do italiano, 1812*», em 4.º

N.º 83

João Gabriel

Foi hum dos principaes Portuguezes, e *Capitão-mór de todos*, os que andavão na Ethiopia, quando o Padre Fernão Guerreiro escrevia a sua *Relaçam Annal* dos annos de 1607 e 1608, que se imprimio em 1611. Nella vem hum capitulo (15.º do liv. 1.º) *em que se dá noticia de algumas Igrejas, Rios, Lagoas, mais notaveis da Ethiopia, e dos muitos Reinos, em que se divide aquelle grande imperio*, e diz o escriptor, que foi João Gabriel o que deo esta noticia, e que era o que *trasladava os livros proveitosos da lingua portugueza na de Ethiopia* para utilidade daquelles povos.

(Vej. Guerreiro no lugar citado.)

N.º 84

João de Loureiro (Padre)

Sendo religioso da Companhia de Jesus foi mandado á Cochinchina annunciar o Evangelho. Soube vencer as grandes difficuldades, que encontrou no desempenho da sua missão, e haver-se com tal prudencia, dexteridade, e constancia, que persistio na Cochinchina trinta e seis annos, e foi encarregado da direcção das cousas fysicas, e mathematicas no palacio do Rei. O exercicio que fazia da medicina em grande beneficio dos Cochinchinas, tanto Christãos como gentios, o obrigou a habilitar-se nos estudos da botanica, em que fez notaveis progressos. Em 1779 tinha já sahido da Cochinchina, e estava em Cantão, aonde se demorou tres annos. Visitou *Camboja, Champaa, Bengala, Samatra*, o *Malabar*, &c. De volta para Portugal esteve tres mezes em Moçambique. E

em todos estes paizes colheo os materiaes para a obra da sua *Flora,* que a Academia Real das Sciencias de Lisboa (de que era Socio) publicou pela imprensa, e que tem merecido em toda a Europa a estimação dos sabios, e principalmente dos amigos da botanica. O titulo da obra he:

«*Flora Cochinchinensis: sistens plantas in regno Cochinchina nascentes: quibus accedunt aliae observatae in Simensi imperio, Africa Orientali, Indiaeque locis variis. Omnes dispositae secundum Systema Sexuale Linnaeanum. Labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiae Scientiarum Academiae Ulyssiponensis Socii, olim in Cochinchina Catholicae Fidei Praeconis, ibique rebus Mathematicis ac Physicis in aula Praefecti. Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita. Ulyssipon. typis et expensis Academ. an. 1790*», 2 vol., em 4.º

Falleceo este douto, e estimavel varão pelos annos de 1795.

N.º 85

João Monteiro (Padre)

Navegou para a India. Ensinou filosofia, e theologia em Macao; em 1636 entrou na China; falleceo em 1648. Escreveo, e imprimio em lingua Sinica hum *Compendio da Lei Divina*, e outro livro do verdadeiro e falso culto de Deos.

N.º 86

João de Moura

Escreveo:

«*Colonia Portugueza, que contêm tres Tratados: no primeiro se descreve o Estado do Maranhão e forma do seu augmento: No segundo se trata a cultura de algumas das drogas, e fructos da Zona torrida: O terceiro e ultimo contêm huma breve noticia da Arte-militar. Ao*

muito alto e muito poderoso Rei D. Pedro 2.º nosso Senhor. Por João de Moura, cavalleiro professo da O. de Christo. Anno 1684.»

Manuscripto em 4.º, com 227 fl., e 28 estampas, que vi.

N.º 87

João Ribeiro

Pouco podemos dizer da pessoa do Capitão João Ribeiro. A sua obra, que adquirimos em manuscripto, com a assignatura autografa de João Ribeiro, foi por nós offerecida á Academia Real das Sciencias de Lisboa, que a mandou publicar na sua Typografia, no anno de 1836, na *Collecção de Noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas*, em 4.º Á frente da edição escrevemos o pouco, que de si mesmo nos diz o auctor, e lá se póde ver. O titulo da obra he:

«*Fatalidade Historica da Ilha de Ceilão, dedicada á Magestade do Serenissimo D. Pedro II. Rei de Portugal, nosso Senhor: Escrita pelo Capitão João Ribeiro.*»

No fim da obra ajuntou-se:

«*Doação, que o Rei de Ceilão fez dos estados daquella ilha aos Senhores Reis de Portugal, extrahida do R. Archivo da Torre do Tombo*», &c.

A obra de João Ribeiro tinha sido muito antes publicada em Francez com o titulo:

«*Histoire de l'Isle de Ceylan, de J. Ribeyro, par Mr. le Grand. París, 1701*», em 12, e no mesmo anno em *Trevoux*, e *Amsterdam*, em 8.º

E postoque Mr. le Grand lhe fez additamentos, comtudo a sua chamada traducção he pouco exacta, como provâmos na *Advertencia* anteposta á edição da Academia; e póde ter-se esta como edição original, e cópia fiel do que escreveo João Ribeiro.

O nosso Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*,

tambem mostra não ter visto a obra de Ribeiro, senão nas traducções do escriptor Francez.

N.º 88

João Ribeiro Gaio (D.), Bispo de Malaca

Escreveo:

«*Roteiro, que fez para elRei, com Diogo Gil, e outros, das Costas de Achem.*»

Foi escripto em Malaca em 23 de Dezembro de 1584, e acha-se assignado pelo Bispo. Em 26 pag. de fol.

N.º 89

João Rodriguez (Padre)

Escreveo:

«*Arte da lingoa de Japam, composta pello P. João Rodriguez. Com licença do Ordinario e Superiores, em Nangasaqui, no Collegio de Japão da Companhia de Jesu. an. 1604, e 1608*», em 4.º (Rarissimo.)

N.º 90

João dos Santos (Fr.)

Religioso da Ordem de S. Domingos, natural de Evora, Missionario na India, e nas terras da Africa Oriental. Escreveo:

«*Ethiopia Oriental, e varia historia de cousas notaveis do Oriente, em que se dá relação dos principaes reinos desta larga região, dos costumes, ritos, e abusos de seus habitadores, dos animaes, bichos, e feras que nelles se crião, de suas minas, e cousas notaveis que tem, assim no mar como na terra, de varias guerras, e victorias insignes, que ouve em nossos tempos nestas partes*

entre christãos, mouros, e gentios. Evora: no convento de S. Domingos: por Manoel de Lira, 1609», em fol.

Achámos notado, que esta obra, resumida em lingua Franceza, fôra publicada em París em 1684, e 1688, em 12, e que o auctor Fr. João dos Santos fallecêra em 1622.

N.º 91

João de Sousa Ferreira

Escreveo:

«*Noticiario Maranhense, Descripção do Estado do Maranhão; em que tempo se descobrio o Estado; por quem; que governadores o tem governado; como está; suas riquezas e noticias, que de presente temos; sem muitas mais, que não se conhecem, e como se pode augmentar, e sua capacidade, donde vierão os moradores Indios deste Estado, e outras peregrinas circunstancias. Por João de Sousa Ferreira, Provedor da fazenda dos ausentes do Grão-Pará.*»

Manuscripto em 4.º, com 40 fl., letra de 600, na Bibliotheca Publica Eborense.

Falta-lhe a dedicatoria, que a *Bibliotheca Lusitana* lhe attribue no 2.º tom., pag. 771.

Ha outra obra differente, do mesmo auctor, postoque analoga a esta de que fala a *Bibliotheca Lusitana,* que se intitula:

«*America abreviada, suas noticias, e de seus naturaes, e em particular do Maranhão, titulos, contendas e instrucções á sua conservação e augmento mui uteis: pelo P. João de Sousa Ferreira, Presbytero da Ordem de S. Pedro, natural da villa de Basto.*

«*Dedicada ao illustrissimo senhor D. Fr. José de Lancastre, Bispo de Leiria, e Inquisidor Geral*», &c.

A dedicatoria tem a data de Lisboa, a 20 de Maio de 1693. Hum vol. de 4.º, com 185 pag., na Bibliotheca Publica Eborense.

N.º 92

João Teixeira

Escreveo:

«*Descripção de toda a costa da Provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamão Brasil. Por João Teixeira, Cosmografo de Sua Mag. Anno 1642*». (Manuscripto em 4.º)

Contém hum mappa geral de toda a costa do Brasil desde o rio da Prata até o Pará, e nelle vem a linha de demarcação entre Portugal e Castella, traçada ao poente, e comprehendendo *Buenos Ayres* na parte de Portugal.

Vem no principio deste manuscripto o juizo que delle fez Pimentel, em que o tacha de pouco exacto, e cheio de erros, e conclue: «*Em summa digo, que este livro não tem mais que boas pinturas, e illuminações*»; e assigna: «*Manoel Pimentel.*»

Ahi mesmo fala Pimentel, com louvor, das Cartas que então descrevia outro João Teixeira Albernaz, neto do primeiro, e tambem Cosmografo de el-Rei, e de outros dous, que el-Rei mandára ensinar, e as *fazem* (diz) *já com perfeição*. E ainda acrescenta: «*Este João Teixeira Albernaz, que he neto do outro João Teixeira, vio tambem este livro, e lhe reconheceo os mesmos erros, postoque o primeiro seja feito por seu avô*».

N.º 93

Joaquim Cesar Figaniere e Morão

Escreveo:

«*Descripção de Serra-Leôa, e seus contornos. Escripta em 12 cartas. Á qual se ajuntão os trabalhos da Commissão-mixta portugueza e ingleza, estabelecida n'aquella colonia. O. D. C. á Sociedade Litteraria Patriotica o cidadão Joaquim Cesar Figaniere e Morão, membro da mesma Sociedade, e ex-commissario arbitro de S. M. F.*

em Serra-Leôa. Lisboa. Na impressão de João Baptista Morando: anno 1822», em 12, com 97 pag.

N.º 94

Joaquim José Lisboa

Escreveo:

«*Descripção curiosa das principaes producções, rios, e animaes do Brasil, principalmente da capitania de Minas-Geraes, por Joaquim José Lisboa, Alferes do regimento regular de Villa-rica. Lisboa. Na Impressão Regia. 1804. Por ordem superior.*»

He hum folheto de 62 pag., em 12 (Raro.)

N.º 95

Jorge de Lemos

Foi natural de Goa, aonde servio de Secretario de differentes Vice-Reis, e teve o Officio de Escrivão da Matricula.

Escreveo:

«*Historia dos cercos, que, em tempo de Antonio Moniz Barreto, Governador que foi dos estados da India, os Achens e Jaos poserão á fortaleza de Malaca, sendo Tristão Vaz da Veiga capitão della. Lisboa: por Manoel de Lira, 1585*», em 4.º

Existe esta obra manuscripta na Bibliotheca Publica Eborense em hum vol. de 4.º, com 39 fl. sem numeração.

N.º 96

Jorge da Silva

Escreveo:

«*Discurso sobre as cousas da India, e Mina.*»

Manuscripto, na Bibliotheca Real de Madrid.

N.º 97

José Cabreira

Vem referido a este auctor no Catalogo de Bluteau:

«*Naufragio da não N. Senhora de Belêm. Lisboa: por Pedro Craesbeeck. 1636.*»

(Vej. num. 30.)

N.º 98

Lopo de Sousa Coutinho

Escreveo a obra, que vi, com este titulo:

«*Liuro primeyro do cerco de Diu, que os Turcos poseram á fortaleza de Diu. Per Lopo de Sousa Coutinho, fidalgo da caza do invictissimo Rey dom Joam de Portugal, ho terceyro deste nome. Foy impressa a presente obra em a muy nobre e sempre leal cidade de Coymbra per João Aluarez, ymprimidor da Vniuersidade aos* XV *dias do mez de Setembro* MDLVI», 4.º

Comprehende o liv. 1.º e 2.º em 85 fl. de 4.º No verso da fl. 85 tem esta nota:

«*Acabou-se a presente obra em a muy nobre e sempre leal cidade de Coymbra, per Joam Alveres ympressor da Universidade a* XV *dias de Setembro* MDLVI.»

Segue-se ainda huma folha de impressão, notada com a paginação «*fo. 79*», que parece ser ali mettida depois de acabada a obra, e tem este titulo:

«*Satisfaçam e merce que elRey nosso Senhor fez a Antonio da Silveyra: e em summa a todos os que em este cerco se acharam.*»

Em hum Catalogo Inglez de livros, por Thomaz Thorpe, vem esta obra de Lopo de Sousa Coutinho com a nota de «*extremamente rara*».

Escreveo mais:

«*O primeiro Cerco de Diu, em verso. Coimbra, 1559.*»

Assim o cita Bluteau no seu dito Catalogo.

N.º 99

Luiz Antonio da Silva e Sousa (Padre)

Escreveo:

«*Memoria sobre o descobrimento da capitania de Goiaz, e seu governo, população, e cousas mais notaveis: pelo P. Luiz Antonio da Silva e Sousa, natural do Sêrro do Frio, Capitania de Minas Geraes.*»

Vej. *Jornal de Coimbra*, num. 76, part. 1.ª, art. 1.º

N.º 100

Luiz Froes (Padre)

Além de muitas Cartas suas sobre cousas do Japão, teve ordem do seu Vice-Provincial do Japão para escrever a *Historia do Japão*, em que elle diz que gastára cinco ou seis annos continuos, e a dividíra em tres partes: 1.ª, *do clima, situação, qualidades, costumes, &c.*; 2.ª, *do fructo que ali fizerão os Padres desde 1549 até 1578;* 3.ª, *desde a conversão del-Rei de Bungo até agora.*

N.º 101

Luiz Meirelles do Canto e Castro

Escreveo:

«*Memoria sobre as ilhas dos Açores, e principalmente sobre a Terceira, considerando a educação da mocidade, a agricultura, o commercio, a administração da Fazenda publica, e o governo municipal: Offerecida aos Senhores Deputados pela Comarca de Angra, por Luiz Meirelles do Canto e Castro. París, imprensa de M.me Huzard (nascida Vallat la Chapelle) Rua de l'Eperon, n. 7.º 1834*», em 4.º

N.º 102

Luiz Pinheiro (Padre)

Foi natural de Aveiro: Jesuita, Superior do Collegio de Ponta Delgada na ilha de S. Miguel desde 1596 até 1600. Foi neste reino companheiro do Provincial muitos annos, Visitador das ilhas, e Procurador na côrte de Madrid. Escreveo em lingua Castelhana:

«*Relacion del successo, que tuvo nuestra Santa Fe en los reynos del Japon, compuesta por Luys Pinheiro. Madrid, 1617*», fol.

Obra, que em hum Catalogo Inglez he qualificada de *muito rara*. Vej. *Historia Insulana* do Padre Cordeiro, liv. 5.º, cap. 21.º, art. 259.º, pag. 230. Vej. tambem *Bibliotheca Historica de Portugal*, edição de 1801, em 4.º, pag. 377.

N.º 103

Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque, e seu Ajudante Ignacio Pita de Castro e Menezes

Publicárão:

«*Observações sobre a ilha de S. Miguel, recolhidas pela Commissão enviada á mesma ilha em Agosto de 1825, e regressada em Outubro do mesmo anno: por Luiz da Silva Mouzinho de Albuquerque e seu Ajudante Ignacio Pitta de Castro Menezes. Lisboa. Na Impressão Regia: anno 1826. Por ordem superior*», em 4.º

N.º 104

Luiz de Sousa (D.)

Escreveo:

«*Tractatus de Jure Patronatus Indico-Lusitano,* &c. *Auctore D. Ludovico de Sousa Episcopo Portalegrensi, Bracharensi Archiepiscopo*», &c.

Manuscripto original em 134 fl., na Bibliotheca Eborense, aonde existe huma cópia moderna em 4.º

N.º 105

Luiz Teixeira

Foi este Portuguez Cosmografo de el-Rei. Delle diz Ortelio no Catalogo dos auctores de *Taboas Geograficas:*

«*Ludovicus Teixera Lusitanus Assores Insulas descripsit: item Japoniam Insulam: anno a Christo nato 1584.*»

O mesmo Ortelio no seu *Theatrum orb. terrar.* traz copiadas as Cartas Geograficas de Teixeira, tanto a dos Açores, como a do Japão; e na primeira põe esta inscripção:

«*Has Insulas perlustravit, summaque diligentia accuratissime descripsit, et delineavit Ludovicus Teisera, Lusitanus, Regiae Majestatis Cosmographus: anno a Christo nato 1584.*»

N.º 106

Manoel de Abreu Mouzinho

Foi o auctor do *Discurso sobre a conquista do Pegú pelos Portuguezes,* sendo Vice-Rei da India Ayres de Saldanha, no anno de 1600. Este Discurso, que o escriptor escreveo em Castelhano, foi impresso em *Lisboa, na officina de Pedro Craesbeeck, 1617,* em 8.º, e delle faz menção Barbosa na *Bibliotheca Lusitana.*

Sahio em Portuguez com a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto em 1711, sem a dedicatoria ao Duque de Lerma, sem o prologo ao leitor, e sem o nome do auctor.

Sobre esta se fez a recente edição com o titulo:

«*Breve Discurso, em que se conta a conquista do reyno de Pegú na India Oriental, feyta pelos Portuguezes em tempo do Visorrey Ayres de Saldanha, sendo capitão Salvador Ribeyro de Sousa, chamado Massinga, natural de Guimarães, a quem os naturaes de Pegú elegerão por seu*

Rey no anno de 1600. Nova edição. Lisboa: na Typograph. Rollandiana. 1829. Com licença da Meza do Desembargo do Paço»: em 12.

Vem no 4.º vol. da nova edição de Fernão Mendes Pinto, de que ha pouco falámos.

N.º 107

Manoel de Almeida

Escreveo:

«*Historia Geral da Alta Ethiopia, impressa em Coimbra em 1660»*, em fol.

Manoel de Almeida (diz Mr. Camus na obra citada, num. 6, supra) era hum Portuguez, missionario Jesuita. Existem delle *Cartas*, que todos os annos escrevia ao seu Geral, e que forão impressas em lingua Italiana, em Roma, 1629, 12.

Destas, e de outras Memorias de muitos Jesuitas compilou Telles (Balthazar) a *Historia Geral da Ethiopia a alta*, ou *Preste João*, &c., de que aqui se trata.

Thevenot publicou extractos desta obra, e de outras do mesmo assumpto, com notas interessantes, e preciosas.

(Vej. num. 117.)

N.º 108

Manoel Ayres de Cazal (Padre)

Presbytero secular do Gran-Priorado do Crato. Escreveo:

«*Corografia Brasilica, ou Relação Historico-Geografica do Reino do Brasil, composta, e dedicada a Sua Magestade Fidelissima, por hum Presbitero Secular do Gram Priorado do Crato. Rio de Janeiro, na Impressão Regia,* M.DCCC.XVII. *Com licença e Privilegio Real»*, 2 vol., em 4.º

N.º 109

Manoel do Cenaculo (D. Fr.)

Bispo de Beja, e depois Arcebispo de Evora. Existe na Bibliotheca Eborense, instituida por este sabio e illustre Prelado:

«*Correspondencia entre elle, e os Bispos e Missionarios da China, ácerca das missões daquelle paiz nos fins do seculo 17 e principios do sec. 18.*»

Muito interessante. (Manuscripto.)

N.º 110

Manoel Constantino (Dr.)

Com este nome achámos em alguns escriptores o mesmo que D. Francisco Manoel na sua Epanafora 3.ª noméa *Doutor Manoel Clemente*. Foi natural do Funchal na ilha da Madeira; professou Artes em Roma, aonde foi Prégador Pontificio, e lá falleceo no anno 1614. Escreveo, e dedicou ao Santo Padre Clemente VII:

«*Historia insulae Materiae. Romae, 1599*», 4.º

Escreveo outras obras, que não pertencem ao nosso especial assumpto.

N.º 111

Manoel Gaspar

Existem na Bibliotheca Eborense (manuscriptos):

«*Libro universal de derrotas, alturas, longitudes, e conhecensas de todas as navegações destes reinos de Portugal, e Castella, Indias Orientaes e Occidentaes, o mais copioso, e claro que pode ser em serviço dos navegantes. Ordenado por pilotos consummados nesta sciencia, e virtudes de aproveitar en serviço de Deos. En Lixboa o pri-*

meiro de Março de 1594. De Manoel Gaspar», 1 vol., 4.º, até pag. 83 com figuras, escripto em Castelhano. Depois segue em Portuguez:

«*Roteiro da carreyra da India e dos rumos a que se á de governar, e dos sinaes que nesta viagem se achão com as differenças da agulha. Composto por Vicente Rodrigues piloto mór della.*»

Em 15 fl., sem numeração, letra de 500.

(Vej. num. 138.)

«*Roteiro da viagem e costa de todo o Brasil, navegando para elle das ilhas de Cabo verde até o rio da Prata*», 7 fl.

«*Roteiro que conta desde a ilha de Santa Catarina até o rio da Prata*», 3 fl.

N.º 112

Manoel Godinho (Padre)

Foi natural da villa de Montalvão, e religioso da extincta Companhia de Jesus. Passou depois a Clerigo secular, e foi Beneficiado em S. Nicolão de Lisboa, Prior desta parochia, e ultimamente Prior de Loires. Sendo Jesuita foi mandado ás missões da India, e em 1663 voltou por terra a Portugal, mandado pelo Vice-Rei Antonio de Mello de Castro. Acho notado na *Bibliotheca Historica* o seu nascimento em 1633, e o fallecimento em 1712. Escreveo:

«*Relação do novo caminho, que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal, no anno de 1663, o Padre Manoel Godinho, da Companhia de Jesus. Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira, 1665*», 4.º

Vem em hum Catalogo Inglez de livros com o mesmo titulo, e com a nota de «*excessivamente raro*».

Reimprimio-se, em Lisboa, na *Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, e por ella publicada, em 8.º, 1842, em 284 pag.

N.º 113

Manoel Godinho Cardoso

Escreveo:

«*Relação do naufragio da nao Santiago, 1602.*»

Assim cita o Padre Bluteau esta *Relação* no Catalogo dos livros, que leo, para a composição do seu *Vocabulario.* Vej. porém nestes nossos Apontamentos o num. 30.

N.º 114

Manoel Gonsalves (Piloto)

Escreveo:

«*Jornada que fizemos da capitania de Pernambuco com a armada, em que veio por capitão Alexandre de Moura á conquista do Maranhão, e trouxe por piloto na capitania a Manoel Gonsalves, o Regefeiro de Leça.*»

Manuscripto, em fl., na Bibliotheca Real de Madrid.

Acaba: «*Esta he a viagem que fizemos de Pernambuco a esta terra do Maranhão*». E assigna «*Manoel Gonsalves*».

N.º 115

Manoel José Gomes Loureiro

Natural de Lisboa, formado em Leis na Universidade de Coimbra em 1792, e Bacharel em Filosofia. Servio varios lugares da magistratura no reino, em Moçambique, e Goa, e ultimamente foi Conselheiro no Conselho do Ultramar, &c.

Escreveo:

«*Memorias dos Estabelecimentos Portuguezes a l'este do Cabo da Boaesperança, pelo Conselheiro Manoel José Gomes Loureiro, que servio no extincto Conselho Ultramarino. Lisboa. Na typographia de Filippe Nery. Anno 1835*», 4.º

Esta obra deve ser lida pelos que tem a seu cargo di-

rigir e governar os negocios daquelles paizes: he escripta com muito conhecimento das leis e costumes dos povos, e o auctor dá os mais saudaveis conselhos com a intelligencia, e pureza de moral, e amor do bem publico, que sempre o tem caracterisado. Ainda vive (1843).

N.º 116

Manoel Pinheiro (Padre)

Escreveo:

«*Annuas de 1599 da missão do Mogor.*»

N.º 117

Manoel de Sá (Padre)

Escreveo:

«*Relação de successos no cerco de Mombaça.*»

N.º 118

Manoel da Veiga (Padre)

Vi em 1841 o seu livro intitulado:

«*Relaçam Geral do Estado da Christandade de Ethiopia; Reduçam dos Scismaticos; Entrada e Recebimento do Patriarcha D. Affonso Mendes; Obediencia dada pelo Emperador Seltã Segued com toda sua côrte á Igreja Romana; e do que de nouo socedeo no descobrimento do Thybet, a que chamam gram Catayo.*

«*Composta e copiada das Cartas, que os Padres da Companhia de Jesu escreueram da India Oriental dos annos de 624. 625. e 626.*

«*Pelo Padre Manoel da Veiga da mesma companhia, natural de Villaviçosa.*

«*Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Mattheus Pinheiro. Anno de 1628*», 1 vol. em 4.º pequeno.

(Vej. num. 12 e 107.)

N.º 119

Maria Antonia de S. Boaventura e Menezes (D.)

Esta Senhora foi mulher de Rodrigo de Sousa, filho segundo do primeiro Conde de Redondo. Passou do Italiano ao Portuguez:

«*Historia da Igreja do Japão, em que se dá noticia da primeira entrada da Fé naquelle imperio, dos costumes daquella nação, gentes, suas terras, e cousas muito curiosas e raras, para os eruditos estimaveis, e para todos gratas... Lisboa. 1749–1755*», 3 tom. de 4.º

O 2.º e 3.º tom. tem por titulo:

«*Historia da Igreja do Japão, em que se continuão os progressos da religião catholica, e varios successos, e perseguições da mesma Igreja naquelle imperio...*»

A obra Italiana, d'onde esta Portugueza foi traduzida, he:

«*La Storia della Chieza del Giappone del Rev. Padre Giovanni Crasset della compagnia di Jesu, traduzione del franceze di Selvaggio Canturani. Venetia, 1722*», 4 tom., em 8.º

E a original de Crasset he:

«*Histoire de l'Eglise du Japon. Paris, 1715*», 2 vol., 4.º

A nossa illustre traductora sómente traduzio quinze livros, faltando ainda cinco, que ella não concluio, acaso prevenida pela morte.

N.º 120

Marquez de Alorna

Vi hum folheto de 85 pag., em 4.º, com este titulo:

« *Instrucção dada pelo Excellentissimo Marquez d'Alorna ao seu successor no governo do Estado da India o Ex.^mo Marquez de Tavora. Gôa. Na Typografia do Governo. Anno de 1836.* »

Contém *Resumo Historico* da vida do Marquez de Alorna; as suas *Instrucções:* Lista das pessoas premiadas pela tomada de Alorna; *Resumo Historico* dos successos da campanha de 1746, em que se tomou a praça de Alorna.

N.º 121

Miguel de Castanhozo

Foi na expedição de D. Christovão da Gama em auxilio do Rei dos Abexis, e escreveo hum copioso *Tratado* desta jornada, diz Diogo do Couto, dec. 5.ª, liv. 8.º, cap. 7.º, e liv. 10.º, cap. 4.º A expedição foi no anno de 1541, e acho designado o *Tratado* com este titulo:

«*Historia das cousas, que o mui esforçado capitão D. Christovão da Gama fez nos reinos do Preste João. Lisboa, 1564*», 4.º (Obra rarissima.)

N.º 122

Nicoláo Pimenta

Acho nos meus apontamentos notada:

«*Nova Relatio historica de rebus in India orientali gestis a Nicol. Pimenta. Moguntiae, 1601*», em 8.º

N.º 123

Nuno da Silva

Piloto Portuguez, aprisionado pelo Inglez Francisco Draeck junto das ilhas de Cabo Verde. Na *Histoire de la navigation de Jean Hugues de Linschot, hollandois, aux Indes Orientales...*, impressa em Amsterdam em 1619, vem no cap. 55.º:

«*Relação feita na cidade do Mexico em presença do*

vice-Rei da nova Hespanha, por Nuno da Silva, piloto portuguez, tomado por Francisco Draeck, inglez, junto das ilhas de Caboverde; do que elle observou na viagem do dito Draeck passando pelo Estreito de Magalhães até ao havre de Guatulco na nova Hespanha, aonde foi posto em liberdade.»

Pareceo-nos não dever omittir aqui este nome, porquanto delle temos ainda outra noticia, que nos dá Mr. Camus na sua «*Memoire sur la collection des grands et petits voyages, et sur la collection des voyages de Melchisedech Thevenot. Paris, 1802*», 4.º

Diz este douto escriptor, que a viagem de Francisco Draeck começou a 13 de Novembro de 1577, sahindo de Plimouth, e acabou, entrando elle em Inglaterra a 3 de Novembro de 1580. Que *a primeira Relação desta viagem foi escripta por Nuno da Silva, Portuguez,* a quem Draeck fizera prisioneiro; e que segundo esta *Relação* he que Artus escreveo a Relação Latina, publicada por De Bry na sua collecção.

Não achâmos em Barbosa Machado o nome deste Portuguez.

N.º 124

Paulo Rodrigues da Costa

Escreveo:

«*Relação da jornada e descobrimento da ilha de S. Lourenço, que o Vice-Rei da India D. Jeronymo de Azevedo mandou fazer por Paulo Rodrigues da Costa, capitão e piloto descobridor.*»

Partírão os descobridores em 27 de Janeiro de 1613.

Existe hum exemplar desta obra na Bibliotheca Publica Eborense, e consta de 227 pag. em 4.º

Tambem existe hum manuscripto em fol. desta obra na Bibliotheca Real de Madrid. Tem no fim huma Carta que Fr. Athanazio, Religioso de Santo Agostinho, escreveo do sul ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes.

N.º 125

Pedro de Almeida Cabral

Escreveo:

«*Informação dos reinos de Monomotapa, e Rios de Cuamá.*»

Manuscripto em 6 pag. de fl., feito por ordem regia em Carta de 15 de Novembro de 1630. Na Bibliotheca Real de Madrid.

N.º 126

Pedro da Costa Perestrello

Poeta celebre no seu tempo, contemporaneo de Camões, Secretario de el-Rei, e Capitão de hum navio na batalha de Lepanto. Compôz hum Poema com o titulo:

«*Descobrimento de D. Vasco da Gama.*»

Manuscripto em seis cantos, em oitava rima. Dizem, que abandonou a idéa de o publicar, depois que sahírão á luz *os Lusiadas*.

N.º 127

Pedro Lopes de Sousa

Escreveo:

«*Historia do primeiro cerco de Diu. Coimbra, 1555.*»

Vem no tantas vezes citado Catalogo de Bluteau.

N.º 128

Pedro Mascarenhas (D.)

Vice-Rei da India. Escreveo:

«*Roteiro dos portos, derrotas, alturas, cabos, conhecensas, resguardos, e sondas, que á per toda a costa des do cabo de boaesperança até o das correntes.*»

Um vol. de fol. com 21 fl. sem numeração, dedicado a el-Rei D. Sebastião. Letra de 500. Parece original. Bibliotheca Publica Eborense.

N.º 129

Pedro Tavares — João de Payva (Padres)

Escrevêrão:

«*Carta e verdadeira Relação dos successos do Padre Pedro Tavares, da Companhia de Jesus, em as suas missões dos reinos de Angola e de Congo, tudo tambem composto pelo mesmo Padre, em quanto a saude lhe deo lugar, &c. E depois continuado pelo Padre João de Payva, vice-reitor do collegio do Porto, como testemunha de vista, pessoa de muita virtude.*»

Original em fol. com 40 fl. Manuscripto na Bibliotheca Publica Eborense.

N.º 130

Pedro Teixeira

Ignorâmos a sua naturalidade, e as circumstancias da pessoa. Foi duas vezes á India. Da primeira, veio a Ormuz, correo a Persia, esteve nas Filippinas, e na Nova Hespanha, e aportou a S. Lucar em 1601, d'onde veio a Lisboa. Da segunda vez sahio da India, vindo de Goa a Baçorá, Bagdad, Alepo, &c. D'ali passou a Veneza, e por ultimo a Anvers, aonde residio, e publicou as suas Relações, obra rara, com o titulo:

«*Relaciones d'el origen, descendencia, y succession de los Reys de la Persia, y de Harmuz, y de un viage hecho por el mismo autor dende la India Oriental hasta Italia por terra. Amberes, 1610*», em 8.º

N.º 131

Salvador Dias

Escreveo:

«*Relação da fortaleza, poder, e trato com os Chinas, que os Hollandezes tem na ilha Formosa.*»

Era o auctor natural de Macáo; esteve captivo na ilha Formosa, e d'ali se escapou em Abril de 1626. Manuscripto em 16 pag. de fol. Na Bibliotheca Real de Madrid.

N.º 132

Simão Antonio da Rosa Pinheiro

Vi no anno de 1840:

«*Carta plana da costa do Brazil, que contêm das ilhas de Santa Anna thé a ponta de Juatinga, feita por Simão Antonio da Roza Pinheiro, para uso da marinha portugueza. Primeira impressão feita no Rio Janeiro, 1785.*»

Nesta mesma Carta vem:

«*Planta do Rio de Janeiro, em petipé de 3 leguas.*»

Tudo em huma folha de quasi dous e meio palmos de largo, e pouco mais de palmo e meio de alto; e tem no fundo «*A. I. H. Faria f.ᶜ*».

Outra Carta em pergaminho de quatro palmos de comprido, e pouco mais de outro tanto de alto, com esta inscripção:

«*Carta Reduzida, e em muita parte reformada peias observações mais justificadas dos melhores autores, astronomos modernos, que parecerão mais coherentes pelas exactissimas averiguações de pilotos eruditos, e do Roteiro portuguez. Em que se comprehendem as costas do Oceano e Mediterraneo para uso da marinha. Offerecida ao illustrissimo e excellentissimo Senhor Luiz de Vasconcellos e Sousa, do Conselho de Sua Mag. Fidelissima, vice-Rei e Capitão General de mar e terra do Estado do Brasil. Por Simão Antonio da Roza Pinheiro. Primeira impressão no Rio de Janeiro. Anno de 1786.*»

Na parte da America vem esta declaração:

«**Declaração preliminar.**—Não se faz muito sensivel o parecer dos geografos sobre a positura, em que assignalão a foz do Rio das Amazonas, nem a terra que desta

discorre para oeste, assim tambem concordão na situação do cabo de Santa Anna na costa de Guiné.—Porém varias cartas impressas no Norte appresentão duvida na situação, em que poserão a costa oriental do Brasil, como se vê nos lugares indicados com as letras *a*, *a*, *a*, ao mesmo passo, que sendo nellas a differença de longitude entre os meridianos do cabo de S. Roque, e a ponta da Tigioca de 13°, 30′, Pilotos peritos, e de hum caracter digno de attenção, achão a differença destes meridianos de 18°, 15′, no que justamente concordão com o Roteiro portuguez.—Os astronomos modernos situão Cabofrio na longitude de 335°, 56′: logo a differença de longitude deste meridiano para a de cabo-negro da costa de Africa seria de 56°, 16′, porém não acontece assim pelo que se collige das frequentes derrotas dos pilotos, os quaes... acharão de differença 48°, 45′, no que bem concorda o nosso Roteiro..., se infere, que de seguir-se a primeira opinião poderá resultar gravi... prejuizo á navegação portugueza.—Em todas as cartas assignalão huma ilha da *Asenção* na altura de 20°, 26′ de latitude austral, que não existe. Eu seguindo o mesmo, advirto o erro.»

N.° 133

Simão Estacio da Silveira

Vi em Outubro de 1841:

«*Relação Summaria das cousas do Maranhão. Escrita pelo capitão Symão Estacio da Sylveira.*

«*Dirigida aos pobres deste Reyno de Portugal.*

«*Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Por Geraldo da Vinha. Anno de 1624*», fol.

N.° 134

Valentim Fernandes

Bem conhecida he dos doutos a celebre *Viagem de Marco*

Paulo pelos paizes mais orientaes no seculo XIII. Esta viagem sahio em lingua Portugueza com este titulo:

«*Marco Paulo traduzido em lingoagem, impresso por Valentim Fernandes alemãao, em Lisboa: era de 1502 a 4 de Fevereiro*», em fol.

Vem logo no principio:

«*Epistola sobre a tralladaçã do liuro de Marco paulo, feita por Valentim Fernandes, escudeyro da ex.*ma *Raynha D. Lyanor, enderençada ao serenissimo e inuictissimo Rey de Portugal e dos Alguarues, daquem e alem mar em Africa; Senhor de Guynée, e da conquista da nauegaçom, e comercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India.*»

Nesta Epistola, falando da extensão dos paizes, a que tem chegado o nome Portuguez, diz a el-Rei D. Manoel:

«*Passou vossa senhoria, nõ digo soomente toda a linea Equinoccial, mas ainda aos ultimos fins do occidente, e começo de oriente até ás terras do gram Cham, onde já começa de soar vosso poderoso nom͠. onde jazem as muy nobres prouincias Tenduch. Mangy. Tanguth. etc. o principio das quaes, segundo o meu pequeno saber achou o muy honrrado fidalguo Gaspar Corte-real*», &c.

Logo depois:

«*Começa-se a introducçam em o liuro de Marco Paulo feyta pello dito Valemtim Fernandes.*»

Depois:

«*Seguem-se certos capitulos das provincias do titulo Real de vossa Senhoria. E primeiramente de Ethiopia...*», &c.

Sem embargo de poder parecer pelas frases, que deixâmos copiadas, que Valentim Fernandes foi o traductor de Marco Paulo, temos comtudo por muito mais provavel, que elle não escreveo senão a *epistola*, e *introducção*, e que o corpo da obra foi traduzido por outrem, e he de data mais antiga. A razão que temos de assim pensar, he que no Catalogo da livraria de el-Rei D. Duarte, que vem impresso no 1.º vol. das *Provas da Historia Genealogica*

já se acha notado «*Marco Paulo per lingoage*» (2). E se esta he, como parece, a traducção agora impressa, não he verosimil que fosse feita por Valentim Fernandes, quasi setenta annos antes do tempo, em que a imprimio.

N.º 135

Vasco da Gama

Sempre me pareceo fóra de duvida, que o grande Vasco da Gama havia de apresentar a el-Rei D. Manoel a Relação e *Roteiro* da sua navegação á India, escripta por elle mesmo, ou por elle dictada, e mandada escrever, conforme a pratica de todos os navegadores.

Ortelio me confirmou nesta conjectura: porque no seu *Theatrum Orb. terrar.*, impresso em Antuerpia em 1612, na nota, que precede á *Taboa 4 de Africa*, apontando os auctores, que descrevêrão esta parte do globo, diz: «*Ex recentioribus consule Aloysium Cadamostum, Vascum de Gama, Franciscum Alvarez, qui Aethiopiam perlustravit*» &c.

Na *Collecção das Cartas de Americo Vespucio*, publicada por Bandini em 1745, vem no art. 3.º *a Relação de huma expedição, feita por ordem de el-Rei de Portugal, pelo Cabo da Boa-esperança a Calicut*, dirigida a Lourenço Pedro de Medicis, a que Bandini chamou *inédita*. Esta Relação (segundo Camus) he a propria de Vasco da Gama, *em 1497*, compilada por Americo Vespucio, ou copiada por elle da outra.

Agora mesmo (quando isto extrahiamos dos nossos antigos apontamentos, neste anno de 1838) soubemos que se achára o *Roteiro de Gama*, e que se dera á luz na cidade do Porto com o seguinte titulo:

«*Roteiro da viagem que em descobrimento da India*

(2) Aliás *Marco Paulo latim e lingoajem, em hum volume.*

pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497—Segundo hum manuscripto coetaneo existente na Bibliotheca Publica Portuense. Publicado por Diogo Kopke, Lente de Mathematica na Academia Polytechnica do Porto, e o Dr. Antonio da Costa Paiva, Lente de Botanica e Agricultura na mesma Academia. Porto, na typographia Commercial Portuense, 1838.»

N.º 136

Vicente Ferreira Pires

Natural da Bahia: partio desta cidade a 29 de Dezembro de 1796, por Enviado Apostolico de Sua Alteza, em companhia do Embaixador Ethiope do Rei de Dahomé D. João Carlos de Bragança: foi ao reino de Dahomé, e voltando chegou á Bahia a 5 de Fevereiro de 1798. No anno de 1800 escreveo, e offereceo ao Principe Regente a sua

«*Viagem de Africa em o Reino de Dahomé.*»

Manuscripto em 4.º, que se conserva na Livraria Real da Ajuda, neste anno de 1839.

N.º 137

Vicente de Nazareth

Entre os livros, que vierão da Cartuxa de Evora para o Deposito de S. Francisco da cidade, vi hum com este titulo:

«*Cartilha, que contêm brevemente o que todo christã deue aprender pera sua saluaçam. A qual elrey dom Joham, terceiro deste nome, nosso senhor, mandou imprimir em lingoa Tamul e Português, com ha decraraçam do Tamul, por cima, de vermelho.*»

Logo depois do frontespicio tem:

«*Prologo de Vicente de Nazareth: e Jorge Carualho: e*

de Thomé da Cruz, Indios. A elRey nosso Señor sobre ha doctrina xpãa, q̃. S. A. lhes mandou tresladar na lingoa que se chama Tamul.»

Forão auxiliados neste trabalho, segundo elles mesmos referem no *Prologo*, por Fr. Johã de Villa do Conde da Ordem de S. Francisco da provincia da Piedade, pela noticia que tinha da christandade da India, por alguns annos que nella lá andára por mandado de Sua Alteza.

No fim do livro se lê:

«*Foy impressa a presente obra em a muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa, per mandado delrey nosso Senhor, e vista pola sancta inquisiçam: impressa per Germão Galhardo, impressor de S. A. aos ij de feuereiro, anno de mil e quinhentos, e cincoenta e quatro años. Laus Deo*», em 4.º

N.º 138

Vicente Rodrigues

Manoel Pimentel, na sua *Arte de Navegar*, &c., edição de 1712, pag. 223, cita deste escriptor o

« *Roteiro da India.*»

Varias obras de auctores anonymos

N.º 139

«*Breve Relação das Escripturas dos Gentios da India Oriental, e dos seus costumes.*»

«*Noticia summaria do Gentilismo da Asia.*»

Estes dous curiosos Tratados forão publicados pela Academia Real das Sciencias de Lisboa no tom. 1.º da *Collecção de Noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas*, num. 1 e 2, 1812, 4.º; e parece terem sido obra dos Missionarios Portuguezes, que andavão na-

quelles paizes, e talvez dos Jesuitas. Vej. a *Prefação* aos mesmos Tratados.

N.º 140

«*Catalogo dos Governadores do Reino de Angola, com huma prévia noticia do principio da sua conquista, e do que nella obrárão os Governadores dignos de memoria.*»

Este opusculo foi impresso na *Collecção de Noticias e Memorias para a historia e geografia das nações ultramarinas, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, anno de 1826,* tom. 3.º, part. 2.ª; e foi escripto pelos annos 1784, em que o auctor termina o seu trabalho com a posse, que o Barão de Mossamedes tomou do governo de Angola.

Parece escripto com verdade e singeleza, e póde ter-se como hum resumo dos principaes successos daquella conquista Portugueza, da ampliação successiva dos seus limites, e da fundação dos presidios della dependentes até á referida época.

N.º 141

Vi em Setembro de 1841:

«*Relaçam d'algumas cousas mais notaveis, que os Religiosos de Santo Agostinho fizerão na Persia em serviço da sancta Igreja Romana, e de Sua Magestade até o anno passado de 1607. Que mandou fazer o Padre Provincial de S. Agostinho. Impressa com licença da sancta Inquisição. Em Lisboa. Por Vicente Alvarez. Anno 1609. Vende-se na tenda de Simão de Carvalho, mercador de livros.*»

He hum pequeno vol. em 12, com 31 fl., e na ultima, no verso, huma estampa de Santo Agostinho.

A fl. 14 deste livrinho vem:

«*Relaçam da guerra, que o Xá Rei da Persia tem movido contra o Turco desde Setembro de 1603 até Dezem-*

bro de 1604. E das victorias que alcançou, e dos bens, que se seguem dellas pera a christandade, e dilatação da ley Evangelica.»

N.° 142

Manuscripto em fl. intitulado:

«*Descripção Geografica, Topografica, Historica, e Politica da Capitania das Minas Geraes, seu descobrimento, estado civil e politico, e das rendas Reaes. Anno 1781.*»

N.° 143

Publicou-se em Lisboa em 1786, em 4 vol. de 4.°, traduzida em Portuguez a

«*Histoire des decouvertes, et conquêtes des Portuguais dans le nouveau monde: par Lafiteau.*» Paris, 1733, 2 vol. em 4.°

Alguns attribuem a traducção ao Capitão Engenheiro Manoel de Souza, bem conhecido entre nós pelas suas traducções, e por outras obras.

N.° 144

«*Memorial das Missões, que se fizerão desta provincia, desde o an. de 1541, no qual se começou a fundar a Companhia em Portugal.*»

Caderno manuscripto original, em 26 fl., na Bibliotheca Eborense. Contém o catalogo dos padres, e irmãos da Companhia, que forão enviados á India em cada anno desde 1541 até 1607.

N.° 145

«*Navegação á ilha de S. Thomé.*»

Esta navegação escripta por hum Piloto Portuguez, na-

tural de Villa do Conde, foi inserida na collecção de Ramuzio em lingua Italiana, donde a fez passar ao Portuguez a Academia Real das Sciencias de Lisboa, por não haver noticia da existencia do original Portuguez. Vem na *Collecção de Noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas*, tom. 2.º, num. 2.

Foi impresso em 1812 com este titulo:

«*Navegação de Lisboa á ilha de S. Thomé, escripta por hum Piloto Portuguez, e mandada ao Conde Raymundo de la Torre, gentil-homem Veronez*», 4.º

Não sabemos o nome do escriptor, sobre o que póde vêr-se a *Introducção*, que vem á frente da edição Academica. Parece que a obra foi escripta pelos annos de 1551, pouco mais ou menos. O auctor tinha navegado para S. Thomé cinco vezes, como elle mesmo diz. Era muito versado não só nos estudos da sua profissão, mas tambem na leitura dos antigos geografos, principalmente de Ptolomeo, *e foi o primeiro, que deu huma interpretação sufficiente do Periplo de Hannon, monumento, que até então era reputado inintelligivel*, &c. Assim se explica o douto auctor da citada *Introducção*.

N.º 146

«*Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral, escripta por hum Piloto Portuguez.*»

Ignorâmos o nome do auctor deste escripto, e sómente sabemos que foi na armada de Cabral, sahida de Lisboa em 1500, e que presenciou os successos que refere.

Esta Relação escripta em lingua Portugueza, foi traduzida em Latim por Archangelo Madrignano, e inserida no *Novus Orbis Regionum ac Insularum*, de Grineo, donde passou em Italiano á Collecção de João Baptista Ramuzio.

Não havendo esperança alguma de se achar o original Portuguez, a Academia Real das Sciencias de Lisboa a fez

traduzir do Italiano de Ramuzio, e a publicou na *Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas*, &c., tom. 2.º, num. 3.

Foi impressa em Lisboa na Typografia da Academia em 1812 com este titulo:

«*Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral, escripta por hum Piloto Portuguez, traduzida da lingua portugueza para a italiana, e novamente do italiano para o Portuguez*», 4.º

Se esta he (como parece) a Relação, que Barbosa Machado attribue ao proprio Cabral, certamente elle se equivocou neste ponto, pois della mesma se vê, que aquelle illustre Capitão não foi o seu auctor. Comtudo parece verosimil que Cabral escrevesse, ou mandasse escrever o Roteiro e Relação da sua navegação para o apresentar a el-Rei, como era pratica geral naquelles tempos.

No *Supplemento* ao *Catalogo* Inglez de Thomaz Thorpe, de 1834, vem no num. 31 hum artigo, que sem duvida se refere a esta obra, e por isso o poremos aqui tal como se lê no dito *Supplemento*, sem emendarmos os palpaveis erros typograficos do compilador Inglez:

«*31. Aliares (Pedro) Navigatione per l'Oceano à le Terre de la bassa Etiopia — Navigatione de Lisbona a Callichut; de lingua Portugallese — Chr. Colombo Navigatione delle Isole e Paese nouamente ritrouate — Alb. Vesputio à Lorenzo Petre de Medici, del Nouo monde, de lingua Spagnola interpretato in idioma Romana — Libro de la cose da Calichut conforme a la Nauigatione de Pedro Aliares, acrissime per alcune littere 1501*», &c., em 4.º — *Milano, J.º Angelo Scinzenzeler, 1519.*» Extremamente raro, impresso a expensas da Familia Legnano de Milão, e não conhecido de Richarderie.

Por este tão incorrecto artigo se vê manifestamente, que a *Navegação de Pedro Alvares* foi logo conhecida na Italia, e lá traduzida, ou extractada na *Collecção* de Milão

de 1519, já conferida com *outras Cartas*, que provavelmente tratavão do mesmo objecto.

N.º 147

Na pasta de hum livro antigo, em pergaminho, do cartorio do convento de Palmella, li em letra do seculo XVI, esta nota:

«*Na era de 515 aos 25 dias de nouenbro troxeeram a este convento hũ bordam, e hũa vieira, e hũas contas, tudo douro, as quaes peças mandou aº dalboquerque da India pera ho noso patrã S̃tiago, as quaes hos freires e crelligos da villa com muita parte do pouo trouxeram com honrrada persisã a este convento, em ho quall tempo era dõ antã soprior, e J.º roĩz samcristam.*

«*E por ser verdade asiney aqui.*=*Joham roĩz.*»

N.º 148

«*Papeis do Maranhão.*»

Livro manuscripto de 40 fl. em fol. com noticias e documentos relativos áquelle estado. Do principio do seculo de 700, na Bibliotheca Eborense.

«*Noticias do Maranhão*», em fol.

Em hum livro de 509 fl. com noticias, e documentos, muitos dos quaes authenticos, e originaes a respeito do Maranhão.

N.º 149

«*Relação da viagem do soccorro, que o Mestre de Campo D. Diogo Lobo levantou nas ilhas dos Açores, e levou em desaseis navios á cidade da Bahia, e das cousas mais notaveis, que neste caminho succederão, principalmente na náo N. Senhora de Guadalupe.*»

Manuscripto em 12, com 55 fl. Letra de 500. Parece original. Bibliotheca Publica Eborense.

N.º 150

«*Relaçam verdadeira de tudo o succedido na restauração da Bahia de todos os Santos, desde o dia, em que partirão as armadas de Sua Mag. até o em que em a dita cidade forão arvorados os seus estandartes, com grande gloria de Deos, exaltação do Rey e reyno, nome de seus vassallos, que nesta empreza se acharão, anihilação e perda dos rebeldes Olandezes ali domados. Mandada pelos Officiaes de S. Mag. a estes reynos. Foy visto pelo P. Fr. Thomaz de S. Domingos Magister. Em Lisboa: por Pedro Craesbeeck Impressor delRey. anno 1625*», em 4.º

N.º 151

«*Roteiro da costa de Angola, e de altura de 15 gr. e* $^{1}/_{2}$ *para a Loanda, de como corre a costa, das conhecensas della, dos portos, bahias, e enseadas, ilheos, arrecifes, de suas alturas: o que tudo foi visto, e demarcado pelo conquistador Manoel Cerveira Pereira, e pelo capitão do mar Domingos Fernandes, piloto mór nesta armada, a qual demarcação vai posta, e arrumada em hum papel a este junto, o anno de 1617.*»

Manuscripto na Bibliotheca Eborense, em 7 fl. de 4.º, que pertencêrão a hum livro, de que ainda mostrão a numeração. Letra de 600.

(Vej. a *Bibliotheca Lusitana,* pag. 711 do 1.º vol.)

N.º 152

«*Roteiro de todos os sinaes, conhecimentos, fundos, baxos, alturas, e derrotas, que ha na costa do Brasil,*

des do Cabo de Santo Agostinho até o Estreito de Fernão de Magalhães», em 4.º, com mappas illuminados. (Manuscripto.)

No mappa geral traz a linha de demarcação ao poente, e nota a distribuição das capitanias com linhas rectas. Não me pareceo exacto, até nas noticias puramente historicas.

Como já faz menção *da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro,* he claro, que foi escripto depois do anno de 1567, em que se lançárão os fundamentos á dita cidade.

N.º 153

«*Roteiros da Asia*», vol. incompleto, sem principio nem fim, manuscripto, na Bibliotheca Eborense, em 37 fl. de 4.º

Contém:

«*Derrota de Pullo-condor por fora dos baixos de Pullo-cicir em Junho, Julho, e Agosto.*»

«*Roteiro de Pullo-laor para Macáo por fora dos baixos.*»

«*Roteiro de Pullo-condor por fora dos baixos de Pullo-sici para Macáo.*»

«*Roteiro de Pullo-laor para o Macassar.*»

«*Roteiro de Namgassaqui para Macáo.*»

«*Roteiro de algumas conhecensas de Jappão e da China.*»

«*Roteiro por dentro de Lantão, e da ilha nova e velha, até se pôrem no mar, ou se verem de fóra até Macáo por dentro.*»

«*Roteiro de Manilha por Macáo, em Novembro e Dezembro.*»

«*Roteiro e conhecensa de Samatra pela banda de fóra para o Sunda.*»

«*Roteiro de Macassar para Malaca.*»

«*Roteiro de Pullo-laor, quando tomar derrota para Malaca.*»

«*Roteiro de Pullo-laor para Macassar por Carimatá.*»
«*Roteiro de Macassar para Pullo-pimão.*»
«*Roteiro de Solor para a China.*»
«*Roteiro da China para Japão.*»

N.º 154

«*Viagem de D. Alvaro da Costa.*» (Manuscripto em fol. com mais de 200 paginas.)

Começa pela costa de Africa, segue á India, volta pelo Egypto, e Palestina, discorre pela Italia, &c. Foi feita em 1611.

Manuscripto na Bibliotheca Publica Eborense, a que faltão as primeiras cinco folhas.

ROTEIRO

DA VIAGEM DE FERNAM DE MAGALHÃES

PREFAÇÃO

Tendo a Academia começado a util empreza de publicar a collecção de Memorias, e escriptos, que podem dar luz á Historia das nossas navegações, viagens, descobrimentos, e dominios ultramarinos, ou dos que com elles confinão; pareceo-nos que poderia ter algum lugar nessa collecção o presente *Roteiro* inedito da famosa navegação de Fernam de Magalhães, que por cópia apresentâmos, e offerecemos á Academia.

Dous exemplares manuscriptos tivemos á vista ao tirar esta cópia.

O primeiro, que faz parte do codice $\frac{7158}{33}$, em fol. manuscripto da Bibliotheca do Rei em París, foi copiado com escrupulosa exacção no anno de 1834 pelo nosso honrado amigo, e doutissimo litterato o Sr. Dr. Antonio Nunes de Carvalho, que de nós confiou a sua cópia com a franqueza e generosidade, que he propria do homem de letras, e do zeloso amigo da sua patria.

O segundo acha-se manuscripto no Deposito de livros de S. Francisco da Cidade, e foi da livraria dos monges

de S. Bento da Saude, aonde estava junto a outras obras, e encadernado com ellas em hum livro de fol., todo escripto de huma só mão, e em letra do seculo XVI.

O primeiro tem no fim esta nota: «*Este terlado sayo doutro, que sayo de hum caderno de hum piloto genoês, que hia na dita armada, que escreveo toda a vyagem, como aquy está, o quall já foy pera o rregno*».

O segundo tem a mesma nota, mas com alguma differença. Diz assim: «*E isto foy treladado de hum quaderno de hum pyloto genoês, que vynha na dita náo, que espreveho toda a vyagem, como aqui está, e foy pera Portugall ho anno de 1542 com dom Amryque de Menezes*».

Ambas estas notas parece terem sido escriptas no Oriente, pois dizem do piloto Genovez «*que foy pera o rregno*» *que foy pera Portugall*», e por ellas conjecturâmos haverem ambas as cópias sido feitas sobre alguma outra, tirada do original daquelle piloto, no proprio tempo em que a náo chegou ás Molucas, ou logo depois: nem julgâmos temerario presumir, que seria este Roteiro hum dos papeis da viagem, que por occasião da arribada da náo *Trindade* a Ternate, vierão a poder de Duarte de Rezende, então Escrivão da Feitoria Portugueza, e sobre que elle escreveo o seu Tratado da navegação de Magalhães, offerecido a João de Barros, como refere este mesmo escriptor na sua dec. 3.ª, liv. 5.º, cap. 10.º

Não temos podido averiguar quem fosse o auctor do *Roteiro*, e sómente sabemos pelas notas apontadas, que foi hum *piloto Genovez*, que hia na armada de Magalhães. Dos escriptores, que podémos examinar, he Barros o unico, que no lugar citado faz menção de *mestre Bautista Genoês*, dizendo delle, que por morte do piloto João Carvalho fôra encarregado da pilotagem da náo *Trindade*, que foi a que por ultimo acabou em Ternate. Este poderia ser o auctor do Roteiro. O que porém nos parece certo he que o Roteiro foi escripto originariamente em portu-

guez, porque na sua frase não achâmos vestigio algum nem do italiano, nem do castelhano. Como quer que seja, o caracter da letra, e a ortografia de ambos os manuscriptos; a simplicidade da narração; a coherencia delles entre si, e com as outras relações, que temos, dos successos daquella memoravel expedição, não nos permittem a mais leve duvida sobre a fé, e authenticidade litteraria deste escripto. Diremos pois tamsómente, e muito em breve, o modo com que procedemos em tirar esta cópia.

Primeiramente, seguimos como texto principal o manuscripto de S. Bento da Saude, por nos parecer menos defeituoso em miudezas de letras ou palavras, que em ambos se achão talvez erradas, como succede em quasi todas as cópias de antigos documentos, ou escriptos.

Quando entre os dous manuscriptos achâmos alguma discrepancia hum pouco mais substancial, apontâmos em nota a differença, a fim de que o leitor possa fazer o seu juizo sobre a verdadeira lição. Neste caso citâmos o *manuscripto,* e logo pômos a variante, devendo sempre entender-se por *manuscripto* a cópia tirada em París.

Algumas vezes, ou para melhor intelligencia do texto, ou para maior illustração da historia, comparâmos os nossos manuscriptos com a *Relação* desta viagem por *Pigafetta,* testemunha de vista de todos os acontecimentos della, e com a *Carta* de *Maximiliano Transylvano,* escripta de Valladolid a 24 de Outubro de 1522, e dirigida ao Cardeal de Saltzburgo, na qual refere o que poucos dias antes ouvíra, e alcançára dos proprios Castelhanos, que voltárão a Sevilha na náo *Victoria,* unica que escapou, e se salvou dos trabalhos e perigos da expedição.

Para a Relação de Pigafetta servimo-nos especialmente da edição de *Amoretti,* tirada de hum codice da Bibliotheca Ambrosiana de Milão, e impressa na mesma cidade em 1800, em 4.º, tendo tambem á vista a traducção franceza, impressa em París no anno IX, em 8.º, e o extracto,

que se publicou em italiano na Collecção de Ramuzio, tom. 1.º da 3.ª edição de 1563, em fol.

Para a Carta de Maximiliano Transylvano servimo-nos da edição original de Colonia, publicada em Janeiro de 1523, em 12, com este titulo: «*De Moluccis insulis, itemque aliis pluribus mirandis, quae novissima Castellanorum navigatio, Sereniss. Imperatoris Caroli V. auspicio suscepta, nuper invenit: Maximiliani Transylvani ad Reverendiss. Cardinalem Saltzburgensem epistola, lectu perquam jucunda*». Esta Carta foi outra vez impressa em Bazilea no anno de 1536, em fol., e com esta data vem na collecção intitulada *Novus Orbis* de Grineo, impressa na mesma cidade no anno seguinte de 1537, e acha-se tambem traduzida em lingua italiana no tom. 1.º da collecção de Ramuzio da 3.ª edição acima citada.

Além destas duas obras lemos o nosso Barros, e Castanheda, e talvez aproveitámos alguma noticia por elles referida.

Emquanto á ortografia, julgámos dever conservar a do manuscripto, que nos servio de texto, mas não com tão extremo escrupulo, que copiassemos quantos *hh*, quantos *yy*, quantos *ll*, &c., nelle se achão, ás vezes bem fóra de proposito, como em *ryho, fryho, havyha*, &c., em lugar de *rio, frio, havia*, &c. A minuciosa exacção nesta materia apenas póde ter lugar nas cópias de escriptos scientificos, de auctores mui conhecidos, ou de papeis, a que se quer dar hum certo caracter de authenticidade e auctoridade. No nosso caso pareceo-nos que bastava fazer aqui esta advertencia; e ainda assim verá o leitor que não abusámos da liberdade, que esta nossa opinião poderia dar-nos.

A pontuação he em grande parte nossa, e a tivemos por conveniente para facilitar a leitura, e a intelligencia do texto; e pela mesma razão escrevemos com a primeira letra maiuscula os nomes proprios de pessoas, e lugares,

que todos nos manuscriptos vem em minuscula, como era pratica mui geral nos escriptos antigos.

Finalmente acrescentámos na margem algumas notas, que posto que não sejão absolutamente necessarias para a intelligencia do Roteiro, nem contenhão noticias desconhecidas aos homens instruidos, servirão comtudo a outro genero de leitores, ou farão menos fastidiosa a leitura deste escripto.

NAVEGAÇAM E VYAGEM

QUE FEZ FERNANDO DE MAGALHÃES DE SEUILHA PERA MALUCO NO ANNO DE 1519 ANNOS

Partio de Seuilha aos 10 dias de Agosto da dita hera, e pôs até barra até hos 21 dias do mez de Setembro, e tamto que foy fóra, governou ao sudueste a demandar a ilha de *Tanaryfe,* e chegaram á dita ilha dia de Sam Miguell, que hera 29 de Setembro (1); e daquy fez sua rota a demandar as ilhas do *Cabo-verde,* e pasaram por amtre as ilhas e ho cabo sem aver vista de hum nem do outro. Fazendo-se tanto avamte como a dita paraje, fez sua rota a demandar ho *Brasyll,* e tamto que houveram a vista da outra costa do Brasyll, governou ao sueste (2), ao lomgo della té ho *Cabo-frio,* que está a 23 gr. da banda do sull (3), e deste cabo governou a loeste hobra de 30 legoas a demandar ho *Rio-de-Janeiro,* que está em a mesma

(1) Pigafetta diz que a armada sahio de Sevilha a 10 de Agosto de 1519; que partio de S. Lucar a 20 de Setembro; que chegou a Tenerife a 26, e que d'ahi continuou viagem a 3 de Outubro, navegando para o sul.

(2) Manuscripto «*ao sudueste*». Esta deve ser a verdadeira lição.

(3) Pigafetta «Até que chegamos a huma terra chamada *a Terra del Verzino* (do Brazil) aos 23 gr. e $1/2$ de latit. austral.»

altura do Cabo-frio, e entraram no dito rio ho dia de santa Lozya, que hera 13 Dezembro, em o qual rio tomaram lenha, e estiueram em elle té a primeira hoitava do natall, que hera a 26 Dezembro do mesmo anno.

Partiram deste Rio-de-Janeiro a 26 Dezembro, e navegaram ao lomgo da costa a demandar ho *cabo de Samta-Marya*, que está em 34 gr. e $^2/_3$: e tanto que delle houveram vista, fez seu caminho a loesnoroeste, cuidando achar pasage pera sua viage, e acharam-se metidos em hum rio de agoa doce, grande, a que se pôs nome ho rio *de Sam Crystovam*, e está em 34 gr., e nelle estiueram até 2 dias de Feuereiro 1520 (4).

Partio deste rio de S. Crystovam a 2 do dito Feuereiro: navegaram ao lomgo da dita costa, e mais avante ao sull descobriram huma pomta, que he no mesmo rio mais pera o sull, a que se pôs nome a *pomta de Samtamtonio*, que está em 36 gr., e daqui correram ao sudueste hobra de 25 legoas, e tomaram outro cabo a que poseram nome ho *Cabo de Santa Apelonia*, que está em 36 gr., e daqui navegaram a loes-sudueste em huns baxos (5) a que poseram nome hos *baxos das Correntes*, que estão em 39 gr., e daqui navegaram ao mar, e perderam a vista da terra hobra de 2 ou 3 dias, honde tornaram a demandar a terra, e vieram a huma bahia, que entraram, e correram todo dia por demtro della, cuidando que avia sayda pera Maluco, e vimdo a noyte acharam-se em todo cerrado, e na mesma noyte se tornaram a sair por domde entraram, e esta ba-

(4) Pigafetta denota este rio, que he o *da Prata*, a 34° e 20′: «Aqui (diz elle) foi comido em outro tempo pelos Cannibaes, de quem demasiadamente se fiára, João de Solis, capitão hespanhol, com 60 homens, que andavão a descobrir novas terras, como nós faziamos».

(5) Manuscripto «*e acharam-se em huns baxos*».

(6) Manuscripto «*está em 24 gr.*», o que parece manifesto erro de cópia.

hia está em 34 gr. (6), chamão-lhe a ilha (7) *de Sam Mateus.*

Navegaram desta ilha de S. Mateus ao lomgo da costa até chegarem a outra bahia, domde tomaram muitos lobos marinhos e pasaros: a esta se pôs nome *a bahia dos trabalhos* (8), que está em 37 gr., homde se houveram de perder a náo capitania com temporall: e daqui navegaram ao lomgo da dita costa, e chegaram ao derradeyro dia do mez de Março da hera de 1520 ao *porto de Sam Joliam,* que está em 49 gr. e $^1/_3$ (9), e aqui emvernaram, e acharam hum dia pouco mais ou menos de 7 horas (10).

Em este porto se leuantaram 3 náos contra ho capitam mór, dizendo hos capitães dellas que o queriam leuar prezo a Castella, que os leuava todos a perder: homde por imdustria do dito capitam mór, e ajuda e favor dos estrangeyros, que comsigo leuava em a sua náo, se foy ás ditas 3 náos, que heram já leuantadas, honde foy morto ho capitam de huma dellas, e tisoureyro de toda a armada, que avia nome Luis de Mendoça, ho quall foy morto na mesma sua náo (11) ás punhaladas por ho meyrinho mór darmada, que pera hiso foy mandado por Fernando de Magalhães em hum batell com certos homens: e cobradas asy as ditas 3 náos, dahy a 5 dias mandou Fernando de Magalhães degollar, e esquartizar a Gaspar de Queyxada, que hera capitam de huma das náos (12), e hera do conto dos que se aviam leuantado.

Em este porto corregeram as náos. Aqui fez o capitam

(7) Manuscripto «*a bahia*».

(8) Não temos achado noticia desta denominação da *bahia dos trabalhos* em outro algum escriptor.

(9) Pigafetta põe este porto em 49°, 30'. O Transylvano em 49° $^1/_3$. Barros em 50°, e diz que chegárão ali a 2 de Abril.

(10) Manuscripto «*de oito horas*».

(11) Luiz de Mendoça era capitão da náo *Victoria,* e thesoureiro da armada.

(12) Da náo *Conceição.*

mór capitam de huma das náos, a que aviam morto hos capitães, Alvaro de Mesquita portugês (13). E partiram deste porto a 24 dias do mez de Agosto 4 náos. por que a mais pequena hera já perdida (14), que avia mandado descobrir, e carregou ho tempo, e a lançou á costa, domde se cobrou toda a gente, e mercaderia, e artilheria, e aparelhos da mesma náo: e estiueram em este porto, domde enuernaram, 5 mezes 24 dias (15), e havia delles ao sull 73 gr., menos 10 minutos (16).

E partiram aos 24 dias do mez de Agosto da dita hera deste porto de Sam Joliam, e navegaram hobra de 20 legoas ao lomgo da costa, e asy entraram em hum rio, que se chamava *de Santa Cruz*, que está em 50 gr. (17), homde estiueram tomando mercaderia, e ho que mais poderam; e a gente da náo perdida vinha já em has outras náos, que se tornaram por terra adomde estava Fernando de Magalhães, e estiueram em recolher esta mercaderia toda, que ally ficára, ho mes de Agosto té 18 de Setembro, homde tomaram agoa, e muito peyxe, que elles pescavam em este rio: e em ho outro, homde en-

(13) Alvaro de Mesquita era primo de Magalhães.

(14) A náo, que aqui se perdeo foi a *Santiago*, de que era capitão João Serrão.

(15) Parece haver aqui alguma equivocação, ou erro de cópia. Pela ordem da narração se vê, que tendo os navegantes chegado ao porto de S. Julião no ultimo de Março, ou na entrada de Abril, e sahindo delle a 24 de Agosto, estiverão ali invernando por espaço de quatro mezes e vinte e quatro dias; e isto mesmo he o que diz Pigafetta «que ali passárão perto de cinco mezes, *circa cinque mesi*».

(16) Não nos foi possivel entender o calculo do escriptor neste lugar.

(17) Pigafetta: «*Partimmo al fine daquel porto, e giunti a 50°, 40′ de latit. austr. trovammo un fiume de acqua dolce*», &c. A nota do editor a este lugar diz que as Cartas de Cook põem este rio a 51° austraes: e o anonymo Portuguez, companheiro de Duarte Barbosa, diz que lhe pozerão o nome de *Santa Cruz*, por chegarem a elle a 14 de Setembro, dia da *Exaltação da Santa Cruz*.

vernaram, avia gentes como salvages, e hos homens sam de altura de 9 até 10 palmos, muito bem despostos (18), e nam tem cazas, soomente amdam com gados de huma parte a outra, e comem carne mea crua, e sam todos frecheiros, e matam muitas animarias com as frechas, e das pelles fazem vestiduras, scilicet, fazem as pelles muito masyas, e as feições á feyção do corpo, hó melhor que podem, emtam cobrem-se com ellas, e hatam-se por a cimta. Qando nam querem cobrir da cimta pera riba, lexam cayr aquelle meio, que tem da cimta pera cima, ficam pera baixo depimdoradas áquella cimgidura, que tem cemeyda. Trazem çapatos, que lhe cobrem acyma do artelho 4 dedos, de demtro cheos de palha, pera trazerem hos pés quentes. Amtre elles nam ha ferro, nem outro artefycio darmas, soomente de pedernall fazem hos ferros das frechas, e asy hos machados, com que cortam, e as emxós e sovellas, comque cortam e cosem hos çapatos, e as vestiduras. He gente muito ligeyra, e nam fazem mall, e hasy amdam após o gado: adomde lhe anoytece ally dormem: trazem as molheres após sy com todo ho fato que tem, e as molheres sam muito piquenas, e trazem gramdes cargas ás costas, e hasy mesmo callçam, e vestem como hos homẽs. Destes homẽs houveram 3, ou 4, e traziam-hos em as náos, e morreram todos, soomente hum, que foy a Castella em a náo que pera llá foy (19).

Partiram deste rio de Samta Cruz a 18 de Oytubro (20):

(18) Pigafetta diz *«de estatura gigantesca, de estatura de gigante»*, e acrescenta que hum destes homens era tamanho que *«nós* (diz) *lhe davamos pela cintura»*. Estes sao os chamados *gigantes*, que habitavão a terra firme da banda do norte da bahia de S. Julião. Magalhães lhes deo o nome de *patagões*, com que ainda hoje são conhecidos.

(19) Provavelmente em a náo, que fugio do caminho, de que logo se falará.

(20) O editor de Pigafetta nota, que em quanto a armada esteve no rio de Santa Cruz, aos 50° e 40′ austraes, houvera a 11 de Ou-

navegaram mais ao longo da dita costa em té 21 dia do mesmo mez de Oytubro, e descubriram hum cabo, a que poseram nome ho *Cabo das virgens,* porque houveram vista delle ho dia das 11 mill virgês, e pouco mais ou menos está em 52 gr., e deste cabo a hobra de 2 ou 3 legoas achamos-nos em a bouca de hum *estreyto* (21). Navegamos ao lomgo da dita costa em aquelle estreyto, que abocaram; entraram nelle hum pouco, e surgiram; e mandou Fernando de Magalhães daqui descobrir ho que avia dentro, e hacharam 3 canaes, scilicet, 2 mais pera o sull, e hum que atravessava a terra da bamda do Maluco, porque ainda isto nam hera sabido, soomente ver-se hos 3 boqueirões; e foram hos batês llá, e trouxeram recado, e fizeram-se á vella, e sorgiram aos propios boqueirões, e daquy mandou Fernando de Magalhães a 2 náos, pera saber ho que demtro avia, as quaes foram; huma se tornou ao capitam mór, e ha outra, de que Alvaro de Mes-

tubro hum eclipse do sol «*de que fazem menção* (diz) *os escriptores Portuguezes e Hespanhoes, e que se acha registado nas Taboas astronomicas*»: e julga ser erro em Castanheda pôr este fenomeno a 17 de Abril, e attribuir a Magalhães o calculo da longitude, de que ahi fala. Barros tambem faz menção de hum eclipse do sol em Abril. He notavel, que nem o nosso Roteiro, nem Pigafetta notassem hum fenomeno, que, ainda naquelles tempos, não acontecia sem causar alguma impressão nos animos, e pelo menos, sem excitar a curiosidade publica.

(21) Este he o famoso *Estreito,* que até hoje se ficou chamando *Estreito de Magalhães* para eterna e gloriosa memoria do famoso Portuguez que o descobrio. Castanheda diz que Magalhães, por chegar a elle ao 1.º de Novembro, lhe pozera o nome *Bahia de Todos os Santos*; e na resposta que André de S. Martin deo aos quesitos, que elle lhe propoz ácerca daquella navegação, tambem lhe chama o *Canal de Todos os Santos* (Barros, dec. 3.ª, liv. 5.º, cap. 9.º). O Portuguez anonymo, companheiro de Duarte Barbosa, que já acima citamos, e que hia na não *Victoria*, diz que ao principio lhe chamárão os navegantes da armada *Estreito da Victoria*, porque a náo deste nome foi *a primeira que o vio. (Collecção de Ramuzio*, 3.ª ediç., tom. 1.º, pag. 370).

quita era capitam, abocou em hum dos boqueirões, que heram pera o sull, e nam tornou mais. Vendo Fernam de Magalhães, que nam vinha, se fez á vella (22), e ho outro nam quiz hir a demandar os boqueirões e hiam ao sull, e tomou outro, que se corre noroeste sueste quarta de leste-oeste: leixou cartas ally, domde se partio, peraque se a outra náo tornase, que fizesse o caminho, que lhe lexava hordenado: e depois disto entraram em ho canall, que tem de largo a lugares 3 legoas, e 2, e 1, e a lugares mêa, e foy por elle em tanto que foy dia; como hera noyte, sorgia; e mandou hos batês, e as náos apôs hos batês, e trouxeram nova que avia sayda, que já viam ho mar grande por a outra banda, por domde Fernando de Magalhães mandou tirar muita artilheria com prazer (23);

(22) Desta náo que foi á exploração dos boqueirões do Estreito, e não voltou, era capitão Alvaro de Mesquita, Portuguez, primo de Magalhães, e era piloto Estevão Gomes, tambem Portuguez. Este Estevão Gomes tinha andado na pretenção de que o Imperador Carlos V lhe confiasse algumas caravellas para hir descobrir novas terras: como porém então mesmo se interpozesse, e fosse attendida com preferencia, a proposta, e empreza de Magalhães, ficou Estevão Gomes sendo grande inimigo deste illustre capitão, e aproveitou agora a opportunidade de se vingar delle, e desenvolver a sua raivosa inveja. Conspirou-se pois com outros contra o capitão da sua náo Alvaro de Mesquita; pozerão-no em ferros, e assim o trouxerão a Hespanha com a náo, dizendo ao Imperador, que o Magalhães *era doudo, e mentira a Sua Magestade, porque não sabia aonde estava Banda, nem Maluco*, &c. Além disso accusárão em juizo o Mesquita de haver aconselhado e persuadido a Magalhães a severidade, e crueza, com que castigára os primeiros conspiradores, &c. (Vej. a *Carta de Transylvano*, e tambem Castanheda, liv. 6.º, cap. 8.º)

(23) A esta exploração do Estreito forão mandadas as náos *Santo Antonio*, e *Conceição*, as quaes com difficuldade podérão dobrar o *Cabo del possesso*, designado com este nome na Carta de Bougainville, e em outras. Entrárão em fim por huma estreita abertura, que nas Cartas se chama *primeira garganta*, e sahírão a outra bahia, a que se dá o nome de bahia *Boucant*, ou *Boucam*. No fundo della entrárão por outro estreito chamado *segunda garganta*, e passado

e amtes de sayrem deste estreito acharam 2 ilhas, a primeira mais grande, e ha outra mais contra a sayda he mais pequena: e sairão por amtre estas ilhas e ha costa da banda do sull por ser mais alto que per a outra parte. Tem este Estreyto até á saida cem legoas: a saida Iſá, e a entrada está em 52 gr. (24).

Fizeram demora em ho dito estreyto des 21 dias de Oytubro até 26 dias de Nobembro (25), que sam 36 dias da dita era de 1520 annos: e tantoque foram do estreyto ao mar, fizeram seu caminho, a maior parte delle, a loes-

elle sahírão a outra bahia maior que as precedentes. Então vendo que o Estreito se alongava offerecendo sempre sahida ás náos, voltárão com estas boas novas ao Magalhães que os esperava, e a cuja vista dispárárão toda a artilheria, e levantárão grandes gritos de alegria. A armada navegou então junta até áquella terceira bahia, e como achassem dous canaes, expedio Magalhães as duas náos, que dissemos, *Santo Antonio*, e *Conceição* a examinar se o canal, que se dirigia a sueste, hiria sahir ao mar pacifico. D'aqui he que fugio a náo *Santo Antonio*, adiantando-se para isso á sua companheira. As outras duas náos *Victoria*, e *Trindade* entrárão entretanto pelo terceiro canal, aonde por quatro dias esperárão as exploradoras. Neste intervallo expedio Magalhães hum batel bem esquipado a descobrir o cabo, em que o Estreito devia terminar: avistado o qual, e voltando o batel com esta noticia, todos derramavão lagrimas de consolação, e derão ao cabo o nome de *Cabo Desejado*, que he o que está á sahida do Estreito da banda do sul. Voltárão então atrás a buscar as náos *Conceição*, e *Santo Antonio*; e deixando sinaes pelos quaes esta se governasse, caso andasse perdida (pois ainda ignoravão a sua fuga) navegárão ávante até sahirem ao mar pacifico.

(24) Manuscripto: «*em* 52 *gr. largos*». «Este Estreito (diz Pigafetta) tem de comprido 110 legoas, isto he, 440 milhas... e de largo meia legoa, já mais, já menos... he bordado de altissimas montanhas, cobertas de neve: não podiamos achar fundo, senão com a proa em terra, e ahi era de 25 a 30 braças».

(25) Pigafetta nota, que no estreito em que estavão, e no mez de Outubro, era a noute de *sós tres horas:* e o Transylvano diz, que no Novembro achárão os navegantes a noute de pouco mais de cinco horas: e que em huma das noutes vírão *á esquerda muitos fogos*. D'aqui he que veio dar-se áquella terra o nome de *Terra do fogo*.

noroeste, homde acharam, que lhes noroesteavam as agulhas cayse $^{2}/_{4}$, e depois de asy navegarem muitos dias acharam huma ilha pouco mais ou menos em 18, ou 19 gr., e asi outra. que está em 13 até 14 gr., e isto da banda do sull (26): sam despovoadas: e correram té que chegaram á lynha, domde dixe Fernam de Magalhães que já estava em paraje de Maluco. Por terem emformaçam que em Maluco nam avia mantimentos, dixe que queria hir da banda do norte até dés ou doze gráos, domde chegaram até 13 da banda do norte, e desta paraje navegaram a loeste, e quarta de sudoeste hobra de cem legoas. homde tomaram, a 6 dias do mez de Março da era de 1521, duas ilhas povoadas de muita gente, e sorgiram em huma, que está em 12 gr. da banda do norte, e he gente de pouca verdade, e vieram a bordo, e nam se precataram, saluo quando viram que lhe leuavam ho esquife da capitaina, e cortaram ho cabo, com que estava amarrado, e levaram-lho a terra sem lhe poderem valer: e a esta ilha poseram nome a *dos ladrões* (27).

Vemdo Fernando de Magalhães que o esquife era perdido, fez-se á vella por ser já noyte, e amdamdo asi barlauenteamdo té ho outro dia, e tanto que foy menhaã sorgiram adomde viram leuar ho esquife, e mandou aprestar dous batês com hobra de 50, ou 60 homẽs, e foy em pesoa a terra, e queymou ho lugar todo, e mata-

(26) Manuscripto: *«e asy outras que estavam»*, &c. Pigafetta põe estas duas ilhas a 15º, e a 9º austraes. Sobre a situação dellas veja-se a nota de Amoretti a pag. 45, aonde as suppõe no archipelago das *ilhas da Sociedade*. Em algumas Cartas vem designadas com o nome de *Infortunadas*.

(27) Alguns escriptores notão, que Magalhães dera a estas ilhas o nome de *Ilhas das Velas*, pelos muitos barcos á vela que observou naquellas paragens. Communmente porém se ficárão chamando dos *Ladrões*; e depois tomárão o nome de *Mariannas*, em honra da Rainha D. Marianna de Austria, viuva de D. Filippe IV, e Regente na menoridade de D. Carlos II de Castella.

ram 7 ou 8 pesoas amtre homẽs e molheres, e cobraram ho esquife, e tornou-se ás náos, e estando asy viram vir 40, ou 50 parós (28), que vinham pera as náos da mesma terra, e trouxeram muito refresco (29).

Fernam de Magalhães nam quis fazer mais demora, e fez-se logo á vella, e mandou governar a loeste, e a quarta de sudoeste, e asy tomaram huma terra, que está em 11 gr. escasos, ha quall terra he huma ilha, e nam quis tomar esta, e foram tomar outra mais avamte, que parecia a primeira (30). E mandou Fernando de Magalhães ho esquife a terra pera verem ha desposiçam della; e chegando o esquife em terra, viram das náos sair 2 parós por detrás da pomta: entam chamaram ho esquife. Vemdo a gente dos parós que ho esquife se tornava ás náos, se tornaram os parós atrás, e ho esquife chegou ás náos, e logo se fizeram á vella a outra ilha muito perto daquesta ilha, que está em 10 gr. e puseram-lhe nome a ilha *dos bons Synaes* (31), porque acharam em ella algum houro: e estando asy surtos em esta ilha vieram a elles dous parós, trouxeram-lhes gallinhas e cocos, e digeram-lhe que jálly aviam visto outros homẽs como elles, domde presomiram que podiam ser *lequios*, hou *mogores* (32), huma

(28) *Parós:* assim escrevem sempre os nossos manuscriptos. Na edição de Pigafetta vem constantemente *praós.* He a mesma especie de barca, que os nossos escriptores das cousas da Asia denominão *paraó,* a qual he de varias grandezas, e mui frequentemente usada nas ilhas do mar do sul. Pigafetta diz que he especie de *fusta,* ou *galeota.*

(29) Manuscripto: «*muito refresco de fruyta*».

(30) Manuscripto: «*que parecia da primeira*», isto he, que se avistava da primeira. Vej. a Relação de Pigafetta da edição de Amoretti, pag. 54, ao dia 16 de Março de 1521.

(31) Pigafetta: «nós a chamamos agoada *dos bons sinaes;* porque tinhamos ahi achado duas fontes de excellente agua, e os primeiros indicios de haver ouro no paiz».

(32) Manuscripto: «*ou guoroos*».

naçam de gemtes que tem este nome, ou *Chiis;* e daqui se fizeram á vella, e navegaram mais avamte amtre muitas ilhas, hás quaes poseram nome *ho vall sem periguo,* e asy *Sam Lazaro* (33), e correram a outra 20 legoas daquella (34), domde partiram, que está em 10 gr., e foram sorgir em outra ilha, que ha nome *macangor* (35), que está em 9 gr., e em esta ilha lhes fizeram muito boa companhia, e poseram em ella huma ✝ (36). Este Rey os leuou daqui hobra de 30 legoas a outra ilha que ha nome *Cabo* (37), que está em 10 gr., e em esta fez Fernando de Magalhães o que quis, por consentimento da terra, e tornaram-se em hum dia 800 cristãos, homde por isso quis Fernam de Magalhães que os outros Reys a este comarcante (38) lhe fosem sogeytos a este que se avia tornado christão: hos quaes nam quiseram dar a tall hobe-

(33) Manuscripto: «*ás quaes poseram nome o arcipelago de sam Lazaro*». Nós suspeitâmos que ha aqui no nosso texto algum erro de cópia, não só pela novidade do nome *vall sem periguo*, mas tambem pela sua impropriedade. O manuscripto copiado em París diz simplesmente *arcipelago de S. Lazaro*. Pigafetta tambem diz que «*lhe poserão nome o archipelago de S. Lazaro*», por chegarem ahi na quinta dominga da quaresma, que se chama de *Lazaro*. Hoje tem estas ilhas o nome de *Filippinas,* que lhe foi posto pelos annos de 1542 em honra de D. Filippe de Austria, filho de Carlos V, e depois Rei de Castella. Estão entre os gráos 225, e 235 de longitude occidental da ilha do Ferro, e consequentemente ficavão entre os 195 e 205 da linha de demarcação.

(34) Manuscripto: «*e correram obra de 25 legoas daquella...*» &c.

(35) Manuscripto: «*maçaguoa*».

(36) Parece que esta cruz foi collocada na ilha de *Massana,* aonde no ultimo de Março, que nesse anno foi domingo de pascoa, se celebrou Missa. A ilha he denotada por Pigafetta a 9° e 40′, e o editor a põe a 190° de longitude occidental da linha de demarcação.

(37) Esta ilha, que em ambos os manuscriptos se nomêa, e se escreve *Cabo,* he a ilha *Zebu,* huma das Filippinas, que outros escrevem *Cabu, Zabu, Subsuth, Zubut, Cubo, Subo,* e *Zubo*, que de todos estes modos a achâmos em differentes escriptos.

(38) Manuscripto: «*a este comarcãos*».

diencia. Vemdo Fernam de Magalhães isto, fez-se huma noyte com os seus batês prestes, e foy llá, e queimou hos lugares daquelles que asy nam queriam dar a dita obediencia (39); e despois disto feyto a obra de 10, ou 12 dias mandou a hum lugar hobra de meia legoa do que avia queimado, que ha nome *Matam* (40), que he tambem ilha, que loguo lhe mandasem 3 cabras, 3 porcos, e 3 fardos de arrôz, e 3 fardos de milho, pera mantimento das náos, e ho que responderam, que de cada adiçam a sua que dę todo lhes mandava pedir de 3 em 3, lhe queriam mandar de 2 em 2; que se diso fose contente que loguo o compriam, se nam que fose como elle quisesse, e que ho nam aviam de dar: e porque asy nam quiseram conceder ho que lhe pediam, mandou Fernando de Magalhães aparelhar 3 batês com hobra de 50, ou 60 homẽs (41), e foy sobre ho dito, que foram a 28 dias de Abrill polla menham (42), domde acharam muita gente, que seriam bem 3 mill, ou 4 mill homẽs, que pelejaram de tam boa mente, que aly foy morto ho dito Fernando de Magalhães com 6 homẽs dos seus (43), na era de 1521 annos.

Semdo morto Fernando de Magalhães, recolheram hos

(39) Manuscripto: «*e queimou hum lugar daquelles, que asy nam queriam dar a dita obediencia*». Na Relação de Pigafetta se diz: «*queimou vinte, ou trinta cazas do lugar*».

(40) O Transylvano escreve *Mauthan*; Pigafetta, *Matan*; Castanheda, *Matão*.

(41) Pigafetta: «eramos 60 homens armados: 48 sahirão em terra com Magalhães, os 11 ficarão na guarda dos bateis».

(42) Manuscripto: «*e foy sobre o dito lugar, e foy a 27 dias de Abril*». Pigafetta tambem põe este successo a 27 de Abril, e nota que era *sabbado*, o que na verdade se verificou naquelle anno a 27, e não a 28 de Abril.

(43) Pigafetta: «com 8 homens dos nossos perecerão 4 indianos dos que se tinhão feito christãos, e tivemos muitos feridos, sendo eu hum delles. Dos inimigos morrerão sómente 15 homens».

cristãos ás náos, domde houveram por bem que se fizessem 2 capitães, e governadores a que hobedecesem (44), e temdo isto feyto, tomaram conselho que fosem hos 2 capitães á terra, domde se aviam tornado cristãos, a pidir pilotos, que hos leuasem a *Borneo*, e isto foy ao primeiro dia de Maio do dito anno, e hindo hos 2 capitães consertados pera o que dito hera, a mesma gente da terra, que aviam feito cristãos, tinham armado sobre elles, e tanto que achegaram a terra, leixaram-hos desembarcar seguramente, como de amtes o fizeram. Emtam deram em elles, domde mataram 2 capitães, 26 homẽs cavaleiros (45), e a outra gemte que ficou se recolheo aos batês, e tornaram-se ás náos, e achando-se outra vez sem capitães acordaram, por quanto a principal gente era morta, que hum Joam Lopez (46) que hera ho tezoureiro mor darmada fose capitam mor, e ho meyrinho alferes mór darmada fose capitam de huma das náos, ho quall se chamava Gonçalo Váz Despinosa (47).

(44) «Elegemos então (diz Pigafetta) em lugar do capitão a Duarte Barbosa, portuguez, seu parente, e a João Serrão, hespanhol. O primeiro ficou governando a náo capitania», &c.

(45) Manuscripto: «*mataram os 2 capitães, e asy 26 omẽs com elles*». Nesta occasião he que foi morto Duarte Barbosa, Portuguez, e cunhado de Magalhães, que era hum dos dous capitães de que aqui se fala. Alguns nossos escriptores tem dito, ou conjecturado, que Duarte Barbosa fôra morto com veneno: mas he hum erro. Os barbaros attrahirão na verdade os Castelhanos a terra com pretexto de lhes dar hum banquete; mas d'aqui não se segue que os envenenassem. O Transylvano diz que «*Inter epulandum, ab iis, qui in insidiis collocati fuerant, opprimuntur. Fit clamor undique: nuntiatur protinus in navibus nostros occisos ...*», &c. Vej. Barros, dec. 3.ª, liv. 5.º, cap. 10.º O outro capitão, que era João Serrão, não foi morto; mas ficou vivo em poder dos barbaros ao tempo que os bateis se retirárão; porque não obstante as lastimosas supplicas, que de terra fazia, para que o resgatassem, João Lopes de Carvalho, temendo outra traição, mandou levantar ferro.

(46) Manuscripto: «*hum yoam lopez de carvalho*».

(47) Manuscripto: «*Gonçalo Gomez despynosa*».

Feito isto fizeram-se á vella, e correram hobra de 25 legoas com 3 náos, que aimda tinham, e contaram-se, e hacharam-se por todos 108 homẽs (48) em todas estas tres náos, e muitos delles feridos e doentes, polo quall nam se atreuiam navegar has tres náos, e houveram por bem que se queimase a huma dellas, e a que mais fose pera iso (49), e que se recolhesem ás duas os que ficavam, ho que fizeram no mar, sem terem vista de nenhuma terra. Homde isto faziam chegaram muitos parós a falar com elles; e navegando por aquellas ilhas, em aquella paraje heram muitos (50), que se nam entendiam hos huns aos outros, que nam tinham lingoa, que lhaviam morto com Fernando de Magalhães: e navegando mais avamte por amtre ilheos, foram sorgir a huma ilha, que se chama *carpyam* (51), homde ha asaz d'ouro, e esta ilha está em 8 gr. largos.

E sorgindo em este porto de *capyam* (52), houveram fala da gemte da ilha, e trataram pazes com ella, e Carvalho, que era capitam mór, lhes deu ho batell da náo, que aviam queimado: e esta ilha tem tres ilheos (53) de fóra, e haqui tomaram algum refresco da terra, e navegaram mais avamte a loes-sudueste, e toparam com outra ilha, que ha nome *Caram*, que está em 11 gr., e desta foram mais avante a loes-sudueste (54), e toparam huma ilha grande, e correram ao longo da costa da dita ilha ao

(48) Barros diz 180 homens, e isto parece mais verosimil, attendendo ao numero dos homens, que forão na armada, dos que até então se podião ter perdido, dos que depois se perdêrão, e dos que ainda por ultimo chegárão a Ternate, e a Europa.

(49) Queimárão a náo *Conceição* (Pigafetta).

(50) Manuscripto: *«que em aquella parajem ha muitas»*.

(51) Manuscripto: *«que se chama quype»*.

(52) Manuscripto: *«de Quype»*.

(53) Manuscripto: *«tem dous ilheos»*.

(54) Manuscripto: *«Que ha nome Cagujam, e está em 7 gr., desta foram mais avante alloesnoroeste»*.

nordeste (55), e chegaram té 9 gr. e 1/2 (56), domde foram hum dia em terra, com os batês esquipados, a buscar mantinnentos, que em as náos nam nos avia á mais que pera 8 dias. Chegando a terra, a gente della lha nam leyxaram tomar, e tiravão-lhe com frechas de canas (57) tostadas, de maneira que se tornaram para as náos.

Vemdo isto, acordaram-se de hir pera outra, domde aviam avido alguma pouca pratica, a ver se podiam tomar mantimentos. Entam lhes deo ho vento contrario, e himdo já hobra de huma legoa domde queriam hir, sorgiram, e estamdo asy surtos, viram que de terra lhes estavam capeando, que fosem llá; homde foram com os batês, e estando falando com a dita gente por sinaes, que de outra maneyra nam se entendiam, arreceando-se cheguar a terra, dixe hum homem darmas, que chamavam Joam de Campos, que o leyxasem hir a terra, pois que em as náos nam avia mantimentos, e que poderia ser averiam algum remedio pera mantimentos; e que se ho matasem, que em elle nam perdiam tanto, porque Deos se alembraria da sua alma; e tambem se achase mantimentos, que se ho nam matasem, que daria maneyra comque se trouxesem ás náos, ho que asy houveram por bem. E foy á dita terra, e tamto que a ella chegou, o recolheram hos da terra, e ho leuaram por a terra demtro huma legoa, e sendo no lugar, a gente toda o vinham a ver, e lhe davam de comer, lhe fizeram muito boa companhia, maiormente quando viram que comia carne de porco; porque em esta ilha tratavam com hos mouros de Borneo, e porque case a terra e a gente era sofreganha, faziam-lhes que não comesem porco, nem hos criasem em

(55) Manuscripto: «*ao noroeste*».

(56) Esta posição parece indicar a ilha de *Palaoan*, que Pigafetta põe a 9° e 20′.

(57) Manuscripto: «*com frechas e canas*».

a terra. Esta terra se chamava *Dyguasam* (58), e está em 9 gr.

Vemdo já o dito cristão que da gente era favorecido e bem tratado, por seus sinaes lhe deu a entender que leuasem mantimento ás náos, que se lhe pagaria muito bem. Em a terra nam avia, soomente arrôz por pilar, e entam se meteo a gente a pilar toda a noyte; e vimdo a menham tomaram do arrôz, e o dito cristão, e vieram ás náos, domde lhes fizeram muita honra, recolheram o arrôz, e pagaram-lhes, e tornaram-se pera terra; e sendo este homem já llançado em terra, vieram ás náos outra gente de outro lugar mais avamte hum pouco, e dixeram que fosem a seu lugar, e que lhe dariam muito mantimento por seu dinheiro; e tamto que asy chegou ho dito homem que aviam mandado, se fizeram á vella, e foram sorgir ao lugar dos que os vieram chamar, que se chamava *vay palay cucara canbam* (59), honde ho Carvalho fez paz com elrey da terra, e fizeram preço do arrôz, e davam-lhe 2 medidas de arrôz, que pesavam 114 arrates (60), por tres braças de lemço de Bretanha; domde tomaram quanto arrôz quizeram, e cabras, e porcos, e estando no dito lugar, veio ter ahy hum mouro, que estiuera no lugar de *Dyguacam* (61), que he de mouros e *de bom hucello* (62), como acima he dito, e com este se foy pera sua terra.

Estando asy junto deste lugar de *Diguacam* (63) surtos, veio ter hum paró com elles, domde vinha hum ne-

(58) Manuscripto: «*se chama De gamcão*».

(59) Manuscripto: «*ypalajru cara canão*».

(60) Manuscripto: «*que pesavam hum quymtall e 14 libras*».

(61) Manuscripto: «*de Digoção*».

(62) Assim parece ler-se no texto. O manuscripto de París tem: «*que he de mouros de Bruneo*».

(63) Manuscripto: «*no lugar de Digamçã*», e logo abaixo outra vez: «*de Digãçã*».

gro, que se chamava Bastiam, pidimdo huma bamdeyra, e hum cartaz pera o governador de Diguacam, e deramlhe todo, e mais outras cousas de presente. Perguntaram ao dito Bastiam, que falava rasoadamente portugês, porque avia estado em Maluco, domde se avia feito cristão, se queria hir com elles a lhes ensinar Borneo, e elle dixe sy de muito boa vomtade, e vindo a partida, esconde-se, e vemdo que nam vinha, se fizeram á vella deste porto *Diguacam* a 21 dias de Julho (64), buscar Borneo; e em partindo veio ter com elles hum paró que vinha pera ho porto Diguacam, e tomaram-ho, domde tomaram 3 mouros, que deziam ser pilotos, e que hos leuariam a Borneo.

Tendo asy estes mouros, governaram ao lomgo desta ilha ao sudueste, toparam com 2 ilhas ao cabo della, e pasaram por mêo dellas, e da bamda do norte se chama *bolyna,* e da bamda do sull *bamdym* (65). Navegando a loes-sudueste até hobra de 14 legoas, toparam com fundo branco, que heram huns baxos debaxo dagoa, e hos negros que leuavam, lhes dixeram que se chegasem á costa da ilha, que era mais fundo porque hera esta parte mais pera Borneo, porque já desta paraje viam a ilha de Borneo. Este proprio dia chegaram a sorgir a humas ilhas, que lhe poseram nome *hos ilheos de Sam Paulo,* que estam da ilha grande de Borneo hobra de duas legoas e ½ té 3, e asy estam em 7 gr. pouco mais ou menos ao sull destas ilhas (66): em a ilha de Borneo está huma grandissima montanha a que pôs nome *monte de sam p.º,* e daqui navegaram ao lomgo da costa da ilha de Borneo ao sudueste por amtre huma ilha, e ha mesma ilha de Borneo, e foram sempre avamte por ho dito rumo, e chegaram em paraje

(64) Manuscripto: *«deste porto de Dygamção a 21 dias de Junho».*

(65) Manuscripto: *«e a ilha da banda do norte se chama Bolera, e a da banda do sull Bamdill».*

(66) Manuscripto: *«em 7 gr. pouco menos ao sull destas ilhas».*

de Borneo (67), e hos mouros, que comsiguo levavam lhes dixeram que ally era Borneo, e ho vento hos não lexou chegar llá por ser contrario. Sorgiram em huma ilha, que dahy está, e haverá della a Borneo 8 legoas.

Junto desta ilha está outra que tem muitos mirabolanos: e ho outro dia se fizeram á vella pera a outra ilha que está mais perto do porto de Borneo; e himdo asy viram tantos baxos, que sorgiram, e mandaram hos batês a terra em Borneo, e leuaram hos ditos mouros pilotos a terra, e foy hum homem cristão com elles, e chegaram os batês a deytalos em a dita terra, homde aviam de hir á propria cidade de Borneo, que eram 3 legoas, e dally foram leuados ao Xabandar de Borneo, e perguntou que gente heram, e ha que vinham nas náos, e foram apresentados ao rey de Borneo com ho cristão; e tamto que asy hos dos batês poseram hos ditos homens em terra, sondaram com os batês pera ver se podiam chegar-se mais (68): e nisto viram 3 juncos (69), que vinham do porto de Borneo, da dita cidade pera ho mar, e tamtoque viram as náos se tornaram pera demtro, e todavia asy somdando acharam ho proprio canal por domde entraram pera o porto, e loguo se fizeram á vella, e entraram por ho dito canal, e sendo asy no canal, sorgiram, nam quiseram hir mais demtro até nam saber recado da terra, ho que veio ao outro dia com 2 parós, e traziam certos berços de metall, e mais cem homens em cada paró, e traziam cabras, e gallinhas, e 2 vacas, e figos, e asy ou-

(67) Manuscripto: «*em paraje do porto de Borneo*».

(68) Manuscripto: «*se podiam as náos chegar-se mais*».

(69) «Os juncos (diz Pigafetta) são as suas grandes náos, fabricadas deste modo: o fundo todo, até a altura de dous palmos acima da agoa, he de taboas cavilhadas entre si com cavilhas de páo, e mui bem fabricado. D'ahi para cima são de cannas muito grossas que sahem fóra por contrapezo. Hum destes *juncos* leva tanta carga como qualquer das nossas náos: os mastros são de cannas (bambu), e as vellas de casca de arvore». &c.

tras frutas, e diseram que entrasem mais pera demtro contra as ilhas que estam hy perto que hera o verdadeiro porto: e deste pouso á dita cidade averia 3, ou 4 legoas, e estando asy surtos trataram pazes, e asentaram que vendesem ho que avia hy em a terra, especialmente sêra, ao que responderam que de boa vontade lhe venderiam todo o que houvese em a terra por seu dinheiro. Este porto de Borneo está em 8 gr. (70).

E por esta reposta asy avida do dito rey lhe mandaram hum presente por *gonçalo mendes despinosa* (71), da náo *Victoria* capitam, ho quall elrey recebeo ho presente, e lhes deu a todos panos da China: e havendo já 20, ou 23 dias que ally estavam tratando com os da ilha, e tinham llá 5 homens em terra, na mesma cidade vieram sorgir em a propria barra, junto delles 5 juncos a horas de vesporas, e estando asy aquella tarde, e ha noyte, té ho outro dia polla menham, viram vir da cidade 200 parós, delles á vella, e delles a remo. Vendo asy hos 5 juncos, e parós, lhes pareceo que podia ser treyçam, se fizeram á vella pera hos juncos, e tanto que a gente dos juncos hos viram á vella, se fizeram tambem á vella, e fogiram pera domde o vento lhes milhor servia, e alcançaram hum

(70) No *Précis de Geographie Universelle* de Malte-Brun, tom. 1.º, edição de 1831, pag. 612, se diz, que só em 1530 he que os Portuguezes derão o nome de *Borneo* a esta ilha, e que Magalhães a chamára *Bunné*. Não sabemos d'onde o auctor tomou esta noticia, nem como lhe constou o nome que Magalhães dava a *Borneo*. O que sabemos de certo he que, pelo menos, em 1521 já os Portuguezes a denominavão com este nome, que muitas vezes vem repetido em ambos os manuscriptos do nosso Roteiro. No outro manuscripto de Duarte Barbosa, que tambem temos presente, se lê constantemente *Bornelho*, e *Broncho*: e Pigafetta, na edição de Amoretti, escreve sempre *Burné*, (e não *Bunné*): sendo muito de presumir, que os navegantes da armada de Magalhães já davão á ilha o nome Portuguez *Borneo*, e que Pigafetta o escreveo em Italiano com mui pequena alteração.

(71) Manuscripto: «*Gonçalo Gomez Despinosa*». Vej. a nota 47.

delles com os batês, e tomaram-ho com 27 homẽs (72), e foram sorgir as náos a par da ilha dos marabolanos com o dito junco amarrado por popa da capitayna, e hos parós se tornaram a terra, e vindo a noite, veho huma travoada de ponente, domde o dito junco se foy ao fundo abordo da capitayna sem se aproveitar nada delle.

Ao outro dia polla menham viram huma vella e foram a ella, e tomaram-ha, a quall hera hum junco grande, domde vinha por capitam ho filho delrey de *Lucam*, e trazia comsigo 90 homẽs, e tanto que hos tomaram, mandaram a elrey de Borneo certos delles, e lhe mandaram dizer por hos mesmos, que lhe mandasem os cristãos que llá tinham que heram 7 homẽs, e que lhe dariam toda a gente que no junco tomaram, por ho quall lhe mandou ho rey hos 7 homẽs (73), que llá tinha 2 delles em hum paró, e tornaram-lhe mandar dizer que lhe mandase hos 5 que ahimda lhe ficavam, e que lhe mandariam toda a gente, que do junco tinham. Esperando 2 dias por a reposta, nam lhe veo recado nenhum: entam tomaram 30 homẽs do junco, e meteram-hos em hum paró do mesmo junco, e mandaram-hos ao dito rey de Borneo, e fizeram-se á vella com 14 homẽs daquelles que tomaram, e 3 mólheres, e governaram ao lomgo da costa da dita ilha ao nordeste pera trás, e tornaram a pasar por amtre as ilhas grandes de Borneo (74), domde a náo capitayna tocou na pomta da ilha, e esteue asy por davante 4 horas, e tornou a maré, e sayo, homde se vio craramente, que a maré hera de 24 horas (75).

Fazendo ho caminho já dito, saltou ho vento ao nor-

(72) Manuscripto: *«com 17 omẽs.»*

(73) Manuscripto: *«dos sete homẽs»*.

(74) Manuscripto: *«por amtre as ilhas, e a ilha grande de Borneo»*.

(75) Manuscripto: *«e esteue asy per obra de 14 horas, que tornou a maré esquaça, omde se vyo craramente, ser a maré de 14 horas»*.

deste, e foram em a volta do mar, e viram vir huma vella, e as náos sorgiram, e foram a ella hos batês, e tomaram-ha, que era hum junco pequeno, e nam trazia outra cousa senam côcos, e fizeram aguada, e tomaram o tauoado, e fizeram-se á vella ao longo da costa da ilha ao nordeste até ser na fim da dita ilha, e acharam outra ilha pequena, homde recorreram as náos. Chegaram a esta ilha ho dia de nosa Senhora de Agosto, e nella acharam muito bom porto pera pôr as náos em monte, e poseram-lhe nome *porto de Santa Maria de Agosto*, e está em 7 gr. largos.

Tanto que vieram ao dito *resgate* (76) se fizeram á vella, e governaram ao sudueste, até ver vista da ilha que se chama *Fagajam* (77) e he róta de 38 té 40 legoas: e tanto que houveram vista da dita ilha, governaram ao sudueste, e tornaram a demandar huma ilha que ha nome *Seloque* (78), e houveram noticia, que havia nella muitas perllas: e já avendo ha vista da dita ilha, saltou-lhe ho vento por proa, e nam ha poderam tomar polla navegaçam que fizeram, e lhes pareceo, que podia estar em 6 gr. Esta mesma noyte chegaram á ilha de *quipe*, e correram ao longo della ao sueste, e pasaram amtre ella, e outra ilha, que se chama *Tamgym* (79), e sempre correndo a costa da dita ilha, e vimdo asy asy, acharam hum paró carregado de xagra (80) em pães, que he hum pão feyto de hum arvore que se chama *cajare*, que junto com aquella terra comem por pão (81), ho quall paró trazia

(76) Manuscripto: «*resguardo*».

(77) Manuscripto: «*Cagamjã*».

(78) Manuscripto: «*Solloque*».

(79) Manuscripto: «*Tamgyma*».

(80) Manuscripto: «*carregado de sagú em pães*».

(81) O manuscripto de Paris, em lugar do nome *cajare*, que aqui se dá á arvore de que se fazia o pão, repete «que se chama *sagú*». Pigafetta, falando dos usos da ilha de Geilolo, diz: «O seu pão he

21 homẽs, e ho principall delles avia estado em Maluco em caza de Francisco Serram (82), e leuados mais ao longo da dita ilha chegaram *á billiam* de humas ilhas que ham nome *Semrrym*, estam em 5 gr. pouco mais ou menos (83). A gente desta terra veo a ver as náos, e asy vieram á falla hos huns com hos outros, e daquella gente hum velho dixe que os queria leuar a Maluco.

Estamdo asy avido prazo (84) do dito velho, se fez concerto com elle, e deram-lhe certo preço por iso; e vindo ao outro dia, que avia de partir, ho velho quisera fogir, e entenderam-ho, e prenderam a elle, e a outros, que com elle estavam, tambem diziam que sabiam de pilotos, e

feito do lenho de huma arvore semelhante á palmeira, e o fazem deste modo: tomão hum pedaço deste lenho: tirão-lhe huns espinhos negros e compridos, que tem, e depois o machucão, e fazem delle pão, que chamão *sagu*. Deste pão fazem provisões para as viagens do mar». E em outro lugar falando dos povos do Brasil, diz: «Fazem hum pão redondo e branco do miôllo, ou antes da casca interna, que está entre a cortiça e o lenho de huma arvore, e parece requeijão, ou nata; sobre o que reflecte Amoretti que *Bougainville, e quasi todos os navegadores falão do pão tirado do miôllo de huma palmeira, chamado Sagu*». Vej. Barros, dec. 3.ª, liv. 5.º, cap. 5.º

(82) Este Francisco Serram era Portuguez, grande amigo, e compadre, ou parente de Magalhães, e foi sem duvida quem o induzio a emprehender aquella viagem, tanto em desserviço da sua nação. «Quando a armada chegou a Maluco (diz Pigafetta) não havia ainda oito mezes, que Francisco Serram tinha fallecido em Ternate. Era elle capitão general de el-Rei de Ternate quando este fazia guerra ao de Tidore; e tanto trabalhou, que o de Tidore se vio obrigado a dar sua filha por mulher ao de Ternate, e em refens quasi todos os filhos dos principaes senhores de Tidore, e então se fez a paz. O Rei de Tidore porém nunca perdoou em seu coração ao Serram, e tendo este hido depois de muitos annos a Tidore, ao contrato do cravo, o Rei o fez envenenar nas folhas do betle, de maneira que apenas sobreviveo quatro dias», &c. Assim, nem Magalhães, nem Serram chegárão a ver o fim, e o fructo de sua empreza.

(83) Manuscripto: «*chegaram á vista de huns ilheos, que ham nome Samyns, e estam*...», &c.

(84) Manuscripto: «*prazmo*».

fizeram-se á vella; e tanto que a gente da terra hos vio hir, armaram pera hir apôs delles: e destes parós nam chegaram ás nâos mais que 2, e chegaram tam perto, que lançavam demtro nas nâos freschas, e ho vento hera fresco (85), e nam poderam ter com elles: e á mea noyte daquelle dia houveram vista de humas ilhas, e governaram mais adiante, e ao outro dia viram huma terra que hera huma ilha; e á noyte, que daquelle dia se seguia, se acharam muito perto della, e vindo a noyte lhes acallmou ho vento, e as correntes hos lançavam muito a terra, domde ho piloto velho se lançou ao mar, e acolheo-se a terra.

Navegando asy mais avamte depois de lhe ser fogido hum dos pilotos, houveram vista de outra ilha, e chegaram junto com ella, e outro piloto mouro dixe que ahimda Maluco estava mais avante, e hasy navegando, ao outro dia polla menham houveram vista de 3 montes altos, que heram de huma naçam de gemtes, que chamavam os *Salabos* (86), e logo viram huma ilha pequena, domde sorgiram pera tomar alguma agoa, e por aver medo que em Maluco lha nam leixasem tomar; e dexaram de fazer, por ho piloto mouro dizer que em aquella ilha avia huns 400 (87) homens, e heram todos muito roïs, e imdo lhe poderiam fazer algum mall, por serem homẽs de pouca vertude (88); que lhes nam daua tall conselho, que á dita ilha fosem: e asy tambem que Maluco, que elles buscavam, hera já perto, e que hos reys delles heram bons homẽs (89), e que aguasalhavam a todo genero de homẽs em suas terras: e imdo em esta paraje (90), viram

(85) Manuscripto: «*ffraquo*».
(86) Manuscripto: «*os Calibes*».
(87) Manuscripto: «500».
(88) Manuscripto: «*de pouca verdade*».
(89) Manuscripto: «*heram muito bons homẽs*».
(90) Manuscripto: «*e ymdo em estas pratyquas*».

as proprias ilhas de Maluco, homde por festa tyraram toda artelharia, e chegaram á ilha (91) a 8 do mez de Nobembre de 1521, e asy que poseram de Seuilha até Maluco 2 annos, 2 mezes, 28 dias, porque partiram a 10 de Agosto de 1519 annos (92).

Tanto que chegaram á ilha de *Tydor* que está em mêo grao (93), ho rey della lhes fez muita honra, que nam podia ser mais: domde trataram paz com o dito rey pera sua carga, e o rey se lhes obrigou a dar a carga, e asy todo o que ouvese em terra por seus dinheiros, e asemtaram que davam por ho bahar de cravo (94) 14 varas de pano amarello, de 27 *tem* (95), que valem em Castella hum + a vara (96): de pano vermelho da mesma sorte dés varas; e asy davam 30 varas de bretanha, cousa destas (97) lhe davam hum bahar de cravo: e asy mesmo por 30 machados 8 bahares (98): e tendo asy asemtado hos ditos preços acima decrarados, lhe deram novas a gente da terra, que mais avamte em outra ilha dahy perto estava hum homem portugês, que podia ser dally 2 legoas

(91) Manuscripto: *«á ilha de Tidore»*.

(92) Pigafetta: «Sexta feira 8 de Novembro de 1521, tres horas antes do pôr do sol, entramos no porto de huma ilha chamada Tadore... Tinhão-se passado vinte e sete mezes, menos dous dias, que buscavamos Maluco».

(93) Pigafetta põe esta ilha a gráos 0,27′.

(94) «Hum bahar, diz Pigafetta, são quatro quintaes e seis libras, e cada quintal tem 100 libras». Duarte Barbosa: «Hum bahar são quatro quintaes velhos de Portugal; cada quintal velho são tres quartos e meio de quintal novo, e he de 128 arrateis, de 14 onças cada hum». A respeito dos preços das mercadorias confira-se Pigafetta.

(95) No manuscripto de Paris falta esta palavra *«tem»*.

(96) Com este signal + se acha muitas vezes designado em antigos documentos o *cruzado*.

(97) Manuscripto: *«e por cada comtia destas»*.

(98) Manuscripto: *«por 30 machados outro bar»*.

áquella ilha, que se chamava *Targatell* (99), que hera principal de Maluco, *domde nós aguora temos a fortaleza* (100). Emtam espreueram cartas ao dito portugês, que viesem a fallar com elles, ao que lhes respondeo que nam housava, porque o proprio rey da terra lho defendia; que houvesem elles licença de ellrey e que loguo hiria, a quall licença elles loguo houveram, e veo o portugês a fallar com elles (101). Dando-lhe conta dos preços, que tinham asemtados, do que elle bem se espantou, e dixe que por iso lhe mandara elrey que nam viese por nam saberem a verdade dos preços da terra: e estando asy tomando carga, veo a elles ho rey de *Baraham* (102), que he d'ahy perto, e dixe que queria ser vassallo dellrey de Castella, e que asy tinha 400 bahares de cravo, e que ho vendera a elrey de Portugall, e que ho tinham comprado, e que ho nam tinha aimda entrege, e que se ho quisesem que lho daria todo, ao que os capitães responderam que trazendo-ho a elles, e vimdo, que o comprariam, que de outra maneira, nam: e vemdo elrey que lho nam queriam tomar ho cravo, lhes pedio huma carta, e huma bandeyra (103), ha quall lhe deram asynada por hos capitães das náos.

Estando asy pera lhes darem sua carga, pareceo-lhes que por a tardança do despacho, que ho rey hordenava

(99) Manuscripto: «*que se chamava Tarnate*».

(100) Esta clausula parece ter sido acrescentada ao texto por quem tirou a cópia; porque a fortaleza de Ternate sómente se começou a edificar no anno de 1522, em dia de S. João, sendo capitão Antonio de Brito. (Castanheda, liv. 6.º, cap. 12.º)

(101) Este Portuguez, de que aqui se fala, parece ser *Pedro Affonso de Lourosa*, que trahio os Portuguezes, e se passou aos Castelhanos, segundo a Relação de Pigafetta. Póde ver-se na edição de Amoretti, pag. 137 e seg., e pag. 153.

(102) Manuscripto: «*de Bargão*».

(103) Manuscripto: «*lhes pedio huma bandeyra, e hum cartaz de seguro*».

alguma treyçam contra elles, e ha maior parte da gente das náos se aluoraçou, e deziam aos capitães que se fosem, que aquella demora, que ho rey com elles amdava, nam hera saluo alguma treyçam, parecendo a todos que podia ser asy, deixavam já todo, e queriam-se hir, e estando para desferir as vellas, veo ter com elles ho rey, que tinha com elles feyto ho concerto, á náo capitayna, e perguntou ao capitam porque se queria hir, porque ho que hera concertado antre elles, que o queria comprir como ficára. O capitam respondeo, que a gemte das náos deziam que se fosem, que nam estiuesem mais, que aquillo nam hera saluo treyçam que lhe armavam: ao quall respondeo elrey, que tall nam era, e que por hyso loguo mandava por seu alcoram, em que elle queria fazer juramento, que lhes nam fose tall feyto: ho quall alcoram loguo trouxeram, e nelle fez juramento, e dixe, que sobre elle descansasem, do que as gentes das náos descansaram, e prometeo que lhes daria sua carga fasta 15 Dezembro 1521, ho quall comprio no dito tempo sem nada fazer (104).

Estando as duas náos já carregadas pera desferir as vellas, a náo capitayna (105) abrio huma muito grande agoa, e temdo isto elrey (106), da terra lhes mandou 25 amergulhadores pera tomarem agoa, ho que nam se podera fazer (107): acordaram que a outra se fose, e que aquella se tornase a descarregar de todo, e que lhe desem descargaçam; poisque nam podiam tomar hagoa que lhes dariam todo quanto lhes fizese mester, ho que asy fizeram, e deram descarregaçam á dita náo capitayna: e ha dita náo asy corregida, tomaram sua carga, e detrimi-

(104) Manuscripto: «*sem faltar nada*».

(105) A náo capitania era a *Trindade*. Vej. adiante a nota 110.

(106) Manuscripto: «*e sendo sabido isto por elrey*».

(107) Pigafetta diz que o Rei lhes mandára *cinco mergulhadores*, e depois *mais outros tres*, que não podérão vedar a agoa.

naram hir tomar a terra das *Amtilhas*, que era da róta de Maluco a ella 2000 legoas, pouco mais ou menos. A outra náo, que primeiro se partio, partio a 21 Dezembre da dita era, e saío por *Teymar* (108) fóra, e cortou por detrás da *Java*, 2055 legoas (109) ao *Cabo de Boaesperança* (110).

Corregeram a náo, e tomaram ha carga em 4 mezes, 16 dias: partiram a 6 do mes de Abrill da hera de 1522, e tomaram sua róta pera terra firme das Amtilhas, via do estreyto (111), por domde aviam saido, e logo navegaram ao norte té sairem das ditas ilhas de *Ternate* e *Tymor* (112), e depois navegaram ao lomgo da ilha de *Betachina* ao nordeste (113) dés, ou onze legoas, e despois governaram hobra de 20 legoas ao nordeste, e asy chegaram a huma ilha, que ha nome *Doyz* (114), que está em 3 gr. e 1/2 da banda do sueste, e daqui navegaram a leste 3 ou 4 legoas, e houveram vista de duas ilhas, huma grande, e outra pequena: a grande chamavam a *Porquenampello* (115), e

(108) Manuscripto: «*por Timor*».

(109) Manuscripto: «2050 *legoas*».

(110) O leitor se lembrará, que das cinco náos, que Magalhães levou na sua expedição, huma se perdeo no porto de S. Julião; outra, fugindo, voltou a Hespanha; e a terceira foi queimada perto da ilha de Zebu. Restavão tamsómente as duas *Trindade* e *Victoria*. Esta foi a que sahindo das Molucas em Dezembro de 1521, tomou o caminho do Cabo da Boa Esperança, e veio a Sevilha em Setembro de 1522. Nesta foi, e veio Pigafetta. A *Trindade*, depois de concertada, tomou o caminho opposto, e dirigia-se a *Yucatan*, ao isthmo de *Darien*, que aqui se diz a *terra das Antilhas*: mas vio-se obrigada a voltar arribada ás Molucas, e estando a descarregar em Ternate para se reparar, alli deo á costa.

(111) Manuscripto: «*ou ao Estreito*».

(112) Manuscripto: «*e Tydore*».

(113) Manuscripto: «*ao nornordeste*».

(114) Manuscripto: «*ha nome Domy*».

(115) Manuscripto: «*e a grande á nome chãol; a pequena pyliom*».

pasaram por antre ella e Batechina, que lhes ficava da banda de estribordo. Chegaram a hum Cabo, a que poseram nome *Cabo de ramos,* porque houveram vista delle bespora de ramos. Este cabo está em 2 gr. e $^1/_2$: e daquy governaram ao sull a demandar a *Quimor* (116), que he terra delrey de Tydor, e mandava ho dito rey que lhe mandasem todo o que em a terra houvese por seu dinheiro, e ally tomaram porcos, e cabras, e gallinhas e côcos, e hava (117): estiueram no dito porto 8, ou 9 dias. Está este porto de *Camarfya* (118) em hum gr. $^1/_4$.

Partiram deste porto a 20 (119) do mes de Abrill, e governaram até 17 legoas (120), e sairam por ho canall da ilha de Batechina, e da ilha do *Charam* (121), e tanto que foram fóra, viram que a dita ilha do *Charam* (122) corria ao sueste bem 18, ou 20 legoas, e nam hera o seu caminho; porque ho seu caminho era alleste (123) e a quarta de nordeste, domde navegaram no dito rumo huns dias, e acharam sempre hos ventos muito ponteiros pera seu caminho. E aos 3 de Mayo tomaram duas ilhas pequenas, que podiam estar em 5 gr. pouco mais ou menos, a que poseram nome as ilhas de *Samtantonio* (124). Daquy navegaram mais avamte ao nordeste, e já chegaram a huma ilha que chamam *Cyco* (125), que está em 19 gr.

(116) Manuscripto: «*a Quemarro*».

(117) O manuscripto de París tem «*e agoa*»; mas *hava* ou *ava* he huma bebida usada naquellas terras.

(118) Manuscripto: «*de Camarro*».

(119) Manuscripto: «*a* 25».

(120) Manuscripto: «*e governaram alleste* 17 *legoas*».

(121) Manuscripto: «*de Chao*».

(122) Manuscripto: «*ilha de Batechina*».

(123) Manuscripto: «*aloeste*».

(124) Manuscripto: «*as ilhas de Sam Joam*», e diz que as tomárão *a* 6 *de Maio*.

(125) Manuscripto: «*Chyquom*».

largos, e tomaram aquesta ilha 11 de Julho (126). Desta tomaram hum homem, que leuaram comsygo, e daquy navegaram mais avante tomando bordos de huma banda e da outra, por terem hos ventos contrarios, até que chegaram a 42 gr. da banda do norte.

Sendo em esta paraje, lhes faltou o pam, vinho, e carne, e azeite: nam tinham que comer, sómente aguoa e arrôz sem outro mantimento, e ho frio era grande, e nam tinham com que se cobrir: començou-lhe a gente de morrer, e vendo-se asy detreminaram de arribar caminho de Maluco, ho que loguo poseram em hobra, sendo della obra de 500 legoas, quiseram tomar a ilha, que ha nome *Quamgragam* (127), e por aver vista della á noyte a nam quiseram tomar: pasaram asy até ho outro dia amanhecendo, e nam poderam tomar ha dita ilha; e o homem, que leuavam, que antes aviam tomado na dita ilha, lhes dixe, que fosem mais avamte, que tomariam 3 ilhas, homde tinham bom porto, e isto que ho negro dizia, hera pera nellas fogir, como de feyto fogio; e arribando ás ditas 3 ilhas, as tomaram com asaz periguo, e sorgiram no meo dellas em 15 braças, as quaes ilhas a huma dellas, que hera a mais grande, pavoada de 20 pesoas, amtre homẽs e molheres, esta ilha se chama *Pamõ* (128): está em 20 gr. pouco mais ou menos, e aqui tomaram agoa de chuva, por não aver outra na terra. Em esta ilha fogio ho negro (129): e daqui partiram a demandar huma terra de *Camafo,* e tanto que a viram, tiueram callmarias, e as correntes hos arredaram da terra, e despois lhes deu hum pouco de vento, e demandaram ha terra, e nam a pode-

(126) Manuscripto: «11 *de Junho*».

(127) Manuscripto: «*quiseram tornar a tomar a ilha, que ha nome magregua*».

(128) Manuscripto: «*se chama mão*».

(129) Manuscripto: «*ho negro, e tres Cristãos*».

ram tomar; homde quiseram (130) sorgir antre a ilha de *Domi* e a *Batechina*, e semdo surtos, pasaram em hum paró por elles huns homẽs que heram de hum rey de huma ilha que se chama *Geilôlo* (131), e deram-lhes novas que estavam Portugeses em Maluco fazendo fortaleza. Sabendo asy isto, mandaram logo o esprivam da dita náo com certos homẽs (132) ao capitam mór daquelles Portugeses, que avia nome Antonio de Bryto pera que viese e leuase a náo adomde elles estavam; porque a gente da náo hera a mais della morta, e ha outra hera doente, não podia navegar a dita náo. E tamto que Antonio de Bryto vio a carta e recado, mandou a dom Gonçalo (133) amriquiz, capitam do navio *sam gorge* (134), e asy huma fusta com certos parós da terra, e foram asy em busca da náo, e achando-a trouxeram á fortaleza, e estando-a descarregando, veo do norte (135) hum tempo, que a lançou á costa. Domde esta náo tornou arribar pera Maluco, 1050, ou 1100 legoas da ilha, pouco mais ou menos.

E isto foi tresladado de hum quaderno de hum piloto Genoês, que vinha na dita náo, que espreveo toda a viage como aqui está. E foi pera Portugal ho anno de 1524 com dom Amrique de Menezes (136). *Deo gracyas.*

(130) Manuscripto: «*homde quiseram, e foram sorgir*».

(131) Manuscripto: «*Gelolo*».

(132) Manuscripto: «*com certos homẽs com cartas*».

(133) Manuscripto: «*a dom Garcia*». Garcia e não Gonçalo era o nome deste fidalgo. Vej. Barros, e Castanheda, que se devem ler sobre estes ultimos successos da expedição.

(134) Manuscripto: «*Sam Jozé*».

(135) Manuscripto: «*de noite*».

(136) Esta nota bem se vê que não pertence ao Roteiro, e que foi acrescentada por quem o copiou: e tambem já notámos a differença que havia entre ella, e a outra semelhante do manuscripto de París. Parece-nos que quem a escreveo teve alguma equivocação,

nascida acaso de haver naquelle tempo na India muitos fidalgos do appellido de *Menezes*. Castanheda diz que D. Duarte de Menezes, acabando de Governador da India a 4 de Dezembro de 1524 partíra para Portugal depois de 20 de Janeiro de 1525, com cinco náos: que huma dellas, em que vinha seu irmão D. Luiz de Menezes, desapparecêra no caminho; e que D. Duarte, chegando a Portugal com as outras quatro, se perdêra em Cezimbra, aonde a sua náo deo á costa (liv. 6.º, cap. 77.º e 78.º). A D. Duarte succedeo o Conde Almirante D. Vasco da Gama, que logo falleceo: e aberta a primeira successão, ficou por ella governando a India *D. Henrique de Menezes*: por onde se vê, que não podia este *D. Amrique de Menezes vir para* o *reino em* 1524, como diz a nota. Este benemerito Governador falleceo em Cananor, com grande sentimento de todos os bons Portuguezes, em dia da Purificação de Nossa Senhora do anno de 1526 (liv. 6.ª, cap. 133.º).

BREVES NOTAS

Á VIDA DE D. JOÃO DE CASTRO, ESCRIPTA POR JACINTO FREIRE DE ANDRADE, AUCTORISADAS COM DOCUMENTOS ORIGINAES E INEDITOS

BREVES NOTAS

Á VIDA DE D. JOÃO DE CASTRO, ESCRIPTA POR JACINTO FREIRE DE ANDRADE, AUCTORISADAS COM DOCUMENTOS ORIGINAES E INEDITOS

PREFAÇÃO

No mez de Março do corrente anno de 1827, em que começámos esta breve escriptura, tivemos a inesperada fortuna de adquirir duas preciosas collecções de documentos originaes: huma, que contém oitenta e tantas cartas de el-Rei D. João III, da Rainha Senhora D. Catharina, do Infante D. Luiz, e do Cardeal Infante D. Henrique, escriptas, a maior parte, a D. João de Castro, e algumas a seu filho D. Alvaro de Castro, desde o anno de 1527 até o de 1549. E outra, muito mais volumosa, tambem de cartas originaes, dirigidas aos mesmos pai e filho por alguns Principes, e Senhores do Oriente, pelos capitães das fortalezas dos estados Portuguezes da Asia, pelas camaras, veadores da fazenda, fidalgos, e outras pessoas, que ali servião a el-Rei no tempo do governo de D. João de Castro.

Logo que em nosso poder tivemos estas collecções, passámos hum por hum todos os seus numerosos docu-

mentos; e comparando os factos, que delles authenticamente constão, com os que refere Jacinto Freire de Andrade na Vida de Castro, observámos, que era facil verificar huns, acrescentar outros, rectificar aquelles, em que o escriptor parece ter sido menos bem informado, e determinar as datas, de que elle muito se descuidou.

Reflectindo pois, quão grato seria ás pessoas amantes da virtude, e do verdadeiro heroismo tudo o que illustrasse a vida de tão excellente varão; e quão util, assim para a historia, como para a litteratura, a publicação de muitos dos referidos documentos, pareceo-nos satisfazer a hum e outro empenho, escrevendo as breves notas, que se contém neste opusculo, e auctorisando-as com as cópias fieis dos documentos, que tivemos por de maior interesse, principalmente com relação ao particular objecto, que queriamos tratar.

O fructo deste trabalho he o que agora apresentâmos á Academia; tendo por muito certo, que se as notas não merecerem a sua approvação, ou não parecerem dignas da luz publica, nem por isso perderão valor os preciosos documentos, até agora ineditos, que lhe ajuntâmos, e que, sem duvida, hão de ser devidamente avaliados por todas as pessoas judiciosas e eruditas.

NOTA 1.ª

Sobre os primeiros annos da vida de D. João de Castro (1)

Supposta a natureza dos documentos, que derão occasião a este opusculo, e o tempo, em que forão escriptos, facilmente ajuizará o leitor, que nos não he possivel illustrar com factos novos o pouco, que Jacinto Freire escreveo, sobre os primeiros annos da vida de D. João de Castro; e sómente diremos, quando for tempo, alguma

(1) Freire, liv. 1.º, §§ 1-4.

cousa de seus estudos, e applicações filosoficas. Cabe porém aqui notar, que a primeira carta de el-Rei, que temos na nossa collecção, he datada de Coimbra, aonde então estava a côrte, a 25 de Outubro de 1527 (doc. num. 1), e nella lhe diz el-Rei, que querendo servir-se delle em cousa que muito cumpria, lhe encommendava e mandava, que viesse á sua presença, o mais em breve que podesse, *e de ho assy fazerdes, como de vós confio* (conclue a carta), *receberey prazer, e vo-lo-aguardecerey.*

Reflectindo na data desta carta, e notando que D. João de Castro nasceo em 1500 (2); embarcou para Tanger aos dezoito annos de sua idade; e servio alli nove annos (3); facil he de concluir, que no mesmo anno, em que elle voltou de Tanger, o mandou el-Rei chamar á côrte, para o empregar em cousas de seu serviço, estando já, sem duvida, informado do nobre esforço, e severa disciplina, de que o illustre mancebo havia dado provas e exemplo naquella praça, e guerra de Africa.

NOTA 2.ª

Jornada de Tunez (4)

Não nos consta em que serviço fosse empregado D. João de Castro naquelle anno de 1527, e ainda nos seguintes até o de 1535, data da segunda carta de el-Rei, que temos na collecção (doc. num. 2).

Neste porém de 1535 lhe escreveo el-Rei de Evora, a 8 de Março, dizendo-lhe que pelo Conde da Castanheira tinha sabido, como elle D. João de Castro *era chegado a Lisboa,* e vinha com desejos de hir servir na armada de Antonio de Saldanha, que então se preparava, em auxilio do Imperador Carlos V, para a facção de Tunez, o que el-

(2) Freire, liv. 4.º, § 110.
(3) Id., liv. 1.º, § 4.
(4) Id., liv. 1.º, §§ 9–14.

Rei lhe agradecia, e mandava dizer ao Conde, que lhe désse huma caravella. E acrescenta el-Rei: «*Bem certo som, que nom he necesario emcomendarnos da maneyra, que me nesta vyagem aveis de seruir, por quam bem vysto tenho como o fazeis em todallas outras*»: palavras, que parece referirem-se a serviços immediata e precedentemente feitos, e que porventura encherião o vazio dos oito annos, que decorrêrão desde 1527 até 1535 (5).

Tres dias depois desta carta tornou el-Rei a mandar escrever a D. João de Castro, recommendando-lhe a brevidade, que da sua parte devia pôr em aprestar-se, sem detença alguma, para aquella viagem, visto que o Imperador era já partido para Barcelona, e ao Conde da Castanheira se expedia ordem para *fazer prestes, e partir a armada, com a moor breuidade e présa.*

A armada sahio com effeito da barra de Lisboa pelo meado de Março do dito anno de 1535, e parece haver-se recolhido em Outubro, segundo se collige da Chronica de Azinheiro (6).

NOTA 3.ª

Primeira passagem á India (7)

Na armada do vice-Rei D. Garcia de Noronha, que sahio de Lisboa no fim de Março de 1538, passou D. João de Castro, a primeira vez, á India, hindo por Capitão da náo

(5) Não sendo crivel, á vista do que deixâmos dito, que D. João de Castro estivesse ocioso nestes oito annos, conjecturâmos que el-Rei o mandaria por Capitão de algum dos navios das armadas, que, por aquelles tempos, andavão guardando, quasi de continuo, as costas do reino, infestadas de corsarios, e de que elle mesmo foi depois Capitão-mór; ou que tambem seria empregado na armada que em 1534 foi mandada em soccorro de Çafim, sob o commando de D. Garcia de Noronha. (Andrade, *Chronica de D. João III*, part. 2.ª, cap. 90.º)

(6) *Ineditos* da Real Academia das Sciencias de Lisboa, tom. 5.º, pag. 362.

(7) Freire, liv. 1.º, §§ 15 e seguintes.

Grifo (8), e levando em sua companhia seu filho D. Alvaro, ainda muito moço.

Já então foi D. João de Castro nomeado por el-Rei em terceira successão para governar a India no caso do fallecimento do Governador e vice-Rei D. Garcia, e dos outros indicados nas primeiras successões, como consta da provisão original, que copiámos do Real Arquivo da Torre do Tombo, e se acha no *Corpo Chronologico*, part. 1.ª, maç. 61, doc. num. 28 (entre os nossos documentos num. 2 A): nomeação, que muito honra a D. João de Castro, e de que nos não lembra ter encontrado noticia nos escriptores que delle escrevêrão.

Durante esta viagem, escreveo de Moçambique ao seu illustre amigo o Infante D. Luiz, a 5 de Agosto do dito anno de 1538, e pela resposta do Infante (que vai copiada num. 3) se vê, que D. João de Castro se havia occupado no mar em escrever observações e reflexões, que o douto Infante julgava serião mui *proveitosas*, e *necessarias* áquella navegação, e que até então não tinhão sido *consideradas, nem comprehendidas*, &c.

Chegado á India a 11 de Setembro de 1538 (9), acompanhou o vice-Rei na expedição de Dio, em Novembro do mesmo anno (10), não como *soldado de fortuna* (segundo a frase de Freire, liv. 1.º, § 17), mas sim hindo por Capitão de huma galé, como expressamente refere Diogo do Couto, dec. 5.ª, liv. 5.º, cap. 6.º

Por aquelle tempo escreveo D. João de Castro a el-Rei, como vemos pelas duas respostas, que temos na collecção, datadas de Lisboa, huma em 22 de Maio de 1539, e outra em 10 de Março de 1540, as quaes ambas copiámos, e vão entre os documentos com os num. 4 e 5. Por ellas se collige o zelo, intelligencia, e avisado conselho, com

(8) Andrade, *Chronica de D. João III*, part. 3.ª, cap. 57.º
(9) Ibidem.
(10) Id., part. 3.ª, cap. 67.º

que D. João de Castro olhava as cousas do Oriente, e escrevia sobre ellas a el-Rei; e se mostra ao mesmo tempo o conceito, que el-Rei tinha deste illustre varão, e quão mal fundado he o que em contrario pretende insinuar Couto, dec. 6.ª, liv. 1.º, cap. 1.º, e o proprio Jacinto Freire, neste liv. 1.º, § 26, e em outros lugares.

Depois que o vice-Rei D. Garcia de Noronha voltou de Dio a Goa, que foi meado já o mez de Março de 1539 (11); mandou seu filho D. Alvaro de Noronha a Panane, para ahi concertar, assignar, e jurar as pazes com o çamorim de Calecut, e lhe deo *por coadjutores dom João de Castro, e Fernão Rodrigues de Castellobranco veador da fazenda e secretario* (12).

Foi com effeito D. João de Castro nesta jornada por Capitão de hum galeão; e ajustadas as capitulações, *se concruhio antre todos o assento das pazes, que foy escrito pollo secretario, em que assinárão dom Alvaro, o veador da fazenda,* dom João de Castro, *e os capitaẽs de Cochim e Chale,* &c. (13); nova prova do respeito, que já então se tinha aos distinctos talentos, probidade, e prudencia do illustre Castro, e da particular consideração, que se dava á sua pessoa, e ao seu grande juizo e intelligencia nos negocios publicos.

Sobre o que acrescentaremos ainda aqui o grande testemunho de D. Christovão da Gama, que escrevendo de Goa a el-Rei em 18 de Novembro de 1540, lhe dizia ácerca de D. João de Castro as seguintes notaveis palavras:

«Sem duvyda que deve Vossa Alteza de fazer gramde comta de dom João de Castro, porque até aguora não vy omem que mays necesaryo fose pera a Imdia, que ele; porque certefyquo a Vossa Alteza que mays merecem estes dous anos que ho qua servyo, que déz doutrem

(11) Andrade, *Chronica,* part. 3.ª, cap. 70.º
(12) Couto, dec. 5.ª, liv. 6.º, cap. 7.º Andrade, part. 3.ª, cap. 71.º
(13) Andrade, *Chronica,* part. 3.ª, cap. 71.º

muyto bem servydos: porque alem de ho servyr com o seu na yda dos Rumes, ele foy causa de se despachar armada ao tempo que se acabou; porque segumdo a comdysão forte de dom Garcya, se não ouvera quem lhe soportára tudo, lhe lembrára per muytas vezes ho que comprya a voso servyso, muy mal se pudera aquabar nada: e depois de nosa vymda, estamdo ho VysoRei entrevado por ver a total destruição em sua armada, e em todas as outras cousas, ele se pôs a todo o rysquo a lhe fazer lembrança do que comprya a servyço de Vossa Alteza, e não foy pouquo acometer ysto, por quamto arreceavam todos as repostas do vysoRei por quam perygosas eram pera os que querem ser omrados nesta terra, a qual lembransa a ele lhe custou qaro, e crea Vossa Alteza que a maneyra de seu vyver he tam necesarya qua, quomo as prégasons: e certo eu tenho pera mym que se algum omem pode merecer muyto em pouquo tempo, que he ele: em outra cousa ho não vejo trabalhar senão nas de seu servyso, e ele o vay servyr nesta vyagem tam onrada, que dom Estevam faz, num galeão, em que á de gastar ho que per vemtura não tem, e leva huma fusta em que á dyr de Yuda a Suês» (14).

Depois do fallecimento do vice-Rei, ficando por Governador da India D. Estevão da Gama, e resolvendo emprehender a expedição do Estreito, tantas vezes recommendada por el-Rei, o acompanhou D. João de Castro, hindo por Capitão do galeão *Coulão-novo* (15).

A armada se fez á véla da barra de Goa a 31 de Dezembro de 1540; entrou o Estreito nos ultimos dias de Janeiro de 1541, e navegando até junto de Suez, ahi foi D. João de Castro incumbido do difficil, e arriscado empenho de reconhecer a armada Turca, que estava naquella

(14) Real Arquivo, Corpo Chronologico, part. 1.ª, maç. 73, doc. num. 20, original.

(15) Andrade, *Chronica*, part. 3.ª, cap. 76.º

paragem, o que executou no dia 27 de Abril de 1541 (16). Nesta jornada escreveo D. João de Castro o *Roteiro*, de que fala Jacinto Freire neste lugar, e cujo nome he tão conhecido dos eruditos, quanto desejada a sua publicação (17).

A armada voltou á costa da India em Agosto de 1541, e em Janeiro de 1542 embarcou D. João de Castro, com outros fidalgos, para o reino, na náo *S. Thomé*, que chegou a salvamento na entrada de Julho (18), e logo a 25 de Setembro do mesmo anno, estando elle *na sua quinta junto a Cintra*, o mandou el-Rei chamar a Lisboa para objecto de seu serviço, como se vê pela carta regia, que temos na collecção, escripta por Pero de Alcaçova Carneiro, com a referida data, e assignada por el-Rei.

(16) Andrade, *Chronica*, part. 3.ª, cap. 79.º; Couto, dec. 5.ª, liv. 7.º, cap. 9.º

(17) Ácerca deste *Roteiro*, esperâmos que o leitor nos releve o copiarmos aqui as palavras de Fr. João dos Santos, na sua *Ethiopia Oriental*, liv. 5.º, cap. 20.º, aonde tratando incidentemente dos diversos modos por que se tem pretendido dar a razão deste nome de *Mar Vermelho*, diz assim: «Este mar nunca teue nem tem as agoas vermelhas; mas comtudo algumas vezes aparecem ruyuas em muitas partes delle, por causa do muito coral vermelho, que tem nacido pollo fundo daquellas mesmas partes; e por essa rezam não apparece todo da mesma côr, senão sómente naquelles lugares, onde ha este coral, que faz parecer a mesma agoa vermelha, ou roxa, com a reuerberação do sol, quando as agoas estão claras. Esta experiencia fez *dom João de Castro*, quando veio a este mar, em huma grossa armada da India, da qual elle depois foy gouernador. Este prudente capitão correo de proposito quasi todo este mar roxo, como elle conta nos seus *commentarios geograficos*, que fez de todas estas terras; e nos lugares, onde via estas manchas vermelhas, mandaua mergulhar alguns homens, grandes mergulhadores, que ja leuaua pera este effeito, os quaes indo abaixo, ao fundo do mar, pera fazerem experiencia daquella vermelhidão, trouxerão muytos pedaços de coral vermelho, que arrancarão do fundo, e affirmarão que toda a mais vermelhidão, que aparecia, era coral vermelho.» Este *Roteiro* sahio finalmente á luz publica em París no anno passado de 1833, como diremos adiante, Nota 14.ª

(18) Couto, dec. 5.ª, liv. 8.º, cap. 2.º

NOTA 4.ª

He nomeado Capitão-mór da armada da guarda-costa (19)

A ordem, que D. João de Castro recebeo para vir á côrte, e de que acabámos de falar na precedente nota, teve sem duvida por objecto querer el-Rei encarregal-o de capitanear a armada, que se mandava fazer prestes para guardar a costa destes reinos; porquanto logo no 1.º de Dezembro do mesmo anno de 1542 o achâmos nomeado Capitão-mór della, por alvará de el-Rei, no qual se contém, além da nomeação, o regimento que havia de seguir no desempenho daquelle cargo. Deste regimento nos pareceo conveniente offerecer aos nossos leitores a integra, e vai entre os doc. num. 6.

Parece que D. João de Castro sahio logo ao mar no proprio mez de Dezembro de 1542; visto que por outras cartas de el-Rei consta ser chamado á sua presença em 14 de Abril do seguinte anno de 1543, e dar-se-lhe em 10 de Maio nova ordem para hir esperar as náos da India naquella paragem, aonde parecesse que ellas devião vir ter; cumprindo *em tudo o mais* (diz a carta) *o regimento, que lleuastes, quoando fostes por capitão mór da outra armada da costa, o anno pasado;* as quaes ultimas palavras se não podem commodamente entender, senão do mez de Dezembro precedente, de cujo principio data a nomeação e regimento.

Nesta segunda sahida ao mar tomou D. João de Castro huma náo Franceza, com a qual entrou em Cascaes, por ordem que el-Rei para isso lhe mandou em carta de 16 de Junho do referido anno de 1543 (doc. num. 7), voltando logo ao mar, aonde successivamente lhe forão dirigidas differentes providencias de el-Rei, em cartas de 20,

(19) Freire, liv. 1.º, §§ 21 e 22.

e 23 de Junho, de 30 de Julho, e de 5, e 7 de Agosto do mesmo anno, na ultima das quaes lhe manda que agradeça a seu filho D. Alvaro, e a outros Capitães, o que tinhão feito para salvar a náo *S. Filippe,* que tocára no cachôpo, e lhe fala já da jornada de Ceuta, para que o tinha destinado, e que el-Rei desejava se fizesse com a mór brevidade.

NOTA 5.ª

Jornada de Ceuta (20)

Por alvará de 9 de Agosto de 1543 foi D. João de Castro encarregado de hir á cidade de Ceuta, levando em sua conserva os navios da gente, artilharia, munições, e mais cousas, que naquella praça havião de ficar; e se lhe deo o regimento, que devia seguir em sua hida e estada.

Por hum dos artigos deste regimento lhe encommenda el-Rei o exame das fortificações de Ceuta, Alcacer, Tanger, e Arzilla; dos reparos, ou obras, que nellas se devião fazer; do estado dos armazens, gente, armas, &c.; e ao mesmo tempo lhe ordena, que havendo nova da armada dos Turcos (21), elle D. João se fique em Ceuta, *assy como* (diz) *me mandastes lembrar que o queryeis fazer;* e que nesse caso escolha, para vir por Capitão do seu galeão, e conduzir a armada a Lisboa, huma pessoa, que para esse mister seja idonea, porquanto (acrescenta el-Rei) *ainda que pera me seruirdes nesa armada seja tempo, e aja necesydade diso; pola confiança que de vós tenho, e pola grande inportancia da cousa, sendo caso que os Turcos viesem, me quero servir de vós nyso.*

(20) Freire, liv. 1.º, §§ 23-31.

(21) Parece que se temia então alguma interpreza do celebre *Barbaroxa,* que andava infestando as costas da Italia. Os nossos escriptores, que podemos consultar, não fazem menção destas prevenções de el-Rei, nem indicão os seus motivos.

No seguinte dia, 10 de Agosto, mandou el-Rei chamar D. João de Castro, e tendo praticado com elle, lhe fez expedir novas e particulares ordens sobre o que devia fazer em Alcacer, as quaes constão de outro regimento de 13 do mesmo mez e anno. Ambos os regimentos vão copiados, e são os num. 8 e 9 dos documentos.

Depois daquelle dia 13 de Agosto (e não a 12, como diz Freire no § 28), sahio D. João de Castro com a armada para Ceuta, sem se deter no caminho, nem poder (ao que parece) ter então cabimento a facção do Estreito de Gibraltar, de que fala o mesmo Jacinto Freire nos §§ 28-30; não só porque as suas instrucções, e os regimentos, que levava, não davão lugar a isso; mas tambem porque em 22, e 27 do dito mez já el-Rei o suppõe em Ceuta, pois lhe escreve para a dita cidade (doc. num. 10 e 11): e por outra carta regia de 28 se manifesta haver D. João effectivamente lá chegado, e ter já feito a desembarcação das munições, e começado a cumprir as outras cousas que el-Rei lhe ordenára nos citados regimentos (doc. num. 12).

A 24 de Dezembro estava D. João de Castro no Tejo, de volta da expedição de Africa, e nesta volta he que parece haver succedido o encontro da armada com sete náos de corsarios, segundo consta da carta regia de 27 daquelle mez, da qual damos tambem cópia (doc. num. 13); não só porque ella mostra bem a conta, em que el-Rei tinha este grande homem, a quem jámais escrevia sem expressões de grande louvor e confiança; mas tambem porque este, e os mais documentos, que deixâmos allegados na presente e antecedente nota, podem servir para rectificar o que diz Jacinto Freire nos lugares respectivamente apontados, e para desvanecer alguma confusão, com que elle parece ter descripto esta época da vida do seu heroe.

Dissemos, que D. João de Castro estava no Tejo a 24 de Dezembro de 1543: não tardou porém muitos dias,

que tornasse a sahir ao mar, com o mesmo cargo de Capitão-mór da armada, e com grandes poderes e alçada, que el-Rei lhe concedeo por seu alvará de 28 do dito mez e anno (doc. num. 14), da qual expedição se recolheo em Fevereiro de 1544, hindo então descançar de tantos, tão continuos, e tão importantes trabalhos até o principio de 1545, em que foi nomeado Governador da India.

E para que se não entenda que estes mesmos poucos mezes de descanço forão obra do seu genio isento (como algumas vezes parece querer inculcar Jacinto Freire) ou de menos consideração, que el-Rei tivesse a seus eminentes serviços, damos debaixo do num. 15 a propria carta de el-Rei, que o manda descançar, e que por extremo honra o Monarca e o vassallo; e ainda acrescentâmos, que por outra de 11 de Julho do mesmo anno de 1544 (doc. num. 16) lhe pedio el-Rei parecer e conselho sobre a organisação da nova armada, que queria mandar ao mar para guarda das costas do reino.

NOTA 6.ª

Vai por Governador da India (22)

A 5 de Janeiro de 1545 já D. João de Castro estava nomeado para Governador da India; porque nessa data se lhe expedio o regimento, pelo qual havia de dirigir-se no apparelhar, e prover de gente e mantimentos os navios da armada (23).

(22) Freire, liv. 1.º, §§ 32 e seguintes.

(23) A carta patente, que D. João de Castro levou, para por ella se lhe entregar a India, he datada de Evora, a 28 de Fevereiro de 1545; e por huma nota, posta no reverso, se vê que foi registada no livro do registo da casa dos contos, e fazenda da India, a fl. 96, por Antonio Gonsalves, Escrivão da Mesa da mesma fazenda, em Goa, a 26 de Agosto de 1547. Esta carta está registada com a mesma data na Chancellaria de el-Rei D. João III. (Real Arquivo.)

Debaixo dos num. 17–24 damos este regimento, e mais algumas das trinta e tantas cartas, que el-Rei, e a Rainha lhe escrevêrão sobre varias particularidades da armada, em quanto esta não desaferrou do porto de Lisboa.

Por estes documentos se confirma o que diz Jacinto Freire (§ 34) a respeito da inteira confiança, que el-Rei tinha na intelligencia, zêlo, e mais virtudes deste insigne varão; e como entregou ao seu cuidado, e até, em parte, ao seu arbitrio, a primeira e principal parte das disposições necessarias ao meneio, e prompta expedição daquella viagem.

Em quanto ao dia, em que a armada sahio do porto de Lisboa, e que Jacinto Freire (§ 37) diz ter sido a 17 de Março, parece-nos haver nisto alguma equivocação; visto que em 22 do dito mez ainda el-Rei escreveo a D. João de Castro, ordenando, que Martim Affonso de Sousa, *que ora está* (diz) *por meu capitão móor, e gouernador nas partes da India, venha na naao Sam Thomé, em que ora vós his, se ele for mais contente de vir nela, que na naao São Pedro, que he minha*, &c.

NOTA 7.ª

Chega a Moçambique (24)

De Moçambique escreveo D. João de Castro a el-Rei, como se vê da resposta, que el-Rei lhe deo em huma extensa carta de 8 de Março de 1546, a qual copiâmos por inteiro, entre os documentos (num. 25), por nos parecer de alguma importancia para a Historia. Pelo conteudo desta carta verá o leitor:

1.º Que a viagem de D. João de Castro até Moçambique tinha sido boa e feliz; e que se deve ter, pelo menos, por duvidoso o que diz Freire (§ 37) do grave perigo, e

(24) Freire, liv. 1.º, § 38.

quasi milagrosa salvação da sua náo, na costa de Guiné; devendo, porventura, referir-se este acontecimento a outro lugar, e occasião, que adiante notaremos (25).

2.º Que não menos se deve ter por duvidoso o que Jacinto Freire affirma no § 38 sobre a reforma, ou nova edificação da fortaleza de Moçambique, mandada fazer pelo Governador: porquanto da carta de el-Rei sómente se infere que D. João de Castro lhe mandára na verdade o *debuxo* daquella fortaleza, e alguns avisos sobre os seus defeitos, e possiveis melhoramentos; mas que nada emprehendêra sem esperar, como devia, a resposta, e approvação de el-Rei (26).

3.º Que a época do descobrimento dos rios de Lourenço Marques se deve referir ao tempo (pouco mais ou menos) em que D. João de Castro escrevia de Moçambi-

(25) Veja-se a Nota 8.ª no principio.

(26) O proprio Jacinto Freire, esquecido (ao que parece) do que tinha escripto neste lugar, quando no liv. 4.º, § 37 fala das náos, que chegárão á India em Setembro de 1546, e Maio de 1547, diz que nestas náos fôra ordem ao Governador, *que mandasse alargar o sitio á fortaleza de Moçambique*, o que seria inutil, se a obra já estivesse feita, como elle suppõe. O certo he, que nem D. João de Castro reformou a fortaleza de Moçambique, quando ali passou, nem o pôde fazer depois que para isso recebeo as ordens de el-Rei, por lho impedirem os trabalhos da guerra, e logo a morte. Fr. João dos Santos, na sua *Ethiopia Oriental*, liv. 3.º, cap. 4.º, falando da fortaleza nova de Moçambique, diz assim: «Esta fortaleza he huma das mais fortes que ha na India: foi traçada assi ella, como a de Damão, por hum architecto, que foy sobrinho do Arcebispo santo de Braga D. Fr. Bertholameu dos Martyres, da ordem dos Prégadores, o qual architecto, sendo mancebo, se foy a Flandres, donde tornou grande official de architectura; e depois disso foy mandado á India pola Rainha dona Catherina, quando governava este reyno, pera fazer estas fortalezas, o que foy no anno do senhor de 1558, quando dom Constantino foy por vice-Rei da India: e tornando este architecto da India, foyse pera Castella, onde tomou o habito da ordem de S. Hieronymo, e foy muy aceito a elRey Philippe II, e por sua traça se fizerão muitas obras no Escurial».

que; e que el-Rei, tendo então a primeira noticia desta empreza, julgou conveniente ordenar o seu proseguimento.

4.º Que el-Rei, informado das novas e repetidas tentativas dos Castelhanos sobre Maluco, tinha feito tratar este negocio pelo seu Embaixador na côrte do Imperador Carlos V, e dava, em consequencia disso, as suas ordens ao Governador da India para obstar aos progressos daquella usurpação.

5.º Que por aquelles tempos se negociava em Constantinopla a paz com o Turco, sendo agente da negociação por parte de el-Rei, ao principio Duarte Catanho (27); e depois Gaspar Palha; e que, sem embargo disso, el-Rei se não descuidava de prevenir os casos possiveis da guerra, maiormente no que tocava á conservação do poder Portuguez na India.

Achão-se finalmente na mesma carta outras providencias de el-Rei, e entre ellas algumas, que dizem particular respeito aos progressos da Christandade no Oriente, as quaes não julgàmos necessario especificar aqui, porque mais adiante se nos offerecerá opportuna occasião de tornarmos a falar dellas.

Além desta carta, e poucos dias depois da sua data, escreveo el-Rei outras duas a D. João de Castro, huma em 13 de Março sobre os negocios da Ethiopia (28); e

(27) Sobre a naturalidade e caracter de Duarte Catanho, veja-se Andrade, *Chronica*, part. 3.ª, cap. 50.º

(28) Com esta carta se achão, por cópia, outras duas, escriptas por el-Rei ao Imperador da Ethiopia, e aos Portuguezes, que lá existião desde o tempo de D. Christovão da Gama. Por ellas verá o leitor: 1.º, que el-Rei ainda conservava o desejo, e a esperança de descubrir alguma communicação entre aquelle imperio e a costa oriental, e occidental de Africa; 2.º, o conceito, que se deve fazer da pessoa e qualidades de D. João Bermudes, que os nossos escriptores chamão *Patriarcha da Ethiopia,* e sobre o qual se deve ler o que diz Tellez, *Historia da Ethiopia*, liv. 2.º, cap. 6.º e 20.º

outra em 14, sobre as terras firmes de Goa, e sua pretendida venda ao Hidalcão. Ambas nos parecêrão dignas de se publicarem, e são os num. 26, e 27 dos documentos.

Ultimamente damos debaixo dos num. 28 e 29 as respostas da Rainha Senhora D. Catharina, e do Cardeal Infante D. Henrique ás cartas que D. João de Castro lhes escreveo tambem de Moçambique; porque ainda que ellas não importem tanto aos conhecimentos historicos, mostrão comtudo a estimação que D. João de Castro merecia e gosava; e nos dão, por outra parte, huma boa prova da attenção benevola, com que os Principes Portuguezes tratavão, naquelles tempos, os sujeitos, que por seus serviços e relevantes qualidades se fazião benemeritos dessa distincção.

NOTA 8.ª

Sahe de Moçambique, e chega a Goa (29)

Na sahida de Moçambique, e através da ilha do Comaro, he que a náo de D. João de Castro correo o grande perigo, de que falámos na precedente Nota, e que Jacinto Freire, equivocadamente, refere á costa de Guiné na Africa occidental. Consta das duas cartas da Rainha, e do Infante D. Luiz, escriptas a D. João de Castro, em resposta ás que elle lhes escreveo depois de ter chegado á India.

D'ahi em diante continuou a armada sua navegação com prospera viagem até aferrar a barra de Goa, aonde chegou a 10 de Setembro, excepto sómente a náo *Santo-Espirito,* de que era Capitão Diogo Rebello, a qual por má navegação, invernou esse anno em Melinde, e passou á India no seguinte de 1546 (30).

(29) Freire, liv. 1.º, §§ 39-41.

(30) Gaspar Corrêa diz que D. João de Castro chegou a Goa no 1.º de Setembro com Garcia de Sousa, e D. Jeronymo, e que aos 10 chegou D. Manoel da Silveira.

Da India escreveo D. João de Castro a el-Rei, nas primeiras náos, que de lá vierão para o reino; mas não temos na collecção a resposta: temos sim as duas da Rainha e do Infante D. Luiz, acima indicadas, as quaes julgâmos conveniente dar por cópia, não só por serem de taes pessoas, e comprovarem o que no começo desta nota deixâmos dito; mas tambem porque a do Infante, em especial, merece ser lida com toda a reflexão, por quão propria he para mostrar os elevados sentimentos daquelle Principe; o alto conceito que elle fazia do seu illustre amigo; os sabios e prudentes conselhos que lhe dava; e até o sizudo, grave, e apurado estylo com que lhe escrevia. Estas duas cartas são os num. 30 e 31 dos documentos (31).

NOTA 9.ª

Duvidas sobre a authenticidade da carta de el-Rei de 8 de Março de 1546 para D. João de Castro, escripta de Almeirim, segundo Freire

No § 69 do liv. 1.º traz Jacinto Freire copiada huma carta de el-Rei para D. João de Castro, a qual pelo seu conteudo, estylo, e formulario nos pareceo sempre mui notavel, e talvez suspeita: não nos atreveremos comtudo a negar a sua authenticidade, porque pareceria isso, em nós, sobeja ousadia; e nos limitaremos tamsómente a notar aqui os fundamentos da nossa desconfiança.

Primeiramente, reflectindo no que he, ou se póde chamar, mero formulario, observâmos, que de setenta e mais

(31) A carta do Infante, de que aqui falâmos, vem copiada em Freire, liv. 3.º, § 4, sem alteração na substancia do texto: ha comtudo, na cópia, falta de algumas palavras, mudança de collocação em outras, e erro notavel na data, que deve ser de 16, e não de 26 de Março: por isso não julgâmos inutil produzil-a de novo entre os documentos.

cartas originaes, que temos á vista, mandadas escrever por el-Rei a D. João de Castro, e por el-Rei assignadas; nem huma só começa como esta: «*Governador amigo*», senão todas pelo nome do sujeito a quem se dirigem: «*D. João*», ou «*D. João de Castro*», ou (depois que teve carta de conselho): «*D. João de Castro, amigo*», e acrescentando sempre a formula: «*Eu El-Rei vos envio muito saudar*», e sómente huma destas cartas que el-Rei lhe escreveo, depois de o ter nomeado vice-Rei, começa nomeando-o pela dignidade «*Viso-Rei, amigo*», e acrescentando sempre: «*Eu el-Rei vos envio muito saudar*».

Em segundo lugar: nenhuma das mesmas cartas traz a formula da data com o *anno do nascimento* por extenso, como nesta de Jacinto Freire: «*Dada em Almeirim a 8 de Março, anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu-Christo de 1546*», formula que sómente tinha lugar nas cartas patentes, e em outros titulos, ou diplomas de maior importancia. Pelo contrario, nas simples cartas regias, taes como são todas as que temos na collecção, se diz tamsómente, v. gr.: «*Escripta em Cintra a 13 dias de Agosto de 1543*», ou «*Escrita em Almeirim a 8 de Março, N... a fez, anno de 1546*», ou *N... a fez em Evora, a 8 de Março de 1546*», &c.

Em terceiro lugar: não achâmos em nenhuma das mesmas cartas, nem em outros diplomas, que el-Rei fale jámais de si no numero plural, dizendo, v. gr. (como a cada passo diz nesta carta de Jacinto Freire): «*Nossa cidade de Goa; partes da India a nós sujeitas; he nossa vontade; havemos sido informados; vos mandamos; de tudo isto nos pareceo dar-vos conta*»; &c., &c. E este argumento he tanto mais forçoso e decisivo, quanto he certo, que el-Rei D. João III ordenou por huma sua provisão de 16 de Junho de 1524, que d'ali em diante, em quaesquer alvarás, provisões, cartas, ou escripturas suas, se dissesse: «*Eu el-Rei*», e não «*Nós el-Rei*»; e que

aonde se dizia: «*Fazemos saber*», se dissesse: «*Faço saber*», ou «*Mando*», ou «*Ey por bem*», &c. (32).

Deixando porém os formularios, e voltando ora as nossas reflexões para o conteudo da dita carta, notâmos nella ordens tão positivas, e ao mesmo tempo tão violentas, e de tão difficil, e até perigosa execução, ácerca da extincção da idolatria, e dos ritos e festas gentilicas, nos lugares do Oriente sujeitos aos Portuguezes, e habitados, em grande parte, de Gentios, e Mahumetanos, que nos parece não concordarem de maneira alguma com a grande prudencia de el-Rei, e com a circumspecção, que elle sempre recommendava, ainda em objectos muito menos importantes, e de muito menor interesse para a conservação e paz daquelles estados.

Demais: o Padre João de Lucena, na *Vida do Santo Xavier*, liv. 2.º, cap. 22.º, falando desta mesma carta, sem dar a sua integra, e sómente substanciando os seus differentes artigos, aponta alguns, que se não achão na cópia de Freire; omitte outros, que nella se lêem; e refere outros, que em Freire vem com differença, e talvez dizem o contrario; como poderiamos mostrar pelo parallelo de ambos os escriptores, e facilmente verificará quem tiver a curiosidade de os comparar.

O mesmo Lucena, no fim do seu resumo diz assim: «*No que tocava a Manár, erão estas as palavras da carta*»; e traz hum artigo, como copiado della em termos formaes: comtudo este artigo não só se não acha, em taes termos, na cópia de Jacinto Freire, mas parece, além disso, ser tirado da carta, que nós damos copiada a num. 25, no § que começa: «*No negocio do rey de Jafanapatam*», e não em *termos formaes*, mas com muita diversidade em materia, frases, e palavras.

Finalmente parece pouco verosimil, que escrevendo el-

(32) Andrade, *Chronica de el-Rei D. João III*, part. 1.ª, cap. 48.º

Rei a D. João de Castro a extensa carta que acabámos de citar, e he entre os documentos o num. 25, e havendo nella dous artigos sobre objectos relativos á christandade d'aquelle Oriente, e aos meios de a promover, em nenhum delles se refira el-Rei a esta outra carta extraordinaria de Freire, e Lucena, que (como se suppõe) foi escripta no mesmo dia 8 de Março de 1546.

Acresce ainda a estas razões, que nem Francisco de Andrade, na *Chronica de D. João III*, nem Diogo do Couto, nas suas *Decadas*, fazem menção alguma de semelhante carta, nem das extraordinarias ordens, que nella se suppõem dadas. E posto que este argumento seja (segundo a frase dos criticos) meramente negativo, nem por isso deixa de ter grande força, supposta a importancia do objecto, a diligente exacção d'aquelles escriptores, e a impressão, que taes ordens devião ter produzido nos estados da India, aonde Couto escreveo as suas *Decadas*, e aonde não só recolheo as tradições ainda recentes, mas teve á mão os mais importantes documentos, que em seu tempo se conservavão.

Seja-nos permittido, por ultimo, e com o respeito devido a hum escriptor tão benemerito, como Lucena, notar aqui huma contradicção mui palpavel, em que elle cahio; a qual tendo intima relação com o objecto de que tratâmos, augmentou fortemente a nossa suspeita, e quasi nos induzio a suppor alguma particular e occulta intenção, que todavia nos não he possivel adivinhar.

No liv. 2.º, cap. 5.º da *Vida do Santo Xavier*, louvando Lucena o zêlo, aliás notorio, que o Vigario Geral da India Miguel Vaz tinha mostrado na conversão dos infieis, diz que «*Elle mandou derrubar os pagodes das ilhas de Goa: fez desaparecer as publicas idolatrias, festas, e superstições gentilicas; desterrou com autoridade real os Bramenes, que mais impediam a dilataçam da fé; alcançou se dessem aos christãos, nouamente feytos, os cargos e*

officios, que dantes seruiam os gentios com grande prejuizo da conuersam; e só a buscar estes e outros semelhantes despachos, veyo da India a este reyno, e tornou á India», &c. Ao mesmo passo, que pouco adiante, no cap. 22.º do dito livro, aonde traz o resumo da carta de que tratâmos, esquecido (ao que parece) do que acima tinha dito, e queixando-se do pouco effeito, que tiverão as suppostas ordens de el-Rei, diz assim: «*Mas o que resultou de todas estas diligencias do P. M. Francisco* (o Santo Xavier) *e do vigario geral, foi, que a carta de el-Rei, segundo acho per hũa cota do secretario, que então era do estado, foy lida no conselho da India, e nelle se respondeo a cada hum dos capitulos de Sua Alteza, sem se executarem senam muy poucos, e os de menos importancia*», &c.

E advirta-se, que não só estes dous lugares de Lucena são entre si incoherentes; mas que seria quasi impossivel verificar-se o que elle affirma no primeiro: porquanto o Vigario Geral Miguel Vaz, vindo a Portugal com cartas do Santo Xavier, em 1545, para sollicitar algumas providencias a bem d'aquella nascente christandade, foi despachado em Março de 1546, e voltando logo á India, chegou a Cochim por Setembro do mesmo anno; d'ahi partio para Goa, aonde estava em Dezembro; e no Janeiro immediato de 1547 falleceo; sem ter visto D. João de Castro (que ainda estava em Dio) para lhe communicar quaesquer ordens, que levasse de el-Rei; e sem poder elle mesmo executal-as (caso o devesse fazer independente do Governador) no breve espaço de dous ou tres mezes, e em materias tão arduas, e tão arriscadas, quaes são as que Lucena aponta, e lhe attribue. As datas, que aqui suppomos, constão de algumas cartas, que temos na collecção, e cujos artigos copiâmos no doc. num. 32.

Á vista de tudo o que deixâmos ponderado, julgará o leitor prudente o conceito que se deve fazer, tanto da

carta substanciada por Lucena, e copiada por Freire, como dos factos, que a ella se referem. Pela nossa parte, o que sabemos de certo, e nos mostrão os documentos, he que Miguel Vaz veio a este reino com o intuito que já indicámos; e que el-Rei deferio ao seu zêlo e instancias com as providencias geraes, que constão da carta, por nós copiada, e já tantas vezes citada, num. 25, aonde expressamente se refere ás informações que tivera *por Miguel Vaz, e pelas cartas de Mestre Francisco* (o Santo Xavier).

Sómente acrescentaremos (para não omittir cousa alguma, que possa illustrar o leitor) que na carta da Camara de Goa, escripta a D. João de Castro em 27 de Dezembro de 1546, sobre o emprestimo que elle lhe pedíra (33), se lêem estas notaveis palavras: «Faz a cidade lembrança a V. S., que os gemtios moradores, mercadores, e gancares fizeram parte deste emprestimo, como lhe já dizemos; *e nam averemos por muito aver ahy homens vertuosos, que faram crer a Sua Alteza, que nam seruem de nada* (os gentios), *e que he bem, que os lancem fóra desta terra*», &c., das quaes palavras parece colligir-se, que ou em Goa se receiava então alguma ordem de el-Rei para a expulsão dos gentios, ou pelo menos havia quem lembrava, propunha, ou talvez publicava essa medida, como conveniente aos interesses da christandade n'aquellas terras.

NOTA 10.ª

Cerco de Dio: soccorros que lhe manda o Governador (34)

Quasi todo o liv. 2.º de Jacinto Freire se emprega em descrever as causas, que motivárão esta guerra de Cam-

(33) Desta carta da Camara fazemos adiante larga menção, e a damos por integra entre os documentos num. 35.

(34) Freire, liv. 2.º

baia, e segundo cerco de Dio, sendo Governador da fortaleza D. João Mascarenhas; os varios successos do mesmo cerco; os frequentes soccorros que D. João de Castro mandou em defensão da fortaleza, &c. Sobre estes objectos pouco achâmos de novo nos nossos documentos, que mereça especial menção. Como porém Jacinto Freire se descuidou de determinar as datas de alguns acontecimentos, e nem he exacto nas que refere, sendo este hum dos grandes e indispensaveis meios de dar ordem e clareza á Historia, e de fazer proveitosa a sua leitura; pareceo-nos conveniente supprir aqui este defeito, valendo-nos das cartas e documentos da nossa collecção, e da *Chronica* de Andrade; porque tambem deste modo se fica melhor conhecendo o grande trabalho, incrivel actividade, e consummada prudencia, com que D. João de Castro a tudo attendia, e tudo providenciava, vencendo innumeraveis difficuldades, e até contrastando a furia dos tempos, e dos mares.

He pois esta a ordem dos successos desta guerra e cerco, na parte que diz respeito ao nosso principal intento.

1546—15 de Abril

Chega a Goa o primeiro aviso de D. João Mascarenhas sobre a effectiva declaração da guerra de Cambaia. (Freire, liv. 2.º, § 9; Andrade, part. 4.ª, cap. 2.º)

O Governador da India manda logo seu filho D. Fernando com soccorro; e despacha D. Francisco de Menezes para Baçaim, aonde devia aprestar outra armada.

18 de Maio

Entra D. Fernando em Dio com o soccorro. (Freire, liv. 2.º, § 40; Andrade, part. 4.ª, cap. 6.º) Diogo do Couto, dec. 6.ª, liv. 1.º, cap. 9.º, refere esta entrada *ao fim de Maio*.

29 de Junho

Está D. Francisco de Menezes em Baçaim, aonde se fez prestes a armada, com que depois foi em soccorro de Dio. (Vej. a carta que damos entre os doc. num. 33, e corrija-se por ella o que diz Freire, liv. 2.º, § 87; e Couto, dec. 6.ª, liv. 2.º, cap. 7.º, e liv. 3.º, cap. 1.º)

24 de Julho

He desta data o regimento, que temos original na collecção, dado por D. João de Castro a seu filho D. Alvaro de Castro, Capitão-mór do mar, para hir soccorrer a fortaleza. Vai copiado, e he entre os doc. o num. 34. Por elle se deve corrigir o que diz Freire, liv. 2.º, §§ 122 e 158; e Couto, dec. 6.ª, liv. 2.º, cap. 7.º No proprio dia 24 de Julho sahio D. Alvaro de Pangim, segundo refere Andrade, part. 4.ª, cap. 9.º

Agosto

Em differentes dias deste mez entrão successivamente em Dio: 1.º, Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora; 2.º, Luiz de Mello; 3.º, D. Jorge de Menezes, e D. Duarte de Lima (35); 4.º, D. João de Taide, e Francisco de Ilher (36); 5.º, Ruy Fernandes, Feitor de Chaul (37). (Andrade, part. 4.ª, cap. 13.º)

(35) Couto, dec. 6.ª, liv. 3.º, cap. 3.º, e Freire, liv. 2.º, §§ 139 e 140 nomeão estes dous fidalgos *D. Jorge*, e *D. Duarte de Menezes*.

(36) Couto, no mesmo lugar, e Freire no § 143, em lugar de *D. João de Taide*, e *Francisco de Ilher*, dizem *D. Antonio de Ataide*, e *Francisco Guilherme*. *Ilher* he hum lugar ou bairro ao sul de Malaca, donde provavelmente tomou o appellido *Francisco de Ilher*.

(37) A este *Ruy Fernandes* dá Couto, dec. 6.ª, liv. 3.º, cap. 5.º, e Freire, liv. 2.º, § 157, o nome de *Ruy Freire;* mas he manifesta equivocação; porque este bom Portuguez he o mesmo que escreveo a carta num. 33, aonde está clara a sua assignatura.

29 de Agosto

Chegão a Dio D. Alvaro de Castro e D. Francisco de Menezes, cada hum com a sua armada. (Andrade, part. 4.ª, cap. 13.º; Freire, liv. 2.º, § 158.)

4 de Setembro

Chega a Goa a noticia de haver D. Alvaro entrado em Dio. (Andrade, part. 4.ª, cap. 14.º Vej. Freire, liv. 2.º, § 175.)

Fins de Setembro

Chega a Dio Vasco da Cunha. (Andrade, part. 4.ª, cap. 14.º; Freire, liv. 2.º, § 178.)

Nestes fins de Setembro sahio D. João de Castro ao mar para hir em soccorro de Dio. (Andrade, part. 4.ª, cap. 14.º; Lucena, liv. 6.º, cap. 1.º) Freire, liv. 3.º, § 1, e Couto, dec. 6.ª, liv. 3.º, cap. 9.º, dizem que elle sahíra de Goa a 17 de Outubro; mas enganárão-se; porque a 16 deste mez escrevêrão os mesteres de Goa huma carta a D. João de Castro, já ausente, e della mesma se vê que tinha sahido antes do dia 13.

26 de Outubro

A 26 de Outubro parte de Baçaim para Dio, levando sessenta fustas, e doze náos e galeões, em que podião hir quatrocentos soldados. Toma a ilha dos Mortos para fazer agoada, e recolher os navios, e manda entretanto D. Manoel de Lima com vinte fustas guerrear a costa de Cambaya. (Consta da carta escripta por D. João de Castro aos Vereadores, Juizes, e povo de Goa, em data de 15 de Novembro de 1546, dando-lhe parte da batalha e victoria de Dio, a qual carta vem copiada na *Chronica* manuscripta da India de Gaspar Corrêa, tom. 4.º, pag. 391.)

6 de Novembro

Surge D. João de Castro diante de Dio. (Andrade, part. 4.ª, cap. 15.º; Freire, liv. 3.º, § 8, &c.)

11 de Novembro

Dá a famosa batalha, e fica senhor da cidade. (Andrade, part. 4.ª, cap. 17.º; Freire, liv. 3.º, § 13, &c.)

15 de Novembro

A 15 de Novembro escreve aos Vereadores, Juizes, e povo de Goa, dando-lhes parte da victoria. Esta carta he levada a Goa por D. Alvaro de Castro, que chega áquella cidade a 19.

NOTA 11.ª

Erro da data das cartas do Infante D. Luiz para D. João de Castro, que Freire diz trazidas a Cochim por Lourenço Pirez de Tavora em as náos do reino

Ha em Freire, liv. 3.º, § 4, huma notavel equivocação que nos pareceo conveniente corrigir. Fala da chegada de Lourenço Pirez de Tavora a Cochim com as náos do reino, e da sua immediata partida para Goa, e logo para Dio em soccorro da fortaleza, e dizendo que nestas náos tivera D. João de Castro cartas do Infante D. Luiz; dá ahi mesmo, por cópia, a que o Infante lhe escreveo em 26 de Março de 1547.

He sabido que o cêrco de Dio foi no anno de 1546, e que no Outubro desse anno he que Lourenço Pirez chegou a Cochim. Fica pois claro, que huma carta escripta em Almeirim a 26 (aliás 16) de Março de 1547, não podia hir em náos, que chegárão á India em Outubro do anno precedente.

Esta carta do Infante, bem como as outras que D. João de Castro recebeo de el-Rei, e da Rainha, escriptas em

Março de 1547, forão levadas á India na armada que nesse mesmo mez e anno partio do reino, e que lá chegou, parte em Setembro, e parte no Maio do anno seguinte. (Couto, dec. 6.ª, liv. 5.º, cap. 3.º)

As que D. João de Castro recebeo pela armada de Lourenço Pirez devião ser escriptas no reino, o mais tardar, em Março de 1546.

Da carta do Infante, que aqui traz copiada Jacinto Freire, já falámos na Nota 8.ª

NOTA 12.ª

Sobre o emprestimo (38)

No § 30 do liv. 3.º traz Jacinto Freire copiada a resposta, que a Camara de Goa deo a D. João de Castro, a respeito do emprestimo de 20:000 pardáos, que elle lhe pedíra para reparo da fortaleza de Dio, e despezas de sua fortificação. Acha-se porém esta carta tão mutilada em Jacinto Freire, que nos pareceo indispensavel copial-a de novo, por integra, e he entre os documentos o num. 35.

O leitor, que comparar a nossa cópia, tirada exacta e fielmente do original, com a de Jacinto Freire, facilmente adivinhará os motivos por que este escriptor commetteo huma especie de infidelidade, tão alheia da sinceridade historica.

Primeiramente: a Camara de Goa faz nesta sua carta pezadas queixas da pouca conta que el-Rei com ella tivera, e do esquecimento, em que parecia estar de seus serviços, não lhe escrevendo n'aquelle anno: e ao mesmo passo que mostra a mais perfeita lealdade, obediencia, e submissão ao seu Rei, não deixa por isso de expôr a semrazão, com que (a seu juizo) era delle aggravada; e isto com aquella nobre, e energica, posto que respeitosa

(38) Freire, liv. 3.º, § 30.

liberdade, que cumpre a hum povo honrado; mas que já ou não agradava, ou porventura se não tolerava no tempo de Jacinto Freire: por onde nos parece, que elle julgou mais conveniente faltar á obrigação de historiador, do que parecer aspero aos ouvidos cortezãos, ainda repetindo palavras alheias, e de tempos menos melindrosos.

Em segundo lugar, supprime Jacinto Freire muitos periodos, que a seu parecer fazião menos generoso o procedimento da Camara e povo de Goa neste emprestimo, por pedirem a restituição delle (39) quando fosse possivel, e por indicarem para esta restituição hum methodo, que não fosse em prejuizo, e oppressão do povo, como outras vezes, e determinadamente no tempo do vice-Rei, D. Garcia de Noronha, tinha acontecido.

Acaso julgou Jacinto Freire, que isto causava algum deslustre á gloria de D. João de Castro, a qual elle não poucas vezes parece que pretende exalçar por meio de semelhantes reticencias: mas enganou-se o benemerito escriptor. As nobres e sobreexcellentes virtudes e qualidades do illustre Castro não dependem dos factos alheios, e ainda menos da occultação da verdade, para merecerem o nosso louvor, e o da imparcial posteridade. Por outra parte o respeito, o amor, e a adoração que lhe tributavão a Camara, os mesteres, e o povo de Goa, e a plena confiança que nelle tinhão, he mui visivel nesta, e em outras cartas, que damos copiadas entre os documentos. Nós, pelo menos, somos de parecer, que esta carta da Camara, ainda que não tenha aquella polidez de expressões. e perfeição de estylo, que hoje se desejaria em tal genero de escriptura, honra comtudo a Camara que a escreveo. o Governador, a quem foi dirigida, e até (se nos he per-

(39) Andrade, *Chronica,* par. 4.ª, cap. 18.º, diz que a camara de Goa *fizera serviço* ao Governador dos 20:000 pardáos do emprestimo, *sem querer pagamento delles:* mas o avisado escriptor foi, nesta parte, muito mal informado.

mittido dizer o nosso pensamento todo) honra o proprio Monarca; pois que a Camara, queixando-se delle em termos respeitosos, mas sentidos, não receiou offender a sua alta soberania, nem desmerecer a continuação da real benevolencia, que parecia ser o objecto da sua nobre ambição.

Finalmente: omittio Jacinto Freire ainda outro notavel artigo da carta, cuja publicação lhe pareceo, porventura, arriscada no seu tempo. Tinha a Camara dito no corpo da carta, que os *gentios* todos de Goa havião concorrido para o emprestimo com 9:200 e tantos pardáos, que era quasi a metade do total: e no fim da carta acrescentou estas palavras: «*Faz a cidade lembrança a V. S. que os gentios moradores, mercadores, e gamcares fizeram parte deste emprestimo, como lhe ja dizemos: e nam averemos por muito aver ahy homens virtuosos, que faram crer a S. A., que nam seruem de nada, e que he bem, que os lancem fora desta terra: avemos por escusado muitas pallavras ácerqua deste negocio, porque V. S. o semte muy bem*».

Neste mui notavel periodo alludia, sem duvida, a Camara (como já acima notámos) ao projecto, ou intento, que então parece haver-se proposto, ou insinuado, ou talvez publicado, de expulsar de Goa, e ainda dos outros estabelecimentos Portuguezes da Asia, os gentios que nelles habitavão, e de extinguir por meios violentos a idolatria, e os ritos, festas, e superstições gentilicas. As palavras da Camara quasi apontão os auctores desta lembrança; *homens virtuosos* na verdade, mas destituidos da prudencia politica, e religiosa, que se requer em resoluções de tanto melindre, e de tão arriscadas consequencias. As mesmas palavras da Camara indicão tambem o que D. João de Castro sentia a respeito de taes projectos, sem embargo do amor que tinha á religião, e á verdadeira virtude, e do zêlo, com que promovia os interesses de ambas. Póde ser que este modo de sentir do illustre

Castro désse occasião ao que escreveo Lucena a respeito delle na *Vida do Santo Xavier*, liv. 2.º, cap. 22.º, e mais largamente no liv. 6.º, cap. 1.º, perto do fim.

A esta carta da Camara de Goa ajuntâmos outras do Bispo, dos mesteres, e de algumas pessoas publicas e particulares, que dirigírão a D. João de Castro os emboras da grande e mui assignalada victoria, que tinha alcançado de el-Rei de Cambaia, as quaes escolhemos de entre muitas outras, que temos na collecção, e que todas conspirão em mostrar a grandeza e importancia d'aquelle feito; o respeito e admiração, que com elle grangeou o Governador, e as publicas demonstrações religiosas e civis que, por esse motivo e occasião, tiverão lugar. Correm estes documentos desde o num. 36 até o num. 42.

NOTA 13.ª

Segunda guerra de Cambaia, e ultimas acções de D. João de Castro (40)

Em abril de 1547, depois de reparada e ampliada a fortaleza de Dio, e compostas as cousas do seu governo e fortificação, voltou D. João de Castro a Goa (41), aonde

(40) Freire, liv. 4.º

(41) Não nos he possivel determinar precisamente os dias, em que D. João de Castro chegou á barra de Goa, e entrou na cidade em triunfo. Andrade, na *Chronica*, part. 4.ª, cap. 19.º, diz que o Governador chegára a 19 de Abril, e que d'ahi a tres dias entrára na cidade. Lucena, *Vida de Xavier*, liv. 6.º, cap. 1.º, parece seguir a mesma opinião, quando diz que o Governador entrára em Goa a 22 de Abril. Diogo do Couto, porém, na dec. 6.ª, liv. 4.º, cap. 6.º, põe a chegada de D. João de Castro a Goa a 11 de Abril, *em huma quarta feira*, e diz, que ao domingo seguinte, que forão 15, fizera a sua entrada solemne, e isto mesmo segue Jacinto Freire, liv. 3.º, § 40, dizendo que *para os 15 de Abril se destinára o dia do triunfo.* As datas de Couto e Freire são manifestamente erradas: porquanto de huma carta, que temos no collecção, escripta de Goa a D. João

o amor e agradecimento dos Portuguezes o esperavão com a solemnidade do triunfo, e com as insolitas demonstrações de alegria e applauso, que referem os nossos escriptores que disto falárão com mais ou menos extensão (42), demonstrações nunca d'antes, ou depois praticadas com outro algum Capitão Portuguez.

Sobre a guerra que se fez ao Hidalcão (43) nesses mezes do inverno, que D. João de Castro passou em Goa, e sobre os mais negocios do estado, que então occorrêrão, não achâmos em nossos documentos cousa notavel, que mereça aqui especial menção: e sómente nos pareceo dar cópia de duas cartas do Bispo de Goa, que illustrão o que diz Freire (§§ 1–4, 8 e 9) sobre a conversão e christandade de el-Rei de Candea (num. 43 e 44).

Logo porém que pela cessação do inverno se abrírão os mares, voltou D. João de Castro ao norte, aonde novas

de Castro em 12 de Abril, se vê que elle não tinha chegado a 11. Mas esta mesma carta não nos permitte, por outra parte, fixar as verdadeiras datas da chegada e triunfo. Começa ella assim: «*Temos qua cada dia nouas tão quemtes de sua partida ser de dio á primeira oytava, que hey por escusado dar meuda conta a V. S...*», &c. Facil seria determinar a quantos do mez cahio naquelle anno a primeira oitava da pascoa; mas como não sabemos se as novas, que corrião em Goa erão verdadeiras; se o Governador partio com effeito de Dio na primeira oitava, e se gastou muito ou pouco tempo na viagem, forçosamente havemos de deixar este ponto na incerteza, em que o achámos; inclinando-nos porém mais a adoptar as datas do chronista Andrade, tanto porque se não oppõem á nossa carta, como pelo maior conceito de exactidão, que nos merece este escriptor (*).

(42) Andrade, *Chronica,* part. 4.ª, cap. 19.º; Couto, dec. 6.ª, liv. 4.º, cap. 6.º; Freire, liv. 3.º, §§ 40 e 41; Lucena, *Vida de Xavier,* liv. 6.º, cap. 1.º, &c.

(43) Aliás *Adel-Kan,* Barros, dec. 4.ª, liv. 7.º, cap. 3.º

(*) Gaspar Corrêa aponta para a chegada a Goa, e para o triunfo as datas que vão indicadas a pag. 69, *in fine,* abraçadas pelo auctor nos *Apontamentos bibliograficos,* posteriores na composição ás *Notas sobre a Vida de D. João de Castro. (O editor.)*

tentativas de el-Rei de Cambaia demandavão a sua presença, o seu valor, e o valor dos Portuguezes.

Dos grandes feitos desta segunda guerra de Cambaia chegou noticia a Goa em meio de Novembro de 1547 (44), como se vê de algumas cartas que temos na collecção, entre as quaes damos cópia d'aquellas, que a alguns respeitos nos parecêrão dignas de curiosidade. Vão desde num. 45 até num. 50.

Tendo então cessado, em grande parte, os receios de hum novo cêrco, e insistindo D. João Mascarenhas em deixar o governo da fortaleza, sahio de Dio para passar ao reino, e chegou a Goa em 25 de Novembro, como consta da carta num. 53, escripta nesse mesmo dia ao Governador, ficando em lugar delle por Capitão de Dio Luiz Falcão, que o tinha sido de Ormuz.

Deste Capitão temos varias cartas escriptas a D. João de Castro desde 15 de Janeiro de 1548, pelas quaes, e por outras, se mostra ter havido nesse tempo algumas negociações para a paz com el-Rei de Cambaia, a qual comtudo sómente se ajustou e concluio, depois do fallecimento de D. João de Castro, e em tempo do Governador Garcia de Sá (45). Póde fazer-se alguma idéa destas negociações pelas cartas, que damos copíadas desde num. 54 até num. 59, entre as quaes julgâmos notavel a do num. 56, aonde Luiz Falcão faz algumas judiciosas, posto que breves reflexões, a D. João de Castro sobre a conveniencia e

(44) Por aqui se vê que D. João de Castro não partio de Goa para o norte, a fazer esta segunda guerra, *nos fins de Novembro*, como se lê na *Chronica* de Andrade, part. 4.ª, cap. 21.º, edição de Coimbra de 1796; mas sim muito antes, porquanto de huma carta escripta de Goa ao Governador em 19 de Outubro se vê que já então era partido para Cambaia, e o mesmo se collige do proprio Andrade, combinando o dito cap. 21.º com o 22.º: pelo que suspeitâmos erro typografico nas citadas palavras.

(45) Couto, dec. 6.ª, liv. 7.º, cap. 7.º

opportunidade da paz, e lhe annuncia os trabalhos, que havião de acrescer ao estado pela recente acquisição de Adem, como effectivamente aconteceo.

Emquanto D. João de Castro esteve no norte, fazendo guerra a Cambaia, como deixâmos dito, succedeo o novo commettimento do Hidalcão contra as terras firmes de Goa, de que faz menção Jacinto Freire nos §§ 57 e 59 do liv. 4.º Sobre o que, por esta occasião, occorreo em Goa, devem ler-se as cartas num. 50 até 53, porque ellas confirmão, e rectificão algumas das particularidades referidas pelo dito escriptor.

NOTA 14.ª

Reflexões geraes

Tem-se notado por muitas vezes, que Jacinto Freire, escrevendo a *Vida de D. João de Castro,* seguio antes as leis de panegyrista, que as de historiador, e na verdade, que parece este pensamento auctorisado, não só pelo estylo com que escreve, mas tambem pela liberdade que ás vezes toma a respeito do modo de referir os feitos e acções do seu heroe.

Já dissemos que o grande valor de D. João de Castro, o seu perfeito desinteresse, a sua incontrastavel fidelidade, exacção, obediencia, e pontualidade no serviço do Rei e da patria, finalmente as suas virtudes publicas e particulares, são tão manifestas e patentes em todas as acções da sua vida, que não necessitão, por certo, dos artificios oratorios, para excitarem a nossa admiração e saudade, e para merecerem a perpetua veneração de todos os homens, que amão o bem e a virtude. Por onde nos tem sempre parecido pouco proprios do caracter do illustre Castro, e não menos da sinceridade e severidade da Historia, alguns dos meios que se empregárão para exalçar o seu merecimento, já alterando a pura verdade dos factos, já deprimindo talvez os generosos sentimentos

do Monarca, em cujo tempo elle viveo e servio; já finalmente creando, em seu favor, na opinião dos leitores, huma especie de affeição compassiva, que singularmente contrasta com a nobreza de suas acções, e com a superioridade de seus merecimentos.

Lançando os olhos logo aos primeiros paragrafos da *Vida* deste insigne varão, ao mesmo passo que o escriptor nos diz, que elle estudára as mathematicas com o famoso geometra Portuguez Pedro Nunez, e que *nesta sciencia se fizera tão singular, como se a ouvera de ensinar;* acrescenta, que *D. João amava as letras por obediencia, e as armas por destino,* e que *desprezára, como pequena, a gloria das escolas, achando para seguir a guerra, em si inclinação, em seus avós exemplo.* Expressões, e clausulas, que parecendo envolver huma especie de contradicção, mostrão quanto o escriptor, aliás benemerito, sacrificava a exactidão do discurso ao ingrato gosto das antitheses, que não poucas vezes desfigurão a belleza de tão elegante, e polida composição.

Nada hoje podêmos dizer com certeza sobre as inclinações naturaes de D. João de Castro para os estudos, ou para a guerra: mas se he verdade, que elle preferio, por escolha sua, o serviço militar, que aliás era no seu tempo o ordinario emprego dos fidalgos Portuguezes, não he menos certo, que se distinguio entre muitos no amor e applicação aos estudos; que longe de os desprezar, os continuou constantemente em toda a sua vida; e que no meio dos multiplicados e assiduos trabalhos, a que o chamavão seus empregos, já como Capitão, já como Governador, não deixou nunca de fazer uso dos conhecimentos filosoficos e mathematicos, que havia adquirido, nem de procurar adquirir outros de novo, que servissem de ornamento ao seu espirito, e lhe causassem util diversão e allivio.

Já acima notámos, e consta do doc. num. 3, que hindo

D. João de Castro a primeira vez á India, não perdeo a occasião de fazer uteis *observações* sobre aquella navegação, e fenomenos naturaes, que nella se lhe offerecêrão, dando conta deste seu trabalho ao Infante D. Luiz, logo que chegou a Moçambique, e merecendo deste benemerito Principe o louvor que se vê da sua carta.

Hindo depois ao estreito do mar roxo com o Governador D. Estevão da Gama, escreveo não só o *Roteiro* da viagem, e a descripção das costas, bahias, e portos d'aquelle mar, mas tambem muitas doutas observações, de que faz menção o proprio Jacinto Freire, liv. 1.º, § 19, aonde quasi esquecido do que pouco antes dissera, conta agora como *parte menor* da grandeza de Castro *o que os Romanos, com tão soberba eloquencia, escrevem de seu Cesar, que com tanto juizo tomava a penna, como com valor a espada!* Elogio exagerado; mas que ainda sendo reduzido a termos razoaveis, não competiria a hum homem, que sómente *por obediencia* amasse as letras, e que *desprezasse, por pequena,* a gloria das escolas (46).

Em outro lugar (liv. 4.º, § 110) nos diz o mesmo Freire, que D. João de Castro, estando Governador da India, *nas horas, que lhe perdoavão os cuidados da guerra, descrevera em copioso tratado toda a costa que jaz entre Goa e Dio, sinalando os baixos e recifes, a altura da elevação do polo, em que estão as cidades, restingas, angras, e enseadas, que formão os portos; as monções dos ventos, e condições dos mares,* &c. (*), *tudo com tão miuda e acertada*

(46) Agora mesmo, sendo passados alguns annos, depois que escrevemos estas notas, chegou á nossa mão o *Roteiro de D. João de Castro, tirado á luz do manuscripto original, e acrescentado com o Itinerarium maris rubri,* tudo impresso por cuidado e diligencia do douto Portuguez, nosso amigo, o *Doutor Antonio Nunes de Carvalho, da cidade de Viseu, Professor de Filosofia Racional e Moral, e de Jurisprudencia Civil na Universidade de Coimbra.* Parìs, 1833, 8.º

(*) Vej. pag. 64, lin. 10.ª e seg. deste tomo 6.º *(O editor.)*

geographia, que o podéra esta só obra fazer conhecido, se já o não fora tanto pelo valor militar. Póde ser (e nós o presumimos) que désse occasião a esta obra a recommendação, que el-Rei lhe fizera na sua carta de 8 de Março de 1546 (doc. num. 25, perto do fim), pedindo-lhe *o debuxo das principaes fortalezas* da India, e asy a cidade ou lugar em que cada huma dellas estivesse, e o seu sitio, *tudo feito per petipé, em cartaz, ou em alguma madeira leve*, &c.

Quando el-Rei mandou D. João de Castro a Africa (Nota 5.ª), vê-se pelos regimentos que lhe deo, e por outras cartas, que depois lhe dirigio a Ceuta, a confiança que tinha em seus conhecimentos relativos á fortificação das praças, e portos maritimos; e outro tanto se collige da já citada carta num. 25, pelo que D. João de Castro informou a el-Rei sobre a fortaleza de Moçambique, como advertimos na Nota 7.ª

Finalmente, dos extractos que damos, debaixo do num. 60, de algumas cartas, que existem na nossa collecção, podemos ainda deduzir a curiosidade litteraria deste grande homem, que no meio de tantos trabalhos procurava a *Historia* de Alexandre Magno, escripta em lingua parsea; e julgavão os seus subditos e amigos, que lhe fazião hum donativo de muito preço e estimação, offerecendo-lhe outros livros na mesma linguagem.

Do que tudo se collige, que se D. João de Castro *amava as letras por obediencia*, não as amava e cultivava menos por inclinação, e gosto, nem jámais podia caber no seu grande juizo *desprezar por pequena a gloria das escolas*, que parece ter sido sempre hum dos alimentos do seu espirito, e até hum dos objectos da sua nobre e virtuosa ambição.

O segundo ponto geral, em que Jacinto Freire parece desviar-se hum pouco da rigorosa verdade historica, he o conhecido empenho, que manifesta em toda a sua obra,

de exaltar a independencia, e o desinteresse de D. João de Castro, suppondo, que logo que se recolhia de qualquer expedição, ou serviço publico, se retirava a Cintra, ou Almada, quasi affectando huma excessiva altivez e isenção, *fugindo ás ambições da côrte; fazendo brio de merecer tudo, e de não pedir nada; de não pedir, nem engeitar o serviço da patria*, &c. (47). E vai tanto avante a exageração do escriptor, que não duvída dizer em hum lugar: «*Sabemos, que elRei D. João, ainda que o amava por valeroso, lhe era pouco affecto por altivo, de sorte, que o que grangeava por huma virtude, vinha a perder por outra*» (48).

Mereceriamos nós grave censura, atrevendo-nos a negar, ou impugnar qualquer destas proposições de Jacinto Freire, se não tivessemos á mão tantos documentos originaes, que plenamente o refutão, e convencem; e se elle mesmo se não refutasse a si proprio em outros lugares de sua obra.

Não duvidâmos da nobre altivez, isenção, e desinteresse de D. João de Castro. Assás nos informão destas grandes virtudes todos os procedimentos da sua vida; nem elle mereceria hum lugar tão distincto entre os mais illustres Portuguezes da sua, e ainda das precedentes, e seguintes idades, se as não possuisse em alto gráo. Negàmos porém, que ellas passassem os justos limites da prudencia civil, religiosa, e cortezãa, e muito mais, que fossem causa da desaffeição de hum Soberano, que sabia avaliar e estimar o verdadeiro merecimento.

E primeiramente: he falso que D. João de Castro *fizesse brio de não pedir, nem engeitar o serviço da patria*. Já vimos na Nota 2.ª, que para a jornada de Tunez foi elle mesmo o que se offereceo, *mostrando desejos de hir ser-*

(47) Liv. 1.º, § 26.º, e liv. 4.º, § 110.
(48) Liv. 1.º, § 26.

vir na armada de Antonio de Saldanha, como lhe diz el-Rei na carta de 8 de Março de 1535 (doc. num. 2).

Vimos mais na Nota 5.ª, que foi tambem elle proprio o que se offereceo, quando el-Rei o mandou a Ceuta, para *ficar n'aquella praça, caso ouvesse nova da vinda dos turcos,* como consta do regimento, que el-Rei então lhe deo, e he o num. 8 dos documentos.

E vimos finalmente pela outra carta de el-Rei de 8 de Fevereiro de 1544 (num. 15), que D. João de Castro se lhe havia offerecido para o tornar a servir no que cumprisse e fosse necessario; e que el-Rei lhe *agradece muito* esta vontade, e offerecimento.

Em segundo lugar: he menos exacto dizer, ou suppor que D. João de Castro procurava, com excessiva isenção o retiro de Cintra ou Almada *para fugir ás ambições da côrte,* e se mostrar alheio a pretenções e empregos.

D. João de Castro, vindo em 1527 de Tangere, foi immediatamente chamado á côrte, que então estava em Coimbra, para ser de novo empregado em cousas do serviço publico: e ainda que ignorâmos, por falta de documentos, o objecto deste serviço, ou de outros até o anno de 1535, já comtudo advertimos na Nota 2.ª os motivos, que tinhamos, para crer que elle não estivera ocioso em todos esses oito annos. D'ahi em diante porém até o anno de 1548, em que falleceo, que são quatorze annos, mui poucos mezes podemos contar, á vista dos nossos documentos, em que elle estivesse sem effectivo emprego, e trabalho, para poder descançar no seio da sua familia: não sendo consequentemente de admirar, que nesses poucos mezes, vindo ordinariamente de sofrer os aturados, e mui fastidiosos trabalhos do mar, e de longas, e talvez arriscadas viagens, preferisse a tudo a tranquillidade da sua casa e familia, aonde o esperavão o amor de sua mulher, a educação de seus filhos, e o cuidado dos negocios domesticos; e aonde o chamavão o seu ge-

nio, o seu caracter, e as suas virtudes; sem que d'ahi se possa de maneira alguma arguir hum retiro affectado, ou digno de reparo, e muito menos que por isso merecesse a desaffeição de el-Rei.

Ultimamente: esta supposta desaffeição he solemnemente desmentida por huma serie não interrompida de cartas, que el-Rei lhe escreveo, que temos originaes na nossa collecção, e de que damos por cópia fiel as mais importantes. Em todas ellas achará o leitor, repetidas, e sempre uniformes expressões da grande confiança de el-Rei, da sua perfeita approvação a tudo quanto D. João de Castro obrava em seu serviço, do seu benevolo e real agradecimento, e das solemnes promessas, que lhe fazia de ter em lembrança seus relevantes serviços, para os premiar, como era de razão.

A estas cartas se ajuntão as outras, não menos expressivas, da Rainha D. Catharina, do illustre Infante D. Luiz, e do Cardeal Infante D. Henrique, depois Rei de Portugal: bem como as que estes Senhores, e o mesmo Rei D. João III escrevêrão por vezes a D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, nas quaes se observão constantes testemunhos do merecimento do filho, ligados sempre á lembrança, ao louvor, e á gloria do pai; e se inculca ao primeiro a imitação do segundo, como meio de merecer a real benevolencia, e de conservar na posteridade a honra do seu nome, e da sua casa, e familia.

He bem de crêr que no estado de declinação, em que já então se achavão os costumes Portuguezes, não faltassem cortezãos, que censurassem a severa austeridade de D. João de Castro, e porventura taxassem de orgulhosa a sua nobre e modesta independencia. Hum homem d'aquelle toque he ordinariamnte mal visto nas côrtes, aonde não corre ouro tão puro, e de tantos quilates. Mas nós não achâmos motivo algum de presumir, que el-Rei D. João III se dei-

xasse levar dessa opinião (se a havia), e temos muitos testemunhos positivos, que nos provão o contrario.

Lamenta Jacinto Freire algumas vezes (49) que D. João de Castro não tivesse premios, nem mercês, nem fosse empregado em serviço algum do paço: e d'aqui parece querer inferir, ou que o leitor infira, a supposta desaffeição de el-Rei.

Muito folgariamos nós de podermos, nesta parte, fazer huma apologia completa dos nossos Monarcas, e não encontrar na Historia Portugueza tantos homens grandes, justamente queixosos da inveja, e da ingratidão da côrte. Mas, se os Camões, os Albuquerques, os Pachecos, os Galvões, os Cunhas, e outros muitos nos não permittem esta satisfação, nem por isso devemos fazer applicação geral e indefinida de huma tão triste e tão experimentada verdade.

D. João de Castro era fidalgo (50) da casa de el-Rei; e parece mui verosimil que, como tal, e segundo os costumes d'aquelle tempo, cursaria o paço em seus primeiros annos, e d'ahi viria o ser condiscipulo do illustre Infante D. Luiz, debaixo do magisterio do insigne Pedro Nunez, de quem ambos aprendêrão as mathematicas.

Teve depois a commenda de Salvaterra (51), que o proprio Jacinto Freire confessa ter-lhe sido conferida, logo que veio de Tanger, isto he, em idade de vinte e sete annos: e he notavel que o mesmo Freire diga neste lugar, que *D. João se veo á côrte, onde foi tão envejado pelas feridas, como pelos favores,* e que el-Rei lhe fizera mercê da commenda, acordando aos homens de novo seu merecimento a *estimação, com que os tratava* (52).

(49) Liv. 1.º, §§ 21, 26.

(50) Teve carta de privilegio de fidalgo em 14 de Agosto de 1532.

(51) Carta da Commenda de S. Paulo de Salvaterra em 31 de Janeiro de 1538.—Carta de Conselho em 7 de Janeiro de 1545.

(52) Freire, liv. 1.º, § 6.

Quando aos trinta e oito annos de idade passou a primeira vez á India, diz o mesmo Freire, que el-Rei lhe mandou dar 1:000 cruzados cada anno, o tempo que na India servisse, e portaria da fortaleza de Ormuz, que elle não aceitou (53). E nós já acima dissemos, que então mesmo o nomeou el-Rei em terceira successão para governar a India, que era grande prova de confiança (Nota 3.ª).

Aos quarenta e cinco annos de sua idade foi nomeado Governador da India (54), e antes de findarem os tres annos deste governo, lhe deo el-Rei o titulo de vice-Rei, e lhe mandou dar 10:000 cruzados (55), como gratificação, reconhecendo os poucos recursos, que tinha da sua casa, como filho segundo; o honradissimo desinteresse com que servia na India, e o empenho, em que vivia, por acudir aos soldados, e a outros objectos do serviço de el-Rei, á custa dos seus proprios ordenados, e atė das pratas da sua casa.

A morte immatura sobresalteou este grande homem no melhor e mais alto ponto da sua carreira; e devemos crêr, que se voltasse a Portugal, acharia por certo, na real benevolencia e justiça, o cumprimento das solemnes, e bem merecidas promessas, que lhe havião sido feitas, e a verificação dos prognosticos, que na India lhe fazia o amor singelo, e o virtuoso e desinteressado reconhecimento dos Portuguezes.

O que diz Diogo do Couto na dec. 6.ª, liv. 1.º, cap. 1.º, já acima fica, em parte, refutado (Nota 6.ª); e não podemos deixar de sentir que o douto e prudente escriptor lançasse hum periodo tão inconsiderado, que verdadeiramente não sabemos se offende mais a memoria de D. João de Castro, se a de el-Rei D. João III.

(53) Freire, liv. 1.º, § 16.

(54) Carta de Governador da India em 28 de Fevereiro de 1545.— Carta de Vice-Rei da India em 13 de Outubro de 1547.

(55) Freire, liv. 4.º, § 98.

Diz Couto, que entre outras cousas, que el-Rei D. João proveo para a India, e deo por regimento ao Governador, foi que provesse tres Veadores da fazenda em Goa, *que hião nomeados,* hum para a ribeira das armadas de Goa, outro para os contos, e outro para a carga das náos do reino em Cochim. E acrescenta logo estas palavras: «*E posto que algũs digão, que lhe pareceo a elRei ser assi necessario, pello grande crescimento, em que yão as cousas da India; o que se tem por mais certo he, que o fez por não ter tanta confiança de D. João de Castro, nem o auer por homem de muito negocio*».

Não repetiremos aqui as provas da inteira confiança, que el-Rei tinha de D. João de Castro; pois ficão apontadas nas differentes Notas deste opusculo, e mais que sobejamente comprovadas com todos os documentos, que damos por cópia. Mas seria por certo bem estranho que não tendo el-Rei *tanta confiança* do illustre Castro, nem o *havendo por homem de muito negocio,* o empregasse constantemente em cousas do seu serviço, e por ultimo pozesse em suas mãos o governo, e (digamos ousadamente) o destino da India nas mais criticas e apuradas circumstancias d'aquelle imperio, e quando os mais poderosos Principes do Oriente, fortemente auxiliados da Casa Ottomana, havião formado huma liga quasi geral para o destruir.

O certo he que o cargo de Veador da fazenda não era novo na India, e havia sido criado muito antes de D. João de Castro ser Governador. Os homens que o hião servir erão nomeados no reino por el-Rei, e escolhidos d'entre as pessoas de conhecida intelligencia, fidelidade e confiança, levando sempre grandes poderes, tanto nos negocios da fazenda, como em outros. Não houve pois nada de novo, nesta parte, em tempo de D. João de Castro, senão serem tres, em lugar de hum; cousa que naturalmente demandava, e aconselhava o con-

sideravel augmento em que se achava o poder Portuguez na India, o grande numero de armadas, que cada anno se lançavão ao mar, a extensão e crescimento das rendas publicas, &c., &c.

Por onde nos parece que muito indiscretamente attribuio Diogo do Couto hum facto tão simples, e tão natural, a huma causa não só falsa, mas gravemente injuriosa ao Rei, e ao vassallo.

D. João de Castro opprimido de trabalhos, e porventura de alguns desgostos, começou a sentir-se doente logo nos principios de 1548, e não podendo resistir á violencia da enfermidade, falleceo com mostras do seu grande caracter, e christandade, aos 6 de Junho do mesmo anno, deixando aos Portuguezes perpetua saudade, e o mais perfeito modelo do verdadeiro heroismo.

N. B. No fim dos documentos damos as cartas, que temos na collecção, escriptas por el-Rei, e pelo Infante D. Luiz a D. Alvaro de Castro, tanto para memoria deste digno filho de D. João de Castro, como para demonstração do que ha pouco dissemos, nesta ultima Nota. Vão estas cartas debaixo dos num. 61–65.

DOCUMENTOS

N.º 1

Dom Joam: eu elrey vos emuio muyto saudar. Porque eu me queria seruir de uós em cousa que muyto compre a meu seruiço, vos encomendo e mamdo, que tamto que esta virdes, venhaees a mim, e sejaees nesta corte o mais em breue que poderdes: e de ho asy fazerdes, como de vós comfio, receberey prazer, e vo lo aguardecerey. Escrita em coimbra, aos xxv dias de outubro, pero damdrade a fez, de mill e quinhentos e vinte e sete. «Rey.»

(No fundo da pagina) Pera dom Joam de crasto vir a v. a.

(Sobrescripto) Por elrey—A dom Joam de crasto, fidalgo de minha casa, filho do gouernador—em lixboa, ou almada.

N.º 2

Dom Joham de crasto. eu ellrey vos enuyo muito saudar. O conde da castanheira me enuiou dizer, como ereis chegado a esa cidade de llixboa, e que vynheis com desejo de me ir seruir nesta armada com antonio de salldanha, de que receby muyto prazer, e vos agardeço a von-

tade, comque sey que follgaes de me seruir. Eu escreuo ao conde, que vos mande dar hũa caravella. Bem certo som, que nom he necesario emcomendaruos da maneira que me nesta vyajem aveis de seruir; por quam bem vysto tenho como o fazeis em todallas outras. Fernam daluares a fez em evora, aos VIII dias de março de 1535. «Rey.»

(No fundo da pagina) Para dom Jo. de crasto.

(Sobrescripto) Por elrey. A dom Joham de castro, fydalguo de sua casa.

N.º 2-A

Eu ElRey faço saber a todos meus capitãaes das fortalezas da India, capitãaes de nãaos e nauios das armadas, que nas ditas partes andam, alcaides moores das ditas fortalezas, feitores, escriuãaes das feitorias, capitãaes das naaos e nauios que vam pera vir com a carregua pera estes regnos, fidalguos cavaleiros, e gente darmas que nas ditas partes tenho, e a todas e quaesquer pesoas e oficiaes, a que este aluara for mostrado: que pela muita comfiança que tenho de Dom Joham de Crasto, fidalgo de minha caza, que nas cousas de que o encarreguar me saberá muy bem seruir, e me dará de sy toda a boa comta e recado, quero e me praz que semdo caso que faleça dom Garcia de Noronha, do meu conselho, que ora emvio por viso Rey e capitam moor e gouernador desas partes, que noso senhor nam mande; o dito Dom Joham de Crasto sobceda e emtre na dita Capitania moor e gouernança da India, pera nela me seruir com aquele poder, jurdiçam, e alçada que tinha dada ao dito Dom Garcia. Porêm vo lo notefiquo assy, e vos mando a todos em geral, e a cada hũu de vos em espicial, que vimdo o dito caso, o recebaes por meu capitão moor, e gouernador desas partes, e lhe obedeçaes e cumpraes seus mandados, asy como ao dito Dom Garcia o fazieis, e como a

meu capitão moor soes obriguados o fazer, e em todo o leixees husar do poder, jurdição, e allçada, que ao dito dom Garcia tinha dado sem duuida, nem embarguo àlgum a ello poerdes porque asy he minha merce. E de o fazerdes asy bem como de vos o espero, farees o que deveis e soys obriguados, e volo terey muito em seruiço. E nam sendo o dito dom Joham de Crasto presemte, por ser fora em allguma armada, ou em outra parte, ey por bem que gouerne o capitam moor do mar, e o veedor da fazenda, e o capitam de Guoa, todos jumtamente, e nam se podendo loguo ajumtar por nom estarem em partes donde loguo possam ser chamados, gouernará o dito veedor da fazenda per si soo com qualquer deles, com que se acertar, atee se ajuntarem todos. E semdo caso que o veedor da fazenda estee em parte donde loguo nom posa ser chamado, gouernará o capitam moor do mar na propria forma e maneira acima declarada. E nom estando em parte donde loguo posa ser chamado, gouernará o capitam de Guoa na sobredita maneira, de tal modo que podemdo ser todos tres, ou dous deles jumtos, gouernem juntamente, e nom podendo ser gouerne hum, segumdo estaa declarado. Os quaes seram loguo mamdados chamar pera gouernarem, e gouernaram atee vijr o dito dom Joham de Crasto, que logo yso mesmo será chamado. E estando o dito veedor da fazenda soo na dita gouernança ou com algũu dos sobreditos, ou todos, lha emtregaram loguo tamto que vier pera gouernar segumdo forma desta provisam. E este mando que se cumpra e guarde, como nele se contêm, posto que nom seja pasado pela chancelaria sem embargo da Ordenaçam em contrairo. Pero Fernandes o fez em Lixboa a xxviii dias de Março de 1538. E sendo caso que esta socesam se abra sendo vivo Nuno da Cunha, como mando pela Carta que escreuo ao veador da Fazenda, mando ao dito Nuno da Cunha que entregue a gouernança da India ao

dito dom Joham de Crasto no proprio modo e maneira em que a ouuera de entregar a dom Garcia ou a Marty Afonso de Sousa, ou a dom Esteuam da Gama, se ao tal tempo cada hũu deles fora vivo. «Rey.»

(No sobrescripto) Esta terceira sobcesam se abrirá sendo caso que se abra a segunda, e que seja falecida a pesoa nela nomeada, ou vinda pera estes Reinos: e asy se abrirá em qualquer tempo que falecer a dita pesoa nomeada na segunda. Em Lixboa a 28 dias de Março de 1538. «Rei.»

Fechado com tres Sinetes.

N.º 3

Dom Joham de castro, amigo. O ifante dom luis vos emvio muito saudar. Hũa vossa carta receby do porto de moçambique, feita a cinco dagosto do anno pasado, comque ouue gramde prazer pelas bõas nouas, que nela vejo de vossa pessoa, e asy do visorey, e bõa viagem, que nosso senhor lhe deu a toda sua frota, a quall espero que com seu bõo gouerno, e deceplina fará todo bõo efeito de seruiço de deus, e delrey meu senhor. O que me dizêes que tendes escrito, que uos a esperiencia nesta viagem mostrou, estou eu mui contente, e espero com grande aluoroço pera ver o fruyto de nosos instrumentos, e mais principalmente de vosso bõo engenho, e segumdo vossa carta promete, he muy gramde; porque de vossas premisas se emferem cousas mui proueitosas, e necesarias a esta nauegação, e até agora hũas nom compren-didas, e outras nom comsideradas, e todas o seram muyto de mi, quando vir vossa escritura pera vos ajudar, em parte, a leuar o peso de tam grande, e delicada filosofia, em que deue aver mui altos misterios. E pois a natural asy se vos oferece, e se poem em vossas mãos, pera com ella dardes caminhos e regra aos que por esses mares

nauegão a seus proueitos; nom menos deuêes tratar e cómversar a moral, comque segundo o que de vós conheço, sey que darêes exemplo, por omde os que nesas terras amdão, poderam alcançar honrra e gloria: e o que deestes nesta viagem foy asás dino de louuar, segumdo os bõos costumes e doutrina, que em vossa companhia se praticou, como acho pela emformação, que de tudo quis tomar, de que elrey meu senhor se ouue por muito seruido. Eu espero em noso senhor que o seja sempre de todas vossas cousas: e taes nouas, como estas, me traram de vós, em quanto lá amdardes: e escreuême as que poderdes, porque com ellas, e com vosas cartas receberey muito comtemtamento. De Lixboa, a XIX de março de 1539. «Infante Dom Luis.»

(Sobrescripto) A dom Joham de castro, fidalgo da casa delrey meu senhor.

N.º 4

Dom Joham de crasto: eu elrey vos emvio muito saudar. Vi hũa carta muito comprida, que me escreuestes; porque aindaque as palauras fosem pouquas, ninguem me escreueu mais meudamente, nem me deu mais declarada informação, e follguey de ver que as pallauras se conformam com a temçam do seruir, porque esta confiança tenho de vós: prazerá a noso senhor, que me terá feita grande mercêe em todas esas cousas, que eu tamto desejo pera acrecentamento de sua samta fee e o visorey vos dirá o que ácerqua de tudo lhe escreuo, e o fundamento de mamdar estes navios lloguo, e o que se fiqua pomdo em obra. Per elle soube como me seruieis, e o ajudaueis, e per muy certo tiue que asy avia de ser; e asy ey de ser sempre lembrado de vossos seruiços, pera por elles vos fazer as mercêes, que por eles merecês, e aveis de merecer. Bertollameu fernandez a fes em lixboa a XXII dias de mayo, 1539. «Rey.»

(*No fundo da pagina)* Reposta a dom jo. de crasto.

(Sobrescripto) Por elrey — A dom Joham de crasto, fidalgo de sua casa.

N.º 5

Dom Joam de crasto: eu ellrey vos emuio muito saudar. Vy a carta que me escreuestes, e receby grande comtemtamento dos rumes serem hidos com tamanho descredito seu, como dizês, e de se irem, sem quererem esperar o visorey; porque, aindaque esperava em noso senhor, que nos daria a vitoria, por escusar o periguo de hũa só pesoa das que lá estaueis pera me seruir, lhe deuo de dar muitos louuores: prazerá a de que será esta a derradeira vez que há india tornarão, e se tornarem, que sempre nos dará o vemcimento. Tudo ho mais das cousas de laa, em que nesta vosa carta me falaes, folguey muito de uer, poloque em cada hũua delas, em tantas folhas de papel, me escreuestes; e todas as olhastes, como quem tanto cuydado tem de meu seruiço, e o tambem entende: e por muy certo tenho, que sempre o farês em tudo asy inteiramente, como ho de vós comfio: e emcomendouos que sempre me escrevaes, porque folguo de ver ho estilo, e a prolexidade, por ser vosso. Diogo neto a fez em lixboa, aos x dias de março de 1540. «Rey.»

(No fundo) Reposta a dom Joam de crasto.

(Sobrescripto) Por elrey — A dom Joam de crasto, fidalgo de sua casa.

N.º 6

Eu elrey faço saber a vos Dom João de castro fidalgo de minha casa, que por confiar de vós que em todo o de que vos encarregue, me seruireys bem e com todo o recado e deligencia, que a meu seruiço compre, ey por bem de vos emviar por capitão mor darmada, que ora mandey fazer pera guarda da costa destes reinos, no quoall cargo tereys a maneira seguinte.

Ireys dereytamente com toda a dita armada ao cabo de são vicente e ahy andareys afastado da terra, dandouos o tempo lugar pera iso, de maneira que ventando sul ou sudoeste vos não torve dobrardes o cabo pera cá, e como fordes no dito cabo, mandareys recado per terra aos juizes e vereadores dos lugares do algarue de como ahy estaes, pera saberem omde vos acharão quoaes quer recados seus, que vos mandarem; por quanto eu lhes tenho mandado que vos avysem das novas, que teverem dos ditos cosarios; e vindouos recado deles, os ireys buscar e tereys com eles a maneira que adiante será decrarada, e sendo caso que os nom acheis, vos tornareys loguo ao cabo: e se em quanto nele esteuerdes vos parecer bem mandardes hũu navio na volta do maar, atee x ou xii legoas, a ver se parecem algũs cosarios, o fareys, e será com tal recado, que o dito navio se não perca darmada, nem receba daño dos ditos cosarios.

Se no dito cabo de são vicente nom achardes cosarios, e teuerdes recado dos lugares do algarue, que na paragem deles nom amdão algũns; sendo o tempo brando pera dardes hũa volta pera cá, o fareis, e vos vireis ao cabo despichel, e antre ele e são chete vos poreys em pairo, e enviareys per qualquer carauella, que pera cá vier, ou per hũu homem, que lançareys em terra, recado de como ahy andaes e as nouas que teuerdes pera vos ir reposta do que fareys; e se quando asy fezerdes a dita volta do dito cabo de são vicente pera cá, topardes algũus cosarios, ireis no alcanço delles ate os tomardes, ou desaparecerem da dita costa: e se teuerdes por enformação que algũus dos ditos navios, apôs que asy fordes, tem feito alguum roubo ou dano a portugueses, em tall caso os seguireys, e ireis apôs elles até os tomardes ou perderdes de vista, em tall maneira que vos pareça que os nom podereys achar.

E se em quanto asy andardes em pairo antre os ditos

cabos ventar leeste e les noordeste, com que posaes dar huma vista aa berlengua, a ver se ha la algũus cosarios, o fareis; e não os achando, vos tornareis loguo aa dita paragem dantre os ditos cabos de são chete e espichel, omde parareis, como dito he, ate vos ir recado do que fareis, e ventandouos vendaual, vos recolhereis com a dita armada a rastello, domde não dexareis sair gente alguũa até verdes meu recado.

Avemdo vista dalguũs nauios, de qualquer calidade que sejão, os ireis logo demandar, avisando os capitães das carauelas da dita armada, que nunca demandem navio alguũ de sootavento, senão da banda de barlauento; e chegando aa fala do tal navio sabereis que navio he, e domde vem, e sendo destrangeiros, lhe direis como soes capitão desa minha armada, e que eu tenho paaz e amizade com todos os reis cristãos, e que vós andaes contra os ladrões armados, por fazerem na costa destes reinos muitos roubos e danos, e que por tanto, se elles nom são ladrões que com toda seguridade poodem chegar a vós a vos dar rezão de quem são, e pera omde navegão; e achando nelles tall enformação que vejaes que não são ladrões, os deixareys ir em paaz, nom lhes fazendo dano alguũ, e dizendo-lhe que vós andays contra os ditos armados, por andarem na minha coosta. E parecendouos navio de sospeita, farlheys lançar o batel fora, e virá a vós nele o mestre e piloto, pera por elles, com as mais diligencias, que vos parecerem necesarias, saberdes que navio he, e parecendouos de maao trato, o tomareys, e fareys auto de como o tomastes, com toda a enformação, que achardes, de suas cullpas. (nom faça duuida onde diz «*andays contra*» e onde diz «*por andarem*»).

Sendo caso que o tall navio ou navios, que achardes, vos nom queirão sperar, e virdes que os nom podeis tanto alcançar que venhais aa fala, imdo a tiro de bombarda lhe tirareys e o fareis amaynar, e chegareys a elle; e

achando que he de ladrões, o tomareys, e nom o sendo, lhe direys a causa porque lhe tirastes, e o deixareys ir em paaz.

Tereys cuydado, e asy o mandareys aos capitaẽs, que comvosco vão, que tomando alguñ nauyo, no entrar delle, se nom faça roubo alguũ, nem se escomda nada, e porèm isto seraa nos navios que se renderem, e se nom entrarem pelejando; porque nos que se entrarem pelejando, nom se poode ter esta guarda; e em todos, depois dentrados, mandareys fazer inventario de tudo o que se achar, e o fareys emtregar a pesoa de recado, que dello dee conta.

Porque nom ey por meu seruiço, antes me desaprazeria muyto cometerdes cousa, que não fose muyto igoall e arrezoada pera cometer, vos encomendo e mando que nysto tenhaes a tenperamça e conselho que de vós confio.

Os navios que asy tomardes trareys em vosa companhia, e pera virem seguros, tirareys delles toda a gente que trouuerem, e a rrepartireys pelos navios da dita armada; e dos ditos navios darmada fareys pasar aos dos cosarios a gente que vos bem parecer: os quais nauios, e gente, e todo o mais que nelles se achar, se entreguará nesta cidade a quem eu mamdar, e os ditos cosarios virão presos e a bõo recado pera serem entregues a minhas justiças com os autos de suas cullpas, e quando asy tomardes alguũ navio, vos vireis com elle aa paragem dantre os ditos cabos despichel e são chete, pera dahy o mandardes ao porto desta cidade e de cá vos ir recado pera virem os ditos presos: e porêm, se ao tempo que tomardes o tal navio, teuerdes noua que amdão outros cosarios na dita paragem, vos deixareys asy nella andar, até ser tempo de trazerdes os ditos presos.

Mandareys aos capitães dos nauios da dita armada, que se ajuntem comvosco todolos dias pela menhã hũa vez, e aa noite outra, e que sempre andem aa vista huũs dos

outros, e de noite fareys fórol, pera os ditos navios se nam perderem de vós.

Aos ditos navios fareys estes synaes pera vos seguirem, e saberem o que amde fazer: scilicet: por vos seguirem fareys voso forol.

E por tirar moneta dous foguos.

E por virar tres foguos.

E por amaynar quatro foguos.

E por desaparelhar muitos foguos e tiros de bombarda.

E se amaynardes e tornardes a guindar fareys quatro foguos, e esperareys que vos respondão todos: em quanto o nom fizerem nom caminhareys.

Cada dia aa noyte dareys a todolos navios da dita armada, e de quoaesquer outros que andarem em vosa companhia, o nome do santo, que aquele dia tomaes, pera que nom acodindo alguũ por aquele nome, se saiba que nom he da companhia, e que qualquer que achar alguũ navio estranho, tire tres tiros, pera os outros navios saberem, que ha antre elles veela estranha.

Mandareys aos capitaẽs e pilotos dos ditos nauios, que cada dia pela menhã vos saluem, e de dia lançareys diante de vós todolos nauios, e ficareys atrás, e de noite ireys vós diante; e tereys tal temperança nas veelas, que todos os nauios vos posão seguir, e nenhuũ nom pasará diante do forol.

Na despesa dos mantimentos mandareys ter muito boõ recado, pera que se gastem como devem, e posão bem abastar pera todo o tempo, pera que forom dados.

Se algũa pesoa adoecer na dita armada, mandalaeis curar o milhor que poder ser, e asy o encomendareys aos capitaẽs, pera que o fação em seus navios.

Se algũa pesoa falecer, mandareys fazer inventario polo escripuão darmada do que lhe for achado, e entregarseha a pesoa que o tenha em goarda pera se dar a seus erdeiros, e o dito escripuão fará decraração em seu liuro do

dia mes e anno, em que a tal pesoa faleceo, pera se saber o tempo que seruio, e a mesma decraração se fará se alguũ fogir da dita armada.

Eu mandey os dias pasados, que se embarcasem algũas cousas, que avião dir pera ceyta no galeão trindade, em que vós his, com fundamento de o mandar com elas aa dita cidade: e porque ouue por mais meu seruiço que o dito galeão fose na dita armada, e as ditas cousas se não puderão descarregar delle, pera se leuarem aa dita cidade, depois de a dita armada tornar; vos mando que se por alguũ caso fordes ter ao estreyto, façaes descarregar as ditas cousas na dita cidade de ceyta, as quoaes vão decraradas em huũ rol que leuaes assynado por pero afonso daguiar.

Encomendouos e mandouos, que este regimento cumpraes e goardeys muito inteiramente asy como nelle se contem: manuel de moura o fez em lixboa, ao primeyro de dezembro de mil quinhentos e quarenta e dois.

Porque depoisde ser feito este regimento fuy emformado, que nas berlenguas amdauão alguns nauios de cosairos, que tomarão quoatro navios no porto da vila da atouguia, vos mando, que amtes de irdes ao cabo de são vicente, vaades aa parajem das ditas berlenguas a buscar os ditos cosairos, e depois de deixardes a dita paragem limpa delles, vos ireis ao dito cabo, e fareis o que neste regimento vay decrarado. «Rey».

(No fundo da pagina) «O Conde.»

Regimento que leua dom Jo. de Castro que vay por capitão moor desta armada da costa.

N.º 7

Dom Joham: eu elrey vos emvio muyto saudar. Vy a carta que me escrevestes, porque me fazeys saber a tormenta que pasastes, de que muyto me desaprouue, e dou

muytos louuores a noso senhor por vos nam acontecer perigo alguũ: e quem tanto cuidado, e lenbrança tem dacodir em tal tempo a tudo, asy he rezam que seja. A náo franceza que tomastes, foy muyto bem feito, e me ey por bem servido de vós niso, e asy no modo que tivestes com os francezes dela, e todas vosas considerações niso foram de quem tanto desejo tem de me servyr: e porque me parece meu serviço fazer-se ácerqua da tomada da dita náo alguũas mais deligencias das conteudas nos autos, que me enviastes, vos encomendo muyto, que tanto que esta carta vos for dada, vos venhaes com toda a armada a cascaes, e trarẽs com vosquo a dita náo, e como hy fordes, me avisarẽs; e com os franceses dela terẽs a mesma maneira que me escreveys, que tinheys com eles. E fernam rodrigues pereira pasarês logo ao voso navio, e o nam deixarẽs mays hyr á dita náo, nem falar com pesoa alguũa dela. E de cascaes lhe mandarẽs de minha parte, que venha logo a my, e enviarẽs com ele huũa pesoa de recado. Pero dalcaçova carneiro a fez em Sintra a xvi dias de Junho de 1543. «Rey.»

(No fundo da pagina) Reposta a dom Joam de Castro.

N.º 8-A

Dom Johão: eu elrey vos enuyo muito saudar. Porque queria falar com vosquo alguũas cousas de meu seruiço, vos emcomendo muito que venhaes aquy ámenhãa a gentar, e muito vollo agradecerey. escripta em syntra a v. dias dagosto de 1543. «Rey.»

(No fundo) Pera dom Johão de crasto vyr a vosa alteza.

(Sobrescripto) Por elrey — a dom Joham de castro fidalguo de sua casa e seu capitão mor darmada que anda na garda da costa.

N.º 8-B

Eu elrey faço saber a vós dom Joam de castro capitão moor darmada, que ordeney que andasse em goarda da

coosta, que eu ey por meu seruiço, que vaades aa cidade de ceyta, e leueis em vosa conpanhia os navios em que vay a gente, artelharia, monições, e todalas outras cousas, que ora mando aa dita cidade, pera nela ficarem, e a maneira, que tereys em vosa yda e estada lá, he a seguinte.

It. tanto que chegardes há dita cidade, fareys logo desembarcar toda a dita gente, artelharia, e monições, que asy nela ouuerem de ficar, e sayreys em terra, e vereys com dom afonso, e com francisco de sousa, e symão guedez, e miguel da arruda o que mando que se faça, e se contêm na carta que escrepuo ao dito dom afonso, asy pera se a dita cidade fortificar agora, como todo o mais que parecer que se deve de fazer sobre o que está traçado na obra noua, que mando fazer; e nysto se dará toda diligencia, pera que vós posaes vyr o mais cedo que poder ser: porque ey por meu seruiço, que todos pratiqueys e asenteys o que nas ditas obras logo agora se deve de fazer, e depois pratiqueys sobre a traça que miguel da arruda leua da obra que ao diante se ha de fazer, se ha algũa cousa que se deva de emmendar, pera mo fazerem saber, segundo na carta de dom afonso se contêm.

It. Se teuerdes noua que a armada dos turcos vem, em tal caso ey por meu seruiço que vos fiqueis na dita cidade, asy como me mandastes lenbrar que o queryeis fazer; e mandareys emtão tirar dos navios darmada toda a gente, artelharia, e monições, que se neles poderem escusar, de maneira que fique sómente neles a gente, e o mais que vos parecer necesario pera os trazerem a lixboa: e vós escolhereys pera vyr por capitam no galeão, em que amdays, alguũ criado meu, que vos parecer auto pera yso; ao qual direis de minha parte, que se emcarregue da dita capitanya, e aos capitães dos outros navios, que lhe obedeção, e darlheis o terlado deste capitulo, per que lhes mando que asy o cumprão, e se venhão com os navios da dita armada a lixboa, sem no caminho come-

terem, nem fazerem cousa algũa mais que virem direytamente aa dita cidade. E ainda que pera me seruirdes nesa armada seja tenpo, e aja necesydade diso; pola confiamça que de vós tenho, e pola grande inportancia da cousa, sendo caso que os turcos viesem, me quero seruir de vós nyso.

It. não avendo nouas que os turcos vem, como parece que não virão, vós vos partireys da dita cidade de ceyta o mais breuemente que poderdes e ireys a alcacer, e dareys ao capitão da dita vila hũa carta minha que lhe leuais, e lhe direys o que comvosco pratiquey, que na dita vila fizeseys, e loguo com deligencia o poereys em obra, e emtão ireys a tangere e a arzila, dandovos o tempo lugar pera o bem poderdes fazer, e dareys aos capitães dos ditos lugares as cartas, que lhes escrepuo, e vereys em cada huũ delles os muros, e o daneficamento que tem, e o corregimento, que cumpre que se nelles faça, e asy de que maneira estão providos os almazẽys, e o que lhes he necesario, e a gente que nos ditos lugares ha, e as armas que tem, o que tudo vos emcomemdo muito, que façaes, como comvosco o pratiquey, e o eu de vós confyo que o sabereys fazer, e tanto que ysto teuerdes feyto, vos vireys com a dita armada ao lugar omde vos eu mandar que venhaes, como vereys per outra provisão.

It. sabereys de fernam daluarez as cousas, que em vosa conpanhia vam pera tangere e aarzila, e como chegardes a ceyta as mandareys aos ditos lugares a bõo recado, ou as leuareys em vosa companhia, quando a elles fordes, se não ouuer noua em ceyta de virem turcos.

It. eu mando a mazagão antonio de loureiro pera de lá trazer a ceyta os soldados, que escrepuo a luis de loureiro que emvie aa dita cidade. Se ele vier, estando vós aimda nella, vir se ha com vosco; e nom vindo em quanto nela esteuerdes, deixarlheys alhy recado per escripto do que ha de fazer, porque eu lhe mando que o faça asy.

Manuel de moura o fez em Sintra a ix dias dagosto de 543.

It. eu escrepuo a dom afonso, como me pareceo meu seruiço, no que toca a vós, asy neste tenpo que lá aveys destar, e no que vos mando que façaes, como se acontecese de os turcos virem, e vós lá ficardes.

It. eu escrepuo a francisco botelho meu feytor em amdaluzia, que emvie a ceyta dez mill cruzados pera serem emtregues a gaspar landj, que mando aa dita cidade, pera ter carguo de pagar dos soldos, e que quando os asy quiser mandar, vo lo faça saber, pera vós mandardes hũu navio, ou dous, darmada, segundo vos parecer que convêm pera segurança do dito dinheiro: emcomemdouos que tanto que vyrdes recado do dito francisco botelho, lhe mandeis loguo o dito navio ou navios, em que emvie o dito dinheiro por algũa pesoa de recado, que pera iso mandareys, que receba do dito francisco botelho o dito dinheiro, e lhe deixe seu conhecimento raso per que se obrigue a lhe dar outro em fórma do dito guaspar landj. «Rey.»

(No fundo) Regimento que leua dom Joam de castro, que vay a ceyta.

N.º 9

Dom Joham de crasto. Postoque comvosquo praticase este neguocio dalcacere, como vistes, todavia pareceo-me meu seruiço daruos delle estas lembranças, que sam as seguintes, alem das quaaes tenho por certo que vos lenbrarão outras, com aquelle bõo cuidado, que senpre tendes do que a meu seruiço compre.

Item. vereis o porto da dita villa, e a largura e altura delle, o qual vós sondareis per vós, e com aquelas pesoas de vossa armada, que vos parecer que o bem entendem.

It. vereis os nauios, que nelle podem caber, e que callydade e grandura de nauios; e se podem estar no dito porto em todo tempo, ou em que tempos sómente podem estar nelle, e o danno, que daly podem fazer.

It. vereis se da dita villa se pode defender a estes nauios, que não entrem, nem estêm no dito porto.

It. quando da dita villa nam poder ser, o luguar, donde se lhe pode defender, e se se ha de fazer pera iso fortaleza.

It. se se pode este porto ceguar com pedra, ou com outra cousa, e de que maneira. Scrita em Sintra a XIII dias dagosto, 1543. «Rey.»

N.º 10

Dom Joham: eu elley vos emuio muito saudar. Polla breuidade comque mamdo que este correo parta vos não escreuo mais largamente, e me remeto aa carta de dom afonso, que avereis per vosa. Follgarey de saber quamdo chegastes, com todas as mais cousas que virdes que a meu seruiço cumprem aallêm do que vay per meus regimentos, e do que cá lembra pera se apontar; e prazermya que com toda breuidade viseis allcacere, e que per este me escreuaes o que vos delle parecer, porque tamgere e arzilla são mais lomge, e ey por milhor que os não vejaes, senam quamdo embora vos ouuerdes de viir; e entretamto fareis em tudo o que de vós comfyo, fazemdo comta que a armada se não ha de vir sem vós, quando se nam mudase esta noua que cá tenho, e lá ouuese outra, porque emtão seguireis vosso regimento; e nam na avendo, nam bulireis comvosquo atee verdes meu recado, o qual vos eu nam mandarey, senam depois de ter visto a emformação desa obra, que se ha de fazer, segundo verês polla dita carta. E por tamto convêm muito a breuidade da reposta, vemdo porêm tudo muito bem, como cumpre que seja. E quamdo vos parecese que serya gramde dilaçam irdes a alcacere, e praticardes todas estas cousas pera me vyr recado, deixareis amtes a ida dalcacere pera depois, e este recado da obra viraa em toda di-

ligemcya, porque convêm que em toda a pratica dela sejaes sempre presemtes, e se o tempo vos tem dado lugar, o que parece que nam poderia ser, pera terdes visto alcacere, vimdo tudo jumto, muito me prazerya: e nam podemdo ser, como o teuerdes visto, me mamdareis recado, em deligemcya, per hũu pyão, ou segumdo o tempo fose que allgũu navyo acertase pera'caa de vyr, emtão seraa bem que venha per duas vyas. A tudo o que escreuo a dom afonso averey por meu seruiço que me respondaes, porque com mais larga emformaçam mande em tudo prouer. E pela maneira que sey que aveis de ter com a gemte de vosa armada pera o ajudar a esta obra, escuso emcomemdaruolo mais. Johão de seixas a fez em llixboa a xxii dias dagosto de 1543. Manuel da costa a fez escrever. «Rey.»

(No fundo da pagina) Pera dom Johão de castro = *dom Afonso.*

(Sobrescripto) Por ellrey — A dom Johão de castro, capitão Moor da armada, que mandou aa cidade de ceyta.

N.º 11

Dom Joham. Eu elrey vos emuio muito saudar. Eu escreuo a dom Joham de menezes capitam de tamgere, e a diogo lopez de calheiros, que per meu mandado estaa na dita cidade compramdo o trigo dos m.^res^, que delle mandem logo a essa cidade trezemtos moyos, e que não avemdo em tamgere nauios, que leuem o dito trigo, avisem diso a dom afomso, capitam desa cidade pera lhos dy mandar. E porque he necesaryo pera mais seguramça dos ditos naujos, que vaa em guarda e comserua delles hũu nauyo armado, vos emcomemdo e mando, que lhe mandeis da vossa armada hũu navio, qual vos pera iso milhor parecer, pera fazer companhia aos ditos naujos, por que asy o ey por meu seruiço. Joham de seixas o fez

em lixboa a xxvii dias dagosto de mil e quinhentos e quarenta e tres. Manuel da costa a fez escrever. «Rey.»

(N. B. O mais como na antecedente.)

N.º 12

Dom Joham: eu elrey vos emvio muito saudar. Folguey de ver vosa carta, e de saber a boa viagem que teuestes, e as mais cousas que me escreveis, e vos agradeço muito o trabalho, e delligemcia que posestes na desembarcaçam das munições, e em tudo o que mais fezestes. E porque a dom afonso escreuo o que agora ey por meu seruiço ácerqua das obras e cousas desa cidade, e lhe tenho mandado que tudo se veja comvosquo; me remeto ás suas cartas, que vos elle mostraraa, e nesta nom ha mais que dizer, senam que a lembrança, que me fazeis, do cegar dos portos e calhetas d'allmina, vos agradeço muito, e por ser cousa de tamta inportamcya, vos encomendo que me escrevaes declaradamente o que nisso teuerdes feito, e vos parecer que se poderaa fazer, e o modo que se nisso poode ter, com todallas rezões, e particularydades disso, porque follgarey de o saber, e vollo terey muito em seruiço. Joam de seixas a fez em Lixboa a xxviii dias d'agosto de mil e quinhentos e quarenta e tres. Manuel da costa a fez escreuer. «Rey.»

(No fundo da pagina) Reposta a dom Johão de castro —Dom A.º—

(Sobrescripto) Por ellrey—A dom Johão de castro capitão-Moor da armada, que mandou a ceyta.—

N.º 13

Dom Joam de castro. Eu elrey vos emuio muito saudar. Per hũa carta vosa feyta a xvi deste mez de dezembro soube o que até emtão com esa armada tinheis pasado, e

receby muito comtemtamemto de uer o bom modo, que em tudo tiuestes, e em espicial no que pasastes com as sete naaos de cosairos, que estauão ao cabo de são vicemte. E quamto a voos não haa por agora que dizer sobre o que neste caso he feyto, senão que vosos seruiços são muy comformes com a comfiamça, que eu em vós tenho. Aos fidalguos e outros criados meus, de que me escreuestes que fostes bem ajudado, dirês de minha parte que lhes agardeço a vomtade, com que folgão de me seruir, e que eu terey sempre lembramça dela, e de seus seruiços. Per outra carta vosa, feyta a xxiiii deste mes, soube como estaueis em restelo, e a causa porque vos metereis demtro nese porto: houue por meu seruiço fazerdelo asy; porque em quamto não poderdes nauegar, por o tempo não ser pera yso, nele estareis melhor, que em outro allgũu. E porque eu queria que esa armada tornase a sayr ao maar, como o tempo estiuer pera o poderdes fazer; vos emcomemdo, e mamdo, que pratiquês com pero afonso daguiar, a que escreuo que va ahy ter comvosco, a maneira que se terá pera terdes certa esa jemte, cadavez que o tempo fôr pera poderdes partir; e se será milhor têla toda nos nauios; se tomar aos que quizerem yr a terra outra fiamça de nouo, pela quall os comstramjão a vyr, cadavez que comprir: e o que ambos sobre ysto asemtardes, yso ey por bem que se faça. E como o tempo for corregido, de maneira que vos pareça que está seguro, sayrês ao maar com toda a armada, porque a yrdes sómente com as carauelas, aahy algũs ynconuinientes, e hum deles hee deuerdes vós de yr milhor agasalhado, do que em hũa delas podieis yr. E a pero afonso mamdo, que vos dê a carauela pescaresa, que vos parece necesaria, e que a esa armada proueja de mantimentos de mais hum mes, e de tudo o mais, de que a vós e a ele parecer que deue de ser prouida. Bertolameu froez a fez em almeiry a xxvii de dezembro de 1543. «Rey», &c.

N.º 14

Eu elrey faço saber a vós capitães, fidallgos, caualeiros, escudeiros, e a quaesquer outros criados meus, mestres, pillotos, marinheiros, e companha dos nauios da armada, de que mamdo por capitão mor dom Joam de castro, fidallguo de minha casa, que eu ey por bem e me praaz que vós ajaes ao dito dom Joam por capitão mór da dita armada, e como a capitão mór della lhe obedeçaes no allto e no baixo, fazemdo em tudo o que vos o dito dom joam de minha parte mamdar, porque de o fazerdes asy o receberey de vós em seruiço, e o comtrairo vos estranharey muyto. E por este meu alluará lhe dou poder pera que posa degradar pera os meus lugares daallêm até dous annos: e asy poderá mandar açoutar aquelas pesoas, que taes malleficios cometerem, que per bem de minhas ordenações mereção ser na dita pena comdenados, semdo as taes pesoas de callidade que a tall pena daçoutes caiba nelles. E quero que nestes dous casos se dêm suas semtemças a eixecução sem mais apelação, nem agrauo, porque comfio delle que guardará ymteiramemte justiça. E sendo caso que allgũas pesoas cometão casos per que mereção mayores penas que as acima ditas, ey por bem que o dito dom joam os mamde premder, e trazer presos a bom recado, e faça fazer autos de suas cullpas, os quaes trará pera os eu mamdar ver, e despachar como for justiça: e nos casos em que por meu seruiço lhe parecer necesareo, lhe dou poder pera que posa poer pena de até vinte cruzados, e mamdar por elles fazer eixecução nos cullpados, sem mais apelação, nem agrauo. Noteficoo asy a todos em jerall, e a cada hũu em especyall: e mamdo ao dito dom joam, que ymteiramemte vse do poder e allçada que lhe per este meu alluará dou, o quall se comprirá ymteiramemte como se nelle comtem, sem embarguo de não pasar pela chamcellaria, e da ordenação em

contrario. Bertollameu froez o fez em allmeyry a xxviii dias de dezembro de mil quinhentos coremta e tres annos. «Rey.»

(No fundo da pagina) Poder e allçada a dom joam de castro.

N.º 15

Dom Joam de castro. Eu elrey vos emuio muito saudar. Vy a carta que me escreuestes, per que me daes comta da viagem que fizestes com esa armada, e dos trabalhos e periguos que pasastes: receby muito prazer de como me niso seruistes, e de serdes tornado a salluamento ao porto desa cidade. E porque dizeis que não achastes em toda esa costa atee o estreito nouas darmados, e tãobem me escreveo pero afonso daguiar, que os nauios, que vem da cidade do porto, dizem que os não ha da parte de ponemte; ey por bem que esa armada se desarme, e escreuo a pero afonso que loguo a mamde desarmar; e vós mamdareis desembarcar a gemte, e ireis descamsar de vosos trabalhos. Muito vos agradeço todo o mais que me escreueis de quamto follgareis de me tornar a seruir no que ao diamte comprir e for necesario. Dias ha, que tenho visto e sabido a vomtade, com que follgaes de o fazer, de que eu terey sempre lembramça, pera follgar de vos fazer mercê, como he rezão. Manuel de pomte a fez em allmeiry aos viii dias de feuereiro de mil quinhentos e quarenta e quatro. Fernam daluerez a fez escreuer. «Rey.»

(No fundo) Reposta a dom Joam de castro.

N.º 16

Dom Joam de Castro: eu elrey vos emuio muito saudar. Eu tenho nouas, que de algũus portos de framça são saidas muitas naaos de aarmados pera estas partes, e porêm, se-

gumdo tenho sabido, atee as naaos que agora vierão da ymdia partirem das ylhas, não era laa vista mais que hũa soo naao deles; e no caminho acharão as ditas naaos outra que lhes fogyo: E postoque segumdo são emformado, na costa não aaja agora noua deles; porque de hũa ora pera a outra podem vyr, mamdo que amtonio pirez do camto, que ora com as ditas naaos da jmdia veyo por capitão de hũu galeão, se torne loguo nele, e lleue comsiguo quatro caravelas, e amde na paragem das berlemgas, até virem as mais naaos que se esperão da ymdia. E por que com as ditas naaos, ou por vemtura primeiro, ha de vir a armada que amdava na costa, de que ruy louremço de tauora foy por capitão moor, a qual mamdey que as fose buscar; e eu queria que dela e destoutra aarmada ficasem em guarda da dita costa os nauios que parecesem necesareos, sem se fazer despesa algũa no que se podese escusar: e porque voos amdastes daarmada nela, e destas cousas temdes muita experiemcia, vos emcomemdo muito, que segumdo a desposyção do tempo me escreuaes a armada, que vos parece que aa dita costa deuo de emuiar, e quamto tempo laa deue de amdar. Bertolameu froiz a fez em evora a xı de Julho de 1544. «Rey.»

(No fundo da pagina) O Conde.

Pera dom Jo. de castro.

(Sobrescripto) Por elrey—A dom Joham de castro, fidalguo de sua casa.

N.º 17

Dom Joham. Como a principal cousa das que tocam á armada da India, em que aueis de ir, he partir cedo, conuêm que no aparelhar e carreguar das naaos da dita armada se ponha muyta deligencia, fazemdo-se porêm tudo de maneira, que vam todas aparelhadas, como pera sua viagem he necesario, e se carreguem sem aver emlleyo nos offeciaes: e pera se isto milhor poder fazer tereis cui-

dado, como fordes em lixboa, de hirdes todollos dias pelas menhãs ao allmazem de guinee e imdias, onde se ajumtarão comvosco pero afonso daguiar, e os offeciaes do dito allmazem, e praticareis com elles em tudo o que ouuer pera fazer no aparelhar, e aperceber das ditas naaos. E as tardes dos mesmos dias ireis todas aa casa da imdia e mina, e com o feitor e offeciaes della fallareis no que cumprir pera despacho da dita armada, que a seus carguos tocar; porque ey por bem que asy na dita casa, como nos allmazẽs se faça e dee a eixecução todallas cousas ordinarias, que vós com os offeciaes de cada hũua das ditas casas, que niso emtenderem, fizerdes, e ordenardes: e tambem quero que se dêm a eixecução as outras cousas, em que com elles asentardes que ordinarias não forem, fazemdo-se dellas primeiro asemto, e da determinação, que niso tomardes, asynado per vós, e pelo dito feitor e offeciaes da casa da imdia, que se acharem presemtes, sendo na dita casa; e se fôr no allmazem, seraa o tal asemto asynado per vós, e pelo dito pero afonso daguiar com os offeciaes delle, que se hy acharem, pelo mesmo modo, em que mando que se faça na casa da imdia.

It. tereis lembrança que a jemte, que ouuer de ir na dita armada da imdia, se comece a asemtar na dita casa ao primeiro dia do mes de feuereiro, que ora vem; e vós sereis sempre presemte ao asemtar della, porque se não posa asemtar pesoa sem voso comsentimento, e a primeiro verdes, e se se ha niso a ordem que se teve nestas armadas pasadas. E ho em que ouuer duuida no asemtar da dita gemte, se faraa, como vos melhor, e mais meu seruiço parecer, e procurareis porque se tudo faça com a mais prouisão que pode ser.

It. tanto que chegardes aá dita cidade, sabereis se estão prouidas todallas naaos, que na dita armada am de ir, de mestres, e se sam taaes como conuêm, e são ne-

cesarios pera tall viagem, e se fallecerem allgũus, prouelloseis loguo com o proueedor e offeciaes do allmazem, como vos bem parecer, ouuindo primeiro os que tiuerem minhas prouisões, se allguũs per ellas forem prouidos dos mestrados das ditas naaos, pera lhes ser feito justiça.

It. porque ha allgũus pillotos, a que tenho pasado minhas prouisões de pillotajẽs de naaos de carreira pera a imdia, ey por meu seruiço, que aos conhecidos no dito allmazem se mande dele noteficar, que aprezentem as prouisões que tiuerem, as quaes vós vereis com o dito proueedor, e offeciaes do allmazem, e sabereis dos mais pilotos que ouuer, autos, e sofficiemtes pera a viagem, e ordenareis, que siruão nesta armada os que vos parecer meu seruiço, guardando rezão e justiça aos que a tiuerem: e se os armadores das naaos pera a imdia, ou algũus delles por sua parte alleguarem contra iso allgũua cousa, serão ouuidos, e guardar se lhes ha justiça, cumprindo-se niso as prouisões, que tenho pasadas, sobre o moodo que quero que se tenha no prouer das ditas pillotagẽs.

Ey por bem, que vós ordeneis dos guardas da casa da imdia e mina os que deuem destar nas ditas naaos, com parecer de Joam de Barros feitor della, e asy de vasco fernamdes cesar guarda moor: e com elles ambos escolhereis dos criados meus, que ha na dita cidade, os que forem necesarios pera estarem nas ditas naaos por guardas com os da casa, e serão dos que mais autos e comuinientes vos pera iso parecerem: e a hũus e outros mandareis notefficar de como na india, tamto que as naaos com a ajuda de noso senhor laa chegarem, aueis de mandar tirar devasa, pelas pesoas que nellas forem, das mercadorias, que sem minha licemça se caa embarcarão, não sendo dos tratadores, e das que suas forem, sendo defesas: da qual deuasa aueis de mandar nas mesmas naaos o trelado, per vyas, á minha fazemda, onde se am de ver,

pera se mandar fazer muy inteiramente eixecução nos que se acharem cuilpados; e pera o milhor saberem, e terem vigya no modo de como me am de seruir de guardas nas ditas naaos, lhes declarareis o que dito he per escriptos, que mandareis fazer, asynados per vós, de que se poraa huũ delles em cada naao ao pee do masto.

Mandareis saber aos fornos de valldezeuro, do provedor e offeciaes delles, quanto biscouto ha, e triguo, pera se aver de laurar, e a que tempo poderaa ser feito todo o biscouto necesario pera a dita armada.

As mais cousas, que pera prouimento da armada ha pera fazer, se não declarão aquy, porque ainda estas, pera vós, se podéram escusar, visto cambem sabeis o que comuêm pera bom auiamento da armada, e quanto aueis de follguar de neste negocio, e em todos, me seruir. E por iso abasta o cuidado que sey, que vós aueis de ter, e de caa vos irão as lembranças de quallquer cousa, que se oferecer de nouo, de que deuaes de ser auisado, e vós as fareis tanbem de laa, per cartas vosas, do que vos parecer que cumpre. Pero amrriques o fez em euora, aos cinco dias de Janeiro de mil quinhentos e quarenta e cinco.

«Rey.»

(No fundo da pagina) O Conde—Pera dom Joam de castro.

N.º 18

Dom Joam de castro amiguo: eu elrey vos emuio muito saudar. O comde da castanheira me deu comta do que lhe voos e pero afonso daguiar escreuestes; e ao dito pero afonso mamdo, que se faça ácerca dos mestres e pillotos da armada da ymdia, e das cousas que nella hão de yr, o que vos pareceo, que se deuia de fazer. E porque tudo se ha de fazer comvosco, como tenho mandado, e compre tamto o aviamento desa armada, vos emcomemdo, que precureis porque todos dèm tall présa a yso, como

sey que a voos aueis de daar ao que vos tocar. Bertollameu froez a fez em evora a xvii de janeiro de 545. «Rey.»

(No fundo) O conde—Pera dom Joam de castro.

(Sobrescripto) Por elRey—A Dom Joam de castro, do seu conselho, que ora emuia por gouernador da ymdia.

N.º 19

Dom Joham, eu a Rainha vos enuio muito saudar. Elrey meu senhor me fez mercê que eu podesse mandar nesta armada, que nosso senhor leue e traga a saluamento, oyto pipas de vinho, forras, pera se venderem na India, e o dinheiro, que se nelas fizer, se empregar la em mercadorias, que nam sejam defesas, as quaes mercadorias outro sy nam pagem direitos; por que o proueito que se nisso fizer he pera ajuda das obras do moesteiro de nossa senhora da asumpção da minha cidade de faram. E mando francisco mendez da costa meu moço da camara que compre as ditas oyto pipas de vinho, e as meta na vossa naao; porque por a cousa ser da calidade que he, e eu saber com quanto gosto e contentamento vós fazeis as semelhantes; além do desejo, que sey que tendes, pera em tudo me comprazer e seruir, não quis nisto encarregar a outrem, senão a vós: e vos encomendo muito, que por seruiço de nossa senhora, em cuja casa se ha de gastar o proueito, que nisso se fizer, e por meu respeito, queirais tomar o carrego de leuar esta mercadoria, e mandar fazer a venda, e emprego dela; e espero em nosso senhor que tambem vos caberá parte do ganho, que será leuaruos a saluamento, e com saude, como eu desejo. E não ey por necesario encarregaruos mais este negocio; sómente vos encomendo que o emprego, que sey certo, que será muy bem feito, e nas milhores e mais proueitosas mercadorias que ouuer, venha entrege e encarregado per vós a tal

pessoa, que o traga a todo bõo recado, e dee disso boa conta. Pero fernandes a fez em euora a xxiii dias de Janeiro de 1545. «Raynha.»

Pera dom Joham de castro.

(Sobrescripto) Por a Rainha—A dom Joham de castro fidalgo da casa delrey seu senhor, &c.

N.º 20

Dom Jo. de crasto, amiguo: eu elrey vos emvyo muito saudar. Pela carta que me escreuestes de xxiiii deste mes de Janeiro e pelo que ja tinha sabido pelo comde da castanheira, vejo com quanto cuydado e delligemcia me seruis na cargua e apercebimento desa armada, que he muy comforme á comfiamça que em vós tenho; he pera como os dias pasados foram fortes, hé nyso feito tudo ho que se podia e deuya fazer: e espero em deos que, segumdo a boa ordem, e aviamento que lhe temdes dado, e daes, damdo ho tempo lugar, seja prestes pera poder partir até dez de março, como em vosa carta dezês.

Hos aluarás meus, que dizês que vos laa apresemtam pera nesa armada se dar embarcaçaão a cristaõs novos, pasalos-ya por me darem emformações imcertas; porque mynha temçaão nam he yrem elles ha ymdia: pello que ey por bem, que nam cumpraes nenhũu dos ditos aluaras, asi os que vos ja tiuerem apresemtados, como os que daquy em diamte apresemtarem; porque por muitas rezões ey por muy gramde ymcomvinyente yrem os ditos cristaõs novos á india.

Quamto aos guardas que la prouestes pera estarem nesas naãos ey por certo, que pois os vós pera yso escolhestes, seram taes como compre a meu seruyço. Da ordem que lembraes que se deue ter cos mestres e pilotos que amdam na carreira da imdia se terá lembramça pera ao diamte; he o mais que escreuês que fezestes ey por

muy bem feito. Amdre soares a fez em euora a xxxi de janeiro de 545. «Rey.»

(No fundo) Reposta a dom Jo. de crasto.

(No sobrescripto) Por ellrey—a dom Jo. de crasto do seu comselho.

N.º 21

Doam Joam de castro amigo: eu elrey vos emvio muito saudar. Eu tinha ordenado que se asentasem mill homẽs pera ir aa india nesta armada: e ora ey por meu seruiço que se não asentem mais que oito centos porque são emformado que senpre em todas as armadas vão mais homẽs dos que se asentão; por omde parece que com os que nesta armada ouuerem dir aalem dos asemtados se perfará o numero dos ditos myll, que tinha ordenado que fosem, ou pouquo menos. Por tamto vos emcomendo e mando que não façaes asentar em solldo mais que os ditos oitocentos homẽs. Manuel de moura a fez em evora a cinco dias de feuereiro de 544. «Rey.»

(No fundo da pagina) Conde.—

Pera dom Jo. de castro.

(Sobrescripto) Por elrey—A dom Jo. de castro do seu conselho, que ora vay por capitão mor e gouernador aas partes da india.

N.º 22

Dom Joham: eu elrey vos enuio muito saudar. Mestre pero fernandez meu capélam e prégador, que vos esta dará, vay por meu mandado aa india prouido do dayado da see aa cidade de goa, onde espero, que com suas letras, pregações, e bõo exemplo nosso senhor seja dele bem seruido, e o pouo edificado: e porque he mal desposto, e pera sua saude conuem que va bem agasalhado, vos encomendo muito, que na vossa naao lhe façais dar gasalhado conueniente, e apartado, em que bem possa

hir e leuar seus liuros, e nisso e em tudo seja de vós fauorecido e bem tractado como he rezam, e elle por sua virtude merece, avendo por certo que me fareis nisso prazer e volo agradecerey muito. Pero fernandez a fez em evora a XIII dias de feuereiro de 1545. «Rey.»

(No fundo) Pera dom Joham de castro.

(Sobrescripto) Por elrey—A dom Joham de crasto, fidalguo de sua casa.

N.º 23.

Dom Joham amiguo: eu elrey vos enuio muito saudar. Porque como sabeis rex xaraffo antes que se parta de guoa ha de mandar a estes reynos seu filho mais velho, e me pedio que vos encomendasse sua embarcação e gasalhado, vos encomendo muito que pera o dito seu filho e pera seus criados e pessoas, que consiguo trouxer, mandeis dar a embarcação e gasalhado necesario, e em tudo receba de vós todo ffavor e bõo tratamento, porque me prazerá disso muito e volo agradecerey. Pero fernandez a fez em evora a XII dias de março de 1545. «Rey.»

(No fundo) Pera dom Joham de castro.

(Sobrescripto) Por elrey—A dom Joham de castro, do seu conselho, e seu capitão-moor, e gouernador nas partes da india.

N.º 24

Dom Jo. amigo: eu elrey vos enuio muito saudar. Elrey dormuz me enuiou pedir por seus apontamentos que quizese prouer nestas cousas abaixo contiudas, nas quaes vos encomendo que prouejais, e façais o que ao pee de cada hũ dos capitulos desta carta he declarado.

It. primeiramente que mandasse a rex mamude guazil de barem, e a rex badardim guazil de julfar, e aos outros guazis, que lhe desem conta, por aver ja muito tempo, que lha não dauão. Encomendouos que mandeis loguo

aos ditos guazis que lhe dem conta de todo o tempo, que tem seruido, e lha não tem dada.

E que mandasse ao capitão do mar dormuz, que não escandalizasse, nem agrauasse as naaos dos mercadores, nem a jente da costa da arabia, nem fizesse costumes nouos: e que não inuernasem pela dita costa nenhũs portugueses, pelo muito dano, que fazião na terra. Encomendouos muito que vos enformeis dos agrauos que pelos ditos capitãis se fazem aas ditas naaos e mercadores e na dita costa, e asy pelos que na dita costa inuernão, e achando que nisso se faz o que não deue, o prouejaes, como vos parecer que cumpre a meu serviço.

E que o alcaide do mar não fizesse asimesmo costumes nouos, como ora fazia, nem leuasse de seu officio mais que o que lhe era ordenado per seu regimento. Tomay disto enformação, e manday que asy se faça, e a quem o contrario fizer ou tiuer feito, manday castigar, como per justiça o merecer.

E que meus capitãis não podesem degradar seus criados, escrauos, e seruidores pera fora da dita cidade dormuz, como ora o faziam pelo avexar, e que quando os ditos seus criados, escravos, e seruidores fizesem o que não deuesem, lho fizesem saber a ele, e ele os castigaria segundo o merecesem. Nisto manday que se cumpra e guarde inteiramente o que pelo asento e contrataçam das pases for asentado.

E que os ditos meus capitãis e ouuidores dormuz nom determinasem as demandas, que os mouros, judeus, e jentios tiuesem hũus com os outros, saluo com sua licença, e comissam: e que o meirinho nâo fizesse nouidades. Nisto das demandas manday que se faça e cumpra o que pela dita contrataçam for asentado: e o meirinho, que fizer o que não deue, manday castigar, como per justiça o merecer.

E que os ditos capitãis, nem outros algũs officiais

xpãos, nem mouros, que tiuerem mando e jurdiçam na cidade, nom lançasem pedido, nem pedissem emprestimo aos mercadores, nem moradores mouros, judeus, nem jentios, asy naturaes como estrangeiros, nem lhes podesem mandar tomar ninhũs mantimentos, nem mercadorias contra suas vontades, como ora se fazia, nem defendesem, que não vendesem suas mercadorias a quem quizesem. Isto ey por bem, e vos mando que logo defendais, e mandeis que se nom faça.

E que os ditos capitãis dormus não tiuesem feitores em baçora, nem em julfar, nem em outro algũu lugar do dito reyno dormuz, nem outro algũu meu official, porque se segiam disso muitos inconuenientes. Disto vos encomendo que tomeis informação, e o prouejais, como vos parecer meu seruiço. E de tudo o que em cada hũa destas cousas achardes e prouerdes, me screuereis compridamente. Pero fernandez a fez em evora a XIII dias de março de 1545. «Rey.»

(No fundo) Pera dom Joham de castro.

(Sobrescripto) Por elrey—A dom Joham de castro, do seu conselho, e seu capitão moor e gouernador das partes da india.

N.º 25

Dom Joam de castro Amiguo. Eu elrrey vos emuio muito saudar. Per bernaldo nacere capitão da naao de garcia de saa que chegou aquy no mes de feuereiro pasado receby a carta que me escreuestes de moçambique: e dou muytas graaças a noso senhor da boa viagem que leuastes, de que folguey de me dardes comta tão particularmente: e por muy certo tenho que apos nosso senhor ser seruido de vola asy daar foy muyta parte de asy ser o bom cuidado e vegya, que terieis em todo o caminho, do que comprise a boa nauegação dele, espero em noso senhor que jaa agora esteis na ymdia a saluamento,

como desejo, com todas as naaos de vosa companhia: e desaprouueme muyto de dioguo rabelo não passar.

Folguey muyto de ver o debuxo que me emuiastes da fortaleza de moçambique, e vinha muy bem declarado como era necesareo pera se poder emtemder: e do sytio ter tão boa desposição pera se fortificar recebo comtemtamento; e porque he cousa tão ymportante deueis loguo de ordenar como se faça pela maneira do debuxo que vos aquy emuyo, que caa mamdey fazer a mygel da arruda, por ser tão pratico nestas cousas como sabeis: e quamto mais breuemente esta oobra for feita, tamto mais meu seruiço será; porque estamdo asy estaa a muy gramde perigo e não se pode descamsar niso.

Quamto ao topir daquele canal que no debuxo vem apontado, podemdo-se fazer aueloya por cousa de muyto meu seruiço: e postoque a deficuldade de aver aly pouca pedra pera se fazer seja gramde, todauya não poode ser a mimgoa dela tamanha, que falte a que for necesaria pera se fazer: pelo que vos imcomemdo muyto que ordeneis loguo como se faça e o moodo que niso se tenha, e escreueloeis de minha parte ao capitão, e sobre isto vos escrevo por outra carta da qual vsareys.

Do descobrimento daqueles rios que fez Louremço marques folgey de saber, e parece que será cousa muy ymportante e necesaria acabarse bem de saber, pelo que vos emcomemdo muyto que ordeneis loguo mamdar da ymdia pera yso hũu nauyo ou fusta, qual vos parecer maes comueniemte: e pela emformaçam e pratica que jaá disto tem louremço marquez me parece meu serviço emcarregardelo desta viagem, ao qual dareis regimemto muy particular de tudo o que faça e precure de saber. E parecemdouos bem leuar ele no dito nauyo algũas mercadorias, como parece que será necesareo, será bem mamdardeslhas, com as quaes ele poderá milhor resgatar as da terra, e saber verdadeiramente as que haa nela. E do

que se nisto fizer me avisarês. E posto que vos diga que mandeys a isto Lourenço marquez, não o encaregareys diso, senam parecendo vos que he tam soficiente pera iso que podereys escusar de mamdar a iso outra pesoa.

Do falecimemto do doutor francisco de maarys me desaprouue muito, e este anno quisera loguo de caa mamdar outra pesoa que seruise o carreguo que leuaua, e por ser muyto tarde não ouue tempo pera iso, pera o ano, deos queremdo, a emuiarey, e emtretamto deueis descolher laa algũa pesoa que sirua atee eu de caa prouer, a qual deue de ser a que comuêm pera tal carrego. Sua molher e filhos vos emcomemdo muito, e eu terey dela e deles lembramça pera o ano que vem.

O homem que destes a bernaldo nacere pera vir com ele pela pratica que tinha desta costa, e ser necesario pelo tempo em que a vinha demamdar, foy muy bem feyto, e o ouue por meu seruiço.

Pelas naaos do anno pasado de que veyo por capitão fernão perez que caa chegarão todas a saluamemto, louuores a noso senhor, soube as nouas da uimda da armada dos castelhanos a maluuco e o que com eles dom Jorge de crasto pasou, de que creo que terês avido larga emformação. E posto que loguo emtão me parecese que martim afomso proueria niso como comprise a meu seruiço e que seria jaa feito, todauya ouue por bem pelo negocio ser da calidade que hee e ser necesario prouerse nele comforme ao que compria a meu seruiço, de vos avisar do que niso fizeseis. E mamdey fazer prestes hũu nauyo pero vos leuar este recado com tamta breuidade como compria e asy se fez e partio em dezembro, e pelo tempo lhe ser comtrario tornou a arribar e tomou o porto de lixboa e por ser jaa muyto tarde pera tornar a partir e parecer aas pesoas praticas nas cousas do maar que era o tempo passado de sua nauegação e que partimdo emtão jaa não poderia ser mais cedo na ymdia que

quamdo as naaos chegasem, o mamdey desarmar, e pareceo-me por esta razão que seria milhor escreueruos pelas naaos. E postoque este caso de maluco e dos castelhanos laa yrem comtra forma do comtrato que amtre mỹ e o emperador meu yrmão he feito sobre yso, e o moodo que eles niso tiuerão fose tudo pera eu diso receber tão gramde descomtentamento como o tenho, e fosem dinos de gramde castiguo, todauya pelo gramde amor que amtre o emperador e my haa, e por outras razões muy gramdes pareceo-me bem fazer-lho saber, e mamdarlhe, posto que pelo dito comtrato eu não fose obrigado a o fazer, pedir que os mamdase loguo vir: e ele me mamdou respomder por meu embaixador, quamto semtia o que seus vasallos fizeram, e que com todo o castiguo, que lhes eu mamdase daar receberia elle gramde comtemtamento, e outras palauras comformes aas razões e obrigações que amtre noos haa: e mandoume a prouisão que com esta vos emuyo, pela qual lhe mamda que loguo se sayam e se venhão. E porque pera se lhe ysto requerer como convêm e o moodo em que se lhe apresemtaria o contrato e a prouisão do emperador compria saberse a hordem que niso se deuya de guardar, mamdey fazer diso a ymstrução que vos com esta emuyo a quall aueis de mamdar com o dito comtrato que asy mesmo vos mamdo e com a prouisão do emperador ao capitão que ao tall tempo estiuer na dita fortaleza e asy a carta que lhe escreuo. E lhe emcomemdareis e mamdareis de minha parte que em tudo cumpra e guarde a dita ymstrução comforme ao que nela vay apomtado e declarado se faça a dita deligemcia: e na dita carta que lhe asy escreuo lhe mamdo que quando o dito capitão e gemte se não quiserem sayr das ditas terras e maares depois de feytos os requerimentos que na dita ymstrução vão declarados; que feytos os ditos requerimentos e respomdemdolhe que se não am de sayr, ou não se sayndo, e dillatamdo

sua sayda mais do tempo que lhe per elle for asynado, faça diso com hũu escriuão ou escriuães termo e auto e lhe requeira que se dem aa prisão; e não se queremdo daar premda o dito capitão e toda sua gemte: e faça escreuer todas suas fazendas, naaos, nauyos, e artelharia e quaesquer cousas que lhe achar, e de tudo faça ymuemtairo e o socreste e ponha a recado pera ácerca diso se fazer o que for justiça: e defemdemdo se ou pondo se em fugida em maneira que se não queirão daar aa prisão, nem os ele poosa premder, vse em todo com eles da minha ordenação no 5.º liuro, no titulo dos que resistem ou desobedecem a qualquer ofeciall de minha justiça, no capitulo que começa «outro sy determynamos que quamdo allgũa pesoa», &c., cujo trelado vos emuyo asynado por pero dalcaçoua. E que tamto que os tever presos volos emuye presos e a bom recado, como lhe parecer que hiraô mais seguros, com os trelados de todos os autos que diso forem feytos, os quaes voos ouuireis e farês niso o que for justiça, guardamdo em tudo a forma do dito comtrato. E semdo caso que allgũus deles ou por serem menores, ou por quaesquer outras razões não sejaô jullgados a pena que lhe daa o comtrato, tereis lembramça que a estes taaes não comsymtaes virem a estes reinos: e tereis gramde recado que não posão vir nas naaos escomdidos, porque seria gramde ymcomuenyemte a meu seruiço virem caa.

Semdo caso que o capitão e toda a jemte obedeça ao comtrato e aa prouisão do emperador, e se venhão como nela se declara, e requeresem que se queriaô vyr pela ymdia escreuereis e mamdarês de minha parte ao dito meu capitão que os deixe vyr em seus nauyos atee a ymdia: e da hy pera caa lhes mamdareis daar nas naaos embarcação, porque será mais meu seruiço virem nelas que nos seus nauyos: e quamdo ymsistisem em virem neles e não quisesem vir nas naaos, e voos com todas as

boas maneiras e com comsemtimemto seu não podeseis atalhar que não vyesem nos ditos seus nauyos, emtão os deixarês vir neles.

Porque este negocio hee de tamanha ymportamcia como vedes, e comvêm prouer nele com muyta breuidade averey por meu seruiço mandardes com ele hũa pesoa de muyto recado e comfiamça a qual posa ajudar ao dito capitão e emtemder no que comprise pera bem do negocio, e não avemdo allgũa embarcação em que loguo a podeses emuyar, deueis despachar hũu nauyo a ysto sómemte: e ao capitão aveis de mamdar a carta minha que lhe escreuo e o comtrato e a prouisão do emperador e asy a emformação do moodo que hade ter nos requerimentos que haa de fazer aos ditos castelhanos.

Os dias pasados me escreueo o meu feitor em framdes como per cartas de alexamdria e costamtinopla que vierão a mercadores se afirmaua que o turquo armaua este anno pera a ymdia, e mamdaua a suez cimcoemta ou sasemta galés lauradas e acertadas pera reformar as outras que laa tinha, e fazer mais groosa armada. Dy a algũus dias me escreueo tambem dom gylleanes da costa meu embaixador que resyde com o emperador meu yrmão, que o embaixador de veneza tinha aviso damdrinopoly que em costamtinopla se carregauão naaos de linhame, ferramenta, e artelharia pera alexamdria e se dizia que ordenauão sasemta galés e fustas pera a ymdia: E depois me tornou ele mesmo a escreuer que em todos os avisos que o emperador meu yrmão tinha do turquo, se não falaua em ele armar pera a ymdia, e que segumdo os ympidimemtos que tinha com os Jorgianos, e sospeitas de seu filho o mayor, se podia esperar que não emtemderia niso. E porque o caso hee de tão gramde ymportamcia que nenhũa cousa se poode aver nele por certa, nem he razão que se descamse sobre yso, ouue por meu seruiço avisaruos de todas as nouas que tenho, asy como as tenho,

cremdo que por laa terês voos tambem cuidado e gramde deligemcia de saber allgũa certeza delas: e postoque aas que eu caa podia daar mais credito fosem as do turquo nâo armar, porque estas atee agora se hão por mais verdadeiras, e porque amtre ele e mỹ se trata o negocio da paaz por esas partes, no quall emtemdia duarte catanho, e por covsas que socederão nâo ouue por meu seruiço que ele mais emtemdese nelas, e mamdey a yso gaspar palha do quall comfio que niso me seruirá muy ymteiramente, e espero com ajuda de noso senhor que averá nele boa concrusão, e que a paaz averá efecto comforme ao que comuêm a meu seruiço e ao bem dellas: todavya em tamanha cousa tudo hee razão que se olhe, e por yso e tambem pela emformação que tiue das pesoas que este anno vierâo da pouca gemte que ficaua na ymdia me pareceo meu seruiço mamdar agora nestas naaos mill e seiscemtos homẽs, com os quaes ymdo a saluamento, como espero em noso senhor que seja, e com a gemte que laa estaa, pareceo âs mesmas pesoas com que o pratiquey que estaua bem prouido pera qualquer caso que sobrevyese da vimda dos rumes, o que noso senhor defemda.

Por miguel vaaz, e por cartas de mestre framcisco e por outras soube quamta gemte nesas partes he comuertida e se comuerte aa nosa samta fee catolica pelas quaes nouas dou muytas graaças a noso senhor e recebo com elas tamto comtemtamemto que de nenhũa outra cousa o poderei receber mayor: e espero em noso senhor que pois hee seruido de nesas partes tamto se estemder seu nome e acrecentar a sua fee que ele terá especiall cuidado da sostemtação e defemsão dellas. E porque a oobra he tam gramde e noso senhor vay mostramdo que cadavez será mayor, e avera mais que fazer vemdo que os que nela agora entemdem são muy poucos; por esta razão e tambem porque o bispo se hade vir como vos escreuo

por outra carta, pareceo-me bem tornar a mamdar a esas partes miguel vaaz ao qual o bispo cometeo seu poder e jurdição, e com ele dez clériguos da companhia de Jesu e seys frades da prouincia da piedade que me pareceo comueniemte numero pera emtemderem agora nestas cousas de muito seruiço de noso senhor: dos quaes se podem mamdar aos lugares em que ouuer mayor necesidade os que parecer que conuem e são necesarios, o que vós laa ordenareis com a pratica de mestre framcisco e de migel vaaz e do bispo se ao taall tempo aymda laa estiuer. E desejo eu que asy se gramgee esta oobra, e as cousas necesareas a ela, que em meus tempos possa eu aymda ver tão gramdes fruytos dela como hee razão que os espere vemdo estes primcipios. E porque comfio muyto em voos, que precurareis por vosa parte que eu receba de noso senhor esta tão gramde mercê, vos lembro que este he o mayor seruiço, e o mayor comtemtamento que de voos poso receber: e que no cuidado, deligemcia, fauor, e bom tratamemto dos que jaa são feytos xpãos e se ao diamte fizerem, e destes religiosos que agora vão, e dos que laa estão, e de todos os que nesta materia emtemderem, e em tudo o que for necesareo pera o efeyto disto que desejo, mostreis que este he o proueyto que eu desas partes quero tirar; pois de todos hee o mayor e o que mais pretemdo: e aymda que nas outras cousas tenhaes gramdes acupações, nestas que são de noso senhor, e sem cuja ajuda em todas as outras não poode ser nada feyto, trabalheis por vos desacupar pera emtemderdes nelas e numca por yso vos pareça que vos pode falecer tempo pera emtemder nas outras, porque asy comvem que o façaes, por se não perder o que jaa hee feyto e ao diamte se poderaa fazer, quamdo voos asy o fizerdes.

No negocio do Rey de Jafanapatam e da morte que deu a aqueles martyres receby muy gramde descomtemta-

memto e o semty tamto como era razão: e segumdo vy por cartas de mestre framcisquo, martim afomso ordenaua de lhe mamdar dar o castiguo comforme aa callidade do caso. Se asy se fez receberey eu diso gramde comtemtamemto, e se o não ouue emcomemdouos muyto que o ajaes asy como ele o merece, porque seria huũ maao emxempro nesas partes pasar semelhante cousa sem o castiguo que he deuido a ella. Mestre framcisco me escreue que este rey tem hum yrmão o quall diz que lhe dise que se tornaria xpão, e o pouo todo, se eu lhe dese esta terra: e ysto seria muy bem por se ganharem estas almas e se fazerem xpãas: mas ha nisto outra cousa que oulhar que he pedirme o mesmo o primcipe de Ceylão, que se tornou xpão, e mamdarme dizer a raynha, sua may, por amdre de sousa que se eu dese esta terra a seu filho ela se tornaria xpãa com todos seus paremtes e criados. Tambem haa nisto outra cousa que ver postoque seja menos ymportamte que nenhũa destoutras, porque não me obriga mais que quamto eu quiser aceytar ou allargar o que compre a my, e he que diz elrrey de ceylão que lhe cumpra a prouisão que lhe tenho dado em que me apraaz de lhe restetuyr esta terra que diz que hee sua, e que me dará quatrocemtos quymtaes maes de canela, e me alargará a diuida que lhe deuo: a determinação de quall destas cousas será melhor não poso eu de caa tomar pela distamcia gramde, e por quamto tempo se pasa primeyro que ela laa posa chegar e tambem porque não poso saber a tempo comueniemte o estado em que laa estão as cousas: e parece que pera voos nyso prouerdes abasta somemte saberdes que eu não pretemdo senão o seruiço de noso senhor e o acrecemtamemto de sua fee, e que aquillo averey por milhor que for mais a preposyto deste meu desejo. He verdade que pello que fez este primcepe, e porque todos vejão que não somemte fazem, em se tornarem xpãaos, o que com-

pre a suas almas, mas aymda o que toca temporalmemte a suas cousas; folgarey de lhe ser feyto em tudo o que for mais sua homrra e acrecemtamemto de seu estado e mayor comtemtamemto pera a raynha sua may, pois tambem com yso se ganha fazer-se ela xpãa, e jumtamemte todos os ditos seus paremtes e criados quamdo teuerem por senhor o primcepe. E quamdo nesta parte asemtaseis e vos parecese mais seruiço de noso senhor e meu: porque damdré de sousa que com ele veyo de ceyllão tenho muyto boa emformação e foy o que trabalhou por ele se tornar xpão, e o defemdeo da morte, que lhe elrey queria daar, ey por bem que o mamdeis com ele e lhe deis o carreguo de seu capitão e guarda mor, do quall por estas razões ey por bem de lhe fazer merce. E quamto ao castigo do rey de Jafanapatam, lhe dareys, podendo-se bem fazer.

O negocio do mouro de que martim afomso ouue aquele dinheiro do acedaquam, bem creo que o tereis sabido. Foy taal seruiço o que me ele fez niso que he razão receber de mỹ merce e fauor. E porem parece meu seruiço ser de taal maneira que com yso se posa com ele ganhar mais; porque são ymformado que em seu poder ha aymda gramde soma de dinheiro, e por allgũas razões parece que asy deue de ser: ele me mamdou pedir que lhe fizese merce de hũa prouisão pera meus gouernadores e capitaẽs lhe não poerem ympedimento a ele nem a seus filhos e criados seus e do acedaquam poderem yr viuer e estar em qualquer parte que quisesem e por eles lhe fose dado pera yso toda a ajuda e fauor: e que suas naaos e nauyos podesem liurememte nauegar, sendo porem buscadas por meus ofeciaes se leuauão cousas defesas: e eu ouue por bem de lhe fazer merce dele asy como mo pede. E pareceo-me meu seruiço mamdaruolo a voos pera que com ele negoceaseis laa como viseis que era mais meu seruiço segumdo o termo em que as cousas

esteuesem: e porque ele em hũa carta que me escreue que parece que foy feita per sua mão e vem em arabio se me aqueixa dos criados do gouernador e do moodo que com ele tiuerão no dinheiro que lhe lleuarão e tão comfusamemte que não poso emtemder o que pasou no dito negocio, como verês pello trelado dela, e me diz que lhe mamde tomar disto comta, lhe escreuo esa carta de que tambem vos emujo o trelado, na qual lhe escreuo que me mamde dizer mais decraradamemte o como este negocio pasou pera eu prouer em qualquer agrauo que lhe niso fose feyto, como eu folgarey de fazer, quamdo elle o tiuese recebido: e porque eu queria que esta carta lhe leuase pesoa que lhe não podese estoruar fallar elle verdade niso, amtes o ymcitase a dizela, me parece bem mamdardeslha ou por bras daraujo, ou pelo doutor francisco toscano, ou pelo doutor fernão martiỹ quall delles vos melhor parecer e estiuer mais desacupado pera o poder fazer: e por esta mesma razão, e elle não poder comunicar a carta com allgũu portugues, o que não poderia deixar de fazer pera lha declarar, lhe mamdo demtro nela o trelado dela mesma em arabio, emcomemdouos muyto que lha mamdeis llogo, e quamto ao seguro e ao mais que aveis de negociar hee escusado fazeruos algũa lembramça niso, porque voos terês todas as que forem necesareas e o farês como for mais meu seruiço e com todos os resguardos e cautelas que comprirem pera com ele poderdes bem negocear. E porem porque ele jaa merece receber de mỹ merce pelo que tem feito he bem que em tudo o fauoreçaes e trateis de tall maneira que veja elle que o seruiço que me fez lhe aproueytou muito pera yso: e aymda comprirá fazerdelo asy pera o que ao diamte me ouuer de fazer: e do que neste negocio fyzerdes me avisarês, e muyto vos emcomemdo que do que he pasado nele precurês quamto vos for posyuel por saber a verdade; e pela obrigação, que me temdes vos

emcomemdo e mamdo que não aaja nelle allgũua cousa, que me não dygaes, e tão decraradamente como eu de voos comfyo.

Com esta vos mamdo hũa carta minha pera o ydallcão dagradecimemtos da boa vomtade que tem pera minhas cousas, e da com que me allargou aquellas terras firmes, e oferecemdolhe minha amizade, como verês pelo trellado dela que vos emujo: muyto vos encomemdo que lha emuyeis por hũa pesoa que vos bem parecer, e porque ele veja allgũu synal de minha boa vomtade e do comtemtamemto que tenho de com elle ter esta amizade me parece bem que lhe emuieis o arreo douro, e a sela, e asy os panos da tapeçaria douro, que haa dias que laa estão e que eu de caa emuiaua a elrey de cambaya por Job nunez que creo que estão nesa feitoria de goa: e aalem diso voos lhe escreuerês quamto vos tenho emcomemdado e agora emcomemdo suas cousas, e o conhecimemto em que sou das boas oobras que ele faz em todas as minhas, com todas as mais pallauras que vos bem parecer e de que virdes que elle receberá comtemtamemto. E folgarey de asy o gramjeardes sempre, que o posaes ter certo pera o que comprir a meu seruiço pella necesydade que delle e de suas terras tem minhas armadas. E comfio que não somemte o farês asy com este, mas com todos os outros que vos parecer que será meu seruiço terdes com elles este moodo.

Por via de costamtinopla e veneza fuy emformado que viera os annos pasados desas partes a allexandria muyta soma de pimemta e drogas, o que hee em tão gramde perjuizo de meu seruiço como vedes, e de que se seguem gramdes ymcomveniemtes; e não poso emtemder bem a causa por que tamta soma de pimemta e drogas ally veyo ter senão se fose pella costa ser tão mall guardada que se pasase por ella tamta pimemta: o que eu não deuo de crer pois vay niso tamto de meu seruiço e se foy allgũa

causa diso o comtrato que se faz em goa das drogas pera vrmuz, jaa quamdo fostes, temdo eu allgũa emformaçam disto vos mamdey que olhaseis bem nisto o que se deuya fazer; e que parecemdouos todauia que o comtrato se deuia fazer fose sómemte daquela camtidade das ditas drogas, que parecese que abastauão pera se gastarem na terra, e não pera sayr pera parte allgũa foora dela de que se podesem seguir estes ymcomueniemtes: acerca do comtrato, isto mesmo vos torno a llembrar: e quamto ha guarda da costa deueis de ordenar que se guarde e vygye de taall maneira, e per taaes pesoas que fação nyso verdade e não deixem pasar a dita pimemta e drogas, porque são ymformado que os mesmos que a amde guardar e vigiar são os que as pasão: a ymportamcia deste negocio he tão gramde como vedes, e por yso ey por certo que o prouereis de taall maneira que eu seja bem seruido. E para a comfiamça que eu em voos tenho ey por escusado dizeruos mais.

O lecemceado amtonio Rodrigues de gamboa que martim afomso mamdou a baçaym pera emtemder nos arremdamemtos e cousas dele me escreueo como tinha arremdadas as ditas remdas por nouemta e sete mil seis cemtos e cimqoemta pardaaos, e que seria muyto meu seruiço depois de pagas as despesas que a fortalleza fazia, scilicet, em pagamemtos dos ordenados, soldos e mamtimemtos da gemte della, e pagamemtos de capitaẽs naiques dos piaẽs da gemte da terra, prouimento do espritall, corregimemtos de todas as oobras e doutras meudezas em que se despemdião desoito mil e quinhemtos pardaaos; leuarem-se sasemta e noue mill cemto e cimcoemta, que sobejauão, omde estiuese o meu gouernador e não mamdarem-se aly fazer pagamemtos de diuidas que aalem do proveyto que seria ter o meu gouernador este dinheiro consyguo pera ele o mamdar despemder no que fosse mais necesareo e comprise a meu seruiço se ganhaua

tambem outro, em este dinheiro yr ao gouernador, porque naquela terra vallião pouco as moedas e que da maneira que as eu recebia se ganhaua em goa mil pardaaos em cada vimte mil: e que fazemdo-se doutra maneira, era dar ocasião aos feitores dizerem quamdo lhes mamdauão pedir dinheiro que o não tinhão, e que era despeso todo per mamdados. E porque ysto me parece muito meu seruiço vos emcomemdo e mamdo que ordeneis como se faça desta maneira daquy em diamte.

Eu folgaria de ver o debuxo das primcipaes fortalezas que tenho nesas partes, e porque quamto mais particullarmemte as podese ver mayor comtemtamemto receberia, vos emcomemdo muyto que se laa ouuer allgũa pesoa que o saiba bem fazer me emuyeis cada hũa dellas e asy a cidade ou llugar em que estiuer, e o sytio della, feita em cartaz, ou em allgũa madeira leue feito tudo per petipé, e de tall moodo, que se posa bem ver o que se delas quiser saber.

Eu escreuo a dom framcisco de menezes, e a João (J.º) de sepulueda, que me fiquem laa seruimdo aymda mais hũu ano, por me parecer que compria asy a meu seruiço: vós direis tambem de minha parte a cada huũ delles com todas as boas pallauras, que vos bem parecer, que o façam asy.

Por hũa carta que me escreueo simâo botelho, que estaa por capitão na minha fortaleza de malaca, soube como alomso amrriquez se quisera aleuamtar com ela, semdo o dito simâo botelho fóra da dita fortaleza a emterrar ruy vaaz pereira que aaquele tempo era fallecido e em cujo lugar elle socedera por prouisão de martim afomso. E como niso ouvera ajumtamemto, e outras cousas muy maall feytas: e porque o caso he de taall callidade que requere serlhe dado por yso o castigo que merece, vos emcomemdo muyto e mamdo, que estamdo ahy comvosco, ou tamto que vyer, semdo fóra, o man-

deis lloguo premder, e mo emvieis preso em hũa das primeiras naaos que vyerem pera estes reinos, e virá emtregue ao capitão della pera o trazer a todo o bom recado. Bertolameu froez a fez em allmeyrim a oyto dias de março de 1546. «Rey.»

Pera dom Joam de castro.

(No sobrescripto) Por Ellrey—A Dom Joham de castro, do seu conselho, capitão moor, e governador da India.

N.º 26

Dom Johão de Crasto Amiguo. Eu elRei vos emvio muito saudar. per via de Hierusalem recebi cartas do Preste Iohão, que dahi me trouxerão estes frades, e assi por Miguel de Castanhoso, em que me dá conta do falecimento delRei seu pai, e do estado de suas cousas e que nellas o aiude e fauoreça, e assi me pede que lhe faça saber o que sei de Iohão bermudez, que por elRei seu pai foi emviado a mỹ por embaixador por elle la husar de cousas mui contrarias á fee, e a seruiço de nosso senhor, e a tudo lhe respondo o que vereis pelo treslado da carta que vos emvio, e aos Portugueses, que ainda lá estão, mando que se não venhão, por mo elle assi mandar pedir, como assi mesmo vereis polla carta que lhe'escrevo; e porque aquella terra toda he de christaõs, como sabeis, os quaes postoque algũs erros tenhão na fee, estão tam dispostos e aparelhados a se tirarem delles, se ouver quem os doctrine, e emsine nas cousas dela, que devo eu de ajudar e procurar sempre polla defensão de sua terra; e porque o tempo não daa podello aguora fazer com mais que com lhe mostrar o deseio que eu disso tenho, e responderlhe a suas cartas e a seus trabalhos com tanta quentura, como convêm pera ele conhecer este meu deseio e minha boa vontade, folgarei avendo algũa bõa embarcação, em que estes frades possão hir, de os em-

viardes loguo nella, dandolhe ho necessario pera sua viajem, e tratando hos em tudo mui bem, como hei por certo que o fareis, e não avendo, ou avendoa, e nam parecendo tam segura, que os possais mandar nella, avisareis loguo o dito preste Ioão, de como ali estão os ditos frades com minha reposta, e que esperais embarcação segura pera lhos emviardes nella, com todas as bõas palavras comformes a este meu proposito, que acima vos diguo, e do que fizerdes me avisareis. escripta em almeirim a xIII de março. Lopo Rodrigues a fez. Anno de M.D.XXXX.VI. E porque poderá ser que pera virem demandar as costas, que vereys pelo trelado da carta que escrevo aos portuguezes, lhes será necesario alguũs instrumentos, e agulhas, e cartas de marear, e estrelabios; lhos emviarês e asy huũ regimento do modo que teram em descobrir e escrever as derrotas e alturas do que caminharem. «Rey.»

A dom Johaõ de Crasto sobre a embarcação dos frades.

Cópias, a que se refere a carta antecedente

1.ª

Fidalguos e criados meus, e homẽs darmas, que estais nas terras do Preste Johaõ rei dos abexis, e que de maçua com Dom Cristovão da gama fostes emviados por dom estevão da gama seu irmão, meu capitão mór e governador pera ajudardes o dicto rei na defensão de seus Reinos e senhorios, contra seus imiguos: Eu elRei vos emvio muito saudar. Por cartas do dito Rei que me escreueo por via de Hierusalem, e depois por miguel de Castanhoso soube novas do que era passado nas ditas guerras, e da morte de Dom christovão e doutros Portugueses meus vassalos de vossa companhia, das quaes recebi o descontentamento que era rezão, perdendo tantos e tão boõs vassallos; mas vendo como forão mortos em ser-

uiço de nosso senhor, e na defensão daquellas terras, que de sua fee tem tanto conhecimento, e tão aparelhadas estão a virem no verdadeiro della; ouve suas vidas por bem empreguadas e dei muitas graças a nosso senhor por ser seruido que por meyo deles a terra se não perdesse, nem fosse ganhada de tam grandes imiguos seus, e spero nelle que sempre a defenda pera nella ser seruido e conhecido como desejo: mas pois os passais por seruiço de n. senhor, e o dito Rei não está ainda tam pacifico como conuêm, e elle assi mo pede, receberei eu mui grande contentamento não vos virdes, e de o ajudardes e seruirdes naquellas cousas, em que lhe for necessarea v. ajuda e seruiço: e assi vos emcomemdo muito e mando que o façaes porque ho averei por muito meu seruiço: e eu lhe escreuo aguora que em vossas necessidades e em tudo o mais, que uos comprir, vos ajude pera o suprimento delas, como he obriguado ao fazer, o que tenho por mui certo que fará e pera ho anno que vem, aprazendo a n. senhor, espero de emviar hũa pesoa e por ella vos escreuerei mais larguamente. E porque são informado que facilmente se poderia achar caminho que viesse ter ha costa de Melinde, ou a algũa outra parte daquela banda, por onde podesse hauer antre o dito Rei e m- mayor cõmunicação, e mais breuemente podesse saber de suas cousas, lhe escreuo que o mande buscar e descubrir; tereis cuidado de lhe fazer disso lembrança, e parecendolhe bem algũs de vos outros fazerdes o descubrimento deste caminho, averei por meu seruiço emtenderdes nisso, e espero que me seruireis nesse negocio como eu de vós confio. E porque pode ser que a terra do Abexi venha tanto pera oeste, e a de manicongo va tanto pera o leste, que não seja grande distancia de huma terra ha outra, e podendo-se fazer caminho da terra do abexi pera manicongo, ou pera qualquer outro Rio do Cabo da bõa esperança pera qua, seria muito meu ser-

uiço; vos mando que procureis que se descubra lembrandoo a elRei pera que ho mande fazer, ou se a ele lhe parecer bem que algũs de vós outros o fação, o fareis; porque he cousa de que eu receberei muito contentamento, e me averei por muito seruido dos que ho fizerem, e lhe farei a merce que for rezão, e emtendendo-se neste descobrimento não se deixará de fazer o outro que acima he dito. Scripta em almeirim a xv de março. Lopo roiz. a fez ano de M. D. XXXX.VI. «Aos fidalguos e seus criados e gente darmas que estão nas terras do Preste.»

(Em lugar de sobrescripto) Trelado da carta que sua Alteza escreve aos portuguezes que estam com o preste João.

2.ª

Muito poderoso Rei. Eu Dom Johão per graça de deos Rei de Portugal vos emvio muito saudar. Vi a carta que me escreuestes em que me dais conta do çoscedimento de vossas cousas e do falicimento delRei v. pai, de que muito me desaprouve, e pois nosso senhor disso foi seruido deueis de comformar no que ele ordena vossa vontade com a sua, e dar lhe por isso tantas graças e louvores como se lhe deuem por todas suas obras, esperando nele que apôs tamanha perda e tam grandes trabalhos vos dará o descanso e contentamento que vós desejais e que elle sempre daa aqueles que tanto o desejaõ seruir. E quanto ao que me dizeis que vos aiude e favoreça contra vossos imiguos, eu estimo tanto vossas cousas, e tenho pera ellas tam bõa vontade, que nunqua minha ajuda e fauor vos pode ser necessaria, que a não acheis em m , e em meus capitaẽs mores, e muito me pesa de não aver caminho polo qual eu possa tantas vezes, como desejo, saber o estado de v. cousas, e o çoscedimento delas, e do socorro e ajuda que recebestes do meu capitão mór e meu governador da india, e do que meus vassalos fizerão

em v. seruiço, do que tomei mais largua imformação da que tinha por miguel do castanhoso, polo qual assi mesmo recebi outra carta v., tive eu mui grande contentamento. e posto que a perda deles seja tanto pera sentir, ei hos por bem empregados, pois acabaram em seruiço de n. s. e em defensão do v. estado que eu tenho na conta de proprio meu, e podeis ser mui certo que sempre de mỹ e de minhas gentes e capitaẽs sereis ajudado comforme a esta minha vontade, e amor que vos tenho, e quanto aos vossos naturaes, que dizeis que estão cativos em poder dos portugueses, e que os vendem a mouros, eu mando ao meu capitão mór e governador que o não consinta fazer; e do que lá tem feito ioam bermudez, que elRei v. pai emviou a mi por seu embaixador, me desaprouve muito por que são cousas muito contrarias ao seruiço de n. s. pera as quaes sabido he que lhe não podia dar algum fauor nem ajuda, nem dele conheço mais que ser hum cleriguo simpres, e dos poderes, que diz que o sancto Padre lhe concedeo, não sei nada, e polos breues de s. sanctidade sabereis milhor o que nisso he passado; e aindaque por isso mereça tam grande castiguo, não me parece que lho deueis de mandar dar, senão de tal maneira, que ficando com vida, fique com a pena devida a seus erros; porque sendo ella outra, e usando iá desta dignidade de Patriarcha, que ele sem lhe ninguem dar quis tomar, e de tais poderes postoque tão indiuidamente, seria grande descredito na christandade saberse que doutra maneira o mandavais castiguar, e porque eu deseio que todas vossas cousas sejaõ tambem acertadas que no efecto dellas se veia a tenção, com que as fazeis, e tambem porque dalguâs, que tocão á nossa sancta fee catholica se dê o remedio necessario e conveniente ao que compre ao verdadeiro conhecimento dela e á saluação das almas, detremino de mandar a vós, e a vosso reigno pera o ano que vem, deus querendo, hũa pesoa

por Patriarcha, que seja tal e de tal zelo, e bom exemplo de vida, que nestas cousas todas possa e saiba seruir bem nosso senhor, e de que vós recebais muito contentamento, e com que possais praticar mais larguamente as cousas de ioaõ bermudez, e tomar acerqua dele a determinação que vos bem parecer, e pera que qua possa saber de vós e do estado de v. cousas mais breuemente deveis de mandar saber por lá dalgũ caminho ou naveguaçaõ que de v. terras e senhorios possa vir ter á costa de milinde, ou a qualquer outra parte daquella banda, donde com mais breuidade possa aver antre nós esta cõmunicação, que segundo imformação que tenho parece que será mui facil de achar, e eu mando aos portugueses meus vassallos que la ficaram que se não venhão e vos siruâo em todas as cousas que tocarem a vosso estado; e folguem de assi o fazer como o fariaõ em meu seruiço; e porque he rezão que quando eles isto fizerem recebam de vós ajuda pera suprimento de suas necessidades, que teram tão grandes, como as deuem ter estando tam apartados de sua natureza vos roguo que os subtenteis e olheis por eles assi como o deueis a vassalos meus e que com suas vidas vos tem tambem seruido, e ajudado a defender v. reinos de v. imiguos. n. s. aja sempre v. pesoa e real estado em sua sancta guarda: escripta em almeirim. Lopo Roiz. a fez a XIII de março A. M.D.XXXX.VI.

(Em o lugar do sobrescripto) Trelado da carta que Sua Alteza escreue ao preste João.

N.º 27

Dom Joham: amigo. eu elrey vos emvio muyto saudar. A mỹ me foy qua apontado que seria muyto meu seruiço mandar vender ao Idalquão as terras firmes de goa, que me ele alargou, asy porque avendo as de soster, me cus-

tarião muyto, como por ser cousa dificil o poderense elas bem defender; e tambem, que nunqua em algũu tempo que delas quisese o peraque elas dizem que me são necesarias, deixarião aqueles, cujas elas fosem de dar causa por onde elas com rezam tornasem a ser mynhas; e que vendendo-as agora ao dito Idalquão, ou ao Inazamaluquo, ou a qualquer outro seu vezinho, tiraria diso huũa grande soma de dinheiro, que cada huũ deles me daria por elas. Estas rezões me pareceram todas de muyto meu seruiço; mas porque em todas as cousas ha sempre rezões por huũa parte e pela outra, e nas de tam longe nam se deve nada determinar, nem me parece bem fazelo, ouue por milhor avisarvos de tudo, e tomar niso primeiro voso parecer, crendo que mo dareys com aquele respeito e consideraçam em tudo, que em semelhantes cousas se deve de ter. e porem porque poderia acontecer parecervos bem, e meu serviço venderem-se estas terras, pareceo-me necesario falarvos neste caso mais declarada e resolutamente asy como deve de ser em cousa que eu ey por tamanha como esta he.

A venda destas terras he muy importante, e pode ser de muy grande meu seruiço, e he cousa em que principalmente convem ter se muy grande segredo: e postoque a confiança, que eu em vós tenho seja a que vós mereceys, e que se requere que eu tenha em pesoa que nese carego e lugar me serve; todavia ainda este negocio he tam grande, que nam compria a meu seruiço cometelo a outrem: mas porque, como digo, no de tam longe poderia acontecer ocasiam em que eu podese ser bem servido, tendo vós comisam minha pera o fazerdes, o que nam poderia tambem ser quando a nam tiveseis, e ouueseis desperar por meu recado: como cousa que asy pode acontecer, e tendo em vos esta confiança, pareceome meu serviço dizervos o quanto averia por bem que as deseys, que he de sete centos mil cruzados pera cima

quanto mais podeseys; porque daquy pera baixo nam averey por meu serviço venderense, visto a calidade delas, e quam importantes podem ser a quem as comprar: e ainda em serem vendidas mais a cada huũ dos outros que ao Idalquão, pode ser que se acrecente no preço, e que seja milhor pera tudo. Mas asy vos deveys vos aver niso que quem as ficar comprando ainda que vos dee por elas o que digo, ou mais, fique sempre cuidando que lhe fizestes na venda muyta amizade: e porem tanto por tanto vereys se averá mais rezões de ficarem antes com o Idalquão, cujas elas primeiro foram; aindaque tambem deveys de ponderar muyto nisto, qual deles será menos perjudicial a meu serviço terdes nelas por vezinho. Neste negocio isto he o que averey por meu serviço que façaes. O como nele me aveis de servir tenho eu muyta confiança que seja como de vós espero. E parecendovos bem dardes disto conta a alguũa pesoa, faloeys como de cousa, que vós mesmo a moveys, e trabalhareys por se ter niso muy grande segredo até o dito negocio se acabar de concludir; porque asy compre muyto a meu serviço. Pero dalcaçoua carneiro a fez em almeirim a xiiii dias de março de 1547. «Rey.»

(No fundo) Pera dom João de crasto sobre as terras firmes de goa.

(Sobrescripto) Por elrey—A dom João de crasto, do seu conselho, e seu capitam mor e gouernador da India.

N.º 28

Dom João de castro: eu a Rainha vos emuio muyto saudar. Vy a carta que me escrepuestes de maçanbique polla naao de garcia de saa, e da boa viajem que noso senhor vos deu rreceby gramde comtemtamemto, e lhe dou por yso muytas graças e louuores, e espero nelle que vos ajude a seruilo, e a elrrey meu senhor em tudo.

como ey por certo que lhe pedis e desejaees, e na lembramça, que aly tiuestes, de oulhar pello que compria a seu seruiço, e defemsão daquella terra, se vio bem: e maior a tereis das cousas, que mais primcipalmente tocarem a seu seruiço: e nesta materia de moçanbique vos responde S. A. o que vereis por sua carta. Nas cousas dos xpãos e da conuersão da jemte da terra vos espreve S. A. muy emcarregadamente, e como em cousa que tamto toqua a seruiço de noso senhor, e acrecemtamemto de sua fee: a qual por ser desta callidade, e de tão gramde obrigação pera S. A. em nenhũa outra o podeis seruir mais, nem lhe dar maior comtemtamemto: e eu vos quisera sobre ysso tambem espreuer, mas pera voos, ey-o por escusado, porque sey que este seraa o voso primcipal cuidado.

Do falecimento do Doutor francisco de maris, e do desemparo, em que fiqua sua molher e filhos, me desaprouue muito e tenho por muy certo que no que em voos for pera lhe dardes alguum remedio o farees e tereis della lembramça que deueis e sois obrigado, e eu vos emcomendo muito que ho façaees asy, porque receberey diso muyto comtemtamento.

A lembramça que leuaes das cousas, que vos encomendey, que desas partes me emuiaseis vos agradeço muito, e folgarey de tomardes diso aquelle cuidado, que eu de voos confio, e quamto mais cedo mas poderdes emuiar, tamto maior prazer receberey, e a esta vosa carta nam haa necesidade de reposta, e por outra vos espreuerei mais larguo acerqua destas cousas que me aueis de mamdar e do mais que niso aveis de fazer. Esprita em almeirim em xv dias do mes de março de 1546. «Rainha.»

(No fundo da pagina) Para dom João de crasto.

(Sobrescripto) Por a Rainha—A dom João de castro, capitam mor e gouernador da India.

N.º 29

Honrado gouernador. Depois de vosa partida receby duas cartas vosas, a que nam haa que responder, senam que uos nam pareça que me podem ellas ocupar tempo, antes podeis crer, que folgo muito com ellas; por yso nam leixeis de mescreuer tudo o que uos parecer necesareo.

E porque me pondes em muito grande obrigaçam com me agardecer o que eu nam tenho feito, mas desejo de fazer, e o aueis de ter por muy certo, quando de mym uos comprir, vos deuo de lembrar a obrigaçam, que tendes, de seruir a noso senhor nesse cargo, e a sua A., como se de vós espera, e eu comfio; e porque a principal parte he o que toca ao exalçamemto da fee e saluaçam das almas, vo la lembro mais principalmente e pera se niso fazer o que compre a seruiço de noso senhor, sua A. proueo o milhor que se pôde, como uereis poloque vos escreue, e uos diraa o vigairo miguel uãz: seraa ysto princypio pera se hyr fazendo cadauez milhor o que obriga tamanha disposiçam, e dar noso senhor em noso tempo poder-se-lhe fazer tamanho seruiço, e uós deueis destimar muito começar-se isto a sentir mais, e fazerse em voso tempo, pollo que com muito cuidado, diligencia, e feruor deueis de enderençar o que elrey meu senhor ordena, e uos manda: e o que de quá nam pode prouer, ou em quanto nam poder prouer, de vosa parte deueis de fazer como se consiga este tamanho effeito, e que sua A. tanto deseja: e pera yso o que comprir sempre auisardesme vos encomendo que o façaes: e porque o mais sobristo uos diraa o vigayro, a elle me remeto. Jorge Coelho secretario a fez em Almeirim, xvi de março de 1546. «O Cardeal Iffante.»

(Sobrescripto) Ao honrado dom Joam de crasto, gouernador da india, por elrey meu senhor, e do seu conselho.

N.º 30

Dom Joham de castro: eu a Rainha vos enuio muito saudar. Vy as cartas que me escreuestes, e dou muitas graças e louuores a nosso senhor, pela merce, que vos fez em vos liurar de tamanho periguo, como foy o que dizeis que vos aconteceo na viagem; e espero nele que será pera nessas partes lhe fazerdes tantos seruiços, como sey que desejais. E de saber de vossa chegada a esas partes, e de como nelas fostes bem recebido, recebi muito contentamento, e das obras que começais a fazer, e tendes feitas no seruiço delrey meu senhor, o tem sua alteza muy grande, e eu asy mesmo pela muito boa vontade que vos tenho.

E quanto aas orfaãs que leuastes, por certo tenho, que sendo cousa de tanto seruiço de deos, e de que sua alteza e eu temos o gosto que vós sabeis, as agazalharieis tambem, e procurarieis tanto seus casamentos, como me escreueis; e aas pessoas que as tem em suas casas escreuo, e dou disso os agradecimentos, que dizeis que se lhe deuem, e vós tambem lhos day de minha parte, porque me prazerá disso.

E o cuidado que teuestes de mandar dioguo vaz ourivez a ceilam pera se loguo começarem a fazer as cousas, a que o mandey, istimo muito, e he muy conforme aa confiança, que tenho, que asy folgareis sempre de o fazer em tudo, o que for de meu seruiço. E a bras daraujo escreuo, como soube per vossa carta o que me nela escreueis da boa vontade, comque trabalhou de aver os dous mil quinhentos xerafins, que pera isso mandastes buscar emprestados, e trabalha de aviar tudo o mais, que he necesario, e lho agradeço muito.

E de as pipas do moesteiro de faram, que leuastes a carreguo, serem de tam maao vinho, me pesou, pelo desgosto que disso terieis: mas comtudo ainda se nelas

fez proueito, e bem creyo que seria pelo cuidado, que tomastes, de as aproueitar, e muito vo lo agradeço.

E com o beijoim de boninas, e com todas as mais cousas, que me enuiastes, folgey muito, e era tudo muy boõ, e o istimo como he rezam, e se deue aa muito boa vontade, comque sey que foy enuiado.

E de achardes a gente desas partes tam contraira ao seruiço delrey meu senhor, me pesa mais do que me espanto, porque lhe virá de longe esa desordem; mas espero em nosso senhor, e confio de vós que o ordenareis e fareis como sua alteza seja inteiramente seruido: e nam vos deue lembrar que podeis por isso ter algũus immigos, pois está tam certo que de immizades tam injustas se vos nam pode seguir nenhũu danno, e de fazerdes o que deueis, e nam consentirdes que ninguem faça o que nam deue se vos segue ante deos e ante sua alteza muito merecimento: e podeis estar descansado que quando comprisse terei a lembrança, que me pediis, de tudo o que tocar a vossa honrra e descanço.

E o cuidado que dizeis que tendes, que dos quinhentos quintaes de pimenta, de que me elrey meu senhor fez merce, pera mandar a bengala, se faça o mais proueito que poder ser, istimo muito, e folgey de pera a feitoria disso escolherdes manuel da gama, pela muito boa conta em que o tenho, e do fauor e boas obras, que sey que fazeis a elle, e a todos os outros meus cryados tenho muito contentamento, e vos roguo, que aos que o merecerem e fizerem o que deuem, folgeis de o fazer asy sempre, porque me averey nisso por muito seruida de vós.

E das nouas que me dais que elrey de tanor vos enuiou dizer, que se queria fazer xpãao, recebi muito contentamento: prazerá a nosso senhor que o traria a efeito, e se siguirá disso muy grande seu seruiço no acrescentamento de sua santa fee catholica, e que será causa de o seu santo nome em todas esas partes ser muito mais aleuantado.

E sinaes sam eses muy claros que se ha ele por seruido disso, pelo que lhe dou muitas graças e louuores; e vós asy lhas deueis dar por isto ser em vosso tempo, e trabalhar quanto em vós for pera que de vossa parte nam fique nada por fazer nesta tam santa obra, como creyo que tereis feito, e fareis.

E do modo que martỹ afonso teue conuosquo pera vos nam deixar o dinheiro que vos ficou e prometeo de dar pera a carrega da pimenta, me desaprouue pelo descontentamento que sey que diso terieis, e pela falta, que vos poderia fazer no seruiço delrey meu senhor: mas eu confio de vós e de vossa prudencia e virtude, que a supririeis muy bem, e que nosso senhor vos ajudaria nisso e o primitiria asy pera que mais claro se mostre a vontade, e o desejo que tendes de seruir a sua alteza, e pera muito mais vosso merecimento e louuor. Pero fernandez a fez em almeirỹ a xviii dias de março de 1547. «Raynha.»

(No fundo da pagina) Reposta a dom Joham de castro.

(Sobrescripto) Por a Rainha.—A dom Johan de crasto, do conselho delrey seu senhor e seu capitammor, e gouernador da India—2.ª via.

N.º 31

Honrado gouernador. Pellas cartas que escreuestes a ElRey meu senhor, a a mim, vi o discurso de uossa viagem despois da partida de Moçambique ate chegar á India, e o que nella fizestês até a partida das naáos, e o estado em que achastes a terra, e a condição dos homeẽs, e devassidão dos tratos, e a fraqueza d'armada, e como vos ouuestes co Idalcão nas cousas de meale, e assi nas cousas d'urmuz, e com os fidalgos que tinhão licenças de Marti Afonso pera leuarem lá drogas, e tudo o mais que per uossas cartas dizeẽs: e porque ElRey meu senhor vos responde a todas estas cousas em particular, o nom farei eu senão em soma; e porem nom deixarei de

dizer quanto me assombrou, ca em terra, o perigo que passastes atraués da ilha do Comaro, por que verdadeiramente foi acontecimento mui grande e temeroso; e porêm eu o tomo por boõa estreea, porque me parece que vos quis nosso senhor mostrar nisto, que vos ha de saluar dos perigos da terra da India pera que he necessario tanto milagre como vsou com vosco em uos saluar de tamanho perigo, pello que lhe eu dou muitas graças e folguei de saber que dom hieronimo de Noronha vos teue companhia neste perigo, pois nosso senhor tambem o saluou delle; e he cousa de homem tão honrado, como elle he, participar dos perigos e trabalhos de seu Capitão. Quanto as mais cousas, que mescreueẽs, porque ElRey meu senhor vos responde a todas em particular, e eu fui presente ás mesmas respostas, me parece escusado tornaruollas a referir; porque per suas cartas vereẽs o contentamento que tem de como nessas partes o começaes a seruir, e a boõa opinião, que a gente tem de vós, e o que particularmente vos manda que façaes em cada cousa. O que vos eu disto mais posso dizer he que estou mui contente do modo que leuaes nas cousas dessa terra, e do que nella fazeẽs, e dizeẽs; porque bem se mostra nisto, que o passar tantos climas vos não mudou de quem ereẽs, e da conta em que uos eu sempre tiue, porque nom vos contentaes de mostrar isto assi per obras, mas alem disso vos iis sempre penhorando com palauras e demostrações a fazer o mesmo, o que eu tenho por mui certo, que vós sempre fareẽs inteiramente, quanto humanamente se pode fazer.

Do modo que escreuestes a sualteza nom estou menos contente, porque vierão uossas cartas mui bem ordenadas, e escritas, e nellas todallas cousas necessarias, e nehũas superfluas, e bem se vee nellas o mesmo que acima digo, e que entendeẽs as cousas dessa terra, e que tendes zelo e desejo de as fazer sem respeito temporal

damor, nem interesse, o que muito folgo de uos ouuir, porque inda que eu tenho por certo que o fareẽs assi, parece hũa grande auondança de coração, e da uirtude que nelle tendes, folgardes tanto de o dizer. Pello que eu espero em nosso senhor que uos ha de cumprir uossos boõs desejos, e que vos ha de trazer dessa terra com muito uosso contentamento, e honra, porque nom pode deixar de soceder isto a quem nhũa cousa procura senão o seruiço de deos, e de seu Rey. E aindaque vos isto ha de custar grandes trabalhos, lembreuos que nelles está o merecimento das cousas, e que a Christo conueeo passalos pera entrar na sua gloria: e se uos parecerem as cousas dificiles, lembreuos que estas são as em que deos poem a mão, e o que ajuda a quem o serue nellas com a tenção, com que o vós fazeẽs, e os homeẽs nom podem poor mais de sua casa, que a vontade e a diligencia; e por isso são Paulo não atribuia a si mais que o plantar das cousas, porque deos ha de dar o incremento: e assi o dará elle em todas vossas cousas, como as plantardes com o zelo, que eu confio, que uós tendes em todas: e por isso não uos espantem as grandes, nem tenhaes em pouco as pequenas; fazee igual ponderação, e os fiis dellas remetteeos a nosso senhor; e posto que alguũs vos nom saiaõ como desejaes, nunca entre em uos desconfiança, em quanto fezerdes as cousas com justo zelo e limpa tenção, porque muitas vezes permite nosso senhor aos que o mais seruem que fação erros pera que mereção na paciencia, e na confiança delle, e se expertem mais nas cousas, e se acrecentem em mayor perfeição. Fazee justiça como a entenderdes, tomando sempre conselho e parecer nas cousas como fazeẽs. Conseruaiuos na limpeza de uossa pessoa, que vsaes acerca dos combates dos gostos temporaes e interesses dessa terra: e com isto venha o que vier, porque tudo será pera bom fim.

Nas cousas, que tocão ao culto diuino, na conuersão

dos infiees, vos esmerai muito, porque estas sâo as armas, que principalmente hão de defender a India: procurai de lançar dessa terra as despesas sobejas dos homeês, e as branduras e delicadezas de que vsão, e os vestidos e paramentos de casas que tratão, despondoos pera estas cousas branda e suauemente com o exemplo que lhe daes, e de uossos filhos, e com fazer fauor e merce aos que vsão do contrario: e se estas cousas logo nom poderdes emmendar, nom uos espanteẽs disso, porque as que se danão com tempo, com tempo se hão de tornar a emmendar, e nom se podem remediar dimprouiso: por isso hi continuando em uosso boõ proposito, e fazendo as cousas segundo a disposição do tempo, e o sogeito das pessoas em que aueẽs d'obrar, que com isto espero em nosso senhor que encaminhe todas vossas cousas a seu seruiço, e a o delRey meu senhor, e a vossa honra, como desejaes.

Quanto ao que me dizeẽs que procure que vossa estada seja lá breue, bem vejo que tendes muita razão de o desejar assi; e me parece mui bem desejardelo; e porem desta materia me parece que se nom pode tratar até nom uer as uossas cartas que este ano embora virão, e por isso deixo a reposta deste ponto pera o anno, que emboora virá.

E acerca do que me escreueẽs de dom aluaro vosso filho, eu falei a sualteza naquelle negocio, e sualteza o conhece bem e estaa bem informado das calidades de sua pessoa, e deseja de lhe fazer honra e merce; e porêm por algũas razões que uos sualteza manda escreuer, e porque este ano escreue que nom manda la nhum despacho, ouue por bem deferir este pera responder a elle o anno que vem; e por entre tanto lhe manda fazer a merce que vereẽs per suas prouisoẽs. A mim me fica mui bõo cuidado de lembrar tudo o que a uossos filhos toca, e espero em nosso senhor que se faça de maneira, que elles recebão honra e merce de sualteza, como vossos filhos, a quem

deseja fazer o que lhe vós merecẽes; e podeẽs ter por certo que sualteza está em mui verdadeiro conhecimento da vontade com que o seruiis, e mui contente do modo de que o tendes feito ate qui.

Eu faley a Sualteza em Afonso de rojas, e por uosso respeito lhe fizera logo a merce, que lhe eu pedi; mas porque, como digo, manda dizer ás pessoas, que andão na India, que este anno nom manda la nhum despacho, diferio o d'afonso de rojas pera o anno que vem, e diz que pera então lhe fará merce: eu terey cuidado, se a deos aprouuer, de uos mandar a prouisão, e folgo eu muito das booas nouas que me daes d'afonso de Rojas, e de crer he, que sendo irmâo de mestre olmedo, e estando em uossa companhia nom pode deixar de ser homem de bem. O que me mandastes nas naãos que vierão me foi dado, e com tudo folguey por ser cousa de uossa mão: agradeçouolo muito: escrita em Almeirim a xvi de março de 47. «Infante dom Luis.»

(Sobrescripto) Ao honrado Dom Johão de Crasto, do conselho delRey meu senhor, Capitão moor e gouernador nas partes da India. — 1.ª via. —

N.º 32

Artigo extrahido da carta, que Ruy Gonsalves de Caminha escreveo de Goa a D. Jo. de Castro, em 15 de Dezembro de 1546

Ho vigairo jerall he aqui cheguado, e loguo quer ir pera onde estaa Vosa S.: parese-me que hiraa na carauela, em que for o dinheiro.

Artigo extrahido de huma carta escrita pelo Bispo de Goa a D. Jo. de Castro, no primeiro de Fevereiro de 1547

De la muerte de migel vaz yo recebi gran desconsolacion, y perdi mucho descanso, por yo averle dado todo

my poder, que no queria tener cargo destas cosas, segun mi condicion, y para el año yrme. En esta determinacion estava: agora llevólo nuestro señor: el quomo, el quando, no lo se; solo dios es sabidor. Falsos testimonios aca se dizen muchos: desto le dare cuenta, quando nuestro señor lo troxere a esta tierra, o me mandare a my ir alla.

Maestre dioguo es muerto: durò cinco dias con grandes febres; murio quinze dias despues del vicaryo general, en quarta ferya, esta pasada: son misterios divinos. Estamos espantados yo en especial de las cosas del mundo. Jesuxpo su tan ylustre persona por muchos años a su santo servicio prospere, &c.

Artigo extrahido de huma carta escrita por Mestre Pero Fernandes a D. Jo. de Castro, de Goa a 14 de Fevereiro de 1547

Mestre dioguo faleceo: dizem que como lhe deram noua da morte de miguel vaz em casa do adaiam, que loguo se saio com grandes vrros, e prantos, e se foi deitar em cama, onde lhe deu tam grande febre que em quatro dias lhe tirou a vida. Cousa natural e muito conforme a rezam me parece sentirem hos homens a morte de seus amigos; mas sentiremna em tanto estremo que porisso perquam sua vida nam he de descretos, nem de leterados, e muy asinha deria que nam he de bons cristaons, porque ho bom cristam he obrigado a conformarsse com a diuina vontade, e nam lançar logo mão de joizos temerarios, e vulgares, fundados no ar. Ho padre mestre dioguo em sua vida foi sempre mui credulo, ho que tambem mostrou na morte, em crer cousas que nam tinham peis nem cabeça; e com esta erronea dizem que morreo. Noso senhor se queira lenbrar de sua alma. Quanto á grosa que pôs á minha ida a Dio, e ao requerimento, que fez ao bispo sobre se irem ambos pera o reino, e do requerimento que dous padres fizeram ao ca-

pitam sobre a morte de migel vaz, fique tudo pera quando V. S. vier, porque antam verá, que se nam pode viuer nesta terra com certos religiosos. Ho bacharel colheo tam grande medo da morte destes dous homens, que se confessou, e commumgou, e á des dias que tomou a extrema unçam, sem nunqua lhe vir febre, nem outro acidente perigoso. Noso senhor me perdoe; porque cuido que ho fez por alvoraçar mais a terra, porque tambem era da quadrilha; e eu digo ao bispo que nimguem ho pode sarar senam S. S. fazendo hum pontifical.

N.º 33

Senhor. Vy a reposta ... que escrvy a v. m. na que escreve, que a mostrou ao senhor gouernador: cuydey que nam soubese tam cedo a verdade de my, porque quem servio o pai sem licença dum viso rrey, bem podera acompanhar o filho sem licença do senhor governador, por nam perder o nome de allevamtado nas taes emprezas, e nam podéra ser, que ou tarde ou cedo não ouveramos hum perdam; e pois nam póde ser, asy he milhor.

Senhor: dyga v. m. ao senhor gouernador, que temos por nova estar elrey de cambaya na quymta do millyque, e que em baçaỹ dyzem que estam nove centos omẽis, que arribou muita gemte: que escreva a dom framcisco, que trabalhe por sayr a tres até quatro dagosto, que he a lua chea; e que tudo será, se nam tiver tempo, tornar arribar: que se me derem licemça, daqui o cometerey. V. m. venha, o mais sedo que poder, ter nesta terra, porque daqui llevará duzemtos omẽis. Escreva ho senhor gouernador ao capytam, que nam dê licemça a nynhũ navyo pera nenhũa parte, só para dio, per nenhũa vya. Mande trazer hum falcam pera mỹ por lastro, que nesta fortaleza nam nos ha; tenha quatro camaras, se poder ser. Por

amor de deos, que cometa o caminho cedo, que muitas colheytas tem pello caminho: e vamos soccorrer a dom fernamdo com ajuda do senhor deos. Beyxo as mãos de v. m. até sua vymda. O cerquo, per que esperavamos, deos seja llouvado, que o desvyou, que elle vynha; tenho a bom synall, e espero que tudo á de vyr a bem. De Chaull a xxix de junho de 546. Nam fique em baçaym senam duzemtos omẽis.—Servidor de V. m. «Ruy fernandes.»

(Sobrescripto) Ao senhor dom aluaro de crasto, meu senhor.

N.º 34

Regimento pera dom alluaro de castro capitão mor do mar

Isto he o que vós dom alluaro de castro aveys de fazer nesta viaje omde vos ora mamdo por capitão mor do mar, a descerquar a fortaleza de dio, e fazer a guerra a cambaya.

It. tamto que sayrdes pola barra fora, com todo cuydado e delygemcia trabalharês por cheguardes a chaul, sem fazerdes nenhũa detemça no camynho, senão aquela que justamemte se naô puder escusar; por asy cumprir a seruyço delrey noso senhor.

It. se tomardes alguũ porto daquy ate chaul, vos mamdo que não sayaes em terra, asy por se escusarem bryguas e deferemças com a gemte da terra, e não vos fogirem os marynheyros, como per outros respeytos que pera iso ha.

It. tamto que embora chegardes a chaul, vos porês a paguar toda a gemte que vay comvosquo em vosa armada, com a mor breuydade que for posyuel: e em cheguamdo, antes que a gemte saya dos navios, mamdarês fazer alardo da gemte que for em cada navio, pelo escriuão e feytor da feytorya, que farão rol, e per ele será a gemte pagua de huũ quoartel, o quoal pagamemto fará o feytor e escryuão peramte vós, e no cabo dele asyna-

reys e decrarareys per asemto a quoamtas pesoas se fez o dito paguamemto, e quoamto se momtou nelle.

It. tamto que tiuerdes a gemte pagua, vos partirês loguo, rota abatida, camynho de dio, sem fazer nenhuũa demora no camynho, saluo aquela que vos o tempo causar; e leuarês todollos navios de vosa companhya jumtos, e muy bem apercebydos, fazemdo comta que avês dachar as fustas de cambaya, e de noyte leuarês voso forol aceso, pera que vos não posa perder nenhuũ: e chegamdo á barra de dio emtrarês com vosa armada demtro; e loguo desembarcarês com toda a gemte dela, e vos meterês demtro da fortaleza, omde por se escusarem bamdos, e deferemças e outras muytas payxões, que emtre a gemte da guerra soe aver; quoamdo as jurdições e allçadas, em huũ soo luguar, estão repartidas por mais de huũ soo capitão; ey por seruyço delrey noso senhor, e vos mamdo, que em quoamto estiuerdes demtro na fortaleza de dio, e o cerquo durar, não huseis dos poderes e allçada que por mynhas prouisoẽs leuaes de capitão mor do mar; mas estarês vos, e toda a vosa gemte há obediemcya e mamdados de dom Joham mascarenhas capitão da dita fortaleza, ao quoal vos mamdo e emcomemdo muyto, que obedeçaes e acompanhês, e estês á sua ordenamça, pera dardes exemplo que asy o fação todos.

It. semdo caso que ao tempo que cheguardes a dio seja o cerquo aleuamtado, ou se alleuamtar depoys de vosa cheguada, e não ouver nenhuũa necesydade de vosa estada, iruos ês amdar á pomta de dio a esperar as naos de cambaya, que vem do estreyto, ou em quoalquer outra parte omde vos parecer que será mais certo achalas; e tomarês todas, asy as que vos amostrarem cartazes, como as que os não trouxerem; por quoamto per direyto se lhe não devem de guoardar, por elles serem os quebramtadores das pazes, e nos moverem guerra, e terem tomados nosos navios e purtugueses.

It. pera que a gemte que comvosquo vay, asy capitaẽs, como llascarỹs, e toda outra gente, com mylhor vomtade e anymo follguem de pelejar, e se fazer como deve esta guerra a çambaya, lhes comcedo em nome delrey noso senhor escalla framqua por mar e por terra, de tudo que tomarem na sua emseada e costa, soomemte nas naos que vyerem de fora da costa da Imdia se não emtemderá a dita escalla framqua; porque nas taes vos mamdo, que mamdeys pôr muyta guoarda e requado, pera se dellas fazer repartição comforme ao regymemto delrey noso senhor; e nellas porês pesoas por quoadrylheyros, que mais autas e fyeys vos parecerem, e as mamdareys a esta cydade de guoa, omde se emtreguarão ao veador da fazemda.

It. sem embarguo do que vos diguo nos dous capitollos acyma; porque os casos são mais que as leys, e eu de quá não poso prouer nas cousas que lá podem soceder, vos mamdo que tomeys comselho com dom João mascarenhas, e com dom framcysquo de meneses, e se a todos tres vos parecer que deveys fazer outra cousa e irdes a outra parte, farês tudo aquyllo, que per todos tres for asemtado.

It. porque eu tenho mamdado dom framcysquo de meneses a dio por capitão mor de hũa armada, que se avia de fazer em baçaym, e pode ser que vos emcomtrês com ele; sem embarguo de vós irdes por capitaõ mor do mar, ey por bem que ele e vós vades com vosas bamdeyras, e cada huũ ordene e mamde a sua armada. Feyto em guoa a 24 de Julho de 1546. Antonio cardoso secretario o fiz escreuer. «Dom Joham de castro.»

N.º 35

Ilustrysymo e excelemte capitão geral e gouernador da ymdia pelo muito Allto e muito poderoso e muito ecelemte primcipe Ellrey noso senhor.

Dioguo Rodriguez dazeuedo chegou a esta cidade segumda feira seis dias do mes de dezembro, e o dia seguymte deu em camara huũa carta de sua Ilustrysima senhoria, que foy lyda com muito prazer e gramde comtemtamento, por sabermos de sua saude. A quoal bõa nova sempre queryamos saber, e muito melhores lhe desejamos. E por ela a cidade e todo este pouo em jeral e em espicial damos muitas graças a nosso senhor, e temos esta esperamça em nossa senhora Virgem maria madre de deos nossa avogada, que temdo os pouos da ymdia V. S. ylustrysyma por seu duque e gouernador, que em nosas afromtas e trabalhos numca careceremos de ajudas diuinaes por o merecimento de seu catoliquo e modesto viuer, em auto e obras de muitas e louvadas vertudes: e com esta esperamça vyvemos em nouo repouso por o que a presemte e gloryosa vitorya que per seu prudemte comselho e gramde esforço e cavalarya vemceo e descercou a fortalleza de dio, e desbaratar e destroir o poder delrey de cambaya com mais outros vimte mil homens mouros, turcos, rumes, coraçones, e crystaõs arrenegados da fee de noso senhor, alemães, venezianos, Jenuezes, framceses, e asy doutras muitas e diuersas nações, dos quoaes gram parte delles foram moortos a ferro de lamça e espada, de que a cidade tem certeza de pesoas de bem, que de vista foram presemtes os quoaes bõs socesos nos mostram craros synaes que ao diamte, prazemdo a nosso senhor, e o seu emparo, nam temeremos outros trabalhos, que de futuro se apresemtam do proprio rey de cambaya com outro novo poder e outros reys e senhores, nosos comarcãos, e os de toda a ymdia que são de certo imigos nosos, de muitas ymisades, allem de serem ynfieis e ymigos de nosa samta fee catoliqua, dos quoaes huũs e outros nam temos segura nem firme paaz, amtes temos synaes de fallsas e emganosas amizades.

E porque estes trabalhos em que V. S. estaa que muito

custaram e cada dia se muito mais semtem foram de muitos dias de gramdes yndustryas e deligemcias ao preposyto pemsadas per nosos ymigos, pera o mesmo cerquo da fortaleza de dio, pera outros senhores desta terra nosos imigos se leuamtarem a nos fazerem gerras, o que a esperyemcia do tempo nos mostra o avermos asy por certo, e nos avisar pera com a ajuda de Deos nos provermos: e por quoamto elrrey noso senhor em o reyno nom he destas novidades emformado da maneira que elas são, e o muito que ymportam a seu real estado, e ao bem comum de seus pouos da ymdia; a cidade com todo deuido acatamento, que deuemos, os vereadores, e oficiaes, em nome do pouo, lhe pedimos por merce que o escreua a S. A. E estes nouos socesos, que nam sam bõs, mas amtes muy perjudiciaes, com o mais que se nos represemta, e as mudamças que estes reys e senhores nosos ymigos tem mostrado e o temos visto per obra este anno em que estamos, e vosa ylustrysyma senhoria com comselho e gramdes yndustrias darte de gerra e gramde prudemcia e com adjutoryo e graça de Deos o talhou, e remediou, pella quoal causa lhe faaz a cidade estas lembramças, por que sabemos que ele com seu claro juizo tem compremdido em este caso tuudo o que pode soceder de bem e de milhor; por tamto, senhor, per especial lembramça lho escreuemos, e asy lho muito pidimos por merce.

E por quoamto S. A. não escreveo este anno há cidade, e aos mesteres escreveo per lembramças e apomtamentos, em que temos bem que dizer, e asy muito menos lembra a S. A., que os primcipaes moradores desta cidade o vão seruir em os gramdes peryguos e morrem em seu seruiço, e os filhos fiquam pobres em desemparo, e o anno traspasado foram com seu gouernador martim afonso de souza ao pagode perto de cem cavaleiros, com cavallos e armas adereçados com gramdes e riquos arreos, e ou-

tros atauyos, e vestidos e armas riquas tuudo em gramde perfeição e com muito gasto de suas fazendas, e asy foram na dita armada muitos homens darmas moradores da cidade, e este cerquo de dio tem feito nesta cidade pasamte de cimquoenta viuvas, cavaleiros e escudeiros homrrados, e asy allguũs fidallguos de merecimento conhecidos; e nam escrever S. A. a esta cidade o muito symtimos, e com trysteza e paixão o comportamos, e temos que S. R. A. tem da cidade comtrayra e não boa emformação da verdade, o que de rezão nam deuya de ser pelo muito que lhe merecem nosos seruyços e pelo amor e vomtade comque o seruymos honde cumpre, e o ymos seruir, e por seu seruiço morrer com as vidas, e com as fazemdas gastados, sem premios e deuidos gallardoẽs, e per cima disto asy ser como he notoryo, e V. Y. S. he diso boa testemunha, S. A. nam faz comta desta cidade, e dos bõs e leaes vasallos que em ela tem, e por este agrauo e desfauor, em que estamos, por S. A. nam escrever há cidade como de rezão deuia ser, e faz comta dos mesteres, sobre este caso tyvemos por acordo nam escrever a S. A. se o caso o não obrigara e as necesydades muitas do tempo nos costrangem a fazelo. E o fazemos a V. S. e pidimos de muita merce que este pomto que tamto ymporta há homra desta cidade e dos homrrados fidallguos e caualeiros, que nela viuem avemdo respeito ao muito amor que lhe tem e gramde desejo de o seruir, que tome deste caso per nossa parte aquelle semtimento que se pode tomar e o escreva a elrrey nosso senhor pera que se correga a esta cidade este gramde agrauo em que estamos, temdo nosos seruiços e boas lealldades merecimentos de gramdes merces e gallardoẽs, o que asy pidimos a V. S. que em esta parte nos ajude por especial merce.

E quoamto ao emprestimo que em nome delrrey noso senhor nos manda pedir: Respomde a cidade, que os moradores fazemos de prezemte, e sempre que cumprir

seruirmos S. A. com as fazemdas e vidas e com as allmas, e a ysto asy ser de bem e milhor o nom estrovaraa causas nem rezoẽs de agrauos que tenhamos, e posamos ter, como vasallos afastados da presemça de seu rey e senhor quatro mil e tantas legoas: e posposto os agrauos a de parte, vsaremos e faremos o que sempre fizemos como suditos obrigados a toda seruydam, pera que V. S. sayba e seja certo, que esta cidade e os moradores homrrados della, em seruir e morrer por seu rey e senhor natural, am de fazer avamtajẽs a todas outras nações de xpãos, e desta fedelidade e lealldade daram testemunhos os muitos mortos a ferro e foguo neste cerquo de dio e em outros feitos notaueis destas partes, homde os moradores fidalgos e cavaleiros desta cidade foram e vão com liberaes vomtades há custa de suas fazemdas, e la morreram e morrem, tuudo por seruyr elrrey noso senhor, em o quoal estaa todo noso bem e o principal preposyto de noso fumdamento.

E porque a temção da cidade e de todos he seruir V. Y. S., avemdo respeito que o emprestimo cumpre muito ao serviço delrrey noso senhor, cuja a cidade he, e todos somos, com muita deligemcia e cuydado daquele dia que Dioguo rodrigues dazeuedo deo o recado atee o fazer desta, que sam vimtasete de dezembro se ajumtaram vimte mil cemto coremta e seis pardaos e huũa tamga, de cimquo tamgas o pardao: os quoaes emprestou esta cidade, scilicet, cidadaõs e o pouo, e asy os bramenes, mercadores, gamcares, e ouryvez, scilicet, emprestaram os gemtios todos noue mil e dozentos e tamtos pardaos, e todo o mais emprestou a cidade que faz tuudo a dita comtia dos ditos vimte mil cemto coremta e seis pardaos e huũa tamga, do quoall dinheiro fica na camara feito liuro e registo das pesoas que o emprestaram pera se lhes tornar quando V. S. ordenar e mandar os quoaes emprestaram o dito dinheiro huũs e outros foram cha-

mados e sem costrangymento allguñ e de suas liberaes vomtades cada huum deu o que quiz e teue por bem e alguñs ouue que deram duas vezes por seruir elrrey noso senhor e V. S., e por homrra da cidade o que he muito pera estimar darse o dito emprestimo de graciosa vomtade sem apresam nem fadiga.

Escrevemos em certo a vosa senhoria que esta cidade e os homrrados moradores polo seruir temos obrigaçam de pôr a vida e as fazemdas com milhor vomtade do que o faremos por nosas propias homrras e ymtereses; e por tamto senhor lhe pidimos por merce e lhe fazemos espicial lembramça, que a esta cidade e a todos tenha em sua emcomemda, pera nos fazer merce em nome delrrey noso senhor nos goardar os preuylegios que de S. A. temos, e os vsos e custumes, em que estamos, de sempre que foy ganhada pellos moradores ateegora, e esto senhor avemdo respeito que os moradores ganharam a cidade com muitas mortes e samgue derramado e que pera o diamte como bõs e leaes vasallos avemos de morrer por noso rey e senhor.

E quoamto senhor aos penhores que nos manda, a cidade e moradores nos temos por agravados de V. S. ter tam pouca comfiamça em noos e em nosas lealldades que pera cousa, que tamto comprya ao seruiço delrrey noso senhor e a seu estado real nam hera necesaryo taõ homrrados e ylustres penhores, porque nosa lealdade nos obrigua ao seruiço delrrey e a presemte necesydade, e depois diso as obrigações em que somos, e a gramde afeyção e muito amor que V. S. tem a esta cidade e moradores, e por elo e tuudo o mais, que neste caso lhe semtimos, lhe beijamos as mãos, e rogamos a noso senhor que lhe dê perfeyta saude e o prospere de muita homrra e gramdes vitorias contra os ymigos de nossa santa fee. E todavia, senhor, Diogno rodrigues dazeuedo lhe torna a leuar os seus penhores, e asy lhe leuam ele e

bertolameu bispo precurador da cidade o dito dinheiro, que lhe a cidade e pouo dela emprestaram de sua boa e liure vomtade, e asy lhe leuam mais a provisam que qua mandou o tezoureiro pagar o dito dinheiro, e lhe pedem por merce que tuudo aceyte como de leaes vasallos que somos a elrrey noso senhor e a V. S. muito obrigados: e asy lhe pidimos que o pagamemto deste dinheiro mande fazer juntamente há cidade, pera a cidade o tornar e pagar aas propias pesoas que o emprestaram, sem se fazerem outras mais provisões nem porem verbas, em que as partes recebiam gramdes fadigas, e gastos, e apresões, em tal maneira que o emprestimo que a cidade fez ao visorrey, allguũs ficaram por pagar: por tamto, Senhor, V. S., goardando ordem e estillo de fazemda, mandaraa receitar o dito dinheiro, que a cidade empresta, tuudo jumto em soma sobre o ofecial que lhe bem parecer, que pera yso ordenar; e ha cidade pasaraa somemte hũa provisam, em que ha por bem de mandar pagar o dito dinheiro há cidade, asy como lho empresta jumtamente, em o tezouro, e no tempo que a V. S. bem parecer, em maneira que o pouo seja pago do seu. E a Dioguo rodrigues dazeuedo por nos trazer tam bõ recado da saude de V. S. lhe pedimos por merce que o aja por emcomendado pera lhe fazer bem e merce como ele per seus seruiços merece.

E quoamto, Senhor, a bertolameu bispo precurador que hora he da cidade, e ora laa vay com este emprestimo, he homem de vymte e oyto annos de seruiço em estas partes, que continuadamente com muitos trabalhos e despeza de sua fazenda amdou nas armadas delrrey noso senhor por capitão de fustas e galeotas, e avido sempre por muy bom cavaleiro e por taal he conhecido: tem ele requerymemto com V. S. ácerqua da tanadarya de bardês, que já lhe pidio em a vagamte de Vasquo fernandes que deos perdoe: pede a cidade a V. S. que o

dito carreguo faça delle merce a bertolameu bispo, porque he ele homem que ho bem merece por seus seruiços e a cidade lho teraa em asynada merce.

Faz a cidade lembramça a V. S. que os gemtios moradores mercadores e gamcares fezeram parte deste emprestimo, como lhe ja dizemos: e nam averemos por muito aver ahy homens vertuosos, que faram crer a S. A., que nam seruem de nada, e que he bem que os lancem fora desta terra: avemos por escusado muitas pallavras ácerqua deste negocio porque V. S. o semte muy bem. Escripta em camara a 27 de dezembro de 547 (56), e eu Luis tremessão escryvão da camara o mandey escrever e sobescrevy por lycemça que pera elo tenho. = Pero goudinho = Joam rodrigues paaez = Ruy gonsalves de caminha = Ruy Dias = Jorge Rybeiro = Bertolameu bispo.

N.º 36

Senhor: a quem deos tem feito tamanhas merces, e tão estremadas vitorias, quaes numqua lemos, aimda que lemos dos rromãos e de outros muitos; e a quem elle tem dado tamanhas homras, tenho eu pera mỹ, que lhas tem elle majores, em ha gloria gardadas, pera as dar a V. S. que pois asy pasa, ha vosa alma parece que he aprazivel a noso senhor Jhũ Xp̃o: *soli deo honor et gloria;* nam vos poso contar, senhor, as festas, he prazeres, he presyçoẽs, e jugar canas, he correr de touros, que qua se fazem por vosa vytoria: sam os homẽs muito consolados e comtentes que casy as pedras das casas se querem alevamtar e fazer festa; nem tampouco vos poso, senhor, contar as comtinuas he muitas presiçoẽs, que se faziam em esta ci-

(56) Por esta data se vê, que tambem em Goa se começava a contar o anno depois de passado o dia 25 de Dezembro; porque aliás deveria dizer-se 1546, visto que foi em Novembro deste anno que D. João de Castro desbaratou o exercito de el-Rei de Cambaya.

dade amtes da vitoria, asy de dia, como de noyte, nam sómente em as igrejas, he relegião, he da misericordia, mas dos menynos das escollas, de noyte, com camdeias nas mãos, deceprinamdo se nas costas com toda sua imnocemcia, que em verdade falamdo com V. S., estas palauras, mal notadas, nam se podem dizer sem lagrymas: aguora acabei de crer o fio do amor, he afeiçam que toda esta cidade vos tem: fauoreça porque lhe deueis: he muito mais vos deue ella a vós.

Ho homem que la mamdey me deu hũa carta de vosa senhoria: ha comsolaçam he homrra, que eu receby com ella, deus volla pague; minhas forças nam são pera seruir: e asemta meu coraçam em ho que nella me dizeis, he em tudo ho que me mamdar seguirey seu comselho porque me parece que seguirey ho de deus porque vejo as obras suas em as de V. S. nam me parece, senhor, quamdo vejo hũa regra vosa, senam que espiritos se me alevantão pera cyma: qua me contou este homem quamta merce lhe V. S. fez, e entre outras fazello V. S. cavaleiro demtro em sua fusta: de lá me escreverão que pellejou bem, pesoa de credito: as cousas, que falla quá, estamos com as boquas abertas, em especial da serenidade de V. S. em ordenar voso enxercito, e as manhas discretas com que vos ouvestes com esa samta vitoria. Jhũ xp̃o lhe dê muita vida a seu seruiço pois que ha perpetua memoria, he immortal, qua ha de ficar delle, e despois lhe dê a sua gloria amem. de guoa aos xviii dias de novembro de 546 anos. «Orador de V. S. o bispo de goa.»

(Sobrescripto) Ao senhor gouernador da Imdia &c. do bispo.

N.º 37

Senhor. O nome de noso senhor Jhũu xp̃o seja pera sempre louvado, que tamanha merce nos fez a todos per vosa senhoria, na gloriosa vitoria, que lhe deu contra

tamtos imfieis, e tam podrosos, como estavão, per suas muy eycelemtes virtudes, esforço e prudencia. De lá escrevem, e asy o comtaô os que de lá vem, que se não pode escrever, nem comtar, nem debuxar a maneira de como estavâo fortes pera ofemderem a vosa senhoria, e a todo seu exercito, e pera se defemderem dele. Os que qua ficarão, asy frades, como o senhor bispo, com sua cleresya, e apostolicos de são paulo, e irmãos da misericordia, e todo o povo em gerall, depois de V. S. partido, vemdo que com suas pesoas e armas ho nam podiam seruir, e acompanhar em tam samta romaria, comtinuamemte ho emcomemdarâo ao senhor deos, fazemdo sempre muytas precições, e se hos homẽs ese cuydado tiverão, certamente que as molheres não se esquecerão em suas casas, e da maneira, que emtendião que poderia aprazer ao senhor deos, pera as ouuir.

Esta cydade foy posta em tamanho allvoroço de prazer, quando os synos começarão ha pobricar as alegres novas a oras, que acabavam de correr o syno, como as taes novas merecião, louvamdo por iso muyto a noso senhor, e rogando lhe pola vida de V. S. Hos frades sayrâo loguo do seu moesteiro com a cruz, em precição, camtamdo *te deum laudamos,* acompanhados de muyta gemte que acodio ao repicar dos synos: forão á casa da misericordia, domde tornarão na mesma ordenamça, começamdo *laudate domine ones gemtes*; e se tornarão ao moesteiro. Em amanhecendo, sayo da see o senhor bispo com ho cabydo de toda a cleresya, em ordenada preciçam com ho povo desta cidade: forão a nosa senhora da serra, bemdizemdo, e louvamdo o senhor por tamanha vytoria, dina de muita memoria: e dahy se tornarão na mesma hordenamça há see. E recolhendo-se o senhor bispo pera sua casa, forão a elle o procurador da cidade, e escripvão da camara dizer-lhe, que hos vereadores detreminavam fazer o dya seguimte precisam solene, como dia de *corpos*

xpy, e mamdar que se não trabalhase atee dia da bemavemturada samta catarina, fazemdo sempre muytas festas, que pediam a s. senhoria, que ho ouuese por bem, e elle o comcedeo, louvando muyto sua temção: e asy se fez o dia seguymte a procisão solene com ha bandeira da cidade e as dos officios dela, com folias, pélas, damças despadas, e outras emvemções: e até os diabos, e diabretes tyverão sua parte de prazer. Tudo se pasa em escaramuças e carreyras na rua direita, as quaes o senhor capitão gramgêa gramdemente com muito comtemtamemto, o qual pera iso tynha jaa a rua direita toda cavada, e bem areada. Pois os canarys e gemte da terra, eu certifico a V. S. que não amostrão menos prazer com a gloriosa vytoria, fazemdo muytas festas, e escaramuças, a sua gysa: e comtudo de quam alegres elles e nós andamos, tam tristes e quebrados dos corações amdão os mouros: prazerá a noso senhor, que com muyta vyda, e saude, e obras de V. S. os terão eles de todo muy cedo quebrados, com muito acrecemtamemto da nosa samta fee catolica.

E comtudo, senhor, por cima de todos estes prazeres, muytos dos que qua fycarão são muy descomtentes, por se não acharem com V. S. em tamanho feyto, e de tão dina memoria, e por melhor ouverão acabar nelle com tamta homrra e louvor de noso senhor que vyverem todos hos dias de suas vydas com este descomtemtamemto.

Eu crêo, senhor, que V. S. usamdo de suas muy eycelemtes virtudes, escrepverá a elrey noso senhor dos moradores desta cidade, que com elle forão, e com ho senhor dom alluaro e dom fernamdo, que samta gloria aja, tam bemavemturado no bom morrer, forão a este soccorro de dio: e não sey quanta rezam teria de ho fazer dos que qua ficarão; mas V. S. bem sabe, que desejey eu de hir com elle, e pera iso lhe pedy por mercê que me dese licemça, por ter mamdado apregoar que nenhũu

morador desta cidade fose sem ella: e V. S. o nam ouue por bem, mamdando-me ficar pelas causas, e respeitos que elle sabe. Beyjarey as mãaos a V. S. escrepvelo asy a S. A., quando escrepver dos que ao dito socorro forão. Esta mercê lhe peço alem das muitas que me tem feytas e deseja de me fazer, porque me aproveytará muito pera medramça de meus filhos, primcipallmente pera a do que ho año pasado mamdey, que espero em noso senhor que pela carta de V. S. será jaa de S. A.

Bastião lopez lobato meu cunhado me mamdou esa carta que ha dése a V. S., e asy dous caixões gramdes de marmelos, hum pera V. S., e outro pera o senhor dom alluaro, com que eu não fuy pouco ledo, cuydando de lhos mamdar a tempo que V. S. follgaria muito com elles: abry os caixões, e todos vynhão podres, de tall maneira que hũu soo se não achou que ho não fose, como dirá jeronimo pardo a V. S. que hos vyo. Noso senhor dee muita vida e saude a V. S. pera acrecemtamemto de sua samta fee, e do estado dellrey noso senhor nestas partes, e da homrra dos portugeses, que certo, depois do senhor deos, a V. S. são atribuydas tamanhas maravilhas, como temos vistas, e cada vez mais per elle espe-ramos de ver. De goa a xix de novembro de 1546. «Amtonio fernandez.»

N.º 38

Muito ilustre e inuictissimo senhor.

Deus noso senhor clementissimo e piadoso, que segumdo ho apostolo nos emsina, primeiro e principalmente quer todolos homes serem saluos, e este cuidado tem e teue sempre das cousas humanas, e asy olha e sostenta ha vida de tódos os mortaes, que de certo parese por causa delles formar ho mundo, e ho reger com marauilhosa prouidencia, mostramdo lhe sempre muitos indicios e sinaes de misericordia, non permitindo que de

todo peresese, posto tantas vezes neste estremo, e ponto pello merecimento de suas culpas, e deuemdo ser asy̆ per justiça, per sua infinita clemencia lhe acodio sempre com saudauẽs remedios, primcipalmente haquelles que de seu nome e fee guardaram algũu conhecimento, como no pouo de isrrael contam alguũas antiguas e sagradas estoreas, ho qual liurou da dura seruidam, e duro catiueiro de faraó, com morte de todos os primogenitos do egipto, e outras muytas praguas, que padeceo, e outros milagres que ho d. pouo ouue, as quaes em breues palauras se non podem relatar: e asy̆ da mesma maneira este nouo isrrael, pouo xpão, amado e escolhido de deus, pasado a estas partes das indias non menos miraculosamente pera ser acrecentado com as estrellas do ceo, e soar em toda ha terra ha euamgelica verdade, e nos fins della as palauras daquelles, que o redemtor do mundo Jhuũ Xp̃o comfesam e préguam, posto ora em gramde cuidado e tromento, ameaçado doutro faraó non menos perfido e cruel, s. ho gram soltam mamude Rej de Cambaya, ho qual com suas barbaras gemtes com gramde odio e inpito se comoueo e levantou com gramde exercito contra xp̃o, e sua cruz, tam cheo da sede do sangue cristam, que parecia non se contentar ha menos de totalmente extimguir e apaguar esas reliquias que ha delle nestas partes, ho qual ho senhor deus olhamdo do alto, que non quer ha morte dos pecadores, senam que viuam e se comuertam, cuja mão non estaa abreuiada, e menos pera nos saluar, e que non guarda e escomde totalmente na ira sua misericordia, proueo com ho remedio tam necessario, como foy ha vinda de V. S. ha estas partes pera que non somente trinta mil homẽs, turquos, rumes, abixis, fartaquis, parcios, arabios, e outros de diuersas naçõees do mundo fosem desbaratados per V. S. da maneira que ho foram, com tanta honrra sua, abatimento do dito soltam mamude, mas nós, reformados nos custumes e

vida, que a cristaõs comuem, e ha opiniam antigua de boõs portugueses, e estas gemtes todas trazidas ao conhecimento da verdadeira fee de xp̃o, e ao jugo e dominio delrey noso senhor, de maneira que do oriemte tee ho ponente seja isto asy conhecido, pollo que deue V. S. dar infinitas graças ao senhor, pois ho fez defensor do seu precioso nome, e noos todos (especialmente os que nesta terra jaa somos chamados della) pois nos mostrou terça feira dezaseis de dezembro desta era de 1546 tal alegria como vimos; no qual dia hos corações de todos receberam prazer sem comparaçam, e os proprios edeficios desta cidade de goa, se semtidos tiueram, deram sinaes de gramde comtemtamento por nelle ser dado ha esta terra, com tam notauel vitoria, honrra, gloria, e pacifica paz: dizemdo com ho Salmista: exalçarteemos e glorificarteemos sempre senhor porque non comsentiste deleitarem-se os imiguos sobre noos: comuerteste noso cuidado em gramde prazer e alegria: destenos capitam geral cuias calidades noos nom cantaremos, por nom sermos juizes em cousa propia: diguamnas os mesmos imiguos, que nunca diante V. S. se gloriaram do samgue cristam, os quaes podem dizer com ha Rainha Sabaa, que muyto maior he seu saber e obras, que o rumor e fama, que em toda ha parte haa. E por que de V. S. nunca se apremdeo senam poucas palauras e muyto obrar, como dos boõs lacedemones, razam seria averme por muy culpado em perder ha memoria de tam simgular exemplo, e querer nesta carta ser muyto comprido, posto que tamanha razam tenha pera me muyto larguar em meus razoados queixumes, pois de tam louuado trabalho non permitio V. S. ser eu participamte, ao menos pera como testimunha de vista poder guanhar, cronizamdo tam ilustre feito, em huũ estillo muy alto, algũa parte da gloria que ganharam os caualeiros, que com V. S. pelegaram. E quamdo por esta parte me acodem alguũs asidentes,

como ha humano debil e fraco, nom leixo de me chamar satisfeito polla perda dos leitores curiosos, que por isto estam esperamdo; mas comtudo do que pude alcamçar, calamdo ser testimunha douuida, fiz hũa epistolla breue, que mamdo per muytas vias aos amiguos do reino. Trabalhei polla poer em tam subido e gracioso estillo, como ho feito foy em si gramde e marauilhoso: mouime ser necessario que os pouos da nosa europa afirmem aver escritores, homde taes feitos se fazem, mas depois de examinada, achei tam baixo o que quis, que nom vi mais que ha vomtade de seruiir V. S., a qual me nom faltará pera senpre rogar ha Dš que nestas partes comserue sua pessoa, e seu nome e poder manifeste ha toda ha gemte, e exalse sobre as estrellas. Escrita em goa aos xx de nouembro 1546 annos. «Antonio Rodriguez de gamboa.»

(Sobrescripto) Ao senhor guouernador da India, meu senhor.

N.º 39

Carta de Rex-Xarafo

Senhor. Amtre todos hos moradores desta cidade ouue muito prazer e aluoroço com a grão vitoria, que v. s. ouue contra elrei de cambaia e seus capitaẽs: certefiquo a V. S. que nenhum seruidor seu me ganhou niso, porque eu e meu filho ouuemos tamanho prazer e comtemtamento com iso, quanto lhe nom sei dizer. Prazera a deos que sempre lhe dará vitoria contra seus imigos, porque a quem ele da hũa tamanha como esta, que lhe ora deu, outras mores, se mores puderem ser, lhe dará. A que V. S. ouue he de maneira, que sempre hos reis de cambaia e todo seu reino terão em sua memoria tamanha destroição e perda, camanha lhe V. S. fez, em tam pouquo tempo; e por aquy verão ha que lhe fará ao diamte, se com eles nom ouuer misericordia; porque não tamsomente perderão tamta gemte de gera, e tam luzida, em

seu reino, e capitães de tamanho nome amtre eles; mas perderão hũa tam populosa cidade, e que eles tamto tinhão por sua, e que por todo ho mumdo he nomeada, em a qual tinhâo feito tamtos modos de fortalezas, e tamta artelaria asemtada, com espimgardaria e menoições de gera, ho que tudo noso Senhor quis guardar pera V. S. per força darmas, e com os seus, estremados amtre todas as jemtes do mumdo, portugueses ttomar, semdo eles tam grão numero de jemtes, e de tamtas nações, de tudo fez a V. S. senhor. Isto não dá deos senão a quem tem muitos merecimentos amte ele, como vós, senhor, temdes; porque o vosso nome de tão estremadas bomdades he mui gramde per todas estas partes, asy o será amte o senhor deos. E o trabalho contino, que V. S. leuou, deue aver por bem empregado, por com ele ganhar tamta homra, e fama pera ele, e pera os que dele desemderem: ho que tudo he praticado, e apregoado per christãos, mouros, jemtios, asy nesta cidade, como em todo ho dacam, e outras partes, e asy ha mui louuada gramdeza e misyricordia, que V. S. vsou com ese primcipal capitão que catiuou, comque a todos seus aversairos será notorio quão cruel he pera seus inimigos, e quão piadoso a seus suditos, e quão cheo de mercês e homras a seus amigos. E porque esta estremada vitoria que V. S. ouue numqua gouernador, que elrey noso senhor nestas partes tiuese, alcamçou, asy per força despada, nam tememdo artelharia, espimgardaria, nem outros muitos arteficios de fogo; mas amtes emtramdo fortes baluartes, e muros, que tudo logo meteo e sogigou debaixo de seu poder; e porque em cousa tamanha nom pode escrepver senão hum espritor mui gramde, e que tamanha cousa posa ornar com ho mericimento que requere, nom direi mais, senão que noso senhor tenha a pesoa de V. S. per muitos anos em sua guarda, como per ele he desejado, e lhe dee sempre vitoria comtra seus inigos.

Hũa de vosa senhoria me foy dada, e o negoceo sobre que me escrepueo tenho já respomdido per o caçemo que lá mamdei: por iso nom ho farei nesta. Ho senhor dom aluaro fiqua muito bem; porque eu tenho cudado de saber de sua saude, e lha desejo tamto, como a minha pesoa propia lhe dou esta noua. Beijo as mãos de V. S. De goa, a xxix de novembro de 546.

(No fundo) O que beija mãos de V. S. (Em lugar de assignatura por extenso, tem huma especie de sigla.)

(Sobrescripto) O gouernador da India, meu senhor — de reixarafo.

N.º 40

Senhor. — Eu não tenho ja cousa, de que me guabe, pois quis meu pecado que fose tão mofino, que me não achase na groriosa vitoria, que noso senhor deos deu a vosa senhoria, cousa muito pera eu sempre ser triste; e tenho rezão, por me não achar em feyto tão homroso, com o qual vosa senhoria escamdylysou hũs da lamça, e asombrou aos outros, nosos amiguos, e imiguos, segurou o estado delrey noso senhor, e asysegou a imdia toda, e pera muitos anos. Eu aimdaque não fose empesoalmemte no feyto, nem qua nas festas, foy por minha má desposyção, porque aimda estou mui doemte, mas com os prazeres e comtemtamemto crea vosa merce que nimguem me leuou avamtajem. Noso senhor acresemte a vyda e estado a vosa senhoria por lomguos dias. De guoa a vymte e seis de novembro de 1546 anos. «Luis Coutynho.»

(Sobrescripto) Ao gouernador meu senhor — de luis coutynho.

N.º 41

Senhor. Eu, porque ho senhor gouernador, e vosa merce tem feitas tamtas merces, como ao mumdo he notorio, quis amostrar per obras os desejos que tenho de

seruir o senhor gouernador e vosa merce. Eu tirey aquy hũa esmola, aquy nesta fortaleza, pera fazer hũa igreja de sam martinho; e postoque ha esmola nam fosse tamta que habomdase pera a casa, eu há minha custa ha acabey, porque me parece muita mais rezam, que pois os casados desta terra fizeram samtiago em memoria da gerra, que haquy teue amtonio da silueira; de muito mayor calidade foy a que ho senhor gouernador fez, e vosa merce, e dina que nesta terra, honde o senhor deos fez tamta merce, fique memoria pera sempre: pola quoal rezam eu fiz esta casa, que hora fiqua feita, e he hũa das fresquas casas, que se fizeram nesta terra, e sobelaporta lhe mandey pôr hũa campam, e no meyo dela posta as armas do senhor gouernador, cercado com hum letereyro que diz: *esta casa se fez em louuor de noso senhor e do bemavemturado sam martinho, porque em seu dia desbaratou o gouernador dom Joam de crastro todo o poder delrrey de cambaya, que tinha cercada esta fortaleza, e no mesmo dia per força darmas lhe tomou a sua muy nobre cidade e ilha de dyo na era de 1546*. E sobre esta pedra mandey pôr hũa cruz muito fermosa de páo, com dous padroẽs, cada hũ em sua bamda, em riba de cada hũ mandey pôr hum pelouro de bazalisquo dos mouros, o grande, que peza cemto e oito arrates cada hum, peraque saibam os que vierem a esta terra, que ha gente com que o senhor gouernador pelejou, que heram omẽs, que pelejauam com esta artelharia, e de hum dos pelouros do quoartao mandey fazer hũa pia dagoa bemta, e ho mamdey pôr demtro na irmida em hum piar muito louçam, onde está: e porque nesta irmida eu cayo em escumunham, se aleuamtar altar, beijarei as mãos de uosa merce mandar hum recado ao padre, que ficou em lugar do bispo em guoa pera que dê licença pera se ay dizer misa, porque doutra maneira nam se fará senam com se niso gastar dinheiro, que será melhor pera algũs hornamentos da casa,

quoando omẽ puder aver. E postoque vosa merce nesta terra tenha muitos seruidores, eu nam deixarey nunqua de fazer lembrança a uosa merce de como sou seu, peraque se desta terra maindar algũ serviço, de me fazer tam asynalada merce de se querer pera yso alembrar de mym. O senhor deos acrecemte os dias de uyda ao senhor gouernador e a uosa merce per longos annos. de dio oje des dias do mez de Janeyro de 1548 annos. «Amtonio Gil.»

(No sobrescripto) Ao senhor o senhor dom aluaro de crastro capitam mor do mar da Imdia, meu senhor «damtonio gill».

N.º 42

Carta de elRey de Melinde

Senhor. quá me derão hũa carta sua na quall me diz, que está prestes pera fazer tudo ho que lhe eu requerer, com a quall muito folguey, asy por por ela saber que ho tinha por amyguo, como foram todos os capitaẽs e governadores dellrey de portugall meu irmão e senhor, pelo quall lho agardeço muito, e tenho em grande amyzade quererme favoreser em me escrever e dar de sy conta.

Quá soube a gramde vytoria que V. S. houvera contra ho soltão do guzarate, a quall me fez mais alegre que todas as cousas; porque sam eu tam amygo delrey de portugall meu senhor e dos seus governadores, e capitaẽs, que houvera em boa ventura achar-me nesa guera com a mynha jemte e pesoa, ou ao menos achar-me na batalha, que V. S. houve com os guzarates, em sua companhya, pera saber de mỹ os desejos que tenho, e sempre tyve pera o fazer; mas quyz deos que fose esa guera em parte, que eu nam podese compryr meus desejos, nem podese guabarme da honra que V. S. e os seus cavaleyros nela guanharâo; somente o que me nỹgem tyra, que he

ter parte dalegrya, que he de todos hos amygos, e mais hos como eu tam esperementados e de tantos anos, como V. S. sabe e todos sabemos.

La mamdo leque maquame meu paremte a vegytar V. S., pelo quall lhe peço que me mamde muitas novas de sy e de sua pesoa, porque com elas levarey muito comtentamento: e asy tambem peço a V. S. que lhe faça toda a homra e amyzade que lhe ele requerer, porque he pesoa que tem feyto muito servyço a elrrey de portugall meu irmão, e a mỹ, e he pesoa de muito merecymento.

Novas de mỹ he estar muito prove e desbaratado por causa dos cafres, a que paguo muitas pareas, como V. S. pode saber, e a mynha terra he tão pequena e pobre, que ja nam ha por honde tyrar; pelo quall peço a V. S. que aja por bem de me dar lycemsa a quatro ou cynquo naos de patane, que posâo vyr ao meu porto, porque com hos dereitos delas poderey soster a mynha terra, e ysto áde ser quer ahy aja guera, quer pas: e nysto que V. S. fezer receberey merce e amyzade, ou tambem sejão daquy as naos de mynha terra, as quais hyrão a patane e V. S. mande dar quatro cartazes pera elas, pera poderem hyr e vyr, quer ahy aja paz, quer guera, e com todos hos baneanes guzarates que nelas quyserem hyr e vyr, porque com eles terey proveyto, e que nhum capytâo seu asy do mar como das fortalezas de dyo e baçaim e chaull nam tenhão de ver com elas.

La mamdo Leque maquame pera que dele sayba as cousas de elrrey de bombaça, acerqua de pemba, as quaes eu nesta nam falo pelo nam emfadar, e asy todas as que ele falar com V. S. tome-as dele; porque propyamente vay por mỹ e em meu nome como dygo. noso senhor lhe acresemte vyda e estado com muita homra como ele deseja. Deste melỹde a 30 da gostode 1547 anos. *(Assignatura em arabe.)*

N.° 43

Luis de bragua me deu hũa carta de V. S. em ha qual me tocava ho trabalho e avexaçam que lhe dauam estas orfans, que vynham de portugal, acerqua de lhe achar gazalhados honde estem emparadas e homradas. Certamente eu asy ho symto que vos dão angustia he trabalho, do qual a my me pesa, e asy V. S. me emcomendaua que fallase a algum homem honrado, cidadão desta cidade, que agasalhase aquella que tynha lois de bragua. Ese mesmo dia, que a carta me deram, mandei chamar hum cidadão, e lhe propus diamte tudo aquyllo que eu pude da parte de V. S., e da mynha; e elle se escusou com allgũas rezões que deu: e mamdey chamar outro e lhe propus ho caso ho milhor que pude, e elle muy leuemente a recebeo como seruydor grande de V. S., e que nam sómemte iso, mas que sua fazenda, pesoa, e homra estauam a voso seruyço: chama-se este manuel de faria, que viue na carreira dos cavallos, muito homem de bem, e de muito boa condiçam, riquo, e sobre todo muito vertuoso. Nam aja V. S. doo della, porque está bem agasalhada, e farta: parece-me que lhe deue de mamdar allgũs agradecimentos, e outras pallauras comque elle será consolado.

Este padre que esta lhe dará he gardião dos outros padres, que vem aguora novamente do reyno, os quaes são mamdados por S. A. a esta samta comversão. Vem debayxo da cura e desposiçam do doutor mygell vaaz, vigario gerall destas partes: tâobem ho cardeall infamte, e elrey noso senhor mos emcomemda em as cartas suas, e muito mais perfeytamente será em as de V. S. São elles da provymcia donde me eu criey, que se chama da piedade, e aos quatro delles lancey eu ho abyto, e ao gardião fiz pregador em a nosa provymcia. A criaçam, homde nos criamos, me obrigou a dar esta lembramça a V. S.,

tendo por certo que era escusado porque eu sey bem quanto gasalhado, fauores, e todo ho de mais... que lhe áde fazer V. S.

De ceylão he chegado ho gardião dos frades que lá estam: ho desmancho que acomteceo em candia da parte dos portugueses com ho rey he que ho deixarão soo, e outras cousas mais, que V. S. la saberá. Este rey he ja bautizado: he notorio ja por toda terra, aindaque caladamente: diz este gardião estar lla a materia desposta pera averse de bautizar toda aquella gemte, e ja sabe V. S. quamto fervor he samtidade hay em portugall em esta parte, que nam se falla em all, e o de mais V. S. ho emtemde. E parecer seria, se pudese ser, este anno mamdar allgũs cymcoemta homẽs com hum capitam fiell pera amparo deste rey, e pasado ho inverno, prazendo a noso senhor, enviar ao senhor dom alluaro a fazer esta obra, ho qual seria pera gloria de deos, e muita homra em este mumdo. Se de algũa maneira destas detremyna V. S. de o fazer, peço-lhe muito por amor de Jhu xp̃o, que eu seja hum dos que ho vam a bautizar, nam como bispo, mas como hum parochyano; e eu buscarey esmolla pera hir a minha custa, excepto a embarcaçam, que quamtos mais forem ha bautizar, mais obra, e mais azynha se acabará, do qual leuarey em grão consollaçam, e lançarey atras velhice, e doemça, e tudo. Isto sam eu obrigado a requerello, e pedillo e fazello: as rezões V. S. as sabe. Isto tudo sob correiçam de V. S. e parecer; e se erro em algũa cousa destas, perdôe-me, porque ho desejo, que tenho, de o seruir, e que suas cousas, asy temporaes, como esprituaes, vam sobre o cume de todas, me deram ousadia pera asy fallar. Quanto ás cousas de mais, espero em noso senhor que me verey com V. S., e então lhas praticarey como seu seruo desenganado. Noso senhor Jehũ xp̃o alumye a V. S. pera em tudo fazer sua samta vontade por muitos annos, e despois lhe dê a sua gloria.

De goa aos vynte e oito dias de dezembro de 546 annos.— Orador de V. S.—«o bispo de Goa».

(Sobrescripto) Ao senhor governador da imdia, &c. Do bispo.

N.º 44

Senhor—Aos trimta de dezembro receby hũa carta de V. S., e com ella outro trellado de outra, do qual receby eu desconsolaçam, por ver e ler tão desarrezoadas cousas, e dizerem-se de relegiosos, que tamto vos deuem, e dizerem-se sem tom e sem som, sendo V. S. tão sem cullpa. Bem sabeis, senhor, que são bocados indianos, e que estaes posto por espelho, e bramquo pera sofrer e gostar. Day, senhor, graças a deos, porque podem ladrar, mas nam vos podem morder; porque vosas vertudes e seruiço nam ho comsintem. Paciencia por amor do criador. De são francisco, ho padre costodio he quem V. S. diz: elle foy a cochim, he ia mais allvoroçado pera tornada a verse com V. S., que nam pera ida a cochim: elle será aquy cedo, he emtam praticaremos ambos estas estorias, e serão reprendidos asy ho noso frade, como o seu.

Do padre frey amtonio piquyno, que está em ceilão, receby huma carta ácerqua da xp̃amdade delrey de candea, a qual veio despois que eu tinha esoutra escripta a V. S., e o trelado, letra por letra, he o que se segue:

Senhor.

Nam esprevy a V. S. atee aguora por tomar a certeza da cristamdade delrey de candea, porque a V. S. cumpre, com esprever, dizer a verdade. Provey e vy ser tudo fallsidade; como se vio fóra da nesecidade, por a qual se fez xpão, e de noyte; logo desymulou com a cristamdade, nem tem fee em deos, nem quer doutryna, nem ver a cruz, nem fazer ho synall della, nem quer que se faça xpão em sua terra, salluo os cativos, e se algum se faz

escondido, vende-o logo. Certefiqueyme delle, porque nam conpria ho que prometera ao senhor governador por suas cartas e asynados. Dise peramte todos, que nam sabia de taes cartas, que nuno aluares as fazia como queria, e lhas fazia asynar, e asy he a verdade de todas quamtas la vão ter, porque eu ho vy asy fazer. Diz que lhe prometeo nuno aluares pobre soldado pratico, que o senhor governador iria pôr a corôa, e seria emperador da ilha; e todos lhe beijarião ho pee, e seriam seus vasallos e trebutarios, e o vyngaria de madune, e lhe tornaria ho dinheiro que lhe leuou per contrato de paz; e que nam vee nada disto, e que terras lhe tomaram os portugueses pera fazer sua terra xp̃am: que quamdo ho senhor governador comprir isto, e isto nam pode ser nem he rezam, nem justiça. Elle me deu licença que lhe viese a buscar trezemtos portugueses pera pelejar com madune, e pera tomarem algumas terras de seus vezinhos, pera o princepe, que he pobre, e que se fará xpão, nam por amor de deos, mas pera tomar o alheo. Elrey faz seus pagodes como damtes: nuno aluares e o frade que o bautizou o tem por tall, e o diram se ousarem; nem aquy em columbo se faz xp̃amdade, e a que he feyta torna atrás, nem á quem os ajude. Tudo qá he cobiça de dinheiro: os portugueses, que herão comygo, a mostráram bem a elrey de candea, de que elle tomou máo escrupollo. Feita em columbo a xxv dias de novembro de 546.

Escrevo isto a V. S. como ha pryncepe, que ha de saber todo, nam pera esfriallo dos bons propositos; mas pera acendello; porque diz são paullo, que noso senhor avia de comer mell e manteiga, que quiz dizer reprovar ho mal, e emleger ho bem; as boas cousas nam se ham de deixar, que sempre foram contrariadas. Noso senhor alumyará a V. S. acerqua disto ho que deue de fazer, por a samta emtemçam que tem a todallas cousas. Jhu xp̃o seja

em sua alma amem. De goa aos xxx dias de dezembro de 546. — Orador de V. S. — «O bispo de goa.»

(Sobrescripto) Ao senhor gouernador da Imdia &c. do bispo.

N.º 45

Muito illostrycymo senhor capytam gerall e gouernador da yndya.

Hos mesteres e povo desta mui nobre e lliall cidade de goa damos llouvores a noso senhor que nos deu em tall tempo V. S. por gouernador, e assy lhe damos muitas graças pollas boas novas e socedeo da sua ida, e nos escreueo: temos e cremos por verdade que o seu justo e honesto vyuer de muitas llouvadas vyrtudes tem tanta parte ante ho senhor deos, que por seus merytos será sempre vensedor de seus imigos da nosa santa ffé catollica, e asy vemos por esperyencya, que seu grande esforço e cavallarya, é ajudado dajudas deuynaes, e sempre será vensedor, e a indya he regánhada por vosa S., e llyure de tantas affrontas, como tynhamos todos hos pouos da yndia, pello qall com rezom lhe ficará perpetua memorea, e nome propyo de defensor da indya, e nosos imigos costrangydos per força darmas e estarem pollas lleys da pas que uosa S. lhes dará: esperamos em deos que sempre seja de bem em milhor. E qanto, senhor, aos tam notavẽs feytos, que este ano V. S. fez, do uycymento dellrey de cambaya, e destroysom de grandes cidades de nosos imigos, nós o escreuemos a ellrey noso senhor, e á raynha, e ynfante dom llois nosos senhores, e afincadamente lhes pydymos que destes tam grandes e notavẽs feytos acomtecidos com tanta honra do seu reall estado deve com rezom mandar fazer em seu reyno festas dobradas, e no espyrytuall com sollenes prycisões, e outras festas de llouvor, porque os feytos som taes que pasom em grandeza a muitos dos pasados e tem myrycimento de muito

llouvor. Em esta cidade se fizerom em llouvor de deos muitas pricições de dia e de noyte com sollenes sacrefycios pera allcansar de noso senhor as graças e vytoreas que lhe da e asy pera que ho garde de todo mall: e de presente lhe pydymos por amor do senhor deos, e a nós fazer muita merce, que nam arysque sua pesoa em outros trabalhos porque ho que he feyto por elle som feytos de grande vantagem e de mui notavẽs cavallaryas e grande costancya, e autos vyrtuosos, cujos llouvores seram pera contar dos presentes he vyndouros, e memorea pera sempre. Praza o Senhor deos que prospere a uosa S. com grande estado e saude e do senhor dom alluaro seu filho. Dos mesteres da cidade de goa oje xv de novembro de mill quinhentos e corenta e sete anos. = martym gomes = diogo gonsalves = Joam martins.

(Sobrescripto) Ao senhor gouernador — dos mesteres de goa.

N.º 46

Muyto eycelente senhor.

Muyto craro he a todos por as obras que vemos de V. S. que o seu ponto he pôr o risco por cyma dos pasados, e qe estes sam seus fundamentos, avante pasalos, he precedelos, de que aos por vyr, que o quysesem ymytar, se segyra muito trabalho. Suas obras, he gramdes he belycosos feytos, depois qe he nesta terra, em qe vemos, qe aventura e arrisca sua eycelente pesoa, dam diso testemunho; por ho qal lhe dizemos qe esta cydade, por ho amor que lhe tem, por as onrras em qe a poem, e deseja acrecentar, estaua sospensa esperamdo novas de V. S., e em mentes as nom teue, hũs e os outros parnosticamdo em seu fauor bos acontecymentos, mas nam tamanhos, nem tam fauoraveys, como os tem de seu nacimento, e lhos o senhor deos deu, porque lhe damos muitos louvores: e que seja verdade do coraçam forte e jeneroso

sayrem as obras fortes e jenerosas, todavya lenbramos a V. S., por os cargos que temos, e por seus servidores, que ao diante nom queyra mais pasar o lymyte da rezam, e se ysto nom abastar, da parte de deos, e delrrey noso senhor, e da sua, requeremos que o queyra compryr.

Qarta feira pela manham dezaseys de novembro com as boas novas de V. S. nos fómos á see, omde foram juntas as cruzes das fregesyas: em percysam saymos dar louuores a deos na casa de nosa senhora da sera, he á mysericordia, e nos recolhemos por a rua direita, e todos ou os mais, depoys da obra de deos acabada, nos fomos á camara abryr e ler a carta de V. S. qe na sé nos foy dada, e depois douvida, em companhya do capitam qe presente era, se sayram os cydadaos festejar as novas de tamanha merce, como de deos por meo de vosa S., que as cava, recebemos: e nós ficamos na mesa ordenamdo outra precysam solene, qe ao outro dia pela menham fizemos, com muito contentamento de todos: as ruas alegres e vestidas: os baixos feytos ortas demxabregas: átarde touros e canas ao som dos estromentos que na terra ha: asy que os dias foram de contentamento he prazer.

Ja escreuemos a V. S. o que fizemos quando veo artelharya de baroche dia do bemaventurado sam martinho pela menham com hũa precysam lhe fomos pôr hum retavolo, qe mandamos fazer da sua invocaçam, no mesmo muro da vytorea num lugar que pera yso se fez: pero godinho, he antonio fernandes ho levaram nas mãos.

Sem embargo de nom consentirmos, ho que em nós foy, sair nenhum mantimento desta cydade, nos escaseou de maneira que estiuemos dias sem comer pam. Nos navios dormuz acodyo algum pouco trygo: valeo ho candil doze pardaos, e tres camdis desta terra fazem hum moyo do reyno, que por esta conta val trynta e seys pardaos, e por ha das padeiras muito mais, e trygo que funde tam

mal, qe dum candil toma pouco mais de meo, he o pam de dous lš hũa noz. O arroz valeo; que vieram hũas champanas de charamandel carregadas dele, qe sopryram muito. Joam da costa, por ho cargo que teue, he qem hé, dará V. S. conta do que ca pasou. Leva ho trelado da doaçam dos mantimentos francos, que em parte se nom garda: muita merce fará V. S. a este povo, mandar que se cumpra como se contêm, sem lhe darem tam prejudicyais entendimentos, tam contrayros ao seruiço de deos e bem desta cydade. Xp̃o noso senhor por muitos anos alonge a vida de V. S. e acrecente seu estado, e dê sempre vitorea dos reys desta terra amem: escryta na camara de goa aos dezoyto de novembro, e sobscrypta por mỹ luis tremesão escrivão dela, era de mil quinhentos quarenta e sete anos. = ... = Jo. da costa = manoell . . . = antonio gonsalves = martim gomes = Jo. de figueiredo = Jo. martins.

(Sobrescripto) Ao senhor governador — da cydade de goa.

N.º 47

Yllustre, e muito manifico senhor.

Despois desta confraria ter escrito a V. S. hũa, que ho padre custodeo leua em comprimento de o encomemdar ao provedor da casa, que lhe escreuese; chegou a esta cydade a noua da vitorea que lhe noso senhor deu delrrey de cambayya, de que todos demos muitas graças e llouuores a noso senhor polla presemte, e pasadas, e outras muytas, que esperamos nelle todo poderoso senhor, que lhe dará. E crea que allem da parte que nos a todos os que nestas partes viuemos cabe de suas vitoreas, pello que toca a sua manyfica pesoa lleuamos muito comtemtamento e desejamos todos em gerall, e cada hum em especiall, ver tudo feyto e acabado por sua manyfica pesoa, com muita avemtagem de seus amtepasados no cargo, e

pois noso senhor atégora tem mostrado avello asy por bem em seu santo seruiço, prazerá a elle que todallas mais cousas que começar, irâo de bem pera melhor, e as começadas averão ho fim por V. S. desejado.

Darlhe rezão do espritall, averá nelle coremta doemtes, dos quaes se tem aquelle cuydado que sempre teue, e agora com muita avemtagem, pella ajuda e fauor que de V. S. temos, que são os propeos allimentos, que nos ão de esforçar, e vermos a vomtade que V. S. tem peraque este seruiço de noso senhor va de bem pera mylhor, ao quall pedimos que por muitos anos ho acrecemte em vida e estado, pera que sempre faça obras de seu samto seruiço e llouuor, pera que seja participamte da sua gllorea: feyta em cabido por mȳ pero gonsalues escriuâo da casa: de goa oje xvi dias de nouembro de 547.=Ruy dias= manoell fidallguo=pero gomes=pero garcia=amtonio lopez=amtonio fernandes=antonio rodrigues=simâo fernandes=Jacome dias.

(Sobrescripto) Ao senhor governador — do provedor e irmãos da misericordia de goa.

N.º 48

Senhor — Pella verdade que devo, e na que vyvo, quamto a crystão, certefyco a v. s. que a noyte de terça feira, que forâo xv de novembro, amtre as nove e as dés da noyte, que os sinos desta see, e freguesyas e fortaleza notefycarão as boas novas, e chegada de saluador fernandez com as cartas de vosa senhorya; de sobejo prazer e comtemtamemto, com esta verdade sêqua damor e obrygação que a vosa senhorya tenho, e devo, fuy emvergonhado de mym mesmo, pellas lagrymas que com prazer e emtranhavel amor me vyerão aos olhos, per muitas rezões: *scilicet* — lembramdo-me ho bem gerall, que os moradores que nesta peregryna terra resedimos,

recebemos pelo asoseguo presente, e muyto mayor ao futuro se espera, pelos bõs socesos e tamanhas mercês, que nos noso senhor faz, per braço, e vertude, e merycymentos de vosa senhorya; e o conhecymento dos imyguos, que vêm e confesão, que esta terra e povo tem defemsor vertuoso de nosas vydas, casas, e fazemdas. A outra rezão he a obra e zelo que vejo a vosa senhorya ter no servyço de deos, e delrey noso senhor com tão emteyro anymo, e lembramça de sua obrygação; pela quall temção noso senhor o ajuda em tudo. A outra he pelos esperytos ocupados, que todos tynhamos, esperamdo a boa ora com taes e melhoradas novas, todos promtos em sua vyagem, com ás vezes sermos comvydados desta vmana fraqueza e arrecêos, pelo imteresse que a todos toqua; não descomfyamdo nas merces, que nos noso senhor faz per vosa senhorya, porque nesta eramos muy certos, e comfyados; mas comtudo não se pode negar, ás vezes esperar arreceando nouydades, que ás vezes pelos pecados do povo se permytem; porque nos taes arrecêos vyve quem espera, imdo-lhe muyto: mas não que nos deserdase a comfyamça, que acyma dyguo. A outra rezão, senhor, he a lembramça das mercês, que vosa senhorya de noso senhor recebe, pelas vytorias, e boa amdamça sua, pelo quall os imygos de corações vemcydos lhe não osão ver a magestade, com a esperiemcya de suas obras que eles mesmo vêm pelo olho. De que tudo, senhor, por me chamar feytura de vosa senhorya, são tão ledo, e comtemte, que ysto me faz tomar esta lycemça a escrever a vosa senhorya, sem mo ele mamdar, e da desobydyemcya peço a vosa senhorya perdão, e a culpa torne ao amor, e partecypação que de seus beẽs e comtemtamemtos, por ser seu, tenho. As novas que de mĩ dou a vosa senhorya são á feytura desta bautizar hũa filha que me noso senhor deu, e por ser molher, a não arreceey, porque ja lhe tenho o casamemto, que he o

morgado e palmar, de que me vosa senhorya fez mercê em bardês; aimdaque faço queyxume a vosa senhorya de hum bramene morador em bardês, per nome luqu sycay, fylho de crysna, tanadar de pyrna, cujo o mesmo palmar da mercê he, me traz em demamda comtra a provysão de vosa senhorya, amte o juyz dos feytos delrey, com me citarem, e dyzer que ho palmar he seu, e não do paay, e yr comtra a ola dos gamcares, que me derão do mesmo tombo da gamcarya da aldea de nagoa, omde ho palmar está; e me traz neste trabalho, e dele tenho emformação per dadagy, que he hum demamdão, e que ao mesmo pay trazya em demamda sobre este palmar, e outra muita fazemda que ho paay tem em bardês, de palmares, e marynhas e terras darrôz, que querya dele erdar em vyda: e porque ho pay, por estar ausente na terra do idalcão, mamdava por ele comprar algũas fazemdas, e se fazyão as escreturas e olas em nome do filho luqu synay trouxe ho paay em demamda, dyzemdo, que erão suas, poys os titolos estavão em seu nome. Asy que comto em queyxarme a vosa senhorya ho em que me traz este bramene comtra a mercê e carta de vosa senhorya, e ola dos gamcares. Vosa senhorya vyrá com vyda e saude, e lhe dará o castiguo, como merece a tall ousadya: e allgũa fazemda, que lhe mygell rodriguez capytão de bardêz deyxou, de palmares, e marynhas fará merce dela a quem seu servyço for. Noso senhor prospere a vyda, e estado de vosa senhorya, pera lomgos anos. Desta cydade de Goa aos xvi de novembro de 1547, feytura de vosa senhorya, que suas mãos beyjo. «Joam rodriguez paaz.»

(Sobrescripto) Pera ho guovernador — meu senhor.

N.º 49

Senhor — Pelas cartas, que V. S. espreueo a esta terra, soube das vitoreas dinas de prepetua memoria, que o se-

nhor deus lhe deu contra elrei de cambaia, que nom pode ser mor cousa, que pelejar V. S. com ele em campo, com tão pouca jente, e o desbaratar de maneira, que nom se atreueo a resistir á furia, com que V. S. o cometeo, senão com as armas dos vencidos, que são fugir, e alargar o campo: e certo que tamanhas cousas e tão nouas nesta terra nom as dá o senhor deos, senão a quem por seu seruiço alarga toda cobiça e sensualidade, com que outros tanto se abraçarão: porêm os que isto quizerão leuarão dinheiro, com que no reino tiuerão trabalhos; V. S. leuará homra e merecimentos pera deus, e sua A. lhe fazerem muita mercê, e quá deixará fama *cujus non erit finis*. E premitirá noso senhor que dará V. S. a se saber em toda a cristamdade que tres mil purtugueses, temdo tal capitão, poderão emtrar por toda cambaia; que inda eu nom li nos feitos do magno alexamdre, que com tão pouca jente desbaratasse tamanho rei, e tão poderoso, como he elrei de cambaia: e bem mostra V. S. aos prigiçosos e amigos de luxurioso repouso, que inda agora ha cousas de que espreuer, se as eles quisesem buscar; porêm cada hum acha o que busca, e V. S. acha vitoreas, comque deus e elrey são seruidos; e outros, dinheiros, comque perdem o gosto da vida neste mumdo, e no outro alma pera sempre.

Nom deixo de sentir, que espreueo V. S. estas novas a homens, que não são mais seus seruidores do que o eu sou e ei de ser em quanto viuer, e de mĩ nom se lembrou; porque este queixume nom ei eu de fazer a ninguem senão a ele, que sei que conhecerá minhas fraquezas, e as remedeará com sua clemencia, porque nunqua ouue animo forte pera soberbos enemigos, que nom fose afabel e brando pera os suditos. Noso senhor traga V. S. a esta terra com muita saude, que no mais nom ha que pôr taxa, pois nom sabemos ate omde V. S. quer pôr a bandeira real. De goa, o dia das tão boas nouas e des-

aseis de nouembro de 1547. «O lecemciado Jeronimo rũiz.»

(Sobrescripto) Ao governador meu senhor — Do lecemciado Jeronimo rũiz.

N.º 50

Senhor. Muito mais folgára de pagar a V. S. quam boas novas nos manda cada dia com lhe mandar de qua algũas boas destes mouros do balagate, he nam requerimentos, huns em contrairo dos outros. Eu polo regimento, que me V. S. deixou, provi as tranqueiras de todo o necesario; he por me V. S. mamdar, que se os mouros entrasem nas terras de salsete, que então me fose á camara, he com hos veadores da fazenda, he vereadores, precuradores do povo, he cidadõis omrrados tomase aquordo, he com os seos pareceres fizese o que compria ao seruiço delrrey e ao regimento que V. S. me deixou; o qual eu fiz asi por ter por novas dalvaro de caminha he cartas suas, que laa mamdo a V. S., como os mouros estavão junto do pagode de margão, que he no meo das terras, as quais cartas he novas lhes mostrei he lhes dise que eles me desem seos pareceres, se devia dir botar estes mouros fora, que polas cartas sabião a jente que era; he pelos mais deles me foi dito, he asi pelo veador da fazenda, que era presente, que devia dir laa botalos fora, mas que era necesario tomar alguas espias he saber ha nova mais certa, e com ela sabida, que concordava hũa com outra, que então fosemos em nome de deos: ho qual eu puz logo per obra, que mandei per eses pasos, he pelo rrio catures, em que hia payo rodrigues, he cristovão douria, em outro: he do paso dagacim me vieram duas espias que os filhos do tanadar tomarão, que dizem ho mesmo que alvaro de caminha diz nas suas cartas, que laa mamdo a V. S. que hos catures não são inda vindos: he dizendo-lhes o que dizião as espias, he acabada a pri-

cisão, lhes dise que me vinha pera casa pera me fazer prestes pera ir dormir a agacim. he logo mamdei lamçar pregão que todo o soldado viese tomar polvora he chumbo, he se viese pera dom pedro dalmeida que era capitão da yfantaria, ao qual pregão nam acodio nimgem, nem lasquarim, nem casado; he eu estava em minha casa dando cavalos a homẽs que os nam tinhão, hos quais tomava sobre minha fazenda: he estando nisto me entrou pela porta hos juizes, he precuradores da cidade, com hum requerimento dos vereadores, he todos os que nele mais sam asinados, he asi estava no presente o veador da fazenda, de que nam digo nada porque V. S. o saberá, he me fizerão hum rrequerimento da parte de deos, he delrrei, he de V. S., que nam pasase á terra firme como o dia dantes tinha asentado, he as rezõis que pera iso davão, V. S. as verá laa pelo requerimento, he se nam achar Johão da costa asinado, foi por lhe morrer hũa filha, mas está pera asinar logo, por que todos vierão á camara com pregão que a cidade mandou lançar com pena de cimquoenta pardaos, he nela ouve muitas deferenças, he pode V. S. crer que numqa se vio tam pouqa vontade em jente de gerra, como nesta que fiqou em goa, tiramdo algũs fidalgos he cavaleiros, hos quais herão tam pouqos que se nam podem nomear: asi que he o que qua pasa: quanto ás tranqueiras elas estão bem providas, he eu as proverei he visitarei cadadia: de laa devia V. S. de mamdar algũs quatures pera lhe fazerem a gerra per estes rrios, he se a V. S. parecer bem mandar o senhor dom alvaro com alguns quinhentos ou seis centos homẽs peraque entre pelo rrio do sal, he a mim mandarme pera entrar pelo paso dagacim: he crea V. S. que lhe daremos muito bom qoqe: nisto nam falo porque V. S. determinará ho que for mais seruiço delrrei, he seu: he eu estando tomando o primeiro acordo sobre ir a terra firme, como acima digo, me pedirão, he me requererão que lhes amos-

trase o rregimento que me V. S. deixara: eu o fiz porque fui mui apertado pera iso, porque doutra maneira não ho ouvera de fazer: asi que V. S. determine agora de laa o que quer que se faça porque eu estou mui prestes com minha pesoa he fazenda pera servir elrrei, he V. S. no que me mandar, he pesa-me porque vou sendo muito mofino com estas terras firmes, mas parece-me que tudo noso senhor goarda pera V. S., ao qual noso senhor goarde he acrecente vida he estado; de goa a xxv de novembro de 47. «Seruidor de Vosa S. dom diogo dalmeida.»

(No sobrescripto) Aa o senhor governador meu senhor—de dom diogo dalmeida.

N.º 51

Senhor—Estes negros de pondá não hestão satisfeitos com ho castigo que lhe vosa senhoria foi dar; e parece-me que armão cousas com que os castigue melhor. Tanto que se vosa senhoria partio, por se fazerem valemtes a quem hos mamdou, sempre estiverão reinamdo esta malicia, que hagora cometerão, e averá tres dias que pasarão a salsete, e estão defronte do pagode de margão, com suas temdas asentadas, e não fazem mais mal na terra, e asy dizem que são pasados outros comtra as terras de bardês. O capitão mamdou chamar a camara, os honrados desta cidade, e outros, entre os quaes eu fui, e aly pareceo bem a todos que fosemos lá, e os deitasemos fora; e fazendose prestes ho capitão, e eu com ele, pera pasarmos, oje, dia de santa caterina, á tarde, na procisão foi ho murmurar tamto dalgũs, de lhe parecer mal nosa ida, que fezerão outra vez fazer camara, onde eu não fui, e os que lá forão asentarão de fazer hum requerimento ao capitão, que não fose sem recado de vosa senhoria. Asy que hos mouros fiquam nas terras, e nós em nosas casas, até ver-

mos recado de vosa senhoria: e meu parecer he que vosa senhoria ordene de começar de castigar de lá, destroindo todos seus rios, e asy mandarnos que façamos nós de qua houtro tanto: e pois eu fui tam mofino, que me nom pude la achar com vosa senhoria, neses feitos, estou muy prestes pera fazer qua tudo o que me vosa senhoria mamdar por seruiço delrey e seu ... mais a vosa senhoria, cuja vida e estado noso senhor acrecemte por muitos anos. Oje xxiiii de novembro, a seruiço de vosa senhoria. «Jorge *cabrall?*»

N.º 52

Senhor — homtem bespora de samta caterina escreveo aluaro de caminha ao capitaão desta cidade, como heräao emtrados os negros em salsete, e que tinhäao asemtado no campo de margäao dezasete temdas, quimze bramcas, e hũa vermelha, e que elle com doze portugueses e alguũs piães da terra fora saber quamta gemte hera, e que por seu olho vira que serião duzemtos de cavallo, e obra de mill piães, e os vio de tall maneira que quiz trauar em huũa pomta delles escaramuça, e lhe matou dous ou tres de cauallo, e algũus de pée, e lhe trouxe toucas e lamças, e alguũas cousas outras de despojo, escreuendo ao capitão que prouese como lhe milhor paresese; pella quall rezäao o capitão nos mandou chamar a camara, aos vereadores, e os da gouernança, e ao viador da fazemda, e aly se praticou o que aluaro de caminha escreuia e se leo sua carta, e se tomou parecer de todos se pasaria o capitão llaa; e postoque ouuese pareceres diferemtes, e alguũs que não devia de hir, todavia forão mais vozes que pasase loguo, e os fose deitar fora, com primeiro mandar espias, e se tornar afirmar da gemte que era, e feyto auto disto, em que todos asynamos, e pregões lamçados que se fizesem prestes, pera loguo pasarem, oje dia de samta caterina tornou a respomder aluaro de ca-

minha que a gemte nãao era mais da que tinha escrito, e que niso se afirmaua, e que emtemdia nelles que estauão tañao fracos, que naão avião desperar, como soubesem, que abalaua de quaa a nosa gemte. E o capitañao, estando prestes, com ter toda a gemte requerida, e buscado cauallos pera algũs que os nãao tinhão, com se obrigar a pagar os que llaa perigasem, ou matasem; tornou á camara com parecer do lecemceado manuell mergulhão, que se nãao deuia fazer nada té primeiro o fazerem saber a vossa senhoria, e fizerãao hum requerimento ao capitão, que nãao fose, em que asynarãao esses que se acharãao acabado a precisaão: pelloque o capitão deixou de hir, e todos escreuem agora a V. S., e porque pode ser que de hũa parte ou doutra se estemdão na emformação em mais do que pasou, o escreuo a V. S. e lhe certefiquo que asy pasa isto pomtuallmente, e a mim me pesa de elles o remeterem a V. S. que bem lhe abasta seus trabalhos, e o negocio parece que estaua quaa de feyção com que os negros se poderãao bem deitar fora: mais o capitão sospemdese niso pello requerimento da camara, que a sua vomtade boa era de pasar. He agora necesario que V. S. proveja nisto, pois tudo lhe querem lamçar ás costas. Noso senhor acrecente a vida e estado de V. S., como deseja. De Goa dia de santa caterina de quinhentos e quaremta e sete anos. «Francisco toscanno.»

(Sobrescripto) Para o senhor governador.

N.º 53

Senhor—Oje que são vymte symquo de novembro chegou dom Jo. mascarenhas a esta cydade, e receby hũa carta de uosa s. que porey á comta com as outras muitas e gramdes mercès, que me tem feitas, pelas quais lhe noso senhor acresemte por muitos anos seus dias de vida e estado.

Os panos de pomda ambos tenho acabados, e dom Jo. mascarenhas hos leuará, he hũa vya será sua, e outra dará ao viador da fazenda, paraque mamde em outra não por outra vya. Não nos gabo a V. S. porque são parte. Dom bernaldo e o padre costodio vyrão ja hum acabado amtes que daquy partisem: eles o poderão dizer como testemunhas de uista, e uosa S. o poderá julguar pelo que ... feito, quando embora V. S. vyer.

Nouas de qua não espreuo a V. S. porque as que me fora lycyto espreuer são as da obrygação de meu cargo, em que a prezemte não ha que dizer; porque armas e fazenda numqua forão boas amygas. Estamdo com o allforje feito pera salsete, se mudou o conselho da ida por requyrymento dos vereadores e dos que nele asynarão, que vosa S. la uerá, e não achará a mỹ, de que me nada peza; porque não fuy, nem são de tall pareser. Dizem os butyquairos que com receita de mestres se emxaroparão estes dous dias muytos omẽs. Noso senhor acresemte por muitos anos os dias de vida e estado ha vosa S., a que beijo muitas vezes as mãos. De guoa oje xxv de novembro de 547. Seruidor e feytura de v. s. «Amtonio fernamdes.»

(Sobrescripto) Ao senhor governador meu senhor.

N.º 54

Senhor—Per Francisco dallmeyda espreuy ha vosa S. como cide hamede vyera fallar comyguo, e trouxera hum formão dellrey, em que dizya que avya por bem, que se fallase nas pazes, e que pera iso mamdarya hũa pesoa aseyta ha elle ha huna, pera se comsertarem has pazes, e que lhe lleuase hum espryto meu pera lloguo ho mamdar. Aguora me tornou cyde hamede com reposta, que ellrey lhe espreuera que dom gironemo capitão de baçaym espreuera ao bramalluquo, que tynha poderes de

vosa S. pera fallar na paz; que lhe tinha respomdido; e que tamto que lhe vyese recado, lhe mamdarya dizer ho que avya de fazer. Foi gramde dita emcarreguarse dom gironenio deste neguoceo; porque allem de ho elle tambem saber neguocear, he muyto mays perto caminho de cambaya ha baçaym, que ha dio. Como isto soube llevey mão de fallar mays neste neguoceo, por não danar, e parecer que desejamos tamto esta paz: e porque me temy de ser este seu recado dillação pera poderem ter tempo de mamdarem allgũas naos, mamdey dous catures ha mamguallor, por ter nova, que llamçauão duas naos ao mar, e que veyo hy ter dormuz duas terradas carreguadas demxofre. Esta fortalleza tem necesydade de navyos; porque estes, que mamdey, estavão nesta couraça feytos em pedaços, que custou bem de trabalho comsertaremse.

Dom manoell de llyma houve-se tão mall com hum navyo, que lla mamdey, e fez tam más fidallguias nos meus he em mynha fazemda, que não housarey de mamdar lla buscar mamtymemtos de que tenho nesesydade pera esta fortalleza sem uma fortycema prouysão de vosa S., ha quall me vosa S. fará merce de ma mamdar por que me he nesesareo mamdar ha ormuz ha tempo que me posa qua vyr emvernar. Noso senhor acresemte vyda e estado de vosa S. por muytos dias. Desta fortalleza de dio aos quymze dias de janeiro de 548. «luis falcam.»

(Sobrescripto) Pera ho senhor gouernador—meu senhor.

N.º 55

Senhor—luys falcão me deu hũa carta de vosa merce, e quamto a me ter em comta de seu servydor, eu lho mereço, porque verdadeiramente que ho são dallma, e do coração, e prazerá a noso senhor, que me dará tempo pera ysto poder mostrar em lhe fazer muitos seruyços. Novas desta terra são estar cyde mamede aymda em vna:

ele mespreveo que vyria cedo a esta fortaleza: tâo bem mispreveo mya-ycufo-xaa, que he o tenadar, que está na quimta, que hera chegado chapa dellrey a ele pera poder falar nas pazes. e nam cyde mamede; mas eles nam são muito amyguos, pode ser que seja emveja de o ver amdar metido neste negocyo. As mays novas são a quimze de Janeiro sayr ellrey da cydade de cãobaya e ficar ao presemte nũa cydade que se chama memadavade, que são seis legoas ha madavade. Em cãobaya fyzerâo-se algũas sete ou oyto fustas novas, e renovarão nam sey quoamtas velhas do tempo de soltâo bador. Estas novas me deu hum mouro que veo da quimta de melyque a trazerme a carta do ycufo-xá, a quem eu dey dous pares de vezes de vynho e comtoume estas novas. O ycufo-xá mespreueo que querya mamdar hum omem homrado a fallar com o capytão, a quem no eu dixe, e mamdou-lhe hum seguro pera poder vyr a gogolla. e eu yr haby fallar com ele: asyque estas são as novas; mas as com que mais qua todos folgamos, foy com o senhor gouernador serteficar sua vymda a esta terra, homde prazerá a noso senhor que amtes de se yr dela fará as pazes á sua vomtade. Beijo as mâos de vosa merce. De dio ao derradeiro de janeiro de 548. «Muito serto seruidor de vosa merce — Amtonio memdes de crasto.»

(Sobrescripto) Ao muito manyfico senhor dom aluaro de crasto, capytâo mor do mar da ymdia &c. meu senhor.

N.º 56

Senhor. Pareceome bem mamdar amtonio memdez com recado a V. S. do que pasou com modoretequam; e porque de tudo o que com ele pasou dará meuda conta a V. S., nam direy neste capitulo mais.

Com toda a cortesia he acatamento que deuo, confiamdo em quam leal seruidor e amiguo temdes em mym

ousey de fazer esta lembrança a V. S., ainda que pera yso nam tiuese seu poder; mas, como diguo, na confiamça de ser mais voso seruidor, que de nenhum outro gouernador que fose em meu tempo, me salua da pena, se esta confiança se pode chamar erro.

Primeiramente alembro a V. S. que soo os vemcedores podem fazelapaz, como quiserem; e que V. S. tem avido em seu tempo has mores vitorias, que nestas partes temos vistas, despoys que sam descubertas, e se dixer que muito mayores das que ouve roma, despois que ha romullo fundou, não erraria; como cousa ouve no mundo, como apresentar batalha a elrrey do guzarate nos campos de baroche, e matarlhe dous capitaes, e fazelo fogir, sem ousar de pelejar com V. S. com vimte soldados, que com mays se nam achou na dianteira, pois por menos vitoria se deue dauer desbaratar cymquo capitaes de Idalcão com vimte e cymquo de cavallo, digo que o ey por muito mayor feito, e mais glorioso vemcimento que o delrrey dom affonso amrriquez no campo dorique: deixo descerquar dio com morte de tamtas ymfinidades de gentes, e outras mui grandes vitorias, que vos noso senhor cadadia daa dos imigos da sua santa fee: tudo isto trago â memoria a V. S., peraque lhe alembre, que nam tem mais que fazer, pera o S. A. fazer duque, ou marquez de colares, que paz ao presemte; e aquy hacabo o primeyro pomto.

Em segundo lembro a V. S. que ha mercê que nos deos fez em nos dar adem que foy muy grande, e muito pera lha agardecermos, porque elle que nolla deu, nos dará poder pera a defendermos: mas V. S. tenha por muy certo, que se nos ordenou hũa muy trabalhosa contenda, porque ho turquo álhe de ser muy nojosa ha nova da tomada dadem, e nessa mesma ora áde prover no estreyto per causa de mequa e de sua romagem porque hos romeiros nam amde housar de navegar com temor das nosas

armadas, ainda que em adem nam aja mais que hũa so fortaleza: asy que he de crer que daquy nacerá contenda trabalhosa: ora nós nom somos tamtos pera nos repartirmos em tamtas partes, nem os rreis nosos vezinhos nam tem recebido de nós tam bõas hobras, que esperemos deles ajuda em nosos trabalhos: per onde parece ser ao presente necesaria a paz, e concemtir V. S. nella, posto que nam seja com as avantages, que hos purtugeses desejaram, mas ao tempo e ala sazam se conforme, diz o rrifam. Deste atreuimento que tomey seja perdoado pois tudo o que dixer e fizer he a fim de servir V. S. a quem noso senhor acresente por muitos dias a vida e estado. De dio, oje terça feira xxvii de feuereiro de 548. «Luis falcam.»

(Sobrescripto) Ao senhor gouernador: meu senhor.

N.º 57

Senhor—Amtonio memdes de crasto foy ha Vnaa: pasarão ele, e motaremoção muytas palavras que são escusadas dizer a vosa S. fynallmente que lhe nam pôde arrymcar mays dos bofes, que ha paz do vysorey, nem tem poder dellrey pera mais. Meu parecer hera que V. S. me deve de dar lycemça pera mamdar amtonio memdez e cyde amede, porque per algũas mostras que amtonio memdes vyo nestes mouros, parece que se fará a paz de muita aventage, do que se aquy fará com estes cães; e a omra deste negocio deve destar no proveyto. Ellrey de cãobaya he gram senhor, e muy cheo de vaydade, e com lheu espreuer que não quero fazer a paz com os seus capytães, senam com sua A., porque se neste negocyo lhe fyzer algum servyço, a ele quero que seja feyto; parece-me, que será camynho pera se este negocyo fazer mylhor. Se o vosa S. ouver asy por bem, he necesaryo levar amtonio memdes algũ presente, que deve de ser

hum par de cavalos, e se nese baçaym os nam ouver, eu os tenho muito bõos. Ho motaremocão estava ja pera se partyr quamdo amtonio memdes chegou, e aguora ao despedir-se dele lhe pydio que ha reposta lhe mandase loguo, porque com ela se havya loguo de partyr. Vosa S. me deve de mamdar, o mays cedo que puder, reposta, porque a que lhe eu ouver de mamdar será com tamtos vagares, como hos eles tem em todas suas cousas.

A rezão porque aquy diguo que va cyde amede em companhya damtonio memdes he por ser testemunha de não querer fazer a paz com motaremocão, e mamdarmolos ambos louvar em sua A., pera que ele dê a sentença neste negocyo, e cyde amede como pera teyra he o que deseja este camynho, porque sabe de nos ha que nam poderemos fazer a paz senam com a pesoa dellrey e a mỹ asy mo parece pelo que tenho conhecydo de mouros e de suas vaydades: mas como vosa S. emtemde todas estas cousas mylhor que nynguem, não ha mays que neste negocyo lhespreuer. Noso senhor acrecemte a vyda e estado de vosa S. por muitos anos. De dio a seis de março de 548. «Luis falcam.»

(Sobrescripto) Ao senhor guovernador—meu senhor.

N.º 58

Senhor—Se deixei despreuer a vosa S. todas as palavras, que pasey em vnaa com motaremocão, foy por me parecer cousa justa deixalo a luys falcam, pera o ele esprever a vosa s., mas se o deixou de fazer seria por saber que vosa s. estaua doente, e não no quererya emfadar com tamtas palavras como mouros dizem: mas comtudo peço perdão a vosa s. de lhe nam esprever o que com eles pasey, porque verdadeiramente que me pareceo que nam fazya nysto erro, e a merce que quero de vosa s. he

que me perdoe este, com portestação de nunca cayr em outro desta calydade.

O que pasey depoys de vyr de baçaym foi chegamdo a esta fortaleza esprever hũa carta ao motaremocão em como eu era chegado de baçaym, e que achara aquy hũa carta de cyde mamede, que viera depoys deu ser partydo, em que mespreuya, que lhe mandase a reposta do que luys falcam dizya, e que sua merce que estava pera se yr, pelo quoall o queria yr ver amtes que se peratyse: e loguo ao outro dia me mamdou hũa chapa sua pera poder yr seguro, eu e os que comyguo fosem. E com este seguro fuy sem ficar nesta fortaleza mays premda, nem pareceo necesaryo, por m'ele da outra vez ter dito, que sem refeẽs, nem seguro podia yr eu e os que comyguo fosem, seguramente, asy a vnaa, como hamadavade, se compryse, porque este hera o custume dellrey de cãobaya, que estamdo tão mall hele, e o moguor, como estyverão, e temdolhe tomado ho reyno, hyão e vynhão recados dũa parte, e doutra sem nunca se fazer nojo aos que nysto amdavão.

Depois de chegar ha vnaa me dixe o motaremocão, que tardara muitos dias, e que ja estaua com as temdas fora do lugar pera se yr, quamdo a mynha carta lhe chegáraa, e o que eu soube era ter mamdado recado a ellrey do que pasara comyguo, e esperar per reposta, e nam lhe ser ymda vymdo; e a causa de tardar tamto he por ellrey estar muito anojado de se lhe yr hum capytão per nome hetenyde-cão, que hera muito seu privado, e muito aseyto a ele, dizem que se foy pera os patanes, e ellrey o tem mamdado buscar per muitas partes pera o desagravar, e o seu agravo dizem que foy sobre ellrey lhe tomar huns lugares que lhe tinha dados: asy que com esta vollta não he vymda a reposta ao motaremocão, nem se yrá de vnaa ate lhe nam vyr, e ysto soube dos seus propyos paremtes e cryados.

Preguntou-me o motaremocão que poys fôra a abaçaym, que lhe dixese se estaua vosa S. achegado a rezão, e que era o que dizya neste negocyo da paz. A ysto lhe respomdy que quamdo vosa s. mouvyo o que heles dyzyão acerca das pazes, que asemtara o visorey, que samta glorya aja, e que hesas farya aguora ellrey de cambaya, que vosa s. se ryra disto, e mays semdo a cydade nosa, e temdo-a ganhada pela pomta da espada. Dixeme que parecia que vosa s. querya fazer as pazes á sua vomtade, e nam como fose rezão; e que ellrey de cambaya hera o que estaua arrezoado, e nós outros muito fora da razão: de maneira que pasamdo estas e muitas outras palavras, a que lhe eu respomdy o que me pareceo que comprya pera este negocyo, lhe dixe o que me luys fallcam mamdou, scilicet, que foy, se ellrey de cãobaya nos dese estas allfandegas e cydade, e as terras de manora, que faryamos a paz, e ysto lhe tinha ja dito da outra vez que lá fuy: ao que me respomdeo que não fora nesesaryo esperar em vnaa tamtos dias, nem heu tornar lla, se a reposta avya de ser aquela; porque ellrey de cãobaya amtes avemturarya todo o seu poder e estado, que perder a jurdição e nome de dio ser seu. Asyque ao que vyemos per derradeiro foy, que poys ele dizya que ellrey não farya paz com perder a jurdição de dio, e nome que tinha de ser seu, que vosa s. lhe daria ametade das allfamdegas, e a jurdição, comtamto que ellrey de cãobaya tornase a dar a vosa S. as terras de manora, que ja o soltão bador dera a nuno da cunha, quamdo lhe deu baçaym, e guora as tynhão os capitaẽs dellrey de cambaya em seu poder; e tornando-lhe estas terras, que vosa S. lhe darya na cydade a parte que atrás diguo, e que farya hese seruyço, e amyzade a ellrey de cambaya.

Respomdeo-me a ysto que ellrey hera gramde senhor, e que se nós o seruysemos, que muito mores merces nos farya; mas que ateguora os seruyços que lhe tinhamos

feytos por nos dar baçaym com todas suas remdas, e depois a fortaleza em dio, e apôs ysto a remda e parte nallfamdegua, fôra matarmos o solltão bador, e roubarmoslhe a sua cydade e tomarmoslhe toda a sua armada e artelharya e que hatéguora não tinhão vystos outros seruyços nosos per omde merecesemos ellrey fazernos de novo mercê, e que o seruysemos doutra maneira, e que era muito pouco fazer ellrey o que nós queryamos: mas que aguora vysto ellrey ter de nós recebydos tamtos agravos, que devyamos daseytar a paz como ha tinhão feyta com ho visorey; e depois diso que mamdase vosa S. a corte a vygytar ellrey, e que tudo o mays farya ellrey como semtise em nós vomtade de o seruirmos.

A ysto lhe respomdi o que heu sabya destas cousas, que hera sermos nós a causa dellrey de cambaya ser oje em dia rey; porque se nam fora com ajuda de nuno da cunha os moguores numca foram llamçados de cambaya; e que se ellrey se fora pera meca como se ya, e nuno da cunha o nam acomselhara, que se nam fose, e nam ajudara; que tarde tornára a restaurarse em seu reyno, e que hele nos tinha armado trayção pera matar nuno da cunha, e tomarnos a fortaleza; e que por ysto lhe dera deus o paguo: e que quamto aceytarmos a paz que fizera o vysorey, que nam fallase nyso; porque depoys tyveramos até o tempo da guerra o meio das allfamdegas, e que haguora estava vosa S. muy arrezoado, por nam pedyr mays, que as terras de manora, que forão nosas, e eles nysto não davão nada, poys era tornaremnos o que o soltão bador nos dera: e que se ele a ysto não tynha mays que dizer, que ho que me ja tynha dito, que me dese llicemça pera me tornar pera dio. Dixeme que me vyese embora, e que dese comta dysto ao capytão, porque ele não tinha licemça dellrey pera mais que pera a paz do visorey, e que lhe mandase a reposta do que ho capytão dezia, porque com ela se queria yr.

Eu vym a esta fortaleza e dey dysto comta a lluys fallcão. Dixeme que respomdese a cyde amede, e a reposta que lhe mamdey foy, que eu dera comta ao capytão do que com ele e motaremocão pasara, e que o capytão se espantára muito diso, porque ele cyde amede lhe tinha dito, por muitas vezes, que ellrey de cãobaya faria a paz como nós fosemos comtemtes, e que haguora falavão muy fóra de preposyto: que se motaremocão tynha mais poder dellrey, do que me tynha dito, pera poder falar neste negocyo da paz, que mo espreuese. A isto me respomdeo cyde amede, que hele, nem o cão não tynhão mays poderes, que ho que me tinhão ja dito; mas que ymda nam vyera a reposta dellrey; e que por ele, e eu nam perdermos o trabalho, que tynhamos llevado, que lhe parecya bem yrmos ambos a ellrey, e que hele do seu dinheiro darya huũ cavallo, e que eu dese outro, e com ysto farya ellrey tudo o que fose rezão, e nós quygesemos; porque ellrey de cãobaya hera gramde senhor, e muito vão, e que nam querya mays que verem huũ portuges em hamadavade, pera na propya ora se acabarem dasemtar as pazes, como fose rezão; e que muito mylhor se avyão dasemtar com ellrey, que com o motaremocão. A ysto lhe torney a respomder, que eu nam ousara de fallar nysto ao capytão; que hele podia qua vyr se quigese e que o dixese ao capytão, e que eu o ajudarya no que pudese; mas soo que me não hatervya por arrecear mandarme o capytão premder, se lhe nysto falase; e domymguo xi de março ja muito tarde me tornou a esprever hũa carta, que querya qua vyr fallar ao capytão, e que verya terça feyra até quarta. Asy que fica a cousa desta maneira, e pelo homem que me trouxe a carta soube nam ser ymda vymda a reposta dellrey, e a rezão he pela yda do ytemydecão, que nam ousão a fallar a ellrey em negocyos. Asy que ysto he o que ate hoje treze de março pasey; e a volltas da carta do cyde amede me trouxerão hũas poucas

de cynouras, que mamdo a vosa S. Prazerá a noso senhor, que o tomarão já em desposyção que posa comer delas. Noso senhor acrecemte a vyda e estado de vosa S. por muitos anos, e lhe de muita saude. De dio a XIII de março de 548. «Amtonio memdes de crasto.»

(Sobrescripto) Ao senhor guovernador — meu senhor.

N.º 59

Senhor — Quymta feira demdoemças mespreueo cyde amede hũa carta, em que me dizya que hera ja vymdo recado dellrey, o quoall estaua muito menencoryo por nós derybarmos a sua fortaleza e todas as casas de dyo; mas comtudo que me fose ver com ele a naguyna, que he ha hũas duas pallmeyras, homde os rumes fyzeram agoada, quamdo se foram: á quall lhe respomdi o que V. S. verá pelo terlado da que lhespreuy: e ao dya de pascoa veo ter a gogolla, e com eu estar doemte de febres, fuy ter com ele, homde pasamos muitas palavras, amtre as quoaes foy tornar-lhe a certeficar que como ellrey de cambaya não dese a vosa S. as terras de monora, e ametade destas allfamdegas, que nam farya vosa S. a paz, como fose menos disto hũm só quylate. A ysto me respomdeo que ellrey nos daria os dous quymtos das allfamdegas: dixe-lhe que estaua mall desposto; que não gastase tempo deballde; e que me querya tornar pera a fortaleza. E ao que veo por derradeiro foy que ele como homem que tinha trabalhado neste negocyo, á hum ano, desejaua fazerse a paz, não que ellrey lhe mamdase dizer ysto, que hera que nos daryão ametade das allfamdegas com comdição, que nós da nosa parte desemos algũa cousa pera ajuda de se comsertarem as casas dellrey, que nós derrybaramos: e quamdo ysto nam quigesemos, que fose mamdarmos cada hano a ellrey algũs cavalos. A ysto lhe respomdi, que ellrey noso senhor nam pagava

pareas a nimguem, amtes nesta terra lhas pagavam muitos reys: que se querião fazer a paz, que falase em cousas, que podesem ser, e nam nestas tão fora de rezão. Dixeme que dese comta dysto a luys fallcão, e lhe mamdase a reposta, porque hele que desejaua muito fazer-se esta paz, e mays aguora, que ho ydallcão mamdara de novo embaxadores a ellrey de cãobaya pera jurarem em seu nome de não fazer paz com portugueses demtro em cymco anos, e que se mamda desculpar de não fazer a guerra a goa, quamdo a qua fyzerão em dyo; que se o deixou de fazer foy pela guerra que trazia com ho zamaluco: asy que por ysto queria muito ver esta paz feyta comnosco. Esprevo ysto que me dixe a vosa s., porque pode muito bem ser que não sejão mays que feros, como os mouros custumão a fazer, e que nam será verdade nada do que diz cyde amede. Eu por nam deixar de esprever tudo o que me dixe, o faço nesta. O comque me despedi dele foy, que vosa s. tinha destroydo todos os portos e terras do ydallcão, e tinha jurado de nam fazer pazes com ele, mas amtes esperava em mayo por muita gemte de portugall, e que nam avya de descamsar até que lhe nam fose tomar bylguão porque todas as outras terras per derredor de goa lhe vosa s. tynha ja tomadas; e com ysto me vym pera esta fortaleza e dey dysto comta a luys falcão, e tardei dous dias em lhe respomder, e no fim deles, que foy a segunda oytava de pascoa, veo hũm abexym do cyde amede a matacavalo ter a gogolla com hũa carta sua pera my espamtamdo-se de lhe nam respomder ao que pasára comyguo em gogolla: e que depoys dele de qua yr, vyera outro recado dellrey, em que mandava que se nam fizesem pazes senam com lhe darem os dous terços nallfamdega, como mays meudamente vosa s. verá pelos terlados asy das cartas de cyde amete, como da reposta que lheu mamdey, os quoaes são estes que com esta mamdo a vosa s. E a sete dabrill veo d'una hũm pyão per quem lhe mamdei

hũs frascos d'agoa rozada; me tornou a esprever outra carta, em que me diz que ho que falou comyguo em gogolla, que se avya de fazer, porque hera muito bom; e ysto que me tornou a espreuer foy depoys de lhe ter esprito o desengano, e que se fosem muito embora. Ele e o cão ymda estão em unaa, e verdadeiramente que me parece pelo que vejo nas cartas do cide amede que se nam hão dyr d'unaa até lhe nam vyr reposta delrey; porque cyde amede lhespreveo o que aguora pasara comyguo em gogolla: porque seles nam tyverão mays poder delrey do que me cyde amede espreveo, depoys de vyr a gogolla, que ellrey mamdára, não ousára a tornarme de novo a esprever sobre o que falamos em gogolla. Prazerá a noso senhor, que ordenara ysto, como for seu seruyço, e delrey noso senhor, e mays homra de vosa s. A gemte da terra da per novas matarem os resbutos certos capytaẽs a ellrey de cãobaya, e querem dizer, que emtra neles cara asem, e o bor moluco, he ysto se diz ha doze ou quinze dïas. Prazerá a deos, que serão estas novas certas, he que poucos he poucos hos destroyrá a todos: e porque pelas cartas que cyde amede mespreveo, de que mamdo o terllado a vosa s., e asy da minha reposta verá todas as palavras, que mespreveo, e eu a ele, não diguo nesta mays, senam pedyr a noso senhor, que acrecemte a vyda, e estado de vosa s. por muytos anos. De dio a IX dabrill de 548. «Amtonio memdes de crasto.»

Trelado dũa carta de cyde amede pera amtonio memdes

Senhor amtonio memdes: voso amyguo amede abedell naby vos mamda muitas çalemas. Quamto a reposta dellrey, perque esperava, he vymdo hum aluará que diz ser ellrey sabedor, que os portugueses destroyrão a fortaleza delrey e todas as casas de dyo, e por esta rezão está muito menencorio, he esta palavra he cousa forte. E este

voso amyguo por o que cumpre a amballas partes respomdy a elrey, e lhe mamdey hũa carta: prazera a deos, que ha pallavra delrey se chegará perto a rezão. Vós vymde da parte de naguynaa; e este voso amyguo, e vós, pelo que releva a ambas as partes, fallaremos, e tomaremos comcrusão neste negocyo. Motaremocão, e ceyde amedezayr mamdâo muitas çalemas ao senhor capytão. Se mamdardes algum servyço espreveimo pera o fazer.

Reposta pera cyde hamede

Senhor cyde amede abedellnaby. Deram me vosa carta: e quamto ao que me nela dyzeys, que vaa a naguyna pera hahy falarmos vós e eu sobre este negocyo das pazes, jaque vós aveys de vyr ahy, he tâo perto de gogolla, que havyaes de vyr a ela, ao menos por nam me dar trabalho de pasar cavalos pera tão perto: e se ouverdes por trabalho vyr a gogolla, mamdayme hũm seguro de motaremocão, e eu yrey a naguyna, ou a huna, se comprir. O Senhor capytão vos mamda muitas çalemas asy a vós, como a motaremocão, e a ceyde amede zayr, e eu tâo bem faço o mesmo. Se de mỹ mamdardes algum seruiço, espreveymo, e faloey. Oje quinta feira, 29 de março.

Trelado doutra carta que cyde amede mespreueo, depoys de vyr a gogolla

Senhor amtonio memdes: este voso amyguo amede abedell naby vos faz a saber como eu e vós falamos em gogolla algũas palavras, de que me nam mandastes a reposta, e asy tão bem veo aguora hum aluara dellrey, que dous terços sejão seus, e hum dos portugueses, e que se fará a paz; e que se os portugueses nam forem comtemtes, que estas terras se dem ao mamjatecão; e motaremocão, e eu nos vamos pera ellrey. O que for vosa vom-

tade respomdey; porque este voso amyguo sabe que ellrey sem os dous terços nam he comtemte: e pera que vos seja craro e vós vejaes o que vos cumpre.

Reposta que mamdey desta carta a cyde amede he estaa

Muito omrado senhor cyde amede abe dell naby: se vos não respomdy ao que vós e eu falamos em gogolla foy por mynha doemça, como tão bem por lhe nam parecer bem ao capytão nada do que me dixestes. Ora se lhe nam pareceo bem o que me allargastes em gogolla que hera ametade dallfamdega, como lho parecerá dizerdes aguora que ellrey que falla em dous terços, que he a cousa que vós e motaremocão me dyxestes em Vna averá quoremta e cymco, ou cymcoenta dias, a que loguo vos respomdi que nam curaseis de fallar nyso; porque dahy a cem anos, em que estyvesemos sem fazer paz, não se farya tall cousa. Pareceme que ellrey não quer fazer paz com nosco, nem ternos por seruydores, poys que fala em cousa tão fora de rezão: que se a ele quyger fazer fale em cousas arrezoadas: que o capytão está prestes pera chegamdo-se ellrey á razão, rogar ao senhor governador que haja por bem fazerem se as pazes. E quamto a me dizerdes em vosa carta que ellrey mamdaa que emtreguem estas terras ao majatecão, folgamos muito mays de termos aquy hũm capytão tão omrado, que termos ycufo xá, que he hum espravo, filho doutro: e quamto a vosa yda e do senhor motaremocão, seja nas boas oras, e vaa deos comvosco. Se de quá tiuerdes nesesydade dallgũa cousa pera o camynho, espreveymo e mamdarvoloey. A motaremocão mamdo muitas çalemas, e asy a vós, como a ceyde amedezayr. Eu vos mamdava pelo voso espravo os seis frascos dagoa rosada, que me pedistes em guogolla: dixe que os nam podia levar, porque hya a cavalo, e que os quebrarya. Oje terça feyra IIII dabryll.

Carta de cyde amede depoys de lhesprever esta atrás

Senhor amtonio memdes. Qua me deo o pyão os seys frascos daguoa rosada. As palavras que vos dixe em gogolla pelo que hya a ambas as partes, que falamos, se o ouverdes por bem, será muito bom fazer-se, e depoys vede o que vos parecer que vos cumpre: e se mamdardes de mỹ allgum seruyço, espreveyme. Voso amyguo amede abe dell nabyy. Oje a vi dabryll.

N.º 60

Artigo de huma carta que Luix Falcão escreveo de Ormuz a D. Jo. de Castro, com data do 1.º de Fevereiro de 1546

Alleyxos de carualho me dixe da parte de vosa s., que lhe mãodase *allyxamdre* hem parsyo: lla lho mãodo, haimdaque has escreturas destes mouros, tenho-as por menos autemtes que has nosas. Nese llyvro vam houtras estoryas hafóra has dallyxamdre, has quays me parese que follguará mays com ellas ho senhor dom fernãodo, hou quallquer houtro homem do mumdo, como heu, que V. s. Llá mãodo dous crystamos catyvos, que ha pouquo tempo que fugirão de allepo. Não dam nhũas novas pollo pouco tempo, que avya, que herão cativos: hesas que dão, llá has comtarão ha vosa s.; por iso lhas não escreuo, nem ao presemte nom ha que escreuer, senão que noso senhor acresemte vyda e estado de vosa s. por muitos anos, &c.

Artigo de huma carta, que Garcia de la Penha escreveo a D. Jo. de Castro, de Ormuz, a 5 de Fevereiro de 1546

Aleyxos carvalho pedio qua a alrey e goazil hemires hum livro da ystoria dalyxamdre. Com muyto trabalho

acharão hũ, que lhe mamdão. Eu porque quis que vosa s. por algum respeyto ouvese de mim algum conhecimento, e pelos desejos que tenho de servir senhor, de que tam altas bomdades se dyzem deferemtes das dos outros, que seu mamdo tiverão, mamdo a vosa s. hum livro, que cuydo que noso senhor me quis fazer esta mercê de ser tam bom, que em gramdes dias se nâo achará outro tal. Peço a vosa s., que ho livro, e a mim com ele, queyra aver por seus com aquela vomtade e desejo, que noso senhor sabe que lho eu ofreço, cujo estado he castidade, acompanhada de tamtas virtudes, como dizem, que está. Noso senhor sostenha e acrecemte per muytos anos pera amparo destas terras, &c.

Artigo de huma carta de Rui Gonsalves de Caminha para D. Jo. de Castro, escrita de Goa a 22 de Janeiro de 1547, em que falla de huma náo aprezada, e das fazendas, que nella vinhão

Em hũ caixão, em que vinhão hũas poucas de fotas, e panos de seda, vem dous livros escriptos em parceo, emlumynados, muyto lousãos, não sey de que são, e diz o feitor, que de laa veio na náo, que outros dous tomouos Symão botelho, pequenos, muyto bõs. que dixe, que os tomaua para V. S. &c.

N.º 61

Dom aluaro de crasto: eu elRey vos enuio muito saudar. Porque as nouas que tiue os dias pasados de barbarroixa ser ydo na via de leuante, com toda sua armada as ey por certas por mas escreuerem de todas as partes, domde me podiam vyr a certeza delas, ouue por meu seruiço de vos mandar vyr; pelo que vos encomendo muyto e mando, que vos venhaes com toda a jente que comvosquo levastes, e comque laa me estaueis servindo.

E muyto vos agradeço o como la me servistes nas cousas que se oferecerão de meu seruiço: e asy comfio de vós que o fareis sempre. Escripta em euora a xiii dias do mez de setembro de 1544. E asy ey por bem que tragaes convosquo dom fernando voso irmão. «Rey.»

(No fundo) Pera dom aluaro de crasto.

(Sobrescripto) Por elRey — A dom alluaro de crasto fidallgo de sua casa.

N.º 62

Dom Aluaro de Crasto amigo. o Iffante vos enuio muito saudar: recebi uossa carta, e com ella leuey muito contentamento por saber nouas de uós e pellas que me daes das cousas dessa terra sempre folgarei que mas escreuaes, e que me façaes saber de uossa disposição, e prazerá a nosso senhor que volla dará sempre tão booa como eu desejo pera com ella merecerdes a ElRey meu senhor fazeruos muita honra e merce alem da que vos deue por filho de uosso pai, que o tambem serue nessas partes. Vós folgai sempre de o parecer em tudo, e de seguir seus boõs exemplos, porque tendes muita razão de uos prezar delles: de uossas cousas eu tenho o cuidado, que vosso pai uos dirá, e terey sempre mui boõa vontade pera o que vos de mĩ cumprir. escrita em almeirĩ a xvii de Março de m. d. xlvij. «Iffante Dom Luis.»

A dom Aluaro.

N.º 63

Dom Aluaro de Crasto amigo: recebi a carta que me escreuestes na armada de Lourenço pirez de Tauora, em que me daes conta particularmente do cerco de Dio, e da victoria delle, que he tamanha. que se nom pode nella falar, porque, por muito que se diga, he ficar áquem do que se deue dizer, por as muitas particularidades, que nisto ha, e muitas mostras e sinaes de grandes virtudes,

e esforços, e muito boõa ventura, que noso senhor deu a uosso pai, e aos que com elle forão, que fez neste negocio todo boõ oficio, assi no socorro que mandou com dom fernando vosso irmão, e no que mandou per uós, como da vinda em pessoa que fez, que tudo parecem obras inspiradas per deos, e per ellas lhe deuem dar todos muitas graças. Pois o que vós fezestes, e os trabalhos, e perigos que pasastes no mar, e o esforço, com que pelejastes na terra, e a honra que nisso ganhastes he muito pera louuar, e pera ElRey meu senhor gratificar com honra e merce, pera o que mostra ter boõa vontade, como verêes per obra no que vos escreue e manda: da morte de vosso irmão me pesou muito, e ouue por mui grande perda a de sua pessoa por os sinaes que tinha dados de sua virtude e esforço; e porêm elle acabou tambem, que basta pera uos consolardes, e dardes muitas graças a noso senhor, como creio que terees feito. Scrita em Lixboa a xvij de outubro de M.D.xlvij. «Iffante Dom Luis.»

N.º 64

Dom aluaro de castro: eu elrrey vos enuio muito saudar. Vy a carta que me escreuestes, em que me dais conta da guerra que se moueo com o Idallcaão por caussa do miale: e assy do cerquo e guerra da fortaleza de dio, e do cuidado e dellygencia, com que o gouernador vosso pay a tudo proueo, e trabalhos que nisso leuou, e como em tudo me seruio, que foy tam comforme há comfiança que delle tenho, que nâo posso eu deixar de ter disso o contentamento que he rezaão, e se deue aos merecimentos de sua pessoa e seruiços. E nos trabalhos, que sey, que vós leuastes, e sofrestes, em fforçar os tempos e os mares pera em tal tempo socorrerdes a dita fortaleza, se vio quanto mais pode o desejo que temdes de me seruir, que o receo de tamanho periguo, como em tal tempo naquelle

caminho se vos offerecia; e na maneira em que a ela cheguastes, e em como pelejastes na deffensão dela, compristes bem com a obriguação que tendes de filho de vosso pay: e de quanto tudo acrescentou na honrra e merecimento de vossa pessoa tenho eu tanto como do seruiço que nisso fizestes a nosso senhor, e a mim, o quall eu istimo tanto e tenho naquella conta, que a calidade dele, e o fruito que se dele seguio o merece, e assy vollo agradeço, e essa comfiança tenho de vós, que em tudo o que se offerecer de meu seruiço tomareys sempre tanta parte dos trabalhos de vosso pay e o ajudareys nelles tanto como neste feito o fizestes, e vos encomendo muito, que o façais assy, pera que a muito boa vontade que vos tenho, e a obriguação de vos fazer merce por vossos seruiços vaa sempre com elles em muito crescimento. Antonyo ferraz a fez em Lixboa a xix dias de feuereiro de 1548. «Rey.»

3.ª via pera dom Aluaro de castro.

N.º 65

Dom Aluaro de castro: eu elRey vos enuio muito saudar. Vy a carta que me escreuestes de baçaim a xxvi de novembro de quarenta e sete; e o que me nela escreueis da boa vontade com que me seruis se mostra na maneira de que o fazeis, e tudo he conforme aa muita confyança que de vós tenho, e aa obriguaçam que tendes de quem sois, e do lugar em que me seruis: e nam sómente recebo contentamento dos boõs seruiços que me tendes feitos, e fazeis pela calidade e merecimento deles, mas ainda pelo exemplo que se niso toma de vós: e louuo muito a noso senhor por todas as vitorias que tem dadas a voso pay dos immiguos de sua santa fee catholica, e de meu seruiço, nas quaes tendes tanta parte, como quisestes tomar dos trabalhos e perigos delas: e da boa conta, que

em todas destes de vós, tenho o contentamento, que he rezão, e vós o deveis de ter grande da muita honra que niso tendes guanhada; e trabalhar de a conseruar e acrescentar em todo o mais, que ao diante se offercer de meu seruiço, porque a muito boa vontade, que vos tenho seja com iso mais acrescentada. E dos fidalguos e pesoas que se acharam comvosquo no feito de pondaa e o fizeram tambem como dizeis em vosa carta, terey a lenbrança que he rezão, que de tam bõo seruiço se tenha. E postoque os trabalhos e ocupações da guerra vos não dẽe lugar pera me escreuerdes larguo, como dizeis, todavia trabalhay de o fazer, porque me prazerá diso muito. Antonio daguiar a fez em almeirỹ a xiiii dias de março de 1549. «Rey.»

(No fundo) Reposta a dom aluaro de castro.

(Sobrescripto) Por elrey — A dom aluaro de castro cappitão moor do mar nas partes da india.

LISTA

DE ALGUNS ARTISTAS PORTUGUEZES
COLLIGIDA PELO AUCTOR DE ESCRIPTOS E DOCUMENTOS
NO DECURSO DAS SUAS LEITURAS
EM 1825 (PONTE DE LIMA) E EM 1839 (LISBOA)

LISTA

DE ALGUNS ARTISTAS PORTUGUEZES
COLLIGIDA PELO AUCTOR DE ESCRIPTOS E DOCUMENTOS
NO DECURSO DAS SUAS LEITURAS
EM 1825 (PONTE DE LIMA) E EM 1839 (LISBOA)

ADVERTENCIA

Tendo eu, no decurso de minhas leituras, achado memoria de Artistas Portuguezes pouco conhecidos, e de alguns estrangeiros, que trabalhárão em Portugal, fui apontando os seus nomes, e desses apontamentos tirei a presente lista, que agora ponho em alguma ordem.

Já se vê pois, que não escrevo hum catalogo, em que entrem *todos os Artistas Portuguezes,* nem faço a *historia* delles. Lembro alguns menos conhecidos, de que achei memoria. Aponto outros mais conhecidos, que se me offerecêrão á penna, quando escrevia; e omitto o grande numero delles, que vem mencionados nas obras de Taborda, e de Cyrillo Volkmar, na *Descripção analytica da Estatua Equestre* do douto esculptor Joaquim Machado de Castro, e em outras obras suas, e tambem nas de alguns estrangeiros, que consultei.

Quem quizer ter amplo conhecimento dos nossos Artistas, e da Historia das Bellas-Artes em Portugal, deve ler estas obras, e outras que disso tratárão; não perderá

de todo o tempo em ler estes meus breves apontamentos; e ainda com estes subsidios lhe ficará larga colheita, que possa aproveitar.

ARQUITECTOS

Affonso Alvares — Foi arquitecto de el-Rei D. Sebastião, que em Alvará de 15 de Março de 1571 lhe chama *Mestre das minhas obras.*

Fez a traça para o mosteiro de S. Bento, que por aquelles annos se intentava edificar em Lisboa, como consta da *Benedictina Lusitana,* tom. 2.º, pag. 419.

Volkmar Machado faz menção deste arquitecto entre os distinctos do seu tempo, e diz que tivera *a Ordem da Cavallaria.*

Affonso Domingues — Veja-se o que escrevi deste arquitecto na *Memoria Historica* das obras do real mosteiro da Batalha (1).

Fr. Manoel dos Santos na *Monarquia Lusitana,* part. 8.ª, pag. 784, diz que Affonso Domingues, *arquitecto do convento da Batalha,* fôra natural de Lisboa, e da freguezia da Magdalena.

Affonso Martins — Foi o mestre da obra do real mosteiro de Odivellas, fundado por el-Rei D. Diniz, como consta de hum documento da Sé de Lisboa de 1324, citado na *Monarquia Lusitana,* part. 5.ª, liv. 17.º, cap. 23.º

Affonso de Moraes — Acho em memoria, que o claustro de S. Francisco de Evora, obra grandiosa, fôra obra de Affonso de Moraes, e que assim consta de huma pedra do mesmo claustro, em que tambem se lê o anno 1376 (anno vulgar, ou era?).

Balthazar Alvares — Foi hum dos que fizerão o

(1) *Obras Completas do Cardeal Saraiva* (D. Francisco de S. Luiz), tom. 1.º, pag. 281. *(O editor.)*

risco para o edificio do primitivo collegio de S. Bento de Coimbra, como consta das Actas da Junta de 13 de Junho de 1600, no arquivo da Secretaria da Congregação; mas não sabemos se o seu risco se executou: executou-se porém a traça que deo para o mosteiro grande de S. Bento de Lisboa, chamado *da Saude,* o qual se começou a edificar em 1598, e he de tal arquitectura, que parece bastante para acreditar este insigne mestre, a quem Fr. Leão de S. Thomaz chama *famoso arquitecto. (Benedictina Lusitana,* tom. 2.º, pag. 428.) Era sobrinho do arquitecto de el-Rei, Affonso Alvares, de quem já fallámos. (Vej. Volkmar, pag. 161.)

Conde de Tarouca—Este illustre fidalgo, que foi Ministro Plenipotenciario de el-Rei D. João V em Hollanda, e em Vienna de Austria, teve largos conhecimentos em arquitectura, e foi mui perito nesta arte, a ponto de ser taxado de excessivo no exercicio de tão excellente prenda. Delle diz o cavalheiro Oliveira, que os seus estudos em arquitectura *começárão na Cotovia, continuárão em Hollanda, e o acompanhárão em Vienna até á sepultura.*

Diogo Marques—Foi arquitecto de el-Rei, e vivia pelos fins do seculo XVI. Fez riscos para alguns mosteiros benedictinos, e entre elles para o de S. Bento da Victoria do Porto, que he de boa arquitectura, e tambem para o collegio de Coimbra. Consta das *Actas Capitulares da Congregação de S. Bento,* Junta de 13 de Junho de 1600.

Diogo Tellez—Engenheiro. Esteve em Allemanha, aonde servio por alguns annos ao Imperador, com boa opinião.

El-Rei D. João III o mandou chamar, e ordenou que elle acompanhasse a Miguel da Arruda (de que adiante falaremos) quando segunda vez o mandou examinar os lugares de Africa e suas fortificações. (Andrade, *Chronica de el-Rei D. João III,* part. 4.ª, cap. 44.º)

Diogo de Torralva—Era mestre das obras do grande mosteiro de Belem, em 1557, quando para ali se trasladárão os ossos do fundador el-Rei D. Manoel. (Vej. a *Trasladação dos ossos*, &c., impressa com as obras do Bispo Pinheiro em 1784, 2 vol. de 8.º)

Domingos Domingues—Foi mestre da obra do claustro do real mosteiro de Alcobaça, mandado fazer por el-Rei D. Diniz, como consta do letreiro entalhado em marmore, que se lê no mesmo claustro, defronte da porta do capitulo, e vem copiado na *Monarquia Lusitana*, part. 6.ª, liv. 19.º, cap. 44.º Foi lançada a primeira pedra da obra no anno vulgar de 1310 (era de 1348).

Eugenio dos Santos—Foi o arquitecto da moderna Lisboa. (Vej. Volkmar.)

Fernão de Evora—Foi sobrinho de Martim Vasquez (de que em seu lugar falaremos), e lhe succedeo no cargo de mestre das obras do insigne mosteiro da Batalha, de que já estava provido em 1448. Vem nomeado em varios documentos do arquivo daquella caza desde 1448 até 1473. (Vej. a minha *Memoria Historica* das obras da Batalha (2).

Filippe Brias (Flamengo)—Foi perito em arquitectura militar, e servio na India em tempo do Vice-Rei D. Luiz de Ataide, por cuja ordem construio a nova fortaleza de Braçalôr.

Filippe Tersio—Engenheiro Italiano. Delineou o forte de cinco baluartes, que defende a barra do Ave em Villa do Conde. Fez o grande aqueducto que traz agoa ao convento de religiosas da mesma villa, e tambem os arcos das agoas da cidade de Coimbra.

Acompanhando a el-Rei D. Sebastião á infausta expedição de Africa, como *divisador do campo*, ficou captivo em poder dos barbaros na batalha de 4 de Agosto de 1578.

(2) *Obras Completas*, &c., tom. 1.º, pag. 284.

O Cardeal Rei, que mandava a Africa D. Rodrigo de Menezes para tratar do resgate do corpo de el-Rei, escreveo-lhe em 6 de Setembro de 1578 as seguintes palavras: *Tereis cuidado e lembrança de mandardes saber de Filippe Tercio, que he hum engenheiro Italiano, que hia no exercito do Senhor Rei meu sobrinho, que Deos tem, e o fareis resgatar logo, porque he homem util, e que convem para o serviço da sua profissão.*

Francisco Pires — *Grande mestre de obras* lhe chama Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India* (3). Ahi diz que Francisco Pires fôra mandado por el-Rei á India para fazer a nova fortaleza de *Moçambique;* mas que tomando a náo de Lourenço Pires de Tavora (com quem elle hia) por fóra da ilha de S. Lourenço, não fizera aquella fortaleza; mas que dirigíra a obra da *de Dio,* fundada pelo grande D. João de Castro depois da famosa victoria, com que terminou o cerco daquella praça. Lançou-se a primeira pedra desta obra a 24 de Novembro de 1546.

Henrique Guilherme de Oliveira — Foi arquitecto civil do Principe Regente (depois Rei D. João VI). Em 1800 escreveo huma *Memoria, em a qual se mostra o estado da Real Valla de Alpiaça, e sitios adjacentes, seu melhoramento, e utilidades que delle resultam.* Nesta Memoria (manuscripta) vem desenhada a Carta do Tejo, e suas beiras, desde a Chamusca até Porto-de-Muge.

Huet, Huguet, ou **Ouguet (Mestre)** — De todos estes modos achâmos escripto nos documentos do mosteiro da Batalha o nome deste arquitecto, hum dos mais benemeritos (a nosso parecer) que dirigírão aquella grande obra no tempo de el-Rei D. João I seu fundador.

O primeiro documento em que se noméa este mestre he de 1402, por onde nos parece ter sido o segundo

(3) Tom. 4.º, part. 2.ª, cap. 69.º, pag. 581, da edição publicada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1866.

arquitecto da Batalha, e successor de Affonso Domingues, de quem já falámos. (Vej. a *Memoria Historica* já citada) (4).

Temos por mui provavel que falleceo em 1438, ou pouco antes, e que a elle se deve attribuir a execução da obra do capitulo e claustro real, e talvez o fim do templo e da capella real.

Inofre de Carvalho — De Inofre de Carvalho, *grande arquitecto,* que el-Rei D. Sebastião mandára reformar a fortaleza de Ormuz, fala Diogo do Couto, dec. 7.ª, liv. 7.º, cap. 10.º Ahi mesmo diz que elle ordenára huma maquina de madeira sobre rodas altas, para a guerra que D. Antão de Noronha fazia aos Turcos, quando estavão de cerco sobre Baharêm.

Jeronymo de Ruam — Foi arquitecto da Infanta D. Maria, filha de el-Rei D. Manoel, a qual lhe encarregou a traça da capella da Senhora da Luz, que mandava edificar no convento da Luz da Ordem de Christo, recommendando-lhe que fosse *huma das melhores cousas da Europa.* (Vej. a *Historia do insigne apparecimento da imagem de Nossa Senhora da Luz,* por Fr. Roque do Soveral, 1610, aonde se descreve esta capella, e a perfeição do seu artificio.) A recommendação da Infanta basta para mostrar a confiança que ella tinha na pericia do arquitecto.

João Affonso — Foi mestre da obra do castello de Mourão, fundado por el-Rei D. Affonso IV em 1343.

João de Castilho — Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana* lhe chama *famoso arquitecto do seu tempo,* e diz que fôra pai de Fr. Diogo de Castilho: e a *Bibliotheca Historica* acrescenta, que fôra filho seu Antonio de Castilho, natural de Thomar.

Desenhou o grandioso templo do convento da Ordem

(4) *Obras Completas,* &c., tom. 1.º, pag. 282.

de Christo em Thomar, e o dos padres Jeronymos de Belem em Lisboa.

El-Rei D. Manoel pelos annos de 1519 lhe tinha encarregado as obras da sacristia e livraria do mosteiro de Alcobaça, e era chamado *Mestre das obras de el-Rei.* (Real Arquivo da Torre do Tombo, *Corpo Chronologico,* part. 1.ª, maç. 24.º, num. 4 e 101.)

Por hum Alvará de 23 de Setembro de 1522 mandava el-Rei D. João III dar a *João de Castilho, mestre das obras de Belem,* mil cruzados por conta da empreitada, *ora com elle novamente ajustada sobre o fazimento das abobadas e pilares do cruzeiro da igreja.* (Real Arquivo, *Corpo Chronologico,* part. 1.ª, maç. 28.º, num. 90.)

Por Alvará de el-Rei de 4 de Junho de 1528 foi João de Castilho nomeado *Mestre das obras da Batalha,* que vagára por morte de *Mestre Matheus.* (Liv. 14.º da Chancellaria de el-Rei D. João III, a fl. 138, no Real Arquivo.)

João Fernandes e **Vasco Brás** — Forão os mestres que construírão os muros e fortificações de Lisboa em tempo de el-Rei D. Fernando, concluindo esta grande obra em dous annos desde 1373 até 1375. Vem tambem nomeados na inscripção do arco do Marquez de Alegrete. (*Panorama,* vol. 2.º, pag. 339.)

João Froilaco — Construio a fabrica do mosteiro Cisterciense de S. João de Tarouca no seculo XII, segundo a *Chronica de Cister,* liv. 2.º, cap. 4.º, e a *Monarquia Lusitana,* part. 3.ª

João Garcia — Foi *Mestre e Vedor* das obras de el-Rei D. Fernando, como se vê da inscripção que existe no claustro do mosteiro benedictino de S. João de Pendorada, em letra Allemãa minuscula, deste teor:

> Era de 1420 annos don affonso martins abade deste moesteiro mandou fazer a obra desta craastra por star maa, e foi feita per mãao de iohn garcia de toledo, mestre e veedor das obras delrey don fernando: pater noster.

A identidade do nome, e do tempo, me faz crêr que foi este mesmo *João Garcia* o que fez a obra da Collegiada de Guimarães no proximo reinado de el-Rei D. João I, segundo o letreiro gravado na parede do templo, e commemorado por *Soares da Silva* no tom. 2.º das *Memorias* deste Monarca.

João Nunes Tinoco — Existe na Bibliotheca Real da Caza das Necessidades hum livro manuscripto, em folio, em que se lê este titulo: *Livro das Praças de Portugal com suas fortificações, desenhadas pelos Engenheiros de Sua Magestade, &c., delineadas por João Nunes Tinoco, Arquitecto de Sua Magestade. Anno de 1663.* E acrescenta: *Este livro mandou fazer o Senhor Conde da Torre.*

João Turriano (Fr.) — Foi filho de Leonardo Turriano, homem mui intelligente em obras de fortificação, e que nisso trabalhou neste reino, e de sua mulher D. Maria Manoel, pessoas nobres.

Aos dezoito para dezenove annos tomou o habito de S. Bento no mosteiro de Lisboa, a 29 de Novembro de 1629. Sempre occupado nos estudos do desenho, e no risco de obras de arquitectura, a que o inclinavão os papeis de seu pai, sahio insigne nestas artes. Seguio os estudos da Congregação Benedictina com louvor, e mereceo ser nomeado *passante.*

Foi Lente de mathematica na Universidade de Coimbra, e el-Rei D. João IV o nomeou *Engenheiro mór do reino,* lugar que seu pai tinha occupado. Servio a este Monarca treze annos, e foi o que delineou as capellas móres das Sés de Visêo e Leiria, além das obras do mosteiro de Alcobaça, e das fortificações do reino, em que foi empregado.

Fez a fortaleza de *Cabeça Sécca,* e outras; traçou o mosteiro novo de Santa Clara de Coimbra; o dormitorio novo e hospedarias do mosteiro das religiosas benedictinas de Semide; o dormitorio novo de Alcobaça; o das

Inglezinhas de Lisboa; o novo de Odivellas; o benedictino da Estrella; o de Travanca, e a igreja nova de Santo Tirso; e desenhou o mosteiro de Lisboa, &c., &c.

Por morte do Padre Mestre Fr. Pedro de Menezes, tambem benedictino, e Lente de mathematica na Universidade de Coimbra, occupou Turriano aquella cadeira por votos dos estudantes, em renhida opposição com o Dr. Gaspar de Mery, e a leo por varios annos. Falleceo em Lisboa, e jaz na capella mór do templo de S. Bento da Saude, aonde tem sepultura, com este epitafio:

SEPULTURA DO M. R. P. M. FR. JOÃO TURRIANO LENTE DE MATHEMATICA, QUE FOI, NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FALLECEO A 9 DE FEVEREIRO DE 1679.

João Vicente Cazali — Florentino. Frade Servita, arquitecto, esculptor, e pintor. Falleceo em 1593, de cincoenta e quatro annos. Veio a Portugal, chamado por D. Filippe II para reparar algumas fortalezas do reino. (Vej. o *Diccionario de Arquitectura*, &c., por C. F. Roland le Virloys. París, 1770, 3 vol., 4.º)

Leonardo Turriano — Foi Engenheiro mór do reino, pai de Fr. João Turriano, de quem ha pouco falámos.

Entre os manuscriptos da livraria do Collegio de S. Bento de Coimbra havia hum que tratava (se a memoria me não engana) das fortificações das ilhas dos Açores, e seus desenhos, obra deste arquitecto.

Manoel da Maya — Vej. a *Collecção de Memorias dos Pintores, Esculptores*, &c., por Volkmar Machado, a pag. 194.

Martim Vasquez — Foi hum dos mestres das obras do mosteiro da Batalha, em cuja direcção succedeo a mestre Huet, ou Ouguet, ou Huguet, de que acima falámos. Tinha sido *aparelhador da obra de pedraria* em tempo do fundador el-Rei D. João I.

El-Rei D. Duarte o nomeou *Mestre e Divisador das obras* por Carta sua dada no anno de 1438. E el-Rei

D. Affonso V o confirmou neste cargo em Junho de 1439, como consta do liv. 2.º da sua Chancellaria.

Em 1448 já era fallecido, como consta de hum documento do mosteiro da Batalha desse anno, em que figura *Brites Lopes, mulher que foi de Martim Vasquez, Mestre que foi das obras do mosteiro de Santa Maria da Victoria.*

Segundo o juizo que fizemos do tempo em que se edificárão as differentes peças daquelle grandioso edificio, classificámos a Martim Vasquez em ordem inferior á dos mestres que lhe precedêrão. (Vej. a nossa *Memoria Historica* das obras da Batalha.) (5).

Matheus Fernandes 1.º — Foi este arquitecto o que delineou e executou no mosteiro da Batalha a soberba obra da chamada *Capella imperfeita*. (Vej. a citada *Memoria Historica.)* (6).

Matheus Fernandes 2.º — Foi filho do antecedente, e tambem mestre das obras da Batalha. (Vej. a *Memoria Historica*, e o que fica notado acima no artigo *João de Castilho.)* (7).

Miguel da Arruda — Foi *mestre das obras das fortalezas destes reinos*, onde vivia e servia no reinado de el-Rei D. João III. Foi elle o que delineou a fortaleza nova que el-Rei mandava fazer em Moçambique, em tempo do illustre D. João de Castro, como consta da carta de el-Rei para este Governador, que possuimos original, escripta a 8 de Março de 1546 (8).

Em 1549 foi mandado a Africa, quando el-Rei quiz que se fizesse o forte do *Seiual* para defeza de Alcacere. (Andrade, *Chronica de el-Rei D. João III*, part. 4.ª, cap. 35.º e seguintes.)

(5) *Obras Completas*, &c., tom. 1.º, pag. 283.
(6) *Ibid.*, tom. 1.º, pag. 284.
(7) *Ibid.*, tom. 1.º, pag. 286.
(8) *Ibid.*, tom. 6.º, pag. 223.

Miguel le Bouteux—Ácerca deste arquitecto, que exerceo tambem a arte de gravura, vej. adiante o respectivo artigo sob o titulo «*Gravadores*» (pag. 354).

Miguel Fernandes—Vivia nos principios do seculo XVIII, e he obra sua a planta e risco da actual igreja do mosteiro benedictino de S. João Baptista de Pendorada, a qual se mandou executar no capitulo geral do anno de 1725.

Nicoláo de Frias—Vej. Volkmar a pag. 161.

Foi hum dos arquitectos que acompanhárão a el-Rei D. Sebastião na infausta empreza de Africa, e diz a *Chronica de Fr. Bernardo da Cruz*, que na marcha do exercito de Arzilla para Larache hião *pera sitiadores do campo Phelipe Estercio italiano, e Nicoláo de Frias, grandes architectos.*

Sousa faz menção de Nicoláo na *Historia de S. Domingos*, part. 1.ª, liv. 1.º, cap. 27.º, falando de huma religiosa de virtude, que fôra sua irmãa.

Pedro Nunes Tinoco—Era em 1620 arquitecto do Priorado do Crato, e depois o foi de el-Rei. Delineou: *Plantas e Perfis das igrejas, e villas do Priorado do Crato;* manuscripto, que se guarda na Livraria do Ex.^mo^ Marquez de Castello Melhor, e he o num. 322 da *numeração provisoria* dos manuscriptos.

Sebastião Tibáo—Fez delle menção Diogo do Couto, dec. 12.ª, liv. 4.º, cap. 1.º, qualificando-o de *grande Engenheiro,* e presumia que elle seria *Flamengo de nação.* Servia na India pelos annos de 1599, e tinha o titulo de *Engenheiro-mór*, como se collige do mesmo Couto, no lugar citado, e nos capitulos seguintes.

Simão de Ruam—Engenheiro, *homem de singular industria e engenho, e não menos valor.* Servia na India no tempo do Vice-Rei D. Luiz de Ataíde, que depois da conquista de Onor, o deixou ali por mestre da nova fortificação que mandou fazer, e concluida ella, o encarregou

de fazer o seu debuxo para o mandar a el-Rei. (*Historia da India, &c.*, por Antonio Pinto Pereira, liv. 1.º, cap. 14.º)

Thomaz Fernandes—Fala delle Damião de Goes na *Chronica de el-Rei D. Manoel,* part. 2.ª, cap. 16.º, e diz que era na India *Mestre das obras de el-Rei,* e que havia feito *todas as fortalezas que lá tinhamos até o anno de 1506.* O mesmo tinha dito Castanheda na *Historia da India,* liv. 2.º, cap. 45.º, chamando-lhe *homem de bom saber na sua arte, e de sutil engenho.*

Valentim—Rebello, na *Descripção do Porto,* faz menção de hum discipulo de Miguel Angelo, chamado *Valentim,* que foi o auctor da admiravel fabrica da Cathedral do Porto. (Vej. a dita obra, pag. 58.)

Vasco Brás—Vej. acima o artigo *João Fernandes.*

ARTE DE ESCREVER

Desenho á penna

Domingos dos Santos de Moraes Sarmento—Era natural do Fundão, Bispado da Guarda, e foi hum dos mais admiraveis Portuguezes da nossa idade na arte de escrever, e desenhar á penna.

Fazia toda a qualidade de letra com grande exacção, facilidade, e belleza. Esta desgraçada habilidade empregou elle em sua ruina, fabricando de letra de mão, e desenhando á penna apolices do Real Erario, com seus miudos e variados ornamentos, pelo que foi preso, e seria sentenciado á morte, na fórma das leis, se a sua mesma prenda lhe não grangeasse a protecção de pessoas de grande respeito, que admiravão, e prezavão a arte. Ficou na torre de S. Julião em prisão perpetua, e ahi mesmo trabalhava de continuo na sua arte, até que a morte o levou.

He necessario ver as suas escripturas e desenhos, cheios dos mais delicados ornamentos, para avaliar o incomparavel talento deste artista.

Eu vi copiada por elle á penna, com a maior perfeição, a grande estampa da Estatua Equestre de el-Rei D. José I, com a qual se enganavão os olhos mais perspicazes, confundindo-a com a original aberta a buril.

Havia no Museo do mosteiro benedictino de S. Martinho de Tibães huma amostra deste extraordinario talento em *quatro pensamentos allegoricos,* dedicados á gloria de Napoleão Bonaparte, Imperador que foi dos Francezes, feitos á penna em 1807, os quaes ali depositei, sendo-me para isso offerecidos pelo Coronel de milicias reformado Francisco Pereira Peixoto Ferraz Sarmento, meu particular e saudoso amigo. Estas pequenas estampas quasi se não differençavão das melhores abertas a buril.

Este artista era já fallecido em 1817, quando punhamos em lembrança estes breves apontamentos.

Duarte d'Armas—Veja-se o que dizemos deste excellente artista no artigo dos *Debuxadores, Desenhadores e Pintores.* O livro, de que lá falâmos, que se guarda na Torre do Tombo, e que contém todos os desenhos das fortalezas do reino, he feito *á penna* com grande perfeição.

Duarte Luiz Garcez Palha—Foi Cadete do regimento de Cascaes. Eu possuo duas paizagens da sua mão, *desenhadas á penna,* que tem merecimento. Não sei se chegou a alcançar este seculo XIX.

Francisco de Hollanda—Deste nosso celebre e douto artista falaremos em outro artigo largamente. Aqui notaremos sómente que os desenhos que vem nas suas obras são *feitos á penna* com grande magisterio.

Gregorio Paes do Amaral—Foi mestre dos filhos do Ex.^{mo} Marquez de Castello Melhor, e escreveo em

1794 *Exemplares de letra Ingleza,* offerecidos ao Senhor D. João, Principe do Brazil (depois Rei D. João VI). He hum volume de 305 folhas de 4.º, que se conserva na livraria da caza de Castello Melhor, num. 342 da numeração provisoria dos manuscriptos.

João Baptista Vieira Gomes Pinheiro — He natural da cidade de Braga. Fez o painel, que se conserva no Museo do mosteiro de S. Martinho de Tibães, o qual em hum pequeno quarto de papel mostra o *Calix e a Hostia collocados sobre hum grupo de nuvens,* tudo feito á penna, e de letra de mão, e miudissima escriptura, em que se lê o *Pater noster, Ave Maria, Gloria Patri,* e os *sete psalmos penitenciaes.* Foi feita esta curiosa obrinha em Outubro de 1816.

João José Alves Freineda — Natural de Lisboa, onde nasceo a 3 de Dezembro de 1802, e actualmente Tachigrafo da Camara dos Senadores. He insigne na arte caligrafica, a que se tem dado com infatigavel trabalho, e estudo.

Escreve as letras mais usadas na Europa, Portugueza, Ingleza, Franceza, Aldina, Gothica ou Italica, e Romana, imitando as maiusculas e minusculas Romanas, que se lêem nas medalhas e cunhos, e nas inscripções, e manuscriptos dos mais antigos tempos.

Nota-se nas suas obras grande perfeição, tanto pelo que respeita ás linhas rectas e curvas, como aos traços, grosso, meio grosso, ou fino, e aos espaços, hastes, ligados, e obliquidade, seguindo sempre, e em tudo uniformidade, proporção, e formosura.

São varias as producções deste caligrafo, que existem nas mãos das pessoas, a quem forão dedicadas, e em todas se vêem escripturas e desenhos de muito gosto. Em 1831 offereceo á Direcção do Banco de Lisboa hum quadro de tres palmos de altura e dous de largura, todo feito á penna, com allegorias desenhadas em fórma de

laçaria, com valentes rasgos e letras cheias de ornamentos, e com boa collocação e symetria das peças.

Manoel Barata—Copiaremos aqui a noticia que deste artista nos dá o illustre filologo Francisco Dias Gomes, na Memoria, que vem impressa no 4.º tom. das *de Litteratura* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pag. 270, aonde analysando hum passo do soneto 187 de Camões, diz assim:

«O terceto he felicissimo fecho, digno de hum tão bello soneto, que foi feito em louvor do *celebre Manoel Barata, a mais insigne mão de penna, que se conheceo na Europa até ao seu tempo.*

«Compoz este huma *Arte de escrever,* digna de estimação pela verdade e simplicidade dos preceitos, e pela elegancia e proporções da sua letra, onde se mostra mais a modestia do que a liberalidade, que tanto resplandece nos rasgos admiraveis dos caracteres Inglezes. Bem sabia o grande Camões, que a arte de escrever com gentileza e bizarria de caracter he huma prenda digna de todo o homem de bom gosto, e que deve ser estimada, e ainda mesmo louvada por hum modo extraordinario, assim como elle o fez, que nesta materia mostrava ser bem dextro, como provão huns argumentos manuscriptos da primeira edição da Lusiada, que possuo, os quaes tenho para mim serem da mão do mesmo Camões; porque o caracter he o mesmo, que o do *Mestre Barata,* cuja arte he hum composto de preceitos, e reflexões sensatas, todas extrahidas da sua experiencia, e não como as miseraveis artes que se tem publicado ha annos a esta parte de professores ignorantes, que não fazem senão trasladar, e ainda isso muito mal, acompanhando os ditos chamados preceitos com traslados dignos de todo o despreso, pelo mal executado, fazendo esforços impotentes, porque não se achárão ajudados do genio para imitar os exemplares dos grandes mestres Inglezes, e os do tambem *grande*

Filippe Neri nosso Portuguez, ha dous annos fallecido, cujas letras não são capazes de imitar. Seja desculpada esta pequena digressão ao amador de huma arte, na qual poderia *dizer, e executar* novidades, talvez ignoradas dos que a professão entre nós.»

Até aqui o douto critico Francisco Dias Gomes.

Manoel Barata foi mestre de escrever de el-Rei D. Sebastião. Na edição de Camões, feita em París em 1815, tom. 3.º, pag. 414, se diz, que fôra natural da Pampilhosa, e morador em Lisboa; que publicára a sua *Arte de escrever* pelos annos de 1572; e que fôra o primeiro, que na Europa publicára traslados abertos em chapa.

Manoel de Faria e Sousa—Escriptor bem conhecido entre nós. Foi eminente na *arte de escrever,* fazendo com perfeição toda a sorte de letra: copiava *á penna* qualquer estampa tão destra e subtilmente, que se podia duvidar, qual era a de penna, qual a de chapa. Tambem fez progressos nas artes de illuminatura, pintura, e desenho, as quaes exercitou na quinta de Santa Cruz dos Bispos do Porto, quando ahi esteve, na sua mocidade, na familia do Bispo D. Fr. Gonçalo de Moraes, benedictino, de quem era parente. (Vej. *Retrato de Manoel de Faria y Sosa,* § 10.º, e o *Supplemento* ao *Dictionnaire de Bayle,* na palavra *Faria.)*

Manoel José Satyrio Salazar—Professor de escripta e arithmetica. Publicou hum mappa dos caracteres de escriptura, que explicava theorica e praticamente na sua *Caza de Educação,* a saber: letra de secretaria, de escriptorio, letra Ingleza, &c. Este mappa foi gravado, e nelle se lêem as subscripções: *Manoel José Satyrio Salazar o escreveo; Theotonio José de Carvalho sculp.*

Thomaz da Silva Campos—Era professor de primeiras letras na Villa de Ponte do Lima, minha patria; e eu, de quasi cinco annos de idade, comecei e continuei a frequentar a sua escola, pelos annos de 1771, aprendendo

a ler, escrever, e contar, e o cathecismo pelo compendio de *Montpellier*.

O mestre era respeitavel, e mantinha na sua escola ordem, sizudeza, e cuidado no estudo.

A sua escriptura era do gosto puramente Portuguez do nosso *Andrade*, a quem imitava no caracter da letra, e nos ornamentos de cetras, aves, e flores, desenhadas a rasgos de penna.

Muitos annos depois, sendo eu já religioso, e o meu mestre fallecido, tive na minha mão hum grosso livro em folha, em que se continhão muitos traslados feitos na mesma letra, letras debuxadas á penna, preceitos de bem escrever, principios de arithmetica, &c., &c., tudo escripto pelo mesmo professor, durante o seu magisterio. Possuia esta obra hum seu sobrinho. Faço gosto de recommendar aqui a memoria deste excellente professor, e de pagar este tributo de gratidão ao ensino que me deo.

ESCULPTORES E ENTALHADORES

Em pedra, em madeira, em metaes, em cera, em barro, &c.

Affonso Lopes — Achei memoria de *Affonso Lopes, Imaginario*, em documento do real mosteiro da Batalha de 1534-1555 (9).

Alexandre Justi — Egregio estatuario, natural de Roma. Veja-se o que diz deste sabio artista Volkmar Machado na *Collecção de Memorias*, &c., a pag. 260. Falleceo Justi em Portugal no anno de 1799, tendo vindo no de 1747. Veja-se tambem a *Descripção analytica da Estatua Equestre de el-Rei D. José I.*

André Contucci Sansovino — Parece que nasceo em 1461, pouco mais ou menos, pois achâmos que fal-

(9) *Obras Completas*, &c., tom. 1.º, pag. 289, *in fin.*

lecêra na sua patria no anno de 1529, de sessenta e oito de idade. *Foi celebre modelador, bom desenhador, e famoso na perspectiva,* diz o *Diccionario de Arquitectura,* &c., de Roland le Virloys. París, 1770, 3 vol., 4.° Deixou a guarda dos rebanhos, diz ainda este escriptor, para hir a Florença, onde seguio a escola de Ant. Pollajolo, fazendo tamanhos progressos na esculptura, que foi *occupado nove annos por el-Rei de Portugal.*

Com effeito consta, que Contucci viera a Portugal para o serviço de el-Rei D. João II, que o pedíra a Lourenço de Medicis, o velho. Aqui achâmos em memoria que fizera hum bellissimo S. Marcos de marmore, e que modelára, em barro, huma batalha dada aos Mouros. Voltou á Italia em 1500 (diz Volkmar, citando Vasari). O papa Julio II lhe fez fazer dous tumulos na igreja de Nossa Senhora del Populo em Roma, e Leão X lhe mandou fazer as esculpturas da Santa Caza em marmore, &c.

Antonio Ferreira — Foi mui distincto esculptor em barro, e cera; e ainda que *não teve todas as luzes da arte* (diz hum sabio artista e escriptor), teve o que se não adquire com o estudo, *o genio, inestimavel dom do ceo, e teve-o em grão eminente: achão-se* cousas nas suas obras, *que encantão os mais escrupulosos intelligentes.* (Vej. *Descripção analytica da Estatua Equestre,* pag. 292.)

Volkmar, a pag. 256, diz, *que não parece possivel ver modeladas em barro melhores figuras campestres que as que conhecemos deste artista raro do ultimo seculo (XVIII).*

O pai de Ferreira, Dionysio Ferreira, tambem era pratico na *plastica (ibidem).* São obras do filho os presepios da Cartuxa, da Madre de Deos, do Coração de Jesus, e outros. Na ermida do Senhor da Serra em Bellas ha huma gloria de Serafins cercando a imagem de Jesus Christo, que dizem ser delle, &c. (Vej. o lugar citado de Volkmar, e tambem nas *Conversações sobre a Pintura, Esculptura, e Arquitectura,* convers. 4.ª, pag. 35, &c.)

Diogo de Carta—As cadeiras do coro, na capella-mór da igreja do Carmo de Lisboa, feitas de talha relevada, com variedade de exquisitas figuras, e acções mui naturaes, forão mandadas fazer em 1548 pelo mais insigne mestre que no reino havia, chamado *Diogo de Carta.* (*Chronica do Carmo*, por Fr. José Pereira de Sant'Anna, tom. 1.º, pag. 578, e *Memorias* de Fr. Manoel de Sá, pag. 390.)

Diogo Pires (o moço)—Fez o tumulo de pedra de Ançãa de D. Fr. João Coelho, Commendador de Leça, fallecido em 1515, aonde se vê a sua estatua em relevo, e o seu escudo de armas, e na frente a subscripção: *Diogo piz o moço o fez.* A elle parece dever-se attribuir a pia baptismal da mesma pedra, *magnificamente lavrada,* que existe, bem como o tumulo, na igreja de *Leça do Ballio,* e o bem trabalhado cruzeiro, á moda daquelle tempo, com crucifixo e letreiro, e o anno 1514. (Vej. *Nova Malta Portugueza*, tom. 3.º, pag. 98 e 99.)

Dionysio Ferreira—Veja-se aqui acima o artigo *Antonio Ferreira.*

Duarte Mendes—Vem em documento da Batalha nomeado *Entalhador* em 1535 (10).

Francisco de Assis Rodrigues—He ao presente Professor de esculptura na Academia das Bellas-Artes de Lisboa, e a juizo de pessoas intelligentes he o melhor esculptor, que actualmente honra a escola Portugueza.

Em 1829, fallecendo seu pai, que era Professor substituto da Aula e Laboratorio de esculptura, e abrindo-se concurso para o provimento do lugar vago, concorreo a elle o Sr. Assis, e apresentou a sua *Memoria de Esculptura* por escripto, a qual mereceo a preferencia, e foi impressa no mesmo anno em 4.º

Pelo estabelecimento, e organisação da Academia das

(10) *Obras Completas*, &c., tom. 1.º, pag. 290.

Bellas-Artes, ficou o Sr. Assis *Professor proprietario da Aula de esculptura,* lugar que até agora tem desempenhado com dignidade e com grande magisterio.

Escreveo e publicou pela imprensa: *Methodo das Proporções, e Anatomia do corpo humano, dedicado á mocidade estudiosa, que se applica ás Artes do Desenho.* Lisboa, 1836, em folha; obra que mostra a grande pericia do artista-escriptor, e não menos a sua erudição, e apurado gosto.

Geronymo Corrêa—*Insigne Entalhador* lhe chama a *Chronica de S. Domingos,* tom. 4.º, pag. 99 e 101, dizendo ser obra delle o retabolo da capella-mór do templo do mosteiro de Bemfica, que elle desempenhára *com todo o desvelo e primor da arte.*

Gil Eannes—Vem nomeado com o titulo de *Imaginador* em documento do real mosteiro da Batalha do anno de 1465 (11).

Hanrique Francez—Vem qualificado *Entalhador* em documento de 1535 do mesmo mosteiro (12).

Ignacio Caetano—Natural de Lisboa, filho do Tenente de cavallaria de Chaves, João Caetano, Cavalleiro na Ordem de Christo. Destinou-se á profissão de entalhador, e tem exercitado esta arte no Arsenal da Marinha, aonde he sempre encarregado das obras, que demandão mais perfeito desempenho. A sua curiosidade e natural propensão o inclinárão á bella arte da esculptura; e postoque carecesse dos principios fundamentaes theoricos do desenho (a que agora se applica com cuidado), comtudo as suas obras mostrão genio, e promettem hum distincto artista. As de que temos noticia são a da capella-mór da paroquia de S. Lourenço de Carnide, e o cancello na capella do Santissimo da igreja de S. Paulo desta cidade.

(11) *Obras Completas,* &c., tom. 1.º, pag. 289, *in fin.*
(12) *Ibid.,* tom. 1.º, pag. 290.

São tambem da sua mão o busto de el-Rei D. Fernando em madeira, e os dous do Principe Real, em madeira, e em cera, tirados ao natural, os quaes se achão todos no palacio das Necessidades, e por elles mereceo o artista que Suas Magestades o premiassem com real munificencia. Tambem trabalha de *estucador* em relevo, e são obra sua os ornatos, e armas que se vêem na frente da escada do palacio do Ex.^mo Conde de Vianna.

João Frederico Ludovici—Vej. ácerca deste artista o que diz Volkmar a pag. 176, e seguintes.

José Pereira de Sant'Anna, na *Chronica do Carmo*, tom. 1.º, pag. 581, chama-lhe *insigne artifice*, e diz que fabricára seis castiçaes modernos, que servião na igreja do Carmo nos dias festivos, e erão (diz) estimadissimos *pelo primor com que estavão feitos*. Apparecêrão a primeira vez em 1718, e custárão pouco mais ou menos 6:000 cruzados.

No lugar citado de Volkmar se diz a sua naturalidade, os seus estudos, os exercicios variados da arte e obras que desempenhou, &c.

João Gonsalves da Rua — Chama-se *Entalhador* em documento do cartorio do mosteiro da Batalha de 1536 (13).

João José Braga—Esculptor Portuense, que falleceo da cholera-morbus, durante o cerco daquella heroica cidade. Era eminente em representar em barro meninos em differentes attitudes. Os dous, que se vêem no Museo do Sr. Allen, estão, hum delles a dormir, e o outro no momento de acordar do somno. Que carnes tão morbidas! Que expressão! Que graça! Que naturalidade! Se este artista tivesse nascido Francez, ou Inglez, em poucos annos teria adquirido riquezas, e a fama dos seus talentos teria resoado em todos os angulos do mundo.

(13) *Obras Completas*. &c., tom. 1.º, pag. 290.

Era Portuguez, e apenas se sabe aonde está enterrado! (*Museo Portuense*, n.º 10, pag. 154.)

João de Ruam — Na obra intitulada *Descripçam e debuxo do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra,* escripta em S. Vicente de Lisboa pelo Prior D. Francisco em 1540, e impressa em Santa Cruz de Coimbra em 1541, em 4.º, descrevendo-se a fabrica do mosteiro e seus claustros, se faz menção *dos retabolos mui delicados de pedra* (que ainda hoje ali se vêem, postoque damnificados pelo tempo), e se dizem feitos *por mam de João Ruam, e doutros grandes officiaes.* Era isto em tempo de el-Rei D. João III.

Joaquim Machado de Castro — Foi hum dos mais habeis e mais sabios artistas dos nossos tempos modernos. Da sua grande pericia nas bellas-artes dá testemunho a magnifica obra da Estatua Equestre de el-Rei D. José I, que vemos e admirâmos na grande praça do chamado, ainda hoje, *Terreiro do Paço* de Lisboa; e dos seus conhecimentos e instrucção scientifica temos abonada prova (entre outras obras que compoz, e imprimio) na *Descripção analytica* da mesma Estatua e dos trabalhos artisticos que precedêrão, e acompanhárão a sua execução, e collocação, obra que elle mesmo compoz e se imprimio em Lisboa na Imprensa Regia, em 1810, em 4.º

Tudo o que he obra de *esculptura* na Estatua, e seus ornamentos, pertence a Joaquim Machado de Castro; e com grande ignorancia, ou malevolencia, se tem pretendido dar o merecimento desta grande obra a Bartolomeu da Costa, que foi o *fundidor,* e que executou na verdade a fundição com rara intelligencia, e felicidade, mas que não foi o *esculptor,* nem o *modelador,* que são os trabalhos mais difficeis e delicados da arte.

Eu possuo as *Quatro estações do anno* de obra plastica, executadas por Joaquim Machado de Castro.

Vej. Volkmar, a pag. 265, aonde dá mais ampla idéa deste excellente artista, e das suas obras.

José de Almeida—Vej. Volkmar, pag. 253 e seguintes, e a *Descripção analytica da Estatua Equestre*, pag. 292.

Manoel Dias—Vej. *Descripção analytica da Estatua Equestre*, pag. 292. A imagem da Senhora do Soccorro, que pelos annos de 1745 existia na sua capella, no convento do Carmo, era *obra do famoso Manoel Dias* (diz a *Chronica do Carmo*, tom. 1.º, pag. 671), *feita nos primeiros annos, em que exercitou a sua arte, e delle fazemos menção, por ser na opinião de todos o mais insigne dos Estatuarios que tem o reino.*

Era tambem de Manoel Dias a imagem do martyr Santo Anastacio, que se venerava na mesma igreja do Carmo. (Vej. *Descripção analytica da Estatua Equestre*, tom. 1.º, pag. 705.)

Manoel da Fonseca Pinto Carneiro—Foi este artista o que executou na cidade do Porto a elegante obra das differentes figuras allegoricas e mythologicas, e os baixos relevos, que ornão tanto os lados, como a popa e proa do vaso denominado *Real Escuna*. Tem executado muitas outras obras de esculptura de talha para varios navios construidos naquella cidade: e retrata, tirando em barro e gesso bustos, e outras obras para algumas Pessoas Reaes, e para particulares. He actualmente Lente de desenho no Conservatorio das Artes da cidade do Porto.

Manoel Pereira—Este excellente esculptor viveo e deixou as suas obras em Castella: falleceo em 1667 com sessenta e tres annos de idade, por onde entendemos que nasceo em 1604. Vej. a respeito delle Cyrillo Volkmar Machado, a pag. 251, e Pallomino ahi citado.

Ponz, na sua *Viagem de Hespanha*, dá-nos noticia das seguintes obras de Pereira:

1.ª Na paroquia de Santo André em Madrid, huma estatua do Santo sobre a porta.

2.ª Na capella dedicada a Santo Isidro, lavradas as *estatuas dos Santos Lavradores,* que passárão para os pilares da capella-mór da igreja de Santo Isidro.

3.ª No nicho da porta que olha para a praça, chamada da *Cevada,* a estatua do Santo (Isidro), que depois se poz na igreja real do mesmo.

4.ª Outra estatua de Nossa Senhora com o Menino nos braços.

5.ª Na igreja do Rozario dos Padres Dominicanos o *Santo Christo do Perdão.*

6.ª Na paroquia e mosteiro de S. Martinho a estatua do Santo, partindo a capa com Christo, e outra de S. Bento.

7.ª Na igreja de Santo Antonio dos Portuguezes em Madrid duas estatuas do Santo.

8.ª Na igreja das Benedictinas de S. Placido as quatro estatuas dos pilares da cupula.

O *Diccionario* de Roland le Virloys, que já temos citado, fazendo menção de *Emmanuel Pereira, Esculptor Portuguez,* diz que elle fallecêra em 1667, de sessenta e sete annos de idade, e que fizera muitas estatuas para a côrte de Madrid, e para differentes igrejas da Hespanha.

Hindo eu no anno de 1821 visitar a igreja dos Dominicanos de Bemfica, em companhia do nosso bem conhecido artista *Sequeira,* e admirando o Santo Christo de vulto, em grande, que se venerava no altar do cruzeiro do lado do Evangelho, me assegurou Sequeira, que era obra do nosso eminente esculptor *Manoel Pereira,* fazendo-me notar algumas bellezas della, assim como de outra no altar fronteiro de Nossa Senhora com o Menino nos braços.

Sobre o arco cruzeiro estão outras duas estatuas de S. Jacinto, e S. Pedro Martyr, que se diz serem do mesmo Manoel Pereira.

Ponz diz que ha na Cartuxa de Miraflores, perto de Burgos, huma *bellissima estatua de S. Bruno da mesma mão* (diz) *da que está em tanta estimação sobre a porta da Hospedaria da rua de Alcalá da côrte de Madrid, isto he, de Manoel Pereira.*

Maria Josefa—Esta donzella, e outra sua irmãa, por nome Thomazia Luiza Angelica, ambas de honestissimo procedimento, filhas de Ignacio da Silva, Escrivão do Juizo de Malta, e de sua mulher Gracia Thereza de Jesus, naturaes da freguezia de Santo Ildefonso da cidade do Porto, *formavão de cera tudo o que póde idear a imaginação, ou copiar a arte.* Em cera imprimião retratos perfeitissimos, figuravão arvores, flores, fructos, &c., realçando tudo com bellas côres, e tão naturaes, que enganavão os olhos, tomando-se por natural huma rosa, hum pomo, &c. O mimo e delicadeza de suas obras merecêrão os elogios das Pessoas Reaes, e de todos os que sabião avaliar tão raras perfeições. Vivião no seculo XVIII, quando escrevia Rebello a *Descripção do Porto*, donde tirámos esta noticia.

Maria Margarida Ferreira Borges (D.)—Natural da cidade do Porto, nasceo a 5 de Junho de 1790, e foi baptizada na paroquia da Victoria. Desde a mais tenra idade mostrou esta Senhora hum singular engenho e dexteridade em executar o que emprehendia. Nunca se deo ao estudo do desenho; e comtudo vendo em 1836 trabalhar em barro hum esculptor seu compatriota, pedio-lhe o barro, que restava da obra, e adoptando para o seu intento alguns dentes de hum pente, com este unico instrumento, e sem auxilio de pessoa alguma, fez o busto de sua cunhada a Ex.^ma^ D. Bernarda Candida Ferreira Borges, com tanta exacção e propriedade, que causou admiração a alguns artistas, que, a pedido de seu irmão, a forão surprender no seu trabalho. Animada pelo bom exito desta primeira tentativa (de cuja possibilidade al-

guns duvidavão), e movida das instancias de seu irmão, emprehendeo fazer o busto de Sua Magestade Imperial o immortal Duque de Bragança, e o executou, servindo-lhe de originaes os melhores retratos deste grande Principe, e o que ella conservava na sua propria fantasia. Este busto teve a honra de ser apresentado a Sua Magestade Imperial a Senhora Duqueza de Bragança. Tirou tambem pelo natural o busto de sua prima D. Margarida de Moura Miranda, o de seu irmão o Ex.^{mo} José Ferreira Borges, o de outra sua prima D. Joaquina de Moura Velloso, e ultimamente o do Dr. Custodio Luiz de Miranda, nos quaes todos se observa, a par da perfeita semelhança com os originaes, huma execução mui acabada, e igual á dos bons artistas. Concluiremos esta breve nota com as palavras que se lêem no *Periodico dos pobres no Porto*, anno de 1839, num. 5:

«Ha o busto em barro do Sr. José Ferreira Borges, feito por sua extremosa irmãa a Sr.^{a} D. Maria Margarida Ferreira Borges: he inteiramente parecido, e tem sido admirado por os professores, e entendedores. Não teve esta Senhora mestre mais que a natureza; mas que bom mestre he esta! A primeira tentativa, que fez neste genero, foi o busto da esposa de seu defuncto irmão, e sem outros instrumentos mais que os dentes de hum pente, sahio-lhe obra de merecimento.»

Nicoláo Francez — *Grande Estatuario* lhe chama Duarte Nunes de Leão na *Descripção de Portugal*, cap. 23.º, aonde diz que fizera o *excellente retabolo de Nossa Senhora da Penha de Cintra, com suas figuras de relevo, o qual he de huma pedra branca finissima, e lustrosa, que se acha na mesma serra de Cintra.* Luiz Mendes de Vasconcellos, *Sitio de Lisboa*, pag. 209, falando do convento de Cintra diz, *que he mui notavel pela perfeita esculptura do retabolo, que he todo de pedra, admiravelmente lavrado.*

Faria e Sousa, na *Europa Portugueza,* tom. 3.º, part. 3.ª, cap. 12.º, diz que este retabolo (que qualifica de *maravilhosa sumptuosidade)* he todo de alabastro, mandado fazer por el-Rei D. João III, por occasião do nascimento do Principe D. Manoel.

Jorge Cardoso, no *Agiologio,* nota ao dia 8 de Abril, diz que o bello retabolo do convento da Pena de Cintra, de religiosos de S. Jeronymo, em que se vêem *muitos baixos relevos de excellente fabrica,* fôra mandado fazer por el-Rei D. João III, *pelo insigne artifice Mestre Nicoláo Italiano.*

Pedro de Frias—Huma parte, com que foi acrescentado, pelos annos de 1510, o retabolo da capella-mór da igreja do Carmo de Lisboa, foi feita de madeira por Pedro de Frias, que nas memorias da ordem se qualifica de *grande marceneiro* daquelle tempo. He *feita de semblagem com columnas,* diz a *Chronica do Carmo,* tom. 1.º, pag. 580.

Pedro Taca—Era *entalhador,* e vivia pelos annos 1549 e 1561 em que o acho commemorado em documentos da Batalha, por onde parece que trabalharia em obras daquella caza (14).

Thomazia Luiza Angelica—Vej. acima o artigo *Maria Josefa,* aonde fazemos menção desta sua irmãa, e da admiravel prenda de que ambas erão dotadas.

GRAVADORES

Agostinho Suarez Floriano—Gravador. No *Regimento do Santo Officio da Inquisição,* impresso em Lisboa, nos Estáos, por Manoel da Sylva, anno de 1640, em folio, vem huma bella portada, aberta em metal, com a subscripção: *Agostinho Suarez Floriano fez.* No 1.º tom.

(14) *Obras Completas,* &c., tom. 1.º, pag. 290.

dos *Sermões* do Padre Francisco do Amaral, impresso em Braga por Gonçalo de Basto, vem a portada e titulo aberto em chapa de metal com a subscripção: *August. Suar. Florian fecit.*

André Veterano — Na obra intitulada: *Oxoniense Scriptum*, &c., impressa em Coimbra por Diogo Gomez Loureiro, anno 1609, em folha, vem no frontespicio huma estampa fina, e de algum merecimento, aberta em metal. A subscripção diz: *Andreas Veteranus fecit.*

Antonio Martins de Almeida — *Optimo Ensaiador de moeda* lhe chama o auctor da *Historia Genealogica*, tom. 4.º, pag. 421, e diz que como tal, e por sua grande pericia nesta arte fôra pedido de Hespanha. Faz delle menção Ponz, na sua *Viagem de Hespanha*, tom. 9.º, cart. 6.ª, num. 17, dizendo que fôra a Sevilha mandado pela côrte para regular as operações da fabrica da moeda, pelos annos 1730 e seguintes.

Antonio Pereira — Gravador. Na obra *Tyrocinium Theologiae*, impressa em Lisboa na officina Craesbeeckiana em 1668, vem no 1.º vol. huma estampa com a subscripção: *Antonius Pereira excudebat.*

Antonio Pinto — Gravador. Na obra intitulada: *Historia do apparecimento de Nossa Senhora da Luz*, impressa em Lisboa por Pedro Craesbeeck, em 1610, em 4.º, vem huma estampa de Nossa Senhora, com sua tarja, e ornamentos, aberta em chapa de metal com a subscripção: *Antonio Pinto Lusitano exculp.*

Antonio Quillard — Gravador. Foi este hum dos artistas, que no reinado de el-Rei D. João V, por ordem deste Soberano, e por occasião da fundação da Academia Real da Historia, forão chamados para Portugal, e aqui se estabelecêrão, e exercitárão as suas artes. Ha muitas estampas do buril de Antonio Quillard em diversas obras da Academia Real da Historia e dos seus socios. Vej. as *Ultimas acções do Duque de Cadaval*, impressas na offi-

cina da Musica, em 1730. Firmava as suas gravuras: *Ant. Quillart invenit et sculpsit;* outras vezes: *A. Quillard f.*

B. de Almeyda — Gravador. No *Theatro Historico, Geneal. e Panegyr.* da caza de Sousa, impresso em París em 1694, cujas excellentes estampas são de *Giffart,* gravador do Rei, vem a primeira do frontespicio com esta nota: *B. de Almeida incid. 1693 — P. Giffart fecit sculptor Regius. Parisiis;* aonde *B. de Almeida* parece indicar artista Portuguez, que porventura trabalhava em París debaixo da direcção de Giffart.

Bento Morganty — Celebre antiquario, e artista Portuguez. Achão-se na *Historia Genealogica* medalhas e moedas gravadas por elle com a subscripção: *B. Morganti delin.*

Bernardo Fernandes — Gravador. No poema *Elisabetha triumphans* de Fr. Jeronymo Vahia, Benedictino, impresso em Lisboa em 1732, em 12, se vê hum frontespicio aberto a buril, com o retrato do auctor, titulo da obra, e ornamentos, e no fundo a subscripção: *Bernardo Frz̃. Lisboa occid.*

Conjecturâmos que será do mesmo gravador a estampa do retrato de Manoel de Faria e Sousa, que vem na obra intitulada: *Retrato de Faria y Sousa,* impressa em Lisboa em 1733, a qual estampa he aberta a buril, e tem esta subscripção: *Bernardo F. Gayo comp. Escu. Lisb. occid.*

Bernardo dos Santos — Gravador. Na obra intitulada: *El Doctor eximio, y vener. P. Francisco Soares,* &c., impressa no Real Collegio das Artes, em Coimbra, anno 1731, vem a estampa do retrato do Padre Soares, assás grosseira, com a subscripção: *Bernardo dos Santos a fez. 1730.*

Brás Nunes — Gravador. Na *Ethiopia oriental* de Fr. João dos Santos, impressa no convento de S. Domingos, em Evora, anno 1609, por Manoel de Lira, em folha,

vem a portada do frontespicio, aberta em metal, com a subscripção: *Bras Nunes fecit.*

O *Itinerario da India* de Fr. Gaspar de S. Bernardino, impresso em Lisboa, na officina de Vicente Alvares, em 1611, em 4.º, tem o frontespicio e titulo aberto em metal com varios ornamentos, e ahi se vê tambem a subscripção: *bras nunes fecit.*

Caetano Alberto de Almeida—Em concurso, que se abrio na Caza da Moeda de Lisboa, gravou este concorrente huma medalha de Camões, de que possuo hum exemplar. Tem o anno 1821, e na face, e no exergo se lê: *Almeida F.*

Carlos de Rochefort (filho)—He hum dos gravadores, que trabalhárão em Portugal no reinado de el-Rei D. João V, filho de Pedro de Rochefort, de que falaremos no seu lugar. Ha gravuras deste artista na *Historia Universal* de Vallemont, traduzida em Portuguez, e impressa em 1737 com a subscripção: *Carlos de Rochefort, filho. 1738.* No 2.º tom. da mesma obra vem huma estampa da arte do Brazão, com a subscripção: *C. de Rochefort filius sculpsit.*

Carpinetti—Gravador. Deste artista faz menção Volkmar Machado na sua *Collecção de Memorias,* &c., a pag. 115, aonde diz que Carpinetti fôra discipulo de Antonio Joaquim Padrão, e aponta algumas obras suas. Na *Recreação Filosofica* do Padre Theodoro de Almeida, impressa em Lisboa por Miguel Rodrigues, anno 1757, vem no tom. 4.º algumas estampas com a firma *Carp. scul. Lisboa.*

A bella estampa que representa o Marquez de Pombal, com a letra. *Dignum laude virum Musa vetat mori,* aberta a buril, tem as subscripções: *Parodi vultum expressit; Carpinetti Lusitanus delineavit et esculp. 1759.*

Volkmar lhe dá o nome de *João Silverio Carpinetti.*

Clemente Billingue—Gravador. Nas *Emprezas*

de S. Bento, compostas por Fr. João dos Prazeres, Benedictino, e impressas em 1685, em folha, se vê a estampa do frontespicio com a nota: *Clemens Billing. f.* Outra obra intitulada, *Cordel triplicado*, &c., em 4.º, tambem tem estampas do mesmo gravador.

Em huma arte de musica, intitulada *Arte Minima*, impressa em 1685, vem huma estampa aberta em metal, e firmada: *Clemente Billing.*

F. S. Bruno — Gravador. Na obra intitulada *Estrangeiros no Lima*, impressa em Coimbra em 1785 e 1791, vem algumas estampas com a subscripção: *F. S. Bruno sc.; F. S. Bruno. gravou. Porto; Bruno fez, Porto.*

F. X. F. — Na *Historia Universal* de Vallemont, traduzida em Portuguez, achâmos no 3.º vol. impresso em 1745 algumas estampas de *medalhas* com a firma: *F. X. F. F.* As tres letras iniciaes do nome fizerão lembrar-nos o artista *Francisco Xavier Fabri*, Genovez de que faz menção Volkmar Machado a pag. 229; mas não parece que se ajustem bem as datas, nem mesmo a especial *Arte de Arquitecto*, que Volkmar attribue a Fabri.

Francisco Bartolozzi — Vej. a respeito deste illustre artista e grande mestre da bella arte da gravura a noticia que delle dá Volkmar a pag. 289.

Francisco Gomes — Gravador. Gravou em cobre a maior parte das estampas das *Emprezas de S. Bento*, compostas por Fr. João dos Prazeres, Benedictino, e impressas em 1685, em folio, cujas chapas existião ainda nos primeiros annos deste seculo XIX em hum mosteiro benedictino; aonde as vimos.

Francisco Harrewin — He hum dos gravadores estrangeiros, chamados para Portugal em tempo de el-Rei D. João V.

São frequentes as obras desse tempo, em que se vêem estampas, e vinhetas com a subscripção deste artista. O retrato de el-Rei D. João I, estampado nas suas *Memo-*

rias tem a firma: *Franc.*ˢ *Harrewyn delinearit, et sculpsit. 1730.* O frontespicio desta mesma obra tem a subscripção: *Franciscus Vieira Lusitanus invenit; Franc.*ˢ *Harrewyn Sculps Lisboa.*

Volkmar Machado explica-se a respeito deste artista nos seguintes termos: *Francisco Harrewyn, abridor Regio em Bruxellas, gravou os retratos dos Senhores D. João o IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, e D. João o V em corpos inteiros.*

Gabriel Francisco Luiz Debrie — Gravador. He outro artista dos que forão chamados para Portugal no reinado do Senhor D. João V, diz Volkmar a pag. 282, que era Francez, e que gravou *muitas pranchas para a Historia Genealogica,* e que em 1739 abrio os retratos de el-Rei e da Rainha pintados por Ranc. Na *Historia Genealogica,* nas *Memorias dos Templarios,* &c., achâmos estampas e vinhetas suas, dos annos 1732, 1735, 1737, 1754, &c. Como porém Volkmar diz que Gabriel Francisco tivera hum filho, nascido em Lisboa, e tambem gravador, nem sempre podemos discernir as estampas de hum das do outro; porque achâmos as subscripções ora com o nome inteiro, ora com só o appellido; v. g.:

G. F. L. Debrie invenit et sculps. 1737.

Debrie inv. et f. (1754.)

Debrie delineator et sculptor Regius. (1754.)

G. F. L. Debrie del. et sculps.

As estampas da *Geometria de Euclides* do Padre Manoel de Campos, são abertas por Debrie em 1735.

Gaspar Froes Machado — Volkmar a pag. 130 faz menção deste artista, dizendo que gravou as estampas do retrato da Rainha Senhora D. Maria I, pintado por Hickey, retratista Inglez, pelos annos de 1783. Foi Gaspar Froes discipulo de Joaquim Carneiro da Silva, segundo refere Volkmar a pag. 284. Vej. Volkmar a pag. 286.

Granpré (De) — Gravador. He ainda outro estran-

geiro, que trabalhou em Portugal no reinado de el-Rei D. João V. Na *Geografia Historica* vem estampas suas, abertas em Lisboa, nos annos de 1729 e 1734.

Gregorio Francisco de Queiroz — Gravador. Deve ler-se Volkmar Machado a pag. 293. Quando começámos estes apontamentos em 1825, era Queiroz tido por muitos como o melhor gravador que então havia no reino.

A obra mais antiga, que delle temos visto, he a estampa do retrato de D. Euzebio Luciano de Carvalho Gomes da Silva, que vem no *compendio* da vida deste virtuoso mancebo, fallecido em Goa de vinte e seis annos, eleito, e já confirmado em Roma Bispo de Nankim. A obra foi impressa em 1792, e a estampa tem as subscripções: *G. F. A. Queiroz fez; J. de Barros inv.* Esta segunda parece ser de *Jeronymo de Barros*, de quem Volkmar diz que Queiroz fôra discipulo no desenho, e gravura de agoa-forte.

A linda estampa da morte de S. Luiz Gonzaga he aberta por Queiroz, e tem estas notas:

D. A. de Siqueira A. R. inv. et del. 1799.

G. F. e Queiroz sculpt. em Londres, sendo disc. de F. Bartolozzi AR.

E no fundo:

Gregorio Francisco de Queiroz, Pensionario do Principe N. Senhor.

A estampa do *Ecce homo,* ou do *Senhor Santo-christo dos milagres,* que se venera na igreja das religiosas da Esperança da cidade de Ponta Delgada na ilha de S. Miguel, foi aberta por Queiroz, e tem a subscripção: *G. F. de Queiroz grav. de S. Mag. sculp. em 1827.*

O retrato do distincto artista Cyrillo Volkmar Machado, que vem á frente da sua *Collecção de Memorias,* &c., he gravado por Queiroz com grande perfeição, a meu parecer. Tem a subscripção: *Queiroz G. de S. Mag. Fidel.*

sculp. em 1823; no lado opposto se lê: *M. Servam Pintou em 1791.*

Tambem parece ser de Queiroz a estampa da imagem de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa, que tem a subscripção: *G. f. f. Lx.ª*

J. Custodio de Sá—Vimos huma estampa, de que não fizemos outra memoria, senão que tinha a subscripção: *J. Custodio de Sá inv. et delin. 1750.*

Na *Descripção funebre das Exequias de el-Rei D. João V,* impressa em 1750. em 4.º, vem vinhetas e estampas de varios abridores, e entre elles acho: *J. Custodius de Sa inv. et deliniav. 1750.*

Januario Antonio Xavier—Na *Historia Ecclesiastica Lusitana* de D. Thomaz da Encarnação, impressa em Coimbra em 1759, vem algumas vinhetas abertas em chapa de metal com a firma: *Januario Antonio Xavier a fez.*

Jeronymo Luiz—No poema *Successo do segundo cerco de Diu,* impresso em Lisboa em 1574 por Antonio Gonsalves, em 4.º, vem no frontespicio huma estampa aberta a buril, que não carece de elegancia, e tem a subscripção: *Jeroni. Luis me f.*

João Baptista—A *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrada, impressa em Lisboa por Matheus Pinheiro, em 1629, em 4.º, tem a portada do frontespicio aberta a buril, e na subscripção, que está (no exemplar que vimos) damnificada, bem se lê: ... *sta Lusitano fecit.*

Antes desta primeira folha vem o retrato do auctor, posto de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora da Luz, em acção de offerecer-lhe hum livro.

Esta estampa tem a subscripção: *João bautista fecit.* que he sem duvida o mesmo que gravou a portada.

João Cardini—Na collecção de *Retratos dos Grandes Homens da nação portugueza,* em folha, vem o retrato de *D. Affonso Henriques,* primeiro Rei de Portugal, com a subscripção: *João Cardini sculp. em Lisboa.*

João de Figueiredo—Vej. o que diz deste artista Volkmar a pag. 278.

Possuo hum *camafeo* com o retrato da Senhora D. Maria I, em prata, que parece ser de Figueiredo.

Tenho tambem huma peça de porçolana de Bartolomeu da Costa, em que se vê aberta a maquina que suspendeo a Estatua Equestre de el-Rei D. José I, e nella se lê a subscripção: *Lisboa. Gravada no Arsenal Real do Exercito por João de Figueiredo.*

Forão discipulos de Figueiredo Nicoláo José Corrêa, natural de Lisboa, que estudou na aula da Fundição, donde sahio para a officina do *Arco do Cego,* e della para a Imprensa Regia, aonde falleceo em 11 de Dezembro de 1814. E Manoel Luiz Rodrigues Vianna, tambem Lisbonense, que ainda trabalha na mesma imprensa.

João Gomes—Na obra *Vida e martyrio de Santa Quiteria*, impressa em Coimbra em 1651, em 4.°, vem no principio huma pequena estampa da Santa degolada, de inferior merecimento, com a firma: *João Gomes.*

João Gomes Baptista—Abridor de cunhos. Volkmar, pag. 288.

João Gonsalves—Foi natural de Guimarães; lavrava moeda com raro primor no anno de 1562, reinando el-Rei D. Sebastião; e era dotado de tão extraordinaria habilidade, que não tendo cultivado as letras, inventou maquinas e artefactos que poserão em admiração os homens mais doutos. Chamavão-lhe por antonomasia *o engenhoso.* Vej. o *Elucidario* de Viterbo na palavra «*Engenhoso*».

João Matheus—Na *Vida de Santa Rita,* impressa em Lisboa occidental, em 1735, em 4.°, vem huma estampa, e nella a subscripção: *J.s matheo sculp.* Ahi mesmo a estampa do Santo Christo de Lucca, tem a firma: *J.s matheo sculp.*

João Schorkens — Foi natural de Flandres, e parece que trabalhou em Castella. Na *Vida do Veneravel Arcebispo de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Martyres*, impressa em Vianna em 1619, em folha, vem o retrato do Arcebispo, aberto a buril, com a nota do abridor: *Joan. Schorkens fecit.* He provavel que seja da mesma mão a portada do frontespicio.

Acho em memoria que gravára o desembarque de D. Filippe II na praia de Lisboa, desenhado por Domingos Vieira Serrão.

Joaquim Carneiro da Silva — Cyrillo Volkmar Machado, a quem tantas vezes temos citado, dá ampla noticia deste celebre artista (que viveo até os nossos tempos), dos seus estudos, dos seus trabalhos nas artes, e do seu distincto merecimento. Vej. as *Memorias dos Pintores, Esculptores, &c., Portuguezes*, a pag. 281.

No *Breviario Romano*, impresso em Lisboa em 1815 na Typografia Regia, em 8.º, vem algumas estampas com a firma: *Silva f.*, ou *Silva del.*

José Lucio da Costa, vulgo *o Coxinho* — Vej. Volkmar a pag. 292.

No *Tratado de Artilharia*, traduzido pelo Marechal de Campo Antonio Teixeira Rebello, e impresso em Lisboa em 1792, em 2 vol. de 4.º, vem muitas estampas, abertas por este artista, com a firma: *Lucius sculpsit. Lisboa. 1792* = ou *Lucius sculpsit. olisip. 1792.*

São deste artista todas as estampas numeradas de I até XXIII, na *Descripção Analytica da Estatua Equestre*, impressa em Lisboa em 1810.

José Teixeira Barreto — Vej. Volkmar, pag. 298.

Havia nos mosteiros de Tibães e Santo Tirso muitos quadros pintados por este artista antes de hir para Roma, e depois que de lá veio. Tinha caracter mui ameno, e huma grande viveza de engenho.

Eu possuo algumas das suas estampas, e hum quadro

a oleo que representa a *Resurreição de Lazaro*, de que elle me fez presente.

Por sua morte testou de grande numero de quadros da sua collecção a favor do mosteiro de Tibães, e com elles se deo principio ao *Museo* instituido naquella caza benedictina, para onde eu tambem concorri com todas as *medalhas*, que tinha podido ajuntar, e assisti á fundação e collocação das pinturas, &c.

Josefa de Ayalla — Esta illustre pintora, conhecida entre nós pelo nome de *Josefa de Obidos*, por ser natural desta villa, parece que tambem exercitou a gravura; por quanto na edição dos *Estatutos da Universidade de Coimbra*, de 1654, em folha, achâmos huma estampa aberta em metal, e nella a firma: *Josepha Ayalla, Obidos. 1653.*

Lucas Vorstermans — Era natural de Anvers. Pintor e gravador. Rubens lhe aconselhou dar-se ao buril, e elle tratou de tal modo as suas pinturas e gravuras, que adquirio reputação, e celebridade em ambas as artes. As suas estampas são mui procuradas, e até concorreo para fazer conhecido mais extensamente o merito de Rubens. Tambem gravou obras de Vandyck. Usava da marca V. (*Diccionario de Arquitectura*, &c., por C. F. Roland le Virloys. París, 1770, 3 vol. em 4.º)

Na 1.ª part. da *Chronica da Companhia de Jesus* do Padre Balthazar Telles, vem a estampa do frontespicio com a subscripção: *Lucas Vorstermans, inventor, et sculp. Vlyssipone, ex typograph. Pauli Craesbeck. an. 1645.*

Em outra obra intitulada *Harmonia scripturae Divinae, ... Vlyssipone, ex officina Laurentii de Anveres, an. 1646*, vem no frontespicio huma estampa a buril, e no fundo a nota: *Lucas Vorstermans inventor et sculp. Anno 1646.*

Luiz Simoneau — Foi hum dos estrangeiros, que vierão para Portugal no tempo de el-Rei D. João V.

Nos escriptos dos membros da Real Academia da His-

toria se achão frequentes estampas e vinhetas deste artista. Vej. a *Geografia Historica*, impressa em 1784, as *Antiguidades de Braga*, em 1738, a *Vida do Padre Vieira* por André de Barros, em 1746, &c.

A familia *Simoneau* era de Orleans, e della achâmos noticia de *Carlos Simoneau*, gravador, nascido em Orleans em 1639, e fallecido em 1728, e de *Luiz Simoneau*, irmão de Carlos, e *mui habil na mesma arte*. Este póde ser o mesmo de que aqui falâmos.

Manoel Corrêa—Depois da canonisação de Santa Mafalda, se publicou huma estampa do seu tumulo no mosteiro de religiosas Cistercienses de Arouca, aonde se lê esta inscripção:

SANTA MAFALDA, RAINHA DE CASTELLA, RELIGIOSA CISTERCIENSE, REFORMADORA DO MOSTEIRO DE AROUCA, E DECLARADA SANTA PELO S. P. PIO VI NA SUA BULLA, DATADA EM 27 DE JULHO DE 1792, CUJO CORPO SE VENERA NO MESMO MOSTEIRO, OBRANDO MUITOS MILAGRES.

Na extremidade da estampa tem a firma: *Manoel Corrêa f.*

Manoel Rodrigues da Silva—O auctor da *Historia Genealogica*, no tom. 4.°, pag. 421, o qualifica de *excellente artifice, inventor da cerrilha da moeda em Portugal.*

Miguel le Bouteux—Arquitecto e gravador. Foi outro estrangeiro dos que vierão a Portugal no reinado de el-Rei D. João V, e ahi concorrêrão para o restabelecimento do gosto das bellas-artes.

Nas *Memorias de Malta*, impressas naquelle tempo, se acha o mappa da ilha, gravado por este artista com a subscripção: *Michael le Bouteux, Architectus Regis sculpsit. 1736.*

Em 1752 abrio a fachada de Mafra em huma estampa de quatro palmos.

M. Freyre—Na *Historia Panegyrica* de Diniz de

Mello e Castro, primeiro Conde das Galveas, impressa em Lisboa em 1721, em folha, vem a estampa do retrato de Diniz de Mello com a firma: *M. Freyre a fez.*

O. Cor—Achâmos muitas estampas e vinhetas, gravadas por este artista, no tempo de el-Rei D. João V, e julgâmos ser hum dos estrangeiros, que nesse reinado forão chamados a Portugal.

O *Codex Titulorum Sanctae Ecclesiae Lisbonensis Patriarchalis,* impresso em 1746, traz huma estampa, em que se lê a firma: *O. Cor. sculp. 1745.*

Na *Vida do Padre Vieira,* impressa em 1746, em folha, vem algumas vinhetas com a subscripção: *O. Cor.*

Pedro Antonio Quillard—Este artista foi hum dos que vierão para Portugal no reinado de el-Rei D. João V.

Nasceo em París; e quando era de onze annos de idade, desenhava tão perfeitamente, que o Cardeal de Fleury apresentou algumas obras suas ao Rei Luiz XV, de quem obteve huma pensão de 200 libras.

Hum medico Suisso chamado *Merveilleux,* que tinha projectado escrever a *Historia Natural de Portugal,* e que para isso veio a este reino, moveo Quillard a passar com elle a Lisboa com o fim de desenhar as arvores, plantas, e outros objectos da Historia Natural.

Chegado a Lisboa, e apresentando a el-Rei hum quadro da sua mão, ficou el-Rei tão agradado delle, que o nomeou desenhador e pintor da sua Academia da Historia com huma pensão mensal. Pintou os tectos do quarto da Rainha, e muitos quadros para a galeria do Duque de Cadaval, pelos quaes parecia seguir a maneira de Wateau, e acaso ter sido seu discipulo.

Pedro Perret—Gravador. Este artista gravou em bronze o elogio do insigne dominicano Fr. Luiz de Sotto Maior, que fez ajuntar ao seu retrato Manoel de Sousa Coutinho no anno de 1602, e de que faz menção na *Vida do Arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Martyres,* liv. 2.º,

cap. 18.º Ahi se denomina o artista «*Esculptor de el-Rei*».

Pedro de Rochefort—Vej. o artigo *Carlos de Rochefort*, que foi filho de Pedro, e gravador como elle.

A estampa do frontespicio da *Historia da Academia Real da Historia Portugueza* tem a subscripção: *Debuxada, e aberta por Pedro de Rochefort. Lisboa Occidental. 1728.* As *Memorias Ecclesiasticas de Braga*, impressas em 1732, tem na estampa do frontespicio: *Francisco Vieira invenit. Pedro de Rochefort fecit. Lisboa.*

A estampa do frontespicio da *Historia Genealogica*, impressa em 1735, tem a nota: *Acabado ao buril por P. de Rochefort.*

Nas *Memorias dos Templarios* vem outra estampa com a firma: *Aberto por Pedro de Rochefort. Lisboa. 1732.*

Algumas vezes se lê simplesmente: *De Rochefort*, ou *Retocado por de Rochefort*, podendo entender-se de *Pedro*, ou de *Carlos* seu filho.

O auctor da obra intitulada *Prendas da Adolescencia*, impressa em 1749, tratando da arte de miniaturar, a pag. 134, diz assim: *E Luiz Roupertt, Bouchardon, Jussiepe Abraham ... e Mariette com Rochefort Lusitano nos ensinão nas suas obras a pennejar, não só todas as roupas, mas ainda parte dos rostos, pés, mãos, ou carnes*, &c., por onde se póde conjecturar que algum dos de *Rochefort* escreveo sobre a miniatura ou pintura, postoque nenhuma outra noticia temos encontrado a este respeito.

Rousseau—Veio para Portugal no tempo de el-Rei D. João V, e cá exercitou a nobre arte da gravura.

Nas *Memorias de Malta*, impressas em 1734, vem gravuras, firmadas: *Rousseau sculpsit.*

Na *Historia do Senhor de Mathozinhos* se vê huma estampa com a firma: *Rousseau sculpsit. Lisboa. 1736.*

Theodoro Antonio de Lima—Natural de Lisboa,

discipulo de João de Figueiredo, acima mencionado, e depois discipulo tambem do famoso Bartolozzi, substituto da aula do desenho no Real Collegio de Nobres.

No *Breviario Romano*, impresso na Typografia Regia em 1815, em 8.º, ha estampas com a firma: *Theodoro de Lima gr.º*

A estampa do frontespicio do *Missal Romano*, impresso na mesma Typografia em 1820, tem a firma: *F. A. de Lima gravou.*

Gravadores de cunhos e medalhas da Caza da Moeda de Lisboa

Extrahido das Memorias manuscriptas do Sr. Luiz de Gonzaga Pereira, abridor da mesma caza

Amaro Marques—Natural de Lisboa, nasceo em 15 de Janeiro de 1730. Foi perito na sua arte, mas mais feliz em copiar do que em inventar. Fez as medalhas do Santissimo Coração de Jesus, e todos os cunhos que lhe forão distribuidos na Caza da Moeda, sendo comtudo coadjuvado em algumas destas obras pelo excellente artista Figueiredo. Falleceo em 2 de Agosto de 1776, e jaz na igreja de S. Paulo desta cidade.

Antonio Mangin—Francez. Nascido em 1690. Estudou a gravura em Paris, e vindo para Lisboa no anno de 1720, foi nomeado Abridor Geral da Caza da Moeda por Decreto de el-Rei D. João V. Fez os punções da moeda sobre os desenhos do insigne Vieira Lusitano, e foi encarregado de muitas medalhas, como, por exemplo, as da fundação de Mafra, da Academia Real da Historia, de Nossa Senhora da Conceição, da Memoria de Belem, &c. São do seu buril todos os retratos da moeda dos Senhores D. João V e D. José I, e da sua escola sahírão excellentes discipulos. Foi Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e tratou-se sempre com muita dignidade. Falleceo em Outubro de 1772, e jaz na igreja paroquial de S. Paulo.

Caetano Alberto Nunes de Almeida — Nasceo em Lisboa a 7 de Agosto de 1795, e foi baptizado na paroquia de Santa Justa. Seu pai se chamava João Nunes de Almeida. Em 18 de Janeiro de 1812 foi matriculado na Academia de Desenho Historico, e nella foi premiado em concurso. Em 1813 matriculou-se praticante de gravura de pedras preciosas na Caza da Moeda, aonde foi encarregado da gravura dos cunhos, e logo nomeado ajudante do distincto abridor José Antonio do Valle. Entrou em alguns concursos, em que talvez se lhe não fez a justiça que merecia. No anno de 1830 foi nomeado terceiro abridor de cunhos e medalhas, mas pouco tempo exercitou este cargo. Hoje trabalha para o publico.

Cypriano da Silva Moreira — Natural de Lisboa, filho de Crispim da Silva, nasceo em 1754, e logo desde tenra idade mostrou particular inclinação e genio para o desenho. Estudou esta nobre e bella arte no Arsenal Real do Exercito, aonde deo brilhantes provas de seu engenho em muitas obras, que forão encarregadas a seu mestre João de Figueiredo, e que este confiava da singular pericia do seu habil discipulo. He producção do seu talento a medalha allegorica do Porto com a effigie de el-Rei o Senhor D. João VI, desenho original do excellente artista Joaquim Carneiro da Silva. Mas a obra que mais honra o seu talento, e em que mais coadjuvou seu mestre, he a bella medalha da Estatua Equestre de el-Rei D. José I, de meio palmo de diametro, aonde se vê todo o primor do buril deste digno artista. Foi encarregado de abrir os sellos do papel, e os do papel moeda, e trabalhou em 1814 nos cunhos para a baixella que o governo Portuguez offereceo a Lord Wellington, mostrando nestas e em muitas outras obras suas, e até nos mais pequenos esboços, a sua grande pericia, e esmerada perfeição. Em 1816 obteve o lugar de abridor extraordinario da Caza da Moeda, e tendo desempenhado este cargo por alguns annos, falleceo em

Setembro de 1826, e foi sepultado no cemiterio da Irmandade do Santissimo Sacramento da paroquia de S. Paulo desta cidade de Lisboa.

Domingos José da Silva — He irmão do benemerito gravador Simão Francisco dos Santos, de quem recebeo as primeiras luzes da arte. Matriculou-se na Academia do desenho, aonde fez progressos, e mereceo alguns dos maiores premios. Frequentou tambem a Escola de gravura do Arco do Cego, debaixo do magisterio e direcção de Joaquim Carneiro da Silva. No anno de 1804 vindo para Lisboa o insigne gravador Florentino Francisco Bartolozzi, foi hum de seus primeiros e mais aproveitados discipulos. Existem muitas obras que dão testemunho do genio raro, que tinha para a bella arte da gravura, sendo huma das melhores (a juizo dos intelligentes) a estampa do Senhor Jesus da Boa Sentença. Em 1830 obteve o nosso artista o lugar de abridor extraordinario da Caza da Moeda, com a condição de ensinar as suas prendas artisticas. Finalmente deixou a Caza da Moeda para continuar no exercicio da gravura de chapa, e em testemunho e premio de seus distinctos merecimentos e serviços, foi em 1836 nomeado Professor de gravura na Academia das Bellas Artes de Lisboa, aonde continúa no exercicio do magisterio com dignidade.

Francisco de Borja Freire — He natural de Lisboa, nascido em 1790, filho de João Luiz Freire. Sendo de idade de nove para dez annos, começou a sua carreira artistica no Arsenal Real do Exercito, tendo por mestres os Figueiredos, pai, e filho. Em 1814 foi despachado praticante de abridor da Caza da Moeda. Trabalhou na magnifica baixella, que o governo offereceo a Lord Wellington, debaixo da direcção do distincto artista Sequeira. Na Caza da Moeda coadjuvou, na gravura dos cunhos, a seu tio Cypriano da Silva Moreira, e por fallecimento deste ficou suprindo o seu lugar, até que procedendo-se a concurso

para o provimento da propriedade, obteve plena approvação em 1828. Pouco depois, em 1830, foi nomeado segundo abridor da Caza da Moeda, e alcançou por seus talentos e serviços a condecoração da Ordem de Christo, e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa. Em 1836 foi mandado á côrte de Londres para melhor se aperfeiçoar na gravura, e ahi fez excellentes cunhos de retratos gravados em fundo, e todos os punções de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria II. Actualmente continúa no estudo de cunhos de medalhas na Caza da Moeda desta capital.

Francisco Xavier de Figueiredo—Nasceo em Lisboa em 4 de Outubro de 1754. Foi seu pai e seu primeiro mestre o insigne gravador João de Figueiredo, de quem fizemos menção em lugar proprio. Em 1779 foi chamado pelo Provedor da Caza da Moeda para coadjuvar o abridor Amaro Marques no desempenho das medalhas da fundação da igreja do Coração de Jesus, aonde deo provas de seu distincto talento. Em 1780 offereceo á Caza da Moeda o punção de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria I, que foi empregado nas peças de ouro, e lhe grangeou o lugar de abridor do numero por Decreto da mesma Augusta Senhora. Em 1802 fez tambem o punção para as peças de el-Rei D. João VI. Servio sempre com grande desempenho e esmero, e acabou seus dias ferido de apoplexia em 27 de Outubro de 1818. Jaz sepultado na paroquia de S. Paulo de Lisboa.

José Antonio do Valle—Nasceo em Lisboa a 15 de Outubro de 1765. Logo de pequena idade deo principio aos estudos artisticos na Real Caza Pia do castello de S. Jorge, donde foi mandado para Roma em 1788, e ahi entregue ao magisterio de Mr. Picler na arte da gravura. Recolhendo-se a Lisboa, e não podendo obter lugar na Caza da Moeda por lhe faltarem os principios especiaes desta arte, partio para Londres, aonde a estudou e fre-

quentou com tanto aproveitamento, que voltando á patria, lhe foi logo dado o cargo e titulo de *abridor extraordinario,* de que tomou posse em 1822. Em 1830 foi nomeado abridor geral, impondo-se-lhe a obrigação de ensinar a gravura de pedras, em que era mui distincto. Em 1833 foi reintegrado neste lugar, de que havia sido iniquamente esbulhado, e em 1836 foi despachado Professor de gravura de cunhos e medalhas na Academia das Bellas Artes estabelecida e organisada em Lisboa por Decreto de 25 de Outubro do mesmo anno. Falleceo no anno passado de 1840, e mereceo sempre a estimação das pessoas que o conhecião, não só pelos seus talentos e pericia na arte, mas tambem pela pureza e suavidade de seus costumes e trato civil.

José Gaspart—Natural de Flandres, nasceo em 20 de Março de 1732. Estudou o desenho na sua patria, e a gravura de cunhos e medalhas em diversos paizes que visitou. Estando em Veneza, foi convidado pelo Embaixador Portuguez para vir ensinar a arte da gravura de pedras, e aceitando o convite, foi nomeado para esse magisterio por Decreto de el-Rei D. José I de 11 de Setembro de 1773. Teve por discipulos na gravura de pedras a Simão Francisco dos Santos, e Antonio Nunes de Sousa, e na de cunhos a Manoel de Abreu Perada, e Joaquim Antonio Narciso. Foi muito bom maquinista, e muito engenhoso; fazia pianos e outros instrumentos musicos, e gravou para o Paço e para o publico grande numero de pedras. Fez tambem as medalhas da Fabrica das Sedas, e em 1779 as do Real Convento do Coração de Jesus; finalmente gravou muitos sêllos para differentes tribunaes e individuos particulares. Foi condecorado com o titulo de *Abridor geral da Rainha,* e acabou seus dias cheio de annos, e de credito, aos 15 de Março de 1812. Jaz na igreja paroquial de Santa Isabel.

Luiz Gonzaga Pereira—Nasceo em Lisboa em 21

de Junho de 1796, no sitio do Cardal da Graça, e foi filho de Joaquim Maria Pereira e de Maria Barbara de Bulhões. Em 1811 foi admittido á Academia do desenho, sendo premiado em concurso. Em 1813 matriculou-se com o seu collega Almeida na Escola de gravura de pedras e cunhos da Caza da Moeda, debaixo da direcção de Simão Francisco dos Santos. Em 1822 foi nomeado ajudante de José Antonio do Valle, e em 1833 obteve o despacho de terceiro abridor de cunhos da Caza da Moeda, aonde, em 21 de Junho de 1839, concluio e assignou a informação, que aqui temos compendiado, dos abridores, e gravadores de cunhos e medalhas da Caza da Moeda de Lisboa.

Paulo Aureliano Mangin—Filho de Antonio Mangin, acima nomeado, nasceo em Lisboa a 7 de Janeiro de 1730. Aprendeo o desenho e gravura com seu pai, e obteve o lugar de terceiro abridor da Caza da Moeda, trabalhando nos cunhos que então se fabricavão. Coadjuvou seu pai nas medalhas de el-Rei D. José I, abrindo-lhe os reversos. Fez gravuras para o publico, e em 1777 fez o punção da moeda da Senhora D. Maria I, e de seu Augusto Esposo el-Rei D. Pedro III. Falleceo em 5 de Outubro de 1790, e jaz na igreja paroquial de S. Paulo.

Simão Francisco dos Santos—Nasceo em Lisboa a 28 de Outubro de 1758, e foi filho de Manoel Francisco e de Maria Micaella. Recebeo da natureza especial genio para a arte, e foi mui distincto na gravura de pedras preciosas, e de cunhos e medalhas. Foi admittido na aula de desenho de João Grossi (no sitio do Rato) por Decreto de Dezembro de 1773, passando depois a trabalhar debaixo da direcção do abridor Flamengo José Gaspart, aonde adquirio grandes aproveitamentos no estudo da arte. Desempenhou muitas e insignes obras para o publico: gravou os punções da moeda do Senhor D. João VI, e o de seu Augusto filho o Senhor D. Pedro IV. Foi finalmente hum dos melhores entre os artistas seus contem-

poraneos, e notavel por sua probidade religiosa e civil. Deixou bons discipulos, e entre elles a Caetano Alberto Nunes de Almeida, e Luiz Gonzaga Pereira, de que já falámos. Falleceo em 12 de Janeiro de 1830, e foi sepultado no cemiterio da Irmandade do Santissimo da freguezia de S. Paulo, a quem era singularmente devoto.

CONSTRUCTORES DE NAVIOS

Antonio Joaquim de Oliveira—Foi primeiro Engenheiro constructor com a patente de Capitão de Fragata da Armada, excellente pratico, e bom theorico. Teve a estimação dos Almirantes Inglezes Jervis, e Berkeley, que reconhecião os seus talentos, e os sabião apreciar. Fez-se notavel pelas suas construcções, e particularmente pela da náo *Principe Regente*, e pelo concerto da náo *S. Sebastião*, á qual metteo quilha e cavernas sobre o mar. Construio a fragata *Princeza do Brazil*, a corveta *Felicidade*, e huma canhoneira com peça de rodizio á popa. Construio tambem a náo *D. João VI*, lançada ao mar em 1815, a qual, apesar de se resentir do systema de construcção que elle tinha adoptado, de dar muito *amassamento* á náo e navios, he comtudo hum excellente vaso, hoje mais notavel por ser a unica náo, que possue a marinha Portugueza, que ha trinta annos ainda contava doze navios de linha em estado de navegar. Falleceo este digno constructor pelos annos de 1816. (Nota dada em 1839.)

Antonio Lopes Ferreira—Segundo Tenente da Armada. Foi discipulo e ajudante de Antonio Joaquim de Oliveira, de quem acabámos de falar.

Antonio da Silva—Contemporaneo de Manoel Vicente, de quem logo daremos noticia. Foi servir nos estados do Brazil, e construio na Bahia a náo *Martim de Freitas* em 1761, e no Rio de Janeiro a náo *S. Sebastião* em 1767, ambas excellentes.

Bento Francisco — D. Francisco Manoel na *Epanaphora Bellica IV,* em que descreve o *conflicto do canal,* acontecido no anno de 1639, fala do galeão Portuguez *Santa Tereza,* capitana da nossa esquadra, que entrou no mesmo conflicto, e explica-se pelas seguintes palavras:

«Na retaguarda deste navegava a *Tereza,* que fôra para capitana deste reyno, fabricada por *Bento Francisco, homem notavel entre os nossos, cujo nome he bem que ande em memoria, pelos poderosos, e excellentes navios, que fez nesta idade:* pois assim como o pai natural de filhos nobres e grandes he digno da veneração da posteridade, não menos o deve ser aquelle, que artificialmente gerou obras, não só illustres por sua magestade, mas utilissimas por sua fortaleza á republica; em a qual virtude *não sabemos outro, que até o presente mayor lembrança haja merecido.*»

Póde ver-se na mesma *Epanaphora* o que diz o illustre escriptor sobre a fortaleza deste galeão, fabricado de *madeiras da provincia do Minho,* sobre o que, escrevendo o General D. Lopo a el-Rei D. Filippe IV, lhe dizia: «*Erão dignos de ser guardados, como o proprio serro do Potossi aquelles montes de Portugal, onde taes madeiras se criavão*».

Francisco José Martinho — Segundo Tenente da Armada, e Segundo Constructor do Arsenal de Lisboa: tem dado riscos para varios navios de guerra, e para alguns mercantes.

Francisco dos Santos — Na *Memoria a bem da restauração da Marinha em Portugal* ... por José Maria Dantas Pereira, impressa em Lisboa, na Typografia Regia em 1826, em hum folheto de 4.º, se diz que *Francisco dos Santos,* natural de Lisboa, escreveo hum Tratado intitulado: *De re nautica,* em que trata *da fabrica dos navios.*

João Gallego — Foi constructor do celebre galeão

S. João, conhecido pelo nome de *Bota-fogo,* e nomeado na nossa historia. Este notavel vaso de guerra foi começado a construir ás *Portas do mar,* em Lisboa, a 29 de Agosto de 1533, e trabalhando nelle diariamente trinta operarios, foi lançado ao mar a 24 de Junho do anno seguinte de 1534. Foi pedido expressamente pelo Imperador Carlos V, e mandado no soccorro que el-Rei de Portugal lhe deo para a empreza de Tunez em 1535. (*Annaes da Marinha Portugueza*, pag. 410.)

João de Miona — Constructor de huma náo para el-Rei D. Affonso III, como consta da doação que este Soberano, por esse motivo, lhe fez no anno de 1260. (*Annaes da Marinha Portugueza,* pag. 17, aonde cita a *Monarquia Lusitana,* tom. 5.º, liv. 16.º, cap. 12.º)

João de Sousa Palher — Foi Capitão de Fragata da Armada, e Primeiro Constructor do Arsenal Real da Marinha, habil theorico, e bom desenhador.

Sendo Ministro d'Estado da Marinha Martinho de Mello e Castro, construio a náo *Vasco da Gama,* e as fragatas *D. João Principe,* e *S. Rafael.*

No Ministerio do Visconde de Anadia, construio a fragata *Andorinha,* e duas barcas, huma canhoneira, e outra de fazer agoada.

Finalmente sendo Ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho (depois Conde de Linhares). e criando-se o corpo de *Engenheiros Constructores,* foi nomeado Chefe deste corpo com a patente de Capitão Tenente da Armada, e fundou a Aula de *Construcção e Arquitectura Naval* na reforma de 1796, sendo Lente della por muitos annos.

Falleceo em 1814.

José dos Santos — Foi Primeiro Constructor no Rio de Janeiro, e lá falleceo em 1838.

Julião Pereira de Sá — Aprendeo na escola pratica de Manoel Vicente, e pela sua consumada experiencia foi hum dos mais peritos, e insignes mestres do Arsenal,

de quem se confiava a direcção dos trabalhos mais difficeis. Coadjuvou a Torquato José Clavina (de quem depois falaremos) em todas as suas construcções. Teve o especial encargo de reconstruir as seis náos, que successivamente entrárão no dique, e que todas serião condemnadas, se não existisse aquella excellente peça, digna concepção do illustrado Ministro Martinho de Mello e Castro, e que por hum máo fado se deixou arruinar de todo nos nossos dias. As náos sofrêrão no seu fabrico alterações essenciaes, a ponto de se fazer huma dellas de tres baterias, sendo d'antes de duas sómente.

Quando se criou o corpo de Engenheiros Constructores, foi nomeado Segundo Constructor com a patente de Segundo Tenente da Armada, passando depois até o posto de Capitão Tenente. Falleceo em 1821.

Manoel da Costa — Discipulo de Torquato José Clavina. Servio no Arsenal de Lisboa, donde foi despachado Constructor para a Bahia nos estados do Brazil. Ahi construio alguns navios, e entre elles a náo *Principe do Brazil*, lançada ao mar em 1800. Conservou-se naquelles estados até á época da sua independencia. Tambem pertenceo ao corpo dos Engenheiros Constructores, e teve patente de Capitão Tenente graduado da Armada.

Manoel Fernandes — Existe na Real Bibliotheca da Ajuda hum volume em grande folha com o titulo: *Livro de traças de carpintaria com todos os modelos e medidas para se fazer toda a navegação, assy d'alto bordo, como de remo, traçado por Manoel Fernandes official do mesmo officio. Na era de 1616* (manuscripto). Consta de cento trinta e sete folhas, fóra seis em branco no fim, e duas no principio, n'huma das quaes vem o indice, e n'outra o retrato do auctor. Tem muitas estampas illuminadas, humas que representão as náos daquelle tempo promptas a navegar, outras que mostrão a fórma dos bergantins, outras differentes peças das construcções, &c.

Manoel Luiz dos Santos—(Vive neste anno de 1839.) He natural de Lisboa, Capitão Tenente da Armada, e o mais habil e distincto Constructor, que hoje tem a marinha Portugueza.

Viajou nos paizes estrangeiros com o fim de adquirir novos conhecimentos na sua arte, e especialmente na arquitectura naval, segundo o systema adoptado pelas principaes potencias maritimas, para o que trabalhou por espaço de dous annos nos Arsenaes de Inglaterra debaixo da direcção dos melhores mestres, trazendo depois para Portugal preciosas instrucções e methodos, que cá infelizmente se não tem querido aproveitar, sacrificando-se o distincto merecimento a interesses pessoaes, e a mesquinhas considerações.

Servio este habil Constructor por tempo de dezeseis annos no Arsenal de Pernambuco, aonde construio o cuter *Fernandes Vieira,* que montava huma peça de rodizio de calibre 24, e dezeseis morteiros de borda. Construio mais as escunas *Infanta D. Maria Francisca,* e *Princeza D. Maria da Gloria,* que igualmente montavão huma peça do mesmo calibre, e fez muitos navios para a praça.

Voltou a Portugal em 1823. Passou a Inglaterra, donde regressou em 1826, e então foi empregado em varios serviços até 1833, em que foi nomeado Primeiro Constructor do Arsenal de Lisboa.

No anno de 1831 construio na cidade do Porto a *Real Escuna,* e huma barcaça de querenar: e em Lisboa concluio a corveta *Oito de Junho,* primeiro navio Portuguez que se construio de *popa militar,* e que foi lançado ao mar sobre hum berço de novo invento do auctor, o qual evita os *pródigos* geralmente adoptados.

Concertou a náo *Rainha* depois de ter sido dada por incapaz, e habilitou-a a sahir ao mar com segurança, e a entrar em linha de batalha. Fabricou posteriormente todos os navios da esquadra libertadora em 1834 e 1835: e neste

ultimo anno executou, por ordem da Camara Municipal de Lisboa, hum plano muito engenhoso para a formação de huma estrada desde Santa Apolonia até o caes de Belem, formando em alguns logares entre ella e a cidade bacias, ou dócas para uso do commercio.

Tomou por sua conta fabricar doze escunas para a Companhia das Pescarias, e no espaço de hum anno as construio.

Desenhou em 1829 e mandou lithografar em 1830 huma *Vinheta allegorica aos novos inventos e melhoramentos na sciencia naval militar*, &c., e tem publicado algumas outras estampas com modelos e desenhos todos relativos ao melhoramento da construcção, segundo os methodos praticados hoje nas nações mais adiantadas, especialmente em Inglaterra.

Em 1825 obteve em Inglaterra patente de novo invento pela invenção de huma maquina, a que deo o nome de *Polypasto de Santos,* cujas vantagens forão observadas e reconhecidas. (*Gazeta de Lisboa*, num. 212, de 8 de Setembro de 1830.)

Manoel Vicente — Este habil Constructor foi o que nos tempos modernos estabeleceo a Escola pratica de Construcção no Arsenal Real da Marinha de Lisboa, donde depois sahírão excellentes mestres, e peritos constructores. E postoque não tinha grandes conhecimentos theoricos, era comtudo dotado de rara habilidade, com a qual lhe foi facil comprehender o mais difficil da arte.

Foi tambem o primeiro que ensinou a traçar na sala do *Risco* os differentes planos de construcção, e a tirar as competentes fôrmas, o que até então se fazia, como em segredo, pelo Constructor Inglez que dirigia o Arsenal.

Construio differentes embarcações, e entre ellas as náos *Conde D. Henrique, D. João de Castro, Princeza da Beira, Affonso de Albuquerque,* e *Principe Real,* todas excellentes. A ultima, *Principe Real,* foi lançada ao mar

em 1768, e passou por huma das melhores náos, que naquelle tempo havia na Europa. Hoje se faz digna da lembrança da Historia, porque nella se transportou ao Brazil em 1807 o Senhor D. João VI, então Principe Regente, com sua Augusta mãi a Rainha Senhora D. Maria I, e com seu filho o Senhor D. Pedro de Alcantara, então Principe da Beira, e depois nosso Rei, e sempre saudoso Libertador.

El-Rei D. José I, conhecendo o grande merecimento de Manoel Vicente, o nomeou Primeiro Constructor, e lhe conferio as honras do posto de Capitão Tenente da Armada, dando-lhe o ordenado de 4$800 réis por dia, que d'antes sómente se dava aos Constructores estrangeiros que vinhão servir em Portugal.

Torquato José Clavina — Foi discipulo de Manoel Vicente, e succedeo-lhe no lugar de Primeiro Constructor. Era mais pratico do que theorico; mas tinha singular gosto, e rara aptidão para as obras de arquitectura naval. Construio varios navios de differentes portes, a saber:

No Ministerio do Marquez de Angeja, a náo *Meduza*, em 1780, as fragatas *Tritão, Golfinho, Cisne,* e *Minerva;* as charruas *Principe da Beira,* e *Aguia,* e o brigue *Lebre.*

No Ministerio de Martinho de Mello e Castro, a náo *Maria I,* e a náo *Rainha de Portugal;* a fragata *Ulisses;* os brigues *Gaivota, Serpente,* e *Palhaço;* o cuter *Balão,* e o hyacht *Anjo.*

A náo *Rainha de Portugal,* fabricada em 1790, foi huma das mais bellas obras deste Constructor, tanto pelo seu grande andamento, como por sua elegante fórma, e por outras boas qualidades, que muitas vezes attrahírão a admiração dos estrangeiros. Por duas vezes que esta náo foi aos portos da Grã-Bretanha, os Constructores Inglezes lhe tiravão o risco, e as dimensões. A Rainha Senhora D. Maria I attendeo o merecimento deste artista, concedendo-lhe o lugar e ordenado do seu antecessor, e

condecorando-o com o habito da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo. Falleceo pelos annos de 1800.

PINTORES, DESENHADORES, MINIATORES, BORDADORES, ETC.

Affonso Sanchez Coelho—Foi discipulo de Rafael em Roma, e de Antonio Moro em Hespanha, e seguio a escola do primeiro, segundo Palomino.

Foi pintor de D. Filippe II, a quem muitas vezes retratou, e teve grandes estimações deste Principe, e de sua irmãa a Princeza D. Joanna, mãi de el-Rei D. Sebastião.

O Papa Gregorio XIII, Xisto V, os Duques de Florença, e Saboya o estimárão e honrárão em grande maneira. A sua caza era frequentada pelo Cardeal Grambellas, pelos Arcebispos de Toledo, e Sevilha, por D. João de Austria, pelo Principe D. Carlos, &c. D. Filippe II lhe chamava o *Ticiano Portuguez,* e passava muitas vezes por hum transito reservado para o ver pintar.

Lope de Vega o elogiou e celebrou no seu *Laurel de Apollo*. Falleceo pelos annos de 1600.

Ha delle no Escurial, em differentes lugares, e capellas da igreja:

S. Gregorio, e *Santo Ambrosio.*

S. Basilio Martyr, e *Santo Athanasio.*

S. Jeronymo, e *Santo Agostinho.*

S. Paulo, e *Santo Antão Abbade.*

S. Lourenço, e *Santo Estevão, Martyres.*

S. Vicente, e *S. Jorge, Martyres.*

Santa Clara, e *Santa Escolastica.*

Santa Paula, e *Santa Monica.*

Santa Catharina, e *Santa Ignez.*

S. Bento, e *S. Bernardo.*

(Vej. Volkmar Machado a pag. 66, e Ponz, *Viagem de Hespanha.)*

No folheto intitulado *Distribucion de los Premios ...*, pela Real Academia de S. Fernando, 1781, pag. 67, referindo que Filippe II appellidára este artista o *Ticiano Portuguez*, acrescenta, que elle era merecedor deste nome pelo *exacto desenho*, e *bello colorido*, que brilha em seus retratos. *Jámais* (diz este escriptor) *artista algum se vio tão favorecido da fortuna como Sanchez Coelho.*

Alvaro Mourato—Era pintor, e com este titulo o acho nomeado em documento da Batalha do anno 1592 (15).

Alvaro de Pedro (Peres)—O *Diccionario de Arquitectura*, &c., por C. F. Roland le Virloys, de que falâmos em outros lugares, faz menção *de Alvaro de Pedro, pintor Portuguez, que vivia em 1450, e teve reputação.*

André Gonsalves—Pintor, discipulo de D. Julio Cesar de Femine, bom pintor Genovez, que por muito tempo morou em Lisboa. Adquirio tanta franqueza, e liberdade na pintura, que fez infinito numero de obras para a côrte, e para as igrejas em estylo tão bello, e correcto, que se tivesse feito estudos em Italia, teria excedido todos os pintores da sua nação. Teve iguaes talentos para a figura dos homens, e para a dos animaes, que perfeitamente imitava ao natural. Tal he o juizo do Diccionario acima citado. Vej. o que diz de André Gonsalves e de suas obras Volkmar a pag. 88. Falleceo em 1762 com setenta annos e meio de idade.

Antonio Campello—Pintor Portuguez, que floreceo em tempo de el-Rei D. João III. Foi discipulo de Miguel Angelo Buonarota em Roma, e seguio o seu estylo na força do desenho, mostrando mais intelligencia no colorido, como disse Felix da Costa, citado por Volkmar a pag. 56 e seguintes. Donde vem dizer este artista

(15) *Obras Completas*, &c., tom. 1.º pag. 290.

escriptor, que se póde applicar a Campello o que de Tibaldi disse Luiz Carache, isto he, que soubera modificar a *fereza do desenho* do grande mestre, e tornal-o mais agradavel, sem prejudicar a sublimidade da sua maneira.

D. Francisco Manoel, no *Hospital das Letras*, nomeando os Portuguezes, que se distinguírão nas sciencias e artes, põe *Camões* em poesia, *Rezende* em antiguidades, e *Campello* em pintura. (Vej. a obra, pag. 456.)

O *Diccionario* de Roland le Virloys tambem diz que pintou com bom desenho e grande estylo, segundo a maneira de seu mestre.

Foi obra de Campello a *Rua da Amargura*, na escada de Belem, que bastava (diz Volkmar) para prova da sua primazia. Este artista lhe attribue a *Coroação de espinhos*, e a *Resurreição*, no claustro de Belem, &c. Vej. adiante *Manoel Campello*.

Antonio Maciel — He qualificado como *Pintor de fama* por Fr. Luiz de Sousa na *Vida do Arcebispo*, liv. 5.º, cap. 5.º, e diz que por ordem do Arcebispo D. Fr. Agostinho de Jesus tirára o retrato do veneravel D. Fr. Bartolomeu dos Martyres, pouco antes do fallecimento deste grande Prelado.

Avelar — Vej. em seus lugares *José de Avelar Rebello*, e *Brás de Avelar*.

Bartolomeu de Cardenas — Foi Portuguez, segundo Palomino. Fez muitas obras, que se achão em Valladolid, e trabalhou até o anno 1606 em que falleceo aos cincoenta e nove de idade. Vej. Volkmar pag. 70, e Ponz, *Viagem de Hespanha*, tom. 2.º, cart. 3.ª

Bento Coelho — Deste pintor Portuguez fala o douto litterato Francisco Dias Gomes, nas suas Poesias, na eleg. 1.ª, ás Musas, not. 11.ª, aonde diz: *Bento Coelho, que floreceo no principio do seculo XVIII teve mui viva imaginação: não se conhece pintor, que tanto pintasse como elle, o que foi causa de se descuidar algum tanto*

da correcção. A maior parte das igrejas antigas de Lisboa estão cheias de pinturas deste grande Mestre, do qual existem quadros de grande numero de figuras, todas com expressão propria do assumpto, fazendo partes interessantes daquelle todo, no que mostra ter possuido a poetica da sua arte em grão sublime. E se a nação Portugueza fôra mais cuidadosa em celebrar os grandes homens, que em Portugal tem illustrado as artes, este notavel artifice seria conhecido de todas as nações cultas. (Vej. Volkmar a pag. 83 e seguintes.)

O *Diccionario* de Roland le Virloys diz que Bento Coelho vivia em 1680, e fala da grande facilidade com que pintava, e da grande multidão de obras que fez, e logo continúa: *Apezar da velocidade, com que pintava os seus quadros, acha-se nelle hum não sei que de agradavel, e hum colorido fresco e bello. Alguns da sua primeira maneira até são estimados como bons pelos conhecedores e professores,* &c.

Bernarda Ferreira de Lacerda (D.) — Celebre escriptora Portugueza, bem conhecida por suas poesias, e outras obras. Della diz Rebello, na *Descripção do Porto,* que ninguem no seu tempo a igualára nas artes do *debuxo,* e *miniatura.*

Brás de Avelar — Fr. José Pereira de Sant'Anna, na *Chronica do Carmo,* tom. 1.°, pag. 580, diz que no retabolo da capella-mór do Carmo de Lisboa erão apainelados os vãos entre as columnas, e se vião cobertos *de admiraveis pinturas de hum famoso pintor, que então existia* (refere-se aos annos de 1548–1551) *chamado Brás de Avelar.* Estes paineis ainda existião em 1745 na sacristia do convento, ornando a parede do nascente, e representavão a *Purificação de Nossa Senhora,* a *Fugida para o Egypto,* e a *Annunciação.*

Brás Pereira — Filho de Fernam Brandão, Guarda-roupa do Infante D. Fernando. Vej. a respeito deste ar-

tista o artigo *Francisco de Hollanda,* que em seu lugar havemos de escrever, e tambem Volkmar a pag. 63.

Christovão Lopez—Vej. Volkmar a pag. 67.

O *Diccionario* de Virloys, que temos citado, diz que era de Lisboa, que fallecêra pelos annos de 1600, e que fôra discipulo de Affonso Sanchez Coelho, o que tambem diz Palomino, que fôra artista illustre, e que obtivera de el-Rei D. João III a Ordem da Cavallaria.

Pintou (diz ainda o mesmo *Diccionario)* muitos objectos da Historia Sagrada para as igrejas do reino, e de Hespanha; e postoque no seu tempo ainda dominava a *maneira sêcca,* elle se desviou della, e operou com mais mimo *(morbidez)* do que os seus contemporaneos. Pintou muitas vezes o retrato de el-Rei, que foi applaudido de toda a côrte.

Achâmos que se lhe attribuem os paineis da capella-mór de Belem, &c.

Claudio Coelho—Portuguez, pintor celebre, falleceo em Madrid em 1693.

Foi discipulo de Francisco Ricci, pintor de el-Rei D. Filippe IV (III de Portugal), e veio a ser hum dos melhores pintores de Hespanha, tanto a oleo, como a fresco.

Huma das suas mais excellentes obras he o quadro, que está no altar da sacristia do convento do Escurial, representando Carlos II com os Senhores da sua comitiva, ajoelhado diante do Santissimo Sacramento, que o Prior do convento tem nas mãos, em acção de desagravo da profanação da Sagrada Hostia, que tinha sido lacerada por hum impio. *(Tableau de l'Espagne moderne* par Mr. Bourgoing. Paris, 1803, tom. 1.º, pag. 227.)

Ponz, na *Viagem de Hespanha,* falando do mesmo quadro, diz: «Está ali Carlos II ajoelhado; o celebrante com a Custodia na mão, cuja capa, e as dalmaticas do diácono e subdiácono parecem de verdadeiro brocado. Todos os Senhores da côrte que assistírão estão retratados, bem

como el-Rei, os religiosos, e os mais concorrentes. Em summa, o quadro he a mais perfeita imitação do successo. O seu campo he a perspectiva da abobada, e parte da propria sacristia, interrompido de algumas figuras allegoricas de virtudes, e anjos, com certa cortina, que enriquece a composição. Se as pinturas (conclue Ponz) que mais se aproximão á verdade dos objectos, são as melhores, poucas creio que se acharão, que mais mereção do que esta».

O illustre gravador Francisco Bartolozzi, de que falâmos em seu lugar, gravou este quadro a pedido de Antonio de Araujo de Azevedo, Ministro que foi de Portugal em Hollanda, Russia, e França, e depois Ministro e Secretario d'Estado em Portugal, Conde da Barca, grande amador das bellas-artes, natural de Ponte do Lima, minha patria.

Claudio Coelho foi pintor do Rei, e do Cabido de Toledo, e ha paineis seus em muitas igrejas da Hespanha.

Em Çaragossa no collegio dos Padres Agostinhos de S. Thomaz de Villa Nova, valeo-se o Arcebispo D. Fr. Francisco de Gamia, de Claudio Coelho, fazendo-o hir da côrte para executar huma das melhores obras que fez a *fresco,* pelos annos de 1685. Pintou na cupula a Santissima Trindade com gloria de anjos: encheo as paredes de ornatos varios, e nas dos arcos, que formão o cruzeiro, representou os Santos Simplicio, Fulgencio, Alipio, e Patricio. Ao lado da epistola se retratou Coelho a si mesmo. (Ponz, *Viagem de Hespanha,* tom. 15.º, &c.)

As pinturas que Ponz attribue a Claudio Coelho, são as seguintes:

1.ª Nas Agostinhas Descalças de Santa Isabel o *quadro de S. Filippe.*

2.ª Nos Trinitarios Calçados algumas *pinturas da cupula.*

3.ª Na igreja real de Santo Isidro as *pinturas da cupula.*

4.ª Na mesma igreja *algumas das pinturas a fresco* da capella de Santo Ignacio, e outras tambem a fresco na abobada e porta da sacristia.

5.ª Na paroquia de Santo André as *pinturas do retabolo de S. Roque.*

6.ª Na casa chamada *da Panadaria,* na praça maior, ha *hum salão,* e *huma antecamara* pintada por Claudio Coelho, e Donozo.

7.ª Na paroquia de S. Nicoláo hum *S. João,* e o *quadro da Apresentação de Nossa Senhora,* na sacristia.

8.ª Na igreja dos Premonstratenses *varias pinturas.*

9.ª Na igreja do Rozario dos Padres Dominicos hum *quadro grande de Nossa Senhora, e a seus pés S. Domingos,* ao lado do presbyterio. E no altar de S. Domingos os *quadros de S. Jacinto,* e *Santa Catharina.*

10.ª Na paroquia de S. Gines os quadros collateraes da *Annunciação,* e da *Adoração dos Pastores.*

11.ª Na paroquia do mosteiro de S. Martinho as *pinturas dos retabolos collateraes.*

12.ª Na igreja das Franciscanas do Cavalleiro de Graça a *Sacra Familia, S. João Evangelista, S. João Baptista, S. Francisco, Santo Antonio, S. Bernardino.*

13.ª Nos Carmelitas Descalços huma *Cabeça do Salvador.*

14.ª Na casa dos beijamãos do palacio huma *Nossa Senhora,* e *S. Fernando* de joelhos diante della.

15.ª Em Salamanca, na igreja de Santo Estevão dos Padres Dominicanos, hum bom quadro do martyrio do Santo, &c.

Cyrillo Volkmar Machado — Vej. a sua obra, que tantas vezes temos citado, intitulada: *Collecção de Memorias relativas ás Vidas dos Pintores, e Escultores, Arquitectos, e Gravadores Portuguezes, e dos Estrangeiros, que estiverão em Portugal, recolhidas e ordenadas por Cyrillo Volkmar Machado, Pintor ao Serviço de Sua Ma-*

gestade o Senhor D. João VI. Lisboa na Imprensa de Victorino Rodrigues da Silva. Anno de 1823, em 4.º

Esta obra que o auctor deixou manuscripta, e recommendada para a impressão ao Muito Reverendo Conego da Insigne Collegiada de Santa Maria, Luiz Duarte Villela da Silva, grande amador das bellas-artes, e muito amigo do mesmo auctor, sahio á luz pelos cuidados deste douto ecclesiastico, que lhe fez alguns additamentos.

A pag. 302 e seguintes vem as Memorias do auctor, que nos dispensão de as repetir aqui.

Diogo Pereira Pintor — Fala deste artista Volkmar a pag. 75. Foi estimadissimo na representação de fogos, incendios, torres queimadas, purgatorio, inferno, e outros semelhantes assumptos. Tambem pintava com magisterio homens do campo, illuminados pela lua, ou pela fraca luz de huma candeia; e finalmente fructos, flores, bambochatas, e paizagens ornadas de pequenas figuras de excellente gosto.

As suas obras são procuradas em França, Inglaterra e Italia, e ha, ou havia muitas em Lisboa. Falleceo septuagenario, depois do anno de 1658.

Domingos Antonio de Sequeira — Deve ver-se a Memoria deste illustre artista em Volkmar, a pag. 148, que nos dispensa de fazer longo este artigo repetindo o que já se acha escripto.

Vi em caza de Sequeira, no anno de 1821, o *Panorama* de Lisboa, em que andava trabalhando.

Sequeira sahio de Portugal em 1823, quando foi abolido e perseguido o systema constitucional, e dirigio-se a França. «*Ahi* (diz hum auctor estrangeiro) *immortalisou o seu nome e o da sua nação com o magnifico quadro que no anno de 1824 expoz no Louvre, representando a scena dos ultimos momentos da vida de Camões*».

De França passou o nosso artista a Italia, aonde, entre outras obras, pintou quatro quadros, representando o

nascimento, a morte, a resurreição, e a ascenção do Senhor, os quaes lhe derão grande nome.

Falleceo em Roma a 8 de Março de 1839.

Domingos da Cunha—Nasceo em Lisboa no anno de 1598, sendo seus pais Gregorio Antunes, e Margarida Pereira, os quaes vendo o filho inclinado á pintura, lhe derão mestre, com quem aprendeo os primeiros rudimentos desta arte.

Passou depois a Madrid, aonde se aperfeiçoou nos primores da arte com Eugenio Cajêz, pintor de D. Filippe II, observando ao mesmo tempo, e estudando as obras de outros artistas que não faltavão então naquella côrte.

Voltou a Portugal com grande aproveitamento, e foi em seu tempo o pintor de melhor nome, sendo vulgarmente conhecido pelo appellido de *Cabrinha,* nome que lhe derão pela sua figura. Teve pensamentos de discorrer pela Europa para communicar com os melhores pintores; mas os seus amigos lhe desvanecêrão esta idéa.

Suas obras erão muito estimadas, e desejadas: retratava com muita naturalidade: os fidalgos procuravão á porfia ter obras de Domingos da Cunha nas suas salas e galerias, distinguindo-se entre elles D. Francisco de Castro, Inquisidor Geral, D. Manoel da Cunha, Capellão-mór, o Conde Camareiro-mór, &c.

Em o noviciado dos Jesuitas de Lisboa havia mais de cincoenta paineis da sua mão, a Vida de Santo Ignacio, a de S. Xavier, a de Nossa Senhora, os da igreja e claustro, &c.

Retratou muito ao natural el-Rei D. João IV. Foi celebre a pintura que fez de S. Francisco de Assis, a qual em occasião de concurso obteve preferencia a todas as mais. O mesmo succedeo com a de S. Francisco Xavier.

Em 30 de Março de 1632, tendo trinta e quatro annos de idade, tomou o habito de Irmão na Companhia de Jesus, e falleceo a 11 de Maio de 1644. (Vej. a *Imagem da Vir-*

tude em o Noviciado da Companhia de Jesu. Lisboa, pelo Padre Franco, pag. 485, e o *Agiologio Lusitano,* ahi citado.)

Na *Historia da apparição e milagres da Lapa,* pelo Padre Antonio Leite, 1639, em 16, se faz menção de hum religioso da Companhia, que vivia pelos annos de 1635, *celebre pintor,* auctor de vinte e quatro paineis, que se vião naquella ermida da Lapa, *nos quaes se admirava* (diz o auctor) *o temperar das tintas, o menear do pincel, o accommodar das cores, a propriedade das roupas, a viveza dos rostos, o natural das figuras, o talho dos corpos, a symetria dos membros, a graça dos semblantes, a elegancia dos cabellos, as linhas da perspectiva. Louva-se em particular a viveza e propriedade do painel da pastorinha Joanna, com a cestinha das maçarocas, &c.*

Conjecturâmos que este pintor seria o Domingos da Cunha, de que aqui tratâmos.

Domingos Rodrigues (Fr.)—Ponz, na sua *Viagem de Hespanha,* tom. 12.º, cart. 7.ª, § 61, diz que o claustro dos Padres Agostinhos Calçados de Salamanca está adornado de huma porção de quadros, que representão martyrios, e tem a firma: *Fr. Dominicus Rodriguez Lusitanus, anno 1682.*

Domingos Vieira Serrão—Desenhou o desembarque de D. Filippe II em Lisboa, gravado por João Schorkens, de que falámos no Catalogo dos *gravadores.* (D. Filippe II, deve entender-se, *segundo do nome em Portugal, que era o Filippe III de Castella.)*

Duarte d'Armas—Vej. Volkmar Machado a pag. 55.

Damião de Goes, na *Chronica de el-Rei D. Manoel,* part. 2.ª, cap. 27.º, caracteriza a Duarte d'Armas de *grande pintor,* e diz que traçára e debuxára as entradas dos rios, e situações das terras de Azamor, Çalé, e Larache em Africa, no anno de 1507.

Esta mesma noticia he repetida por Faria e Sousa, na *Africa Portugueza,* cap. 7.°, num. 31, aonde diz, que pelos annos de 1507, querendo el-Rei D. Manoel guerrear os Reis de Fez, Mequinez, e Marrocos, enviára lá D. João de Menezes, com quatro navios, para sondar as barras de Azamor, Mamora, Çalé, e Larache, acompanhado de alguns cavalleiros, com os quaes hia *Duarte d'Armas, grande desenhador.*

O mesmo Damião de Goes, na *Chronica do Principe D. João,* cap. 9.°, refere, que desejando el-Rei D. Manoel ter a imagem da celebre *Estatua Equestre,* que se achou na ilha do Corvo ao tempo do seu descobrimento, mandára hum *seu criado, debuxador, que se chamava Duarte d'Armas,* que a fosse tirar pelo natural, e que vendo el-Rei o debuxo, mandára hum homem engenhoso, com aparelhos, para desmontar e trazer a Portugal aquella notavel antigualha (16).

No Real Arquivo da Torre do Tombo, no armario 15 da *Caza da Corôa,* se conserva hum livro em pergaminho, com 139 folhas numeradas, além das 4 que tem no principio sem numeração, e entrando nas 139 tres, que tem no fim, em branco. O titulo deste livro he o seguinte:

«*Este livro* he das fortalezas, que sam situadas no estremo de portugall e castella, feyto por *duarte d'armas,* escudeyro da caza do muyto alto, e poderoso, e serenissymo Rey e senhor dom emanuell ho prymeyro, Rey de portugall, e dos algarues daquem e dallem maar em afryca, senhor de gujnee e da conquista e navegaçaaom, e comercyo de Ahiopia, arabya, persia, e da India, &c.»

Segue-se o indice, e logo o desenho de sessenta fortalezas, que occupão 120 folhas, porque cada huma dellas vem em dous mappas, e com duas vistas, humas do norte e do sul, e outras do nascente e poente.

(16) *Obras Completas,* &c., tom. 5.°, pag. 186 e seguintes.

Na fl. 120, verso, diz:

«D'aqui se começa a *prata-fórma* das fortalezas atrás debuxadas, com suas alturas e larguras de muros, e barreyras, &c.»

Segue-se a *Tavoada* das mesmas fortalezas em *prata-fórma,* isto he, a *planta-baixa* dellas, que corre desde fl. 121 até fl. 132.

Todos os desenhos desta obra são feitos com a maior exacção, desempenho, e aceio, e mostrão bem a grande pericia do artista. Alguns delles, cujos originaes ainda existem nas fortalezas do reino, provão a exacção e fidelidade do desenhador.

Deve ainda advertir-se que postoque no titulo da obra pareça limitar-se o artista a desenhar as fortalezas da fronteira, por onde visinhâmos com terras de Castella, se acha comtudo ali o desenho de todas as mais, que circundão Portugal, incluindo as maritimas, que áquelle tempo existião. O que tudo faz esta obra digna de singular apreço, ou se considere com relação á historia, ou com respeito á arte.

Os desenhos são todos feitos á penna.

Estevão Gonsalves—Volkmar fala delle a pag. 46, e lhe dá o nome de *Estevão Gonsalves Neto.*

Foi este ecclesiastico Abbade de Serêm, e depois Conego na Sé de Visêo.

Desenhou e pintou em miniatura o *lindissimo Missal,* que ficou do Padre Mayne, religioso da Terceira Ordem de S. Francisco, e se conservava no gabinete da livraria dos Padres Terceiros (do convento de Jesus), administrada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Foi começada esta admiravel obra em 1610, sendo o seu auctor Abbade de Serêm: foi por elle mesmo continuada, quando já era Conego de Visêo, e acabada em 1622, como consta das subscripções, que nella se lêem em differentes lugares.

O auctor a offereceo a D. João Manoel, da Caza de Tancos, Bispo de Visêo, depois de Coimbra, e ultimamente Arcebispo de Lisboa, o qual como fundador e padroeiro do convento de Jesus, a deo para a igreja do mesmo convento, aonde tem o seu jazigo.

Eu vi esta obra em 14 de Junho de 1837, e me pareceo, que era superior a tudo o que tenho visto do mesmo genero, tanto pelo bello desenho das figuras, como pela viveza, harmonia, e suavidade das cores, junta com a mais fecunda e notavel variedade de ornamentos.

Eusebio de Matos (Fr.)—Entrou na religião da Companhia de Jesus em 1644, e depois passou para a Carmelitana. *Foi caprichoso pintor,* maiormente no *desenho,* diz o Beneficiado João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal,* tom. 2.º, ediç. de 1763, pag. 361.

Fernam Gomes—Foi discipulo de Miguel Angelo. (*Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito,* pag. 135.)

Vem nomeado entre os *bons pintores Portuguezes* no *Discurso sobre a utilidade do desenho,* impresso em 1788, em 4.º (Vej. Volkmar, pag. 68.)

Vivia em 1580, e fez de bom estilo differentes obras nas igrejas de Lisboa, e em outras terras do reino.

Fernando de Tavora (D. Fr.)—Foi religioso Dominicano, confessor de el-Rei D. Sebastião, e Bispo nomeado para o Funchal. Foi *insigne pintor,* e havia obras suas no convento de Bemfica. (Vej. Sousa, *Historia de S. Domingos*, part. 2.ª, liv. 2.º, cap. 12.º, e adiante o artigo *D. Fr. Henrique de S. Jeronymo.*

Filippa (D.)—Foi filha do illustre e infeliz Infante D. Pedro, Duque de Coimbra.

São conhecidas as composições litterarias desta Senhora; e acho em memoria particular, que deixára por sua morte ás religiosas do mosteiro de Odivellas hum manuscripto seu, que continha as homilias aos Evangelhos de todo o anno. *com varias imagens e figuras por*

ella debuxadas, com a perfeição que era propria da sua habilidade e pericia na arte.

Filippe das Chagas (Fr.)—Dominicano. Na obra intitulada *Prendas da Adolescencia,* impressa em 1748, em folio, se lê que este religioso escrevêra hum livro de *Pintura, Symmetria, e Perspectiva.*

Francisco de Hollanda—Floreceo no tempo de el-Rei D. João III, e de el-Rei D. Sebastião, e foi filho de Antonio de Hollanda. O appellido de *Hollanda* nos indica, que estes dous artistas tinhão acaso vinculos de parentesco com o famoso pintor Lucas de Hollanda, natural de Leyde, cidade capital da Rheinlandia.

A expensas, e de mandado de el-Rei D. João III, passou Francisco de Hollanda a Italia, aonde, das antigualhas que vio, tirou muitos desenhos, como logo diremos. O nosso Fr. Heitor Pinto o compara de algum modo a Miguel Angelo no *Dialogo da Vida Solitaria.*

Existem na Bibliotheca Real de Madrid dous livros *da Pintura antiga* deste artista, ambos dedicados a el-Rei D. João III. O primeiro he dividido em quarenta e quatro capitulos, o derradeiro dos quaes trata de *todos os generos e modos de pintar.* O segundo, escripto em fórma de dialogo, consta de quatro partes, nas quaes se trata da nobreza e excellencia da profissão de pintor; do valor e serviços da pintura, assim na paz, como na guerra; e da estimação, em que as nações tem esta arte e as suas obras. Segue-se a relação dos Pintores, que então erão modernos; outra dos famosos Illuminadores; outra dos famosos Esculptores em marmore; outra dos Arquitectos; outra dos Entalhadores em laminas de cobre; e outra finalmente dos Corniolas. Acaba com os proverbios que ha na pintura.

O primeiro destes livros tem no fim: *Acabey-o descrever hoje dia de S. Lucas Evangelista em Lixboa, era 1548.*

O segundo: *Acabey-o descrever, sem emendar, em Santarem, hoje quinta feira, tres dias do mez de Janeiro, na era de nosso Senhor Jesu Christo de 1549.*

Ha mais na dita Bibliotheca Real de Madrid composto pelo nosso artista o *Dialogo sobre o tirar polo natural, tido no Porto entre Francisco de Hollanda, e Brás Pereira, que foi filho de Fernam Brandão, Guarda-roupa do Infante D. Fernando.*

Destas duas obras, de que acabâmos de falar, ha huma cópia na Academia Real das Sciencias de Lisboa, aonde a examinei por ordem da Academia, e votei pela sua impressão, sendo eu então Director da *Classe das Sciencias Moraes, e Bellas Letras*. No arquivo da Academia deve estar o meu parecer. A cópia creio que foi tirada em Madrid, quando lá foi em serviço da Academia o Sr. Monsenhor Ferreira Gordo. A cópia, que parece ter sido tirada por escrevente Castelhano, tem bastantes erros, alguns já emendados por letra do Sr. Gordo, outros faceis de se emendarem, sem alterar o texto.

Compoz mais o nosso Francisco de Hollanda hum *Livro de Debuxos*, que se conserva na Livraria do real mosteiro do Escorial, e tem como titulo: *Reinando em Portugal el-Rei D. João III, Francisco de Hollanda passou a Italia, e das antigualhas, que vio, retratou com sua mão todos os desenhos deste livro.*

Começa pelos retratos do Santo Padre Paulo III, e de Miguel Angelo, illuminados. Vem depois os melhores pedaços de antiguidades de Roma, o amphitheatro de Vespasiano, as columnas Trajana e Antoniana, os trofeos de Mario, o templo de Jano, o de Baccho, o de Antonino e Faustina, e o da Paz; os baixos relevos de Marco Aurelio, o Septizonio de Septimio Severo, e outros muitos monumentos, e partes de ruinas, como cornijas, frizos, capiteis, &c. Ha mais no mesmo livro vistas de Veneza e de Napoles debuxadas com grande perfeição, alguns sepul-

cros da Via-Appia, o amphitheatro de Narbona, estatuas antigas, &c.

O proprio auctor, no liv. 2.º da *Pintura antiga*, se jacta de algum modo destes seus estudos e trabalhos, quando diz: «*Que fortalezas, ou cidades estrangeiras não tenho eu ainda no meu livro? que edificios perpetuos, e que estatuas pezadas tem ainda esta cidade (Roma) que lhe eu já não tenha roubado? e leve sem carretos, nem navios em leves folhas? que pintura de estuque, ou brutesco se descobre por estas grutas, e antigoalhas assi de Roma, como de Puzol, e de Bajas, que se não ache o mais raro dellas pelos meus cadernos riscado*, &c.».

Existe ainda mais, ou existia, na Real Bibliotheca de Sua Magestade Fidelissima hum manuscripto em 4.º deste celebre artista, intitulado: *Fabrica que fallece á cidade de Lisboa*, o qual passou á Bibliotheca Real da do Conde do Redondo, aonde o víra o Beneficiado João Baptista de Castro, que delle faz menção no *Roteiro terrestre de Portugal*, ediç. de 1767, pag. 4.

Não sabemos se he este mesmo manuscripto, ou se he outro como elle, o que se acha na Academia Real das Sciencias em 4.º; o que porém podemos affirmar he que o da Academia parece original, pois tem as licenças para se imprimir, datadas de 1576, e mostra ser escripto em 1571.

Tambem por ordem da mesma Academia o examinámos, e ácerca delle demos o nosso parecer. Neste se achão muitos desenhos feitos pelo auctor *á penna*.

Na primeira obra de Francisco de Hollanda, de que acima falámos, pareceo-nos digno de notar-se:

1.º Que falando elle dos *famosos Illuminadores da Europa*, nomêa no primeiro lugar a seu pai Antonio de Hollanda, como superior a todos (os então modernos) naquella bella arte.

2.º Referindo o juizo de Carlos V, que preferia o seu

retrato feito por Antonio de Hollanda ao que em Bolonha tinha feito Ticiano, nomêa testemunhas, que assim o ouvirão ao Imperador, acrescentando comtudo, que Ticiano excedia a seu pai Antonio de Hollanda.

3.º Diz de si mesmo, que sendo ainda moço dava lições de desenho aos Infantes, filhos de el-Rei D. Manoel.

4.º Na *Relação dos famosos Pintores*, então modernos, nomêa Mestre Jacome, Italiano, pintor de el-Rei D. João, de boa memoria, isto he, de el-Rei D. João I.

5.º Ahi mesmo nomêa tambem o pintor Portuguez, que pintou o altar de S. Vicente de Lisboa, e em outro lugar diz: *Quero fazer menção de hum Pintor Portuguez, que merece memoria, pois em tempo meio barbaro quiz imitar n'alguma maneira o cuidado e a discrição dos antigos Italianos Pintores; e este foi Nuno Gonsalves, Pintor de el-Rei D. Affonso, que pintou na Sé de Lisboa o altar de S. Vicente, e creio que tambem he da sua mão hum Senhor atado á columna, que dous homens stão açoutando, em huma capella do mosteiro da Trindade,* &c., &c. (Vej. Volkmar, pag. 61.)

Francisco Taca—Acho este nome acompanhado do titulo de *Pintor* em documento do real mosteiro da Batalha do anno 1566 (17).

Francisco Vieira—Denominado o *Vieira Lusitano*. Nada podemos acrescentar ao que diz Volkmar ácerca deste grande artista Portuguez, a pag. 99 da sua *Collecção de Memorias*, &c., tantas vezes citada.

Nasceo em Lisboa a 4 de Outubro de 1699, e parece que falleceo em 1783.

Antes de hir a Roma, desenhou: *A Oração do Horto; S. Pedro chorando a culpa; a Magdalena penitente; S. Thiago a cavallo perseguindo os Agarenos.*

Volkmar menciona o seu famoso quadro da tomada de

(17) *Obras Completas*, &c., tom. 1.º, pag. 290.

Lisboa aos Mouros, que estava no templo dos Martyres, e se queimou pelo terremoto de 1755.

Na mesma catastrofe ardêrão tambem:

O retrato do primeiro Patriarcha de Lisboa.

Os retratos da Familia Real.

O magnifico quadro de Perseo, que estava no palacio do Conde das Galvêas.

Pintou tambem:

—O quadro da Assumpção de Nossa Senhora, e de seu filho sahindo a recebel-a na Gloria, assumpto dado por el-Rei, e cujo desempenho mereceo grandes louvores deste Principe.

—O Eterno ordenando a Moysés que fosse acabar a vida sobre o monte Nebo, e Moysés no fundo do monte, despedindo-se de Eleazar, de Josué, e do povo, para começar a subida.

—A côrte de Plutão e Proserpina; e ahi Orpheo, pretendendo commover os monarcas infernaes a lhe entregarem a sua Euridice, &c.

Eu possuo o desenho do celebre quadro da Adoração dos Reis, esboço, em lapis vermelho, deste grande mestre.

Deve ver-se a obra intitulada: *O Pintor insigne, e leal amante,* escripta por elle mesmo, e impressa em Lisboa em 1780, em 12, aonde se vêem com individuação, e fidelidade notavel os successos da sua vida, dos seus progressos nas artes, das suas obras, &c.

Francisco Vieira—He denominado o *Vieira Portuense,* por ser natural da cidade do Porto, e para o distinguir do *Vieira Lusitano,* de que ha pouco falámos.

Deve ver-se o que a respeito deste excellente artista escreve Volkmar a pag. 139. Falleceo em 1805 de trinta e nove ou quarenta annos de idade.

Garcia de Rezende—He mui conhecido entre nós este litterato, que foi criado de el-Rei D. João II, e escreveo a sua vida, e outras obras.

Debuxava muito bem, como elle mesmo diz de si na dita obra da vida daquelle Principe, aonde refere que el-Rei lhe mandava fazer muitos debuxos, e ás vezes o fazia trabalhar em sua presença, louvando-lhe esta prenda, e dizendo, que a desejava ter, como a tinha e estimava seu primo o Imperador Maximiliano, &c. (Vej. *a Vida de el-Rei D. João II,* cap. 200.º)

Por ordem de el-Rei, fez o desenho para o *Forte de Belem* (a Torre de Belem), que depois fez executar el-Rei D. Manoel. (Ibid., cap. 180.º)

Gaspar Dias—Pintor Portuguez, que vivia nos principios do seculo XVI.

Foi mandado a Roma por el-Rei D. Manoel, e foi discipulo de Miguel Angelo (*Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito,* pag. 135), em cuja escola fez grandes progressos.

O celebre filologo e critico Francisco Dias Gomes, que já outra vez citámos, na eleg. 1.ª ás Musas, not. 11.ª, diz que Gaspar Dias fôra contemporaneo do gram Vasco, discipulo de Rafael, e de Miguel Angelo; que tivera grande correcção de desenho; que fôra notavel na expressão das paixões, e que tivera suavidade de pincel, *pelo que* (acrescenta) *he reputado o Rafael Portuguez.*

São seus os dous grandes paineis do Senhor resuscitado, e do Senhor crucificado no claustro de Belem. O da vinda do Espirito Santo na tribuna da igreja da Misericordia, que se diz feito em 1534, e restaurado por Guarenti em 1734, he huma das suas mais bellas obras.

Na igreja paroquial de S. Pedro da villa de Celorico da Beira, no altar do Menino Deos, ha hum painel antigo da *Circumcisão,* obra de Gaspar Dias. *Este painel* (diz o Sr. Conego Villela) *he hum milagre da arte; tem suavidade de pincel, e todas as figuras mostrão viveza de expressão. O colorido he admiravel; e em todas as suas perfeições mostra que* o auctor possuia a poetica da *arte*

em grão sublime: qualidades, pelas quaes Gaspar Dias merece o nome de Rafael Portuguez, e que o fazem sobresahir muito a Vasco, Pero Perugino, Reinoso, Avelar, e outros grandes artistas, que no dourado governo de D. Manoel, e D. João III tanto acreditárão a nação.

Heliodoro de Paiva (D.)—Foi colaço de el-Rei D. João III, Conego regular de Santa Cruz de Coimbra, e sabio distincto. Teve grande pericia na arte da pintura. (*Mappa de Portugal,* tom. 2.º, pag. 362.) Vivia em Março de 1550.

Parece ser o mesmo de que falão as *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito,* pag. 135, aonde se lhe dá (por equivocação, ao que parece, ou por erro typografico) o nome de D. Hilario de Paiva.

Foi tambem instruido na bella arte da musica, e deixou composições suas que se conservavão no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Acho que fôra natural de Lisboa.

Henrique de S. Jeronymo (Fr.)—Religioso Dominicano, natural de Santarem, irmão de D. Fr. Fernando de Tavora, de que já falámos, e ambos discipulos do Veneravel D. Fr. Bartolomeu dos Martyres. Foi mui perito na pintura, de que se conservavão mostras no seu convento de Evora, assim como de seu irmão em Bemfica. Entre as de Fr. Henrique, se distinguião a Transfiguração, Nossa Senhora, o Baptista no altar mór, e o *Ecce Homo* no capitulo, das quaes todas, sómente são obra sua os rostos das figuras, porque o mais he obra de Morales, pintor de fama, que então vivia em Badajoz. (*Historia de S. Domingos,* part. 2.ª, liv. 2.º, cap. 12.º Vej. o *Diccionario* de Roland le Virloys, aonde se diz que este religioso pintor vivia em 1530.) Este respeitavel padre foi depois Bispo de Cochim, e Arcebispo de Gôa.

Henrique José da Silva—*Engenhoso e egregio pintor* do nosso tempo, que adornou as collecções da Academia Real das Sciencias de Lisboa com duas estam-

pas de *quadros da sua invenção, e abertas pelo famoso Bartolozzi*: huma das quaes representa Lord Wellington, Conde do Vimeiro, cercada de varias figuras allegoricas, e a outra o retrato do Conde de Trancozo (Lord Beresford), Marechal e Commandante em Chefe do Exercito Portuguez, sobre hum pedestal, em que se vê pintado hum dos acontecimentos mais memoraveis da sua gloriosa carreira militar em Portugal. (*Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. 3.º, part. 2.ª, pag. 11. Lisboa, 1814.)

Ignacia Pimenta Cardote (D.) — No Museo de Pinturas do mosteiro benedictino de S. Martinho de Tibães, existia hum bello quadro, que representava a *Familia Sagrada*, notado com o num. 258, o qual tinha a subscripção: *D. Ignacia Pimenta Cardote a fez an. 1717.*

Isabel Broun (D.) — Foi filha de Duarte Pequerim, e mulher do Dr. Pedro Broun, natural da cidade do Porto. Viveo no seculo XVIII, e foi delicadissima em pintar a oleo, e singular em retratos. As suas pinturas são mui procuradas por seu excellente gosto. (Vej. Rebello, *Descripção do Porto*, pag. 370.)

Isabel de Castro (D.) — Foi filha do primeiro Marquez de Fronteira, e Condessa de Açumar. Teve grande erudição, e pintava e escrevia perfeitamente com applauso das pessoas intelligentes nestas artes. Falleceo em 1724.

Isabel Maria Rita (D.) — Natural da cidade do Porto, filha de Francisco Pequerim e de Joanna Pequerim. Passou a Hespanha no seculo XVIII, e lá se distinguio, entre os melhores professores, nas artes da pintura, risco e debuxo, sendo singular na miniatura. (Rebello, *Descripção do Porto*, pag. 370.)

Isidoro de Faria — A capella mór da Collegiada igreja matriz da villa de Celorico da Beira foi apainelada em quadros por este artista.

Trabalhou tambem na igreja paroquial de S. Pedro da

mesma villa, como refere o douto amador das artes o Conego Luiz Duarte Villela da Silva no seu *Compendio historico da villa de Celorico da Beira*, aonde diz que alli *mostrou o celebre artista Isidoro de Faria o seu grande genio; pois o painel de S. Pedro, que fica no meio deste lindo edificio, entre vistosas e delicadas tarjas, he tão bem acabado, que a meu ver não tem preço: e se este famoso pintor tivesse mais correcção de desenho, teria dado tanta gloria á villa de Trancoso, sua patria,* quanta lhe resulta de ter dado o berço ao grande historiador o Padre João de Lucena.

Jeronymo Corte-Real — Este celebre poeta Portuguez foi tambem perito na arte da pintura. Elle mesmo, dedicando a el-Rei D. Sebastião o seu poema do *Segundo Cerco de Diu,* impresso em 1574, diz assim:

«E porque a leitura he grande, *debuxei de minha mão* os combates, os soccorros, e tudo o mais, que no decurso deste trabalhoso cerco succedeo, para que a *invenção da pintura* satisfaça á rudeza do verso, &c.»

Nessa mesma obra se lê hum epigramma de Luiz Alvarez Pereira em louvor do poeta, no qual se diz:

De Apelles victorioso ouve a corôa.

Outro epigramma de D. Jorge de Menezes attribue ao poeta:

O que em Lino, em Apelles nos espanta.

Hum soneto de Bernardes, numerando os dotes do auctor, diz:

Orpheo a voz lhe deo, Apollo a lyra,
Amor a branda penna, Marte a lança,
E o seu proprio pincel a natureza.

Finalmente o Ferreira, em outro epigramma, que vem nas suas obras, feito em louvor de Corte-Real, diz:

No pincel vences natureza e arte.

João de Abreu Gorjão—Nas *Memorias de Malta*, impressas em 1734, vem o mappa geografico de Malta delineado por este artista, como consta da subscripção, em que elle se qualifica de *Geografo de Sua Magestade.*

João André Chiape—Ainda em 1818 vivia e trabalhava na cidade do Porto; e parece ter sido discipulo de João Glamma, de que logo falaremos. Seguio a escola Romana, e he da sua mão o quadro da *Senhora das Dores*, que estava no Museo de Tibães, num. 257.

João Glamma Stroberle—Darei a respeito deste artista a cópia das informações originaes, que pude obter, escriptas por João André Chiape, de que ha pouco falei, amigo de João Glamma, e creio que seu discipulo. Dizem assim:

«João Glamma Stroberle, Lusitano, pintor da escola Romana, nasceo em Lisboa em 1708.

«Nos seus primeiros annos, foi applicado ao estudo das letras, tempo que elle repartia na cultura do desenho, a que era muito inclinado.

«A sua propensão para a pintura fez com que fosse pensionado pela côrte, e enviado a Roma, onde em mui breve tempo fez progressos tão grandes, que excedeo os seus companheiros de estudo na Academia de S. Lucas daquella capital, e alcançou o premio que nella se concede áquelles alumnos que se distinguem sobre os seus concorrentes.

«Copiou com assidua diligencia as obras de Rafael, e tudo o que Roma conserva de preciosidades Gregas, a que os pintores chamão vulgarmente *o Estudo do Antigo.*

«Para se aperfeiçoar na pratica da arte, teve por conductor e mestre a Marcos Benefial, pintor classico, e bem conhecido pelas excellentes obras, que delle existem, tanto na Basilica de S. Pedro, como em outras igrejas de Roma.

«Foi associado na Arcadia Romana, e eleito pelos Aca-

demicos della, debaixo do nome de *Pastor Talarco Alesiano*, que lhe cahio por sorte.

«Depois de huma residencia de dezoito ou vinte annos naquella cidade, voltou para Lisboa (não sei se por ordem da côrte) onde mostrou com admiração o seu raro talento, e genio superior, na decoração do theatro real, em que foi empregado. Veio depois ao Porto visitar o Bispo D. Fr. José Maria da Fonseca e Evora, seu Mecenas em Roma, no tempo dos seus estudos, e ficou hospedado no Paço. Emquanto aqui se demorou, fez varias obras, que forão muito applaudidas.

«Por fallecimento do Bispo, acontecido em 1751, ou 52, não sei se embarcou daqui para Londres, ou se voltou a Lisboa. O certo he, que no anno do terremoto de 1755 lá se achava (em Lisboa), e que depois dessa época tornou para esta cidade (do Porto) com a sua familia, e aqui viveo largos annos até o seu fallecimento, que foi no de 1792.»

Este illustre artista, que faz honra á sua nação pelos raros talentos, de que era dotado, possuia todas aquellas qualidades, que formão hum perfeito pintor, e que difficilmente se achão reunidas em hum só sujeito: porque era hum grande desenhador (parte a mais essencial da pintura), mui correcto e judicioso nas suas composições, instruido na historia, tanto sagrada, como profana, na poesia, fabula, mythologia, allegoria, arquitectura, perspectiva, expressão, anatomia, &c. Além destes e outros attributos, tambem possuia o dom da presteza, e por isso na sua longa carreira produzio muitas obras em todos os generos, porque em todos era feliz, e principalmente no retrato, em que foi eminente; pois só nesta cidade, me disse elle hum dia, tinha feito huns seiscentos e tantos. Entre elles, são para notar os das pessoas ecclesiasticas, que ou fosse por sympathia, ou gosto particular, exprimia com tal verdade, que á primeira vista fazem illusão. Os seus desenhos em lapis vermelho são preciosos, especial-

mente os que representão assumptos historicos, ou fabulosos. Não deixou discipulos, porque não era do seu genio admittil-os.

Memoria de algumas obras de João Glamma

«O talento deste sabio pintor foi pouco conhecido, ou aproveitado nas decorações publicas nesta cidade (do Porto), onde viveo largos annos, talvez pelo pouco gosto, que nella se encontra em materia de pintura: e só alguns particulares curiosos occupárão o seu pincel em obras avulsas, ou retratos, de que o publico não gosa. Comtudo em algumas igrejas se achão quadros seus, ainda que em pequeno numero, entre os quaes merece attenção o do altar-mór de S. Nicoláo, allusivo ao Santissimo Sacramento, porque foi pintado nos bellos dias do auctor. Os de S. João Novo, e Senhora da Victoria são igualmente de grande estimação para quem tem conhecimento e gosto. Tambem havia outro na igreja do Carmo, que merecia bem a pena de ser visto, mas foi substituido por outro de differente assumpto, e de mão que não conheço, não sei por qual motivo. Eu conservo o esboço, ou pensamento do que desappareceo, pintado a oleo pelo mesmo Glamma.

«São tambem da sua mão os quadros, que decórão os altares lateraes da Sé de Braga, entre os quaes ha alguns mais especialisados, taes como o de S. João Baptista, Santa Barbara, S. Sebastião, &c.

«O seu famoso quadro do terremoto de Lisboa, acontecido no 1.º de Novembro de 1755, póde ser considerado como huma das suas melhores producções, tanto pela riqueza da sua composição, e arranjamento, como pela variedade, e multiplicidade dos objectos que contém. He quadro original, ou singular no seu genero, porque o auctor dizia, lhe não constava, que houvesse entre os pin-

tores antigos, ou modernos, quem tivesse tratado semelhante assumpto, ao mesmo tempo que se achão obras excellentes, representando outras calamidades, taes como diluvio, guerras, pestes, &c., mas de terremoto não consta haver exemplo.

«Elle foi espectador da triste scena que o quadro representa, segundo dizia, porque, na occasião daquelle funesto acontecimento, se achava ouvindo missa na igreja das Chagas, da qual fugio logo que presentio o tremor, e se refugiou, ao través do aperto, em sitio largo, donde pôde observar tudo o que em tal conflicto aconteceo de mais lamentavel naquelle bairro. De tudo o que presenciou fez memoria e apontamentos para organisar a sua composição, de que dava cópia fiel a todas as pessoas do seu conhecimento, que desejavão ver esta obra interessante, a qual o auctor não pôde de todo terminar, por lhe faltar a vida: mas assim mesmo se póde considerar como acabada.

«Os Inglezes daquelle tempo, que erão muito seus apaixonados, e sabião apreciar o seu merecimento pelo muito que o occupavão, quizerão rifar-lhe o quadro no estado em que se achava, ao que elle não assentio, menos que o não terminasse. A sua familia he a que o possue presentemente, e o conserva em bom estado, esperando a occasião favoravel de o passar com alguma reputação.

«Outras mais obras de grande merito poderia referir, dessas poucas que lhe vi pintar, e de que tenho noticia, se ellas podessem ser vistas com facilidade; mas como são possuidas por particulares, podem-se considerar como thesouros escondidos.»

Até aqui as informações de Chiape. Depois que ellas me vierão á mão, constou-me que a familia de Glamma, provavelmente obrigada da necessidade, fez com effeito rifa de varias pinturas delle, entrando nellas o quadro do erremoto, no valor (se bem me lembro) de 600$000 réis.

Eu entrei nesta rifa, mas não sei a quem cahio aquella pintura.

No Museo do mosteiro de Tibães, erão de Glamma o quadro de Santa Maria Magdalena, num. 67, e o que representava hum navio, num. 246. (Vej. Volkmar, pag. 135.)

Joaquim Rafael — Os paineis do Museo de Tibães, num. 31, que representa a Senhora da Soledade, e o num. 57, que representa huma paizagem, são deste artista, bem como o Genio de Pintura, que está no meio do tecto da primeira sala, e que eu lhe vi pintar, quando elle foi do Porto ordenar as pinturas do Museo que então se estabelecia de novo.

Joaquim Rafael veio depois para Lisboa, aonde está neste anno de 1839, com o titulo de *Primeiro Pintor de Sua Magestade,* membro e Lente da Academia das Bellas-Artes, &c.

José do Avellar — Vej. Volkmar, pag. 76. O *Diccionario* de Roland le Virloys, diz: «*Avelar (Joseph d')* pintor Portuguez, que vivia pelos annos de 1640, pintava figuras a oleo, recebia encommendas de todas as terras de Portugal, e fez muitas pinturas para a *Bibliotheca Patriarcal.* As suas obras o fizerão tão rico, que comprou, e fez edificar muitas cazas em Lisboa, as quaes occupavão huma rua inteira chamada a *rua d'Avelar*». A este pintor parece dever-se referir o que diz o *Diccionario Historico,* ediç. de 1804, artigo *Avelar,* &c.

José Teixeira Barreto — Já delle dissemos alguma cousa na lista dos gravadores. (Vej. Volkmar a pag. 298.)

Josefa de Ayala ou Josefa de Obidos — Vej. o que della diz Volkmar a pag. 77. Nós já a nomeámos entre os gravadores, e achámos em memoria que fôra eminente na pintura de flores, fructos, cordeirinhos, &c.

Joseph Caetano de Pinho — Cladera, nas *Investigaciones historicas sobre los principales descobrimientos de los Españoles,* &c., impressas em Madrid, 1794, em 4.º,

diz que o retrato do Duque de Alcudia, com que ornou a sua obra, *se ha debuxado por el original de Joseph Cayetano de Piño y Silva, natural de la ciudad de Oporto.*

Luiz Alvares de Andrade—Foi homem de vida exemplar, filho espiritual do Veneravel Fr. Luiz de Granada, e qualificado como *Pintor celebre* no *Agiologio Lusitano,* nota ao dia 3 de Abril. (Volkmar, pag. 72.)

Luiz de Bastos (Fr.)—Religioso Carmelitano, do qual diz Fr. José Pereira de Sant'Anna *(Chronica,* tom. 1.º, pag. 584), que fôra na pintura o mais insigne de quantos este reino conheceo no seu tempo. *E posto* (diz) *que começou a mover os pinceis por curiosidade, ou por força de inclinação, veio depois a constituir-se tão senhor delles, que não sahio da sua mão pintura alguma, que aos melhores artifices não sirva ou de admiração, ou de modelo.*

Luiz da Costa—Nasceo em Lisboa em 1509, foi pintor e discipulo de Sebastião Ribeiro. Traduzio do Italiano, de Alberto Dureiro, quatro livros da Symetria do Corpo humano, com o quinto de Paulo Galario Saludiano; manuscripto em folha. (He a noticia que nos dá o *Summario da Bibliotheca Lusitana* de Barbosa.)

Luiz da Cruz Moreira—Dá noticia deste artista Rebello, na *Descripção do Porto,* pag. 340, dizendo que fôra natural daquella cidade, que nella fôra Professor de primeiras letras, nascido em 1707, e *distincto na arte do debuxo.*

Luiza de Faria (D.)—Filha do douto escriptor Manoel de Faria e Sousa, teve entre outras muitas prendas a da pintura. Della he o retrato de seu pai que vem gravado na obra *Retrato de Manoel de Faria y Sosa,* mui parecido com o original. (Vej. a dita obra, § 16.º)

Manoel Alvares (Padre)—Foi religioso da Companhia de Jesus. O Padre Francisco de Sousa, no *Oriente Conquistado,* part. 1.ª, pag. 185, lhe chama *Pintor insigne,* e diz que deixou muitas memorias do seu pincel,

e entre ellas o painel da Conversão de S. Paulo, que estava no retabolo da igreja do collegio velho da Companhia em Gôa.

Manoel Campello — Foi discipulo de Miguel Angelo. (*Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito,* pag. 135.)

D. Francisco Manoel, no *Hospital das Letras,* numerando os homens, que em Portugal se distinguírão nas sciencias e artes, põe *Campello em pintura,* ao pé de Camões em poesia, Barros em historia, Rezende em antiguidades, &c. (Vej. a obra a pag. 456.)

Volkmar, a pag. 56 e seguintes, fala deste grande artista, dando-lhe o nome de *Antonio Campello.* Deve ler-se. Nós achámos *Manoel Campello,* que he (sem questão) o mesmo de Volkmar, e de D. Francisco Manoel. Vej. acima o artigo *Antonio Campello.*

Manoel de Castro — Ponz, na *Viagem de Hespanha,* fala algumas vezes deste artista Portuguez. Copiaremos aqui as clausulas, que apontámos:

«No hospital de Antão Martins, em Madrid, ha dous quadros grandes, que representão assumptos da Paixão, firmados por Manoel de Castro, Professor Portuguez. Do mesmo são as pinturas a fresco da cupula e lunetos.

«Nos Trinitarios Calçados, os dous grandes quadros do cruzeiro, que representão hum a Nossa Senhora com os Anjos, e outro o ministerio da redempção de captivos, e Nossa Senhora em gloria, são de Manoel de Castro, Portuguez. Os quadros da nave sobre os arcos das capellas se julgão *pensados pelo dito Manoel de Castro.*

«Nos Mercenarios Calçados, a primeira capella da igreja, á mão esquerda, he de Nossa Senhora dos Remedios, e a abobada foi pintada *pelo Portuguez Manoel de Castro.* He do mesmo huma pintura que está no refeitorio e representa hum milagre de Nossa Senhora a certo religioso.

«Na igreja dos Padres do Oratorio, que foi caza dos

Jesuitas, ha na primeira capella á direita a cupula, pintada por Manoel de Castro.

Manoel de Faria e Sousa—Vej. acima no titulo: *Arte de escrever — Desenho á penna.*

Marcos da Cruz—Floreceo no tempo de el-Rei D. João III. *(Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, pag. 135. Vej. Volkmar, pag. 79.)

Maria Tereza da Conceição Borges—Em 1819 morava esta estimavel Portugueza no bairro de Belem, suburbio de Lisboa, e era de idade de sessenta e seis para sessenta e sete annos. Acabava então de bordar primorosamente a ponto de agulha em retrós (sem ter aprendido o desenho) a grande estampa da Ceia do Senhor, que o eximio Morghen copiou e gravou do famoso quadro de Leonardo de Vinci. A difficuldade de retratar e pintar tantas figuras com a agulha, o bem proporcionado desenho, o mimo das cores, o claro-escuro, a luz, &c., e até a imitação das madeiras, que fingem estar o painel encaixilhado, tudo isto mostra os grandes talentos da auctora, e faz huma obra acabada de bordadura. A auctora já fez os retratos de Suas Magestades do mesmo artificio. Os artistas lhe tem tributado admiração, e elogios. *(Gazeta de Lisboa,* Janeiro de 1819, num. 20.)

Pedro (Mestre)—Em hum documento do Cartorio do real mosteiro de Santa Maria da Victoria, vulgo *da Batalha,* achei nomeado: *Mestre Pedro. Pintor do Senhor Infante D. Henrique.*

Pedro Alexandrino de Carvalho—Vej. Volkmar, pag. 120, a que nada podemos acrescentar.

Peregrino Parodi—Faremos aqui breve menção de Parodi, avô, filho, e neto, segundo o *Diccionario* de Roland le Virloys.

Filippe Parodi foi hum dos mais excellentes pintores de Genova, e em Genova falleceo de sessenta annos de

idade, em 1703. Na igreja de S. Carlos daquella cidade ha huma bellissima estatua da Santissima Virgem, e na de Carignan outra de S. João Baptista, ambas deste artista. *Fez muitas estatuas para a igreja do Loreto de Lisboa.*

Domingos Parodi, foi filho de Filippe, e com elle aprendeo o desenho, &c. Trabalhava em 1698. Pellegrin Parodi, filho de Domingos, e natural de Genova, aprendeo com seu pai os elementos da pintura, e pintou bons retratos. Deixando a caza paterna, abrio escola sua, aonde concorrião muitos a aprender, e muitos a se fazerem retratar. Grande parte dos seus retratos passárão a Hespanha, Inglaterra, e Allemanha. No anno de 1741 retratou o Doge Spinola, quadro que depois foi gravado em Florença.

Este Pellegrin Parodi he o que esteve em Lisboa, e aqui falleceo pelos annos de 1785. Delle e de suas obras fala Volkmar a pag. 107. Vej. tambem nesta nossa lista o artigo *Carpinetti*, no titulo dos *Gravadores*.

Pimenta Corrêa — Tres illustres Senhoras Portuenses deste appellido mandárão á Academia das Bellas-Artes tres pequenos quadros historicos, bordados a cabello, e algumas outras obras de matiz, e hum lenço bordado de branco em relevo, tudo primorosamente acabado. (*Director* de 23 de Julho de 1838, num. 163.)

Reinozo — Acho nas *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, pag. 135, menção de Reinozo, pintor, que *floreceo no seculo de el-Rei D. João III, e foi discipulo de Miguel Angelo.*

Volkmar a pag. 74 fala de hum Reinozo, a que dá o nome de *André*, mas diz que vivia em 1641, e isto me faz duvidar se seria ou não o que floreceo *em tempo de D. João III, e foi discipulo de Miguel Angelo.*

Alli mesmo, diz Volkmar, que sempre ouvíra dar a Reinozo o nome de *Diogo*, mas que esta tradição era errada,

porque dos livros da Irmandade de S. Lucas se via chamar-se *André*, &c.

Eu conjecturo que houve dous artistas do mesmo appellido de *Reinozo:* hum mais antigo, que seria o *Diogo*, e outro mais moderno, que seria o *André*. Isto porém não passa de mera conjectura.

Vanegas —Vem mencionado nas *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, pag. 135, como pintor do tempo de el-Rei D. João III. Vej. a respeito delle Volkmar, pag. 60.

Vasco — Chamado entre nós o *Gran-Vasco*. Nada podemos acrescentar ao que delle diz Volkmar Machado, pag. 49.

Vej. tambem *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*, pag. 135, aonde se diz que *floreceo em tempo de D. João III*, e que foi *da escola de Pedro Perugino*.

Dias Gomes, na eleg. 1.ª, ás Musas, not. 11.ª, diz delle que *teve muita elevação nos pensamentos, e muita viveza de expressão;* que foi *admiravel no colorido*, e que *se não tivera alguma cousa do gothico, seria hum consumado artifice*. Este juizo me parece bem exacto.

O *Diccionario* de Roland le Virloys, que muitas vezes temos citado, reflecte que os quadros de Vasco são *ornados de bellas fabricas de arquitectura;* e que o *seu gosto o inclinava sempre a pintar objectos da Historia Santa*.

Vasco Pereira — *Inda que Portuguez* (diz Volkmar, pag. 69), *estabeleceo-se em Sevilha, e em 1594 concertou o famoso painel da Rua da amargura, de Luiz de Vargas, e fez outras obras no principio do seculo seguinte.*

Ponz, na *Viagem de Hespanha*, tom. 8.º, quasi no fim, diz que na livraria da Cartuxa de Nossa Senhora das Covas, junto a Sevilha, ha *quatro doutores de hum tal Pereira, famoso Pintor Portuguez, do tempo de Filippe II.* Este he sem duvida o nosso Vasco Pereira.

MUSICOS

El-Rei D. João IV—Foi não só apaixonado amador de musica, mas tambem insigne compositor da musica sacra, chamada *Canto da Palestina*, a qual sómente se usava na Patriarcal, e presentemente se canta ainda na Capella Sixtina.

O Imperador e Rei D. Pedro IV—Foi grande amador e compositor de musica, tanto sagrada como profana.

A Serenissima Infanta Senhora D. Isabel Maria—He grande tocadora de piano; possue muitos conhecimentos de contraponto, e acompanha a piano em todos os systemas.

Affonso Vaz da Costa—Foi Mestre da capella em Avila. Escreveo varias obras, que se conservavão na copiosa Bibliotheca da Musica de el-Rei D. João IV. Falleceo em 1599.

André da Costa (Fr.)—Religioso Trinitario, harpista dos Reis D. Affonso VI e D. Pedro II. Compoz varias peças de musica ecclesiastica. Falleceo em 1685.

André de Escovar—Vivia no tempo do Cardeal Rei, tocava *charamelinha*, e compoz huma arte de tocar este instrumento.

Antonio Fernandes—Natural de Souzel, Presbytero, Mestre da capella na Paroquia de Santa Catharina de Lisboa. Escreveo algumas obras theoricas sobre a musica, e entre ellas a *Arte da Musica de canto de orgão*, e a theorica do *manicordio*, e sua explicação. Falleceo antes de 1625.

Antonio Leal Moreira—Ignora-se a sua naturalidade. Foi Mestre de musica no Seminario Patriarcal, grande Professor da arte, bom tocador de piano, e distincto compositor de musica sagrada.

Antonio Marques Lesbio — Era Mestre da capella real em 1698, e compoz varias musicas de igreja, que se imprimírão entre os annos 1660 e 1708. Foi celebre na sua arte.

Antonio Pereira de Figueiredo (Padre) — Natural da villa de Mação da comarca de Thomar, Congregado do Oratorio de S. Filippe Neri, nasceo em 14 de Fevereiro de 1725, e falleceo em 14 de Agosto de 1797. Não cabe aqui o elogio deste varão sabio e virtuoso, que tantos e tão relevantes serviços fez á patria, ás sciencias, e ás letras durante a sua vida. Diremos sómente, que desde os seus tenros annos se apaixonou pela musica, e se applicou a ella com desvelo, chegando a compor muitas obras desta bella, e nobre arte, e entre ellas todas as que se cantavão nas funcções da Semana Santa na caza de Nossa Senhora das Necessidades, a cujos ensaios elle mesmo presidia. Os autografos das suas composições musicaes passárão da mão do Reverendo Sr. Antonio de Castro ás de hum distincto sabio, que escreveo a vida, e analysou os escriptos de Pereira, e que ha pouco mais de hum anno nos foi roubado pela morte.

Antonio Teixeira — Natural de Lisboa, nascido em 1707. Foi Cantor da Patriarcal, e Examinador Synodal de canto-chão. Compoz hum *Te-Deum* a vinte vozes com instrumental, outro a tres córos, e alguns Psalmos, Lamentações, &c. Ainda vivia em 1759.

Balthazar Telles — Foi Lente da Cadeira de Musica na Universidade de Coimbra por Provisão de 2 de Novembro de 1549.

Diogo Dias Melgaço — Natural de Cuba, Mestre da capella em Evora. Compoz musicas de igreja. Falleceo antes de 1649.

Domingos de S. José Varella (Fr.) — Natural de Guimarães, insigne organista, e o melhor, que teve a Congregação Benedictina de Portugal nestes nossos tempos.

Tinha amplissima instrucção e conhecimento da musica antiga e moderna, e dos seus varios systemas: conhecia perfeitamente o mecanismo do orgão, e tocava este bello instrumento com admiravel perfeição, e apurado gosto. Presumo que ao presente he fallecido. Compoz e imprimio huma *Arte de Musica*, em que se achão observações, e experiencias mui curiosas sobre os fenomenos da harmonia, e sua applicação aos instrumentos musicos, e á sua afinação. Esta obra foi impressa (segundo a minha lembrança) na cidade do Porto, em 4.º

Duarte Lobo — Natural de Lisboa. Conego e Mestre da capella na Sé Metropolitana de Lisboa. Foi celebre na sua arte, e compoz varias obras, algumas das quaes se imprimírão. Ainda vivia em 1625.

Eleuterio Franchi Leal — Foi Mestre de musica no Seminario Patriarcal, nos reinados da Senhora D. Maria I e de el-Rei o Senhor D. João VI. Está presentemente aposentado.

Estevão de Brito — Foi Beneficiado e Mestre da capella nas Sés de Badajoz, e Malaga. Escreveo hum *Tratado de Musica*.

Francisco de S. Jeronymo (Fr.) — Natural de Evora, Religioso de S. Jeronymo, e Mestre do côro em Belem. Compoz obras de musica, que tiverão grande estimação. Nasceo em 1692, e ainda vivia em 1747.

Francisco da Rocha (Fr.) — Religioso Trinitario, natural de Lisboa. Compoz grande numero de obras, que existião na *Bibliotheca de Musica* de João da Silva de Moraes, de que adiante falaremos. Falleceo em 1720.

Gallão (Padre) — Foi natural da provincia do Alemtejo, Mestre da real capella de Villa Viçosa, e compositor de musica sagrada.

Gregorio Franchi — Distincto tocador de piano, e compositor de varias musicas para o mesmo instrumento.

Heliodoro de Paiva (D.) — Conego regular de Santa

Cruz de Coimbra, de que se fez menção na lista dos *Pintores*. Foi tambem instruido (como lá se notou) na bella arte da musica, e deixou composições suas, que se conservavão no mosteiro de Santa Cruz.

Henrique Carlos Corrêa — Natural de Lisboa, nascido em 1680. Foi Mestre da capella na Sé de Coimbra: vivia ainda em 1747, e deixou varias obras de sua composição.

João Alvares Frovo — Natural de Lisboa, aonde nasceo em 1608. Foi Capellão e Bibliothecario da musica de el-Rei D. João IV. Compoz muitas obras, entre as quaes merecêrão particular estimação os seus *Responsorios do Natal* a oito vozes.

João Chrysostomo da Cruz — Natural de Villa Franca, nasceo em 1707, e vivia em 1731 no estado de Presbytero. Compoz: *Methodo breve e claro, em que se exprimem os necessarios principios*, &c., com hum *Appendice dialogico*. Lisboa, 1743, em 4.º

João Cordeiro — Natural de Lisboa: foi grande organista, e compositor de musica sagrada e profana. Foi Mestre das Pessoas Reaes, e viveo nos reinados de el-Rei D. José I e de sua filha a Rainha Senhora D. Maria I.

João Domingos Bomtempo — He natural de Lisboa, Mestre de Sua Magestade Fidelissima a Senhora D. Maria II, e da Senhora Infanta D. Isabel Maria, e Director do Conservatorio na arte da musica, grande compositor de musica sagrada no estylo de Handel e de Haydn. Compõe tambem musica de piano, e he hum dos mais excellentes tocadores deste instrumento, tendo merecido os applausos de differentes côrtes da Europa, aonde fez mostra de seus distinctos talentos.

João Evangelista Turriani — Natural de Lisboa, distincto mathematico, e insigne tocador de piano, em que mostrava particular gosto, e expressão.

João Fernandes Formoso — Natural de Lisboa,

Capellão de el-Rei D. João III. Compoz em musica *Passionario da Semana Santa*, que se imprimio em Lisboa em 1542, em folha.

João Jordani—Natural de Lisboa: Professor de instrumentos de corda, e mui distincto em violeta, rabecão grande, e pequeno. Ha composições suas. He presentemente Mestre de instrumentos de corda no Conservatorio.

João Rodrigues (Fr.)—De quem não temos outra noticia senão que compozera huma *Arte do canto-chão*, manuscripta, pelos annos de 1560.

João de Santa Maria (D.)—Conego regular de S. Vicente de Fóra, natural de Terena, fallecido em 1654. Compoz *tres Livros de Contraponto.*

João da Silva de Moraes—Nasceo em Lisboa em 1689, e foi Mestre da capella na Cathedral desta cidade. Compoz grande numero de obras de musica, e possuia huma copiosa Bibliotheca desta arte. Ainda vivia em 1727.

João Soares Rebello—Natural da villa de Caminha na provincia do Minho. Foi Mestre de musica de el-Rei D. João IV, e deixou obras impressas e manuscriptas, que tiverão grande celebridade naquelle tempo. Falleceo em 1661.

João de Sousa Carvalho—Natural do Alemtejo. Foi hum dos mais insignes Mestres de musica do Seminario Patriarcal, e o que deo luzes aos compositores Portuguezes para conhecerem o mecanismo de *instrumentar* a musica vocal sagrada e profana.

El-Rei D. José o mandou a Italia com Jeronymo Francisco de Lima, Brás Francisco de Lima, e Camillo Cabral, para ali se instruirem naquella sciencia, então não muito cultivada em Portugal, aonde apenas se distinguia José Joaquim dos Santos, natural de Obidos, que com o celebre David Peres tinha aprendido o contraponto.

Quando os quatro artistas voltárão a Portugal, forão empregados no Seminario; mas João de Sousa mostrou superior habilidade, pelo que, fallecendo David Peres, foi nomeado em lugar delle para Mestre de musica das Pessoas Reaes.

Teve por discipulos os dous insignes musicos Antonio Leal Moreira, e Marcos Antonio Portugal, bem conhecidos entre nós.

José Antonio Carlos de Seixas—Natural de Coimbra, nascido em 1704. Foi nomeado Organista da Patriarcal, tendo apenas dezeseis annos de idade. Compoz hum *Te-Deum* a quatro córos, muitas *Sonatas* de cravo, e algumas *Missas* a instrumental. Falleceo em 1742.

José Avelino Canongia—Mestre de instrumentos de palheta no Conservatorio. He insigne tocador de clarineta, conhecido em varias côrtes da Europa, que visitou.

José Marques (Fr.)—Nascido na provincia de Alemtejo. Foi profundo conhecedor da arte em todos os ramos, grande tocador de piano, e o mais distincto acompanhador de orgão em todos as systemas de acompanhar. Foi tambem insigne compositor tanto de capella, como de instrumental, e deixou muitas peças de sua composição, que mostrão o seu grande merecimento. Viveo no reinado do Senhor D. João VI, e foi Mestre da sua capella da Bemposta.

Manoel Elias (Fr.)—Religioso Paulista, compositor de musica sacra, e grande organista.

Manoel Innocencio dos Santos—Natural de Lisboa, distincto compositor de musica sagrada e profana, e hum dos maiores acompanhadores, tanto de orgão, como de piano, de que he insigne tocador. He da sua composição a *Opera Ignez de Castro,* executada no theatro de S. Carlos no anno de 1839 com geral applauso do publico e dos amadores de musica.

Manoel Mendes—Natural da cidade de Evora, em

cuja Sé foi Mestre de capella. Floreceo no tempo do Cardeal Rei D. Henrique, e compoz huma *Arte de canto-chão*, e algumas peças de musica de igreja. Falleceo em 1605.

Manoel Nunes da Silva — Natural de Lisboa; foi Mestre da capella da Conceição Velha desta cidade. Compoz huma obra de musica, que intitulou *Arte Minima*, impressa em Lisboa em 1685, e reimpressa em 1704, em 4.º

Manoel Pousão (Fr.) — Religioso Augustiniano, natural da villa do Alandroal. Escreveo *Liber Passionum*, impresso em Leão de França em 1576, e varias outras obras de musica. Falleceo em 1683.

Padre Manoel Rodrigues Coelho — Natural de Elvas, organista da capella real. Compoz *Flores de Musica*, obra que sahio á luz da imprensa em Lisboa, 1620, em folha.

Manoel dos Santos (Fr.) — Natural de Lisboa, Religioso da Congregação de S. Paulo, primeiro Eremita, e compositor de musica da capella real. Deixou varias obras desta arte, e falleceo em 1737.

Marcos Portugal — Natural de Lisboa. Foi insigne compositor de musica, tanto sagrada como profana. Deixou-nos muitas peças do melhor gosto em ambos os estilos, e rivalisou nas suas composições com os primeiros compositores da Europa do seu tempo. Era tambem optimo Mestre de canto, e cantava elle mesmo com excellente estilo em voz de tenor. Ainda hoje se executão as suas peças sagradas e profanas com tanta acceitação como as de Haydn, Mozart e Zingarelli.

Mathias de Aranda — Foi Mestre da capella na Sé de Coimbra, e Lente de musica na Universidade, nomeado por Provisão de 26 de Julho de 1544.

Nicoláo Dias Velasco — Foi musico de D. Filippe IV, Rei de Castella, e imprimio: *Nuevo modo para tañer la guitarre*. Napoles. 1640.

Nicoláo Tavares — Natural de Portalegre: foi Mestre da capella nas Sés de Cadiz e Cuenca. Escreveo varias obras.

Pedro Alvares de Moura — Natural de Lisboa; foi Conego na Sé de Lamego, e depois na de Coimbra. Imprimio algumas obras de musica em Roma: falleceo antes de 1594.

Pedro do Porto — Natural da cidade de que tomou o appellido. Vivia em tempo de el-Rei D. João III, e floreceo em Evora e Sevilha. He celebre o moteto: *Clamabat autem Jesus,* &c., que poz em musica, e que João de Barros qualificava como *o principe dos motetos.*

Pedro Talesio — Natural de Lerma, no reino de Castella: foi Lente de musica na Universidade de Coimbra por Provisão de 22 de Novembro de 1613, e *hum dos primeiros que deo ordem á musica de Portugal a coros.* Foi medico do Cardeal Alberto, e Mestre da capella do Hospital Real de Todos os Santos de Lisboa.

Pedro Vás Rego — Nasceo em Campo Maior em 1670. Foi Mestre da capella em Evora, e compoz huma celebre *Missa ad omnem tonum,* e outras obras que se conservavão em Evora.

Rodrigo Ferreira da Costa — Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, fallecido ha poucos annos. Escreveo: *Principios de Musica, ou Exposição methodica das doutrinas da sua composição, e execução,* 2 vol. de 4.° com estampas, impressos pela mesma Academia em 1823.

Thomaz Pereira (Padre) — Jesuita, natural de Barcellos. Publicou na China, e em lingua Chineza, hum *Tratado de Musica especulativa e pratica.* Nasceo em 1645, mas ignorâmos o anno do seu fallecimento.

Tristão da Silva — Floreceo no seculo XV e foi Mestre de musica de el-Rei D. Affonso V.

Vicente ...—Natural de Olivença. Floreceo em Padua e Viterbo no seculo XVI, e falleceo antes do anno de **1561**, em que imprimio em Veneza *Introduzione felicissima di canto fermo*, &c.

APPENDICE

CARTA ESCRIPTA DE COCHIM A EL-REI D. MANUEL
POR THOMÉ PIRES
EM 27 DE JANEIRO DE 1516
SOBRE ALGUMAS PLANTAS E DROGAS MEDICINAES
DO ORIENTE

ADVERTENCIA DO EDITOR

Pareceo-nos que seria bem aceito aos leitores que neste logar se inserisse a *carta* escripta de Cochim a el-Rei D. Manoel pelo portuguez *Thomé Pires*, em 27 de Janeiro de 1516, *sobre algumas plantas, e drogas medicinaes da India; carta, que pelo assumpto, pela data, e pela nacionalidade do auctor* tal attenção mereceo ao venerando Escriptor, cujas obras publicâmos, que *de seu punho* tirou della fiel cópia no Nacional e Real Arquivo da Torre do Tombo, e *a offereceo* como testemunho de singular apreço á Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Vai a *carta* precedida da cópia da correspondencia, a que deo occasião o offerecimento, porque assim ficará mais em relevo o *valor do documento, o amor patrio do offerente, e a grata aceitação que teve a offerta* por parte daquella illustrada Sociedade.

CORRESPONDENCIA ÁCERCA DA CARTA DE THOMÉ PIRES

Ill.^mo Sr.

Tomo a confiança de levar ás mãos de V. S.ª o incluso papel, e rogo a V. S.ª queira fazer-me a honra de o apresentar em meu nome á Sociedade Pharmaceutica Lusitana, como testemunho do quanto prézo o seu zêlo pelo bem publico, e a reconhecida utilidade de seus trabalhos scientificos.

O papel contém a cópia de huma carta escripta de Cochim a el-Rei D. Manoel, em 27 de Janeiro de 1516, sobre algumas plantas e drogas medicinaes da India, por *Thomé Pires,* que nella vem assignado. O original está no Nacional e Real Arquivo da Torre do Tomo, no *Corpo Chronologico*, part. 1.ª, maç. 19.º, num. 102, d'onde tirei fiel cópia quando dirigia aquelle estabelecimento.

Thomé Pires, natural de Leiria, tinha sido em Portugal *Boticario do Infante D. Affonso.* Passou depois á India, e creio que fez esta viagem entre os annos 1512 e 1515.

Em 1516, sendo Fernam Peres de Andrade despachado

para a viagem da China, o Governador Lopo Soares, com conselho dos fidalgos, e Capitães Portuguezes da India, destinou, e nomeou Thomé Pires para hir por embaixador de el-Rei de Portugal ao Rei da China, *por ser homem discreto e curioso, e porque conheceria melhor que outro as drogas que haveria na China* (Castanheda, *Historia da India*, liv. 4.º, cap. 4.º e 31.º); e porque *além de ter pessoa, e natural discrição, com letras, segundo sua faculdade, e de ser largo de condição, e aprazivel em negociar, era mui curioso de enquerer, e saber as cousas, e tinha hum espirito vivo para tudo* (Barros, dec. 3.ª, liv. 2.º, cap. 8.º).

Em Setembro de 1518, tendo Fernam Peres assentado paz com a China. e voltando para Malaca, deixou Thomé Pires em Cantam, já aviado, e *de caminho para o Rei da China*. (Castanheda, lug. cit., cap. 41.º)

Não são conhecidos com sufficiente exacção e certeza os subsequentes successos da embaixada, e do embaixador, nem aqui seria lugar proprio para expender esta materia. Podem ver-se Castanheda liv. 5.º, cap. 80.º; Barros, dec. 3.ª, liv. 6.º, cap. 1.º e 2.º; e Fernam Mendes Pinto, cap. 91.º e 116.º O que sabemos fóra de duvida he que Thomé Pires morreo na China, acaso prematuramente, ficando nós privados dos apontamentos que elle provavelmente hiria fazendo ácerca das plantas e drogas daquelle vasto imperio.

A carta, que offereço á Sociedade, não dá certamente conhecimentos alguns novos dos objectos de que trata: mas he de hum Portuguez; he dos principios de seculo XVI; e toca hum assumpto, que naquelle tempo não era ainda muito conhecido dos naturalistas da Europa. Estas circumstancias podem fazel-a digna de alguma attenção.

Se a Sociedade, comtudo, julgar de outro modo, nem por isso me arrependerei de lhe ter dirigido este pequeno

obsequio, nem ella tachará de menos respeitoso, ou de menos sincero o meu zelo.

Deus guarde a V. S.ª Lisboa, em 7 de Setembro de 1838. — Ill.mo Sr. José Dionysio Corrêa, 1.º Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. = *Bispo Conde D. Francisco.*

A esta carta foi pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, ou da sua parte, dada a resposta seguinte:

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Á Sociedade Pharmaceutica Lusitana foi presente, em sessão de hoje, a estimavel carta de V. Ex.ª de 7 do presente mez, offerecendo-lhe, e enviando-lhe a cópia de outra, escripta de Cochim em 27 de Janeiro de 1516 a el-Rei D. Manuel pelo boticario Thomé Pires, sobre algumas plantas, e drogas medicinaes do Oriente, a qual cópia V. Ex.ª, abrazado em amor das patrias cousas, tiràra com toda a fidelidade, do original existente no Real e Nacional Arquivo da Torre do Tombo, quando era dignissimo Guarda-mór daquelle interessante Estabelecimento.

A Sociedade, penhorada, em grão superior a toda a expressão, por tão generosa e distincta offerta, mandou lançar na Acta, que se havia recebido com *mui especial agrado;* publicar no 1.º num. do 2.º tomo do seu jornal tão precioso monumento; offerecer a V. Ex.ª hum exemplar do 1.º tomo do mesmo jornal, reservando-se fazer outro tanto relativamente a seus novos Estatutos e Regimento interno para quando estejão impressos, e por unanimidade elegeo Membro Honorario a V. Ex.ª, esperando anciosa se dignará fazer-lhe a honra de aceitar este pequeno signal do grande apreço e veneração, que tributa

ás civicas virtudes, elevados conhecimentos, e relevantissimos serviços de V. Ex.ª á litteratura Portugueza.

Deus guarde a V. Ex.ª Lisboa, e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 30 de Setembro de 1838. — Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Bispo Conde D. Francisco. = *José Dionysio Corrêa*, 1.º Secretario.

A esta participação respondeo o venerando Prelado com a carta que se segue:

Ill.^mo^ Sr.

Tive a honra de receber o officio que V. S.ª me dirigio com data de 30 do proximo passado mez de Setembro, annunciando-me o benigno e gracioso acolhimento, que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana se dignou dar á minha pequena offerta, não só aceitando-a com mui especial agrado, e resolvendo mandal-a publicar no 1.º numero do 2.º tomo do seu erudito jornal; mas tambem premiando logo generosa e amplissimamente o meu zelo com hum exemplar do 1.º tomo do mesmo jornal, e com a distincção e honra muito maior, e sobre maneira mais apreciavel de me eleger por votos unanimes seu Socio Honorario.

Penetrado de reconhecimento e gratidão por tantas mostras de benevolencia, aceito esta honra e distincção, que muito acredita o meu nome, e o faz de algum modo participante dos serviços, dos merecimentos e da gloria de tão illustres e sabios Consocios: sentindo tamsómente que me não seja possivel corresponder á Sociedade, e auxilial-a em seus estudos, senão com o sincero, postoque esteril offerecimento de qualquer grão de prestimo, que ella possa em mim achar para o seu serviço, e para utilidade dos interessantissimos objectos de que se occupa.

Rogando a V. S.ª a graça de fazer presentes á Sociedade estes meus sentimentos, aproveito com gosto a opportunidade de expressar particularmente a V. S.ª a minha attenção, estima e respeito.

Deus guarde a V. S.ª Lisboa, 4 de Outubro de 1838.— Ill.mo Sr. José Dionysio Corrêa, 1.º Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, &c.=*Bispo Conde D. Francisco.*

CARTA

ESCRIPTA DE COCHIM A EL-REI D. MANUEL
POR THOMÉ PIRES
EM 27 DE JANEIRO DE 1516, SOBRE ALGUMAS PLANTAS
E DROGAS MEDICINAES DO ORIENTE,

COPIADA FIELMENTE DO ORIGINIAL EXISTENTE NO REAL ARQUIVO DA TORRE DO TOMBO,
NO CORPO CHRONOLOGICO, PART. 1.ª, MAÇ. 10, NUM. 102

Senhor.

Quá vêo ter hum roll de certas drogarias, que se nelle pediam: pera o ano irá, porque se mandáram catar; e nesta darey conta donde cadahũa nace; e tambem dalgũas cousas que lá foram.

Erva lombrigueyra

Por Christovam de Brito e dom Aires foy lá huma soma de erva lombrigueyra, que foy comprada por Joham da villa, estando eu em Purtugall: portamto saiba vossa Alteza, que nom foy por mim. Nace em Cambaya, e nas terras de Chaull.

Ruybarbo

Tambem foy lá ter huma soma de ruybarbo pódre, que se comprou em Malaca. Eu nom fuy na compra delle, que

stava em Cananor: foy comprado por quatrocentos cruzados a Ruy de Araujo e Joham Viegas: devem tornar o dinheiro a V. A., pois venderam mercadoria pòdre, que quá nom valia nada. Eu ho apontey na conta de Ruy de Araujo na despeza do dinheiro porque se comprou.

Ruybarbo

De Malaca enviaram os oficiaes da feytoria outro pouco d'outro tall, por nom custar dinheiro, que ho deram hũus Chĩs de presente, e portamto foy llá ter, por se nom lamçar ao mar. O ruybarbo nace na Tartaria, e em Torquia.

Cana fistola

A cana fistòla nace na serra, que divide o Malabar de Narsinga em todo lugar, principallmente em Anamalee e Pudaçari, quinze legoas de Cranganor detrás da serra. Nace na ylha de Camatora no reyno de Daru; em Java infinidade: nom se usa quá: em Turquia ha muita, e della vay a nosas partes.

Emcemço

Emcemço nace na Arabia felix no reyno de Tufar junto com os reynos dos Fartaquis e Maderacatam. Nace em Orixa, que he antre Narsinga e Bengalla. Vende-se em Cambaya e em Chãull muito barato.

Opio

Opio chamamos qá amfião: nace em Tebas cidade do reyno do Cairo; nace em Adem, em Cambaya, no reyno de Coũs que he na terra firme de Bengalla: he esta grande mercadoria nestas partes: custuma-se a comer, os reis, e senhores em cantidade d'avellã; a gente baixa come me-

nos, por que custa caro. Se sobre elle se bebe cousa azeda, ou cordiall, ou azeyte. agoa de coco, mata logo. Os homẽes custumados a comêllo andam sonorentos, desvariados, os olhos vermelhos: nom andam em seu semtido. Custuma-se, porque hos provoca a luxuria: he de pranta de dormideiras. He boa mercadoria; gasta-se em gramde cantidade e vall muito.

Tamarindos

Tamarindos ha muitos em toda a terra do Malabar. O Malabar he de Mangalor até Comorim: muitos mais ha em Tamor, e Choromandell. Tamor he de Carle até os baixos de Chilam: Choromandell he dos baixos até a Cunimeyra. Java e as ylhas de Bima tem infinidade. He mercadoria nestas partes: usa-se em lugar de vinagre: valem casi de graça: he boa mercadoria. A ylha de Çunda, que he pegada com a Java, tem muitos, e em muitas partes hos haa em camtidade.

Galamga

Galamga sam raizes da feyção de gengivre: nacem em Chaull e Mangalor no reyno d'Indo. O reyno Indo he sobre Cambaya na terra firme: foi cabeça destes quatro reynos, s. Cambaya, Resputes, Diull, e os Naytaques. Deste reyno vem o rio Indo, que qá se chama Çindi, vem sair antre os Resputes e o reyno de Diull: tem formosa povoaçam: deste rio se denomináram os Indios. Os Resputes são gentios, e parte dos de Diull e Naytaques. Tambem em Cambaya ha infinidade delles. Acha-se em Cambaya a vender.

Turbit

Turbit vem de Mandao, e dahi vem ter a Cambaya: nom he muito bom ho de qá: melhor he ho de Torquia:

este de qá he groso e preto, e o bom ha de ser ao comtrario. Tambem nace em Purtugall. O reyno de Mandao he sobre Cambaya, è sobre o reyno de Daquem, e da bamda da terra firme he Dely. Neste reyno de Mandao são as amazonas, molheres belicosas, que oje em dia pelejam a cavalo: tambem as de Daquem cavalgam escanchadas, e escaramuçam; mas as outras são de lança em punho, e são da guarda do rey de Mandao.

Mirabulanos

Mirabulanos sãa cinquo sortes: as quatro nacem no Malabar em Bacanor, Baçalor, Mangalor, lugares delrey de Narsinga amtre o Malabar e Baticalla: os quebules nacem em Bengalla, em Malaca, em Burney. Bengalla confina com Orixaa de huma banda, e com Racan da outra: Malaca, de huma banda com Quedaa, e da outra com Pahão: Burney sãa ylhas, duzentas leguas de Malaca em leste: tem estas ylhas muito ouro, camforas de comer, e estes mirabulanos. Obedientes sãa os reys de Borney a vosa Alteza. Todas estas sortes sãa mercadorias nestas partes.

Áloes

Aloes nace em a ylha de Çacotora, em Adem, em Cambaya, em Valemça de Aragam, em huma cidade, que se chama Molvedro, e em outros lugares: o muito estimado na ylha de Çamatra: emtão depôs este, o de nossas partes: o d'Adem e Cambaya he muito máo, que nom vall nada.

Espiqe-narde

Espiqe-narde nace no reyno de Dely, e no de Mandao; vem ter a Cambaya. Este reyno de Dely he o mais men-

tado destas partes: dizem que asenhoreou dos Naytaques, gemtes, que confinão com a Persia até Bengalla. He reyno muito mentado: jaz nelle o monte Caucaso. Este peleja com o rey de Bengalla, e com Mandao e Cambaya.

Esqinamte

Esqinamte, ou palha de Méqa, nace em Çacotora, e em todas as tres Arabias: nom se costumava na India: dos Arabios pasava por Alexandria a nosas partes. Sabidos são os Arabios: começam do cabo do streito de Méqa e d'Oromuz, e vem acabar quá na ponta d'Oromuz a Petrea. Jaz no mêo a Deserta de Méqa, e pera cima a Felix pera contra a ponta qá pera Oromuz. Os mouros chamam quá Arabia felix aquela que vem do cabo de Guardafuy até Aliocacer, que tem huma regiam, que se chama felix. Esta estaa amtre o mar roxo e Abixia, porém esta se chama Arabia sub Egipto. Desta terra falarey na discrição do Streyto de Méqua em outro lugar, porque dellas sãa terras do preste Joham Abexi.

Gomas fetidas

Serapino galbano o poponago gomas fedorentas, as que qua haa sam muito más, e de pouca valia: vem das Arabias, do Cairo, e crêo, que por-via de Alexandria vem de Italia, e de Torqia de Damasco, que lá há muitas em grande avomdamça, e boas.

Bedelio-Mirra

Bedelio, e a mirra nace no reyno de Mandao, tambem em Arabia felix, e no reyno de Dely: vem ter a Cambaya. He a mirra boa mercadoria. O bedelio nom usa qá e em nosas partes: em levante ha muito.

Nom ha qá

Escamonea, Sene, Xilobalsamo, e carpo balsamo, goma arabica, alámbares, lapis lazuli nom ha qá na India: alguums alámbares ha em Arabia; mas eu nom crêo que naçam qá, mas que vem por via de Alexandria. O lapis lazuli vem d'Armenia a nosas partes.

Momia

Momia nom he carne d'homẽes, como em nosas partes se usa, nem a mim parece que a tall carne sêca, ou tostada das arêas, tenha o que della cuidamos; porque ha verdadeira he huma umydade dos corpos mortos desta maneyra: Como ho homem morre, alimpãno das tripas e fresura, e lamçam-lhe dentro mirra e aloees, e tornam-no a coser, e metem-no asy em sepulcros com furacos: esta mistam com a umydade do corpo corre, e apanha-se, e este liquor se chama momia: quá nom se usa a que vay a nosas partes: vay dos desertos de Arabia por via de Alexandria: ás vezes levam carnes de camelos tostadas por carnes d'omẽes: nom crêo que aproveyte hũa mais que outra.

Ispodio

Ispodio sãa raizes de canas de certa provincia. Outros tiverão outras opiniões; e nós que o nom temos, nos foy ordenado poder meter em seu lugar marfim queymado. Os Venezianos saltavaam nos curraes das vacas, e das canellas dellas queymavaam; e em Italia e em nosas partes ... por marfim queymado; porque nom era posyvel queymar dentes d'alifantes, e vemderem-se tam baratos: desta maneira vendem as carnes das alimarias por carne d'omẽes: nem hũu nem outro nom he momia.

Nom sey como se usa por ella, como haja grande diferença do liqor misto a carne sêca.

Tincar—Alquitira—Sarcacola

Tincar, Sarcacola, Alquitira vem do reyno de Mandao e de Dely. A sarcacola vem d'Arabia felix. Nom ha qá estas cousas em camtidade. Do tincar ha muito: acha-se em Cambaya, e em Chaull.

Betelle

Folio Indo he betelle. O milhor de qá he do reyno de Goa: des de Chaull até Canboia ho ha: em todas as ylhas até alem de Maluco ho há em grande avomdamça. Verde he sustamciall, com avelana India, ou areca, e com a call: sêco pera nada nom presta, que tem a virtude tam sutill, que sêco nom tem cheyro, nem sabor. Em Betelle se sostêm hos homẽes destas partes tres, quatro dias, sem comer outra cousa. Faz grandemente digerir, conforta o célebro, arreiga os dentes, que hos homẽes de qá, que ho comem saam de oytenta anos, e tem todos os demtes gerallmente sem lhe falecer algum. Os que ho costumam comer lhe faz bom bafo, e se hum dia o nom comem, nom lhe podem soportar o bafo. He mantimento nestas partes.

Robís

Robís os muito córados, prezados em nosas partes, he a mina delles em Capelamguam, reyno sobre o reyno de Racan e Pegu na terra firme de Jentios. Este reyno confina com ho reyno de Ós, donde vem o lacar, e bemjõy a Pegu e Asião. Deste reyno de Capelamgam se espalha pera todas as outras partes. Em Racan e Pegu ha grandes oficiaes de hos alimpar.

Em Ceylão ha duas maneyras de robís: hos vermelhos sobre escuros nom saam stimados muito: hos muito craros saam de duas sortes em Ceylão amtre elles tem conhecimento o que a cera de Simamca, vall o tresdobro, e daam muito por elles: amtre os de qá todo roby tem preço, e querem mais roby muito grande, aindaque tenha mágoas, que ho pequeno em perfeyçãao, e querem os robys balais, ante que os vermelhos.

Ha em Ceylão os olhos de gatos, qá muito prezados, e çafiras milhores que em Pegu: todo outro genero de pedras, das que se achão em Ceylão, sam melhores que doutras partes.

Zedoaria

Zedoaria, calamo aromatico, casia linea no Mallabar muito em Mangalor, e em outras partes. Casia linea em Ceylão ha plamtas amtre as da canella: nom se usa quá: tambem ha há no Brasill.

Estoraque liquido

Estoraque liquido nom sei que cousa he, nem nunca doutor, que nelle fallase, nem fallou desempeçadamente nella, nem menos o sabiam os buticairos, com que aprendi. Vem de Veneza a nosas partes em camtidades: vall barato. O estoraque liquido he cousa composta, e nom he o que os doutores dizem. Dizem que se faz d'almea, formento, mell, e azeyte: a mim me parece que he asy. Em Adem se faz tambem, e crêo que he desta maneyra: he quá boa mercadoria, e vall bem.

Estoraque

Nem o que lá em nosas partes chamamos estoraque nom he o que os doutores dizem, que tambem he cousa

composta, e nam gota, como gerallmente se diz: he desta maneyra: bemjoym, do negro, derretem-no, ou amolemta-se, e com pós de sandallos, e de huum páo que quá se chama aguilla, e isto bem amasado chama-se storaque. Esta he a verdade, e nom doutra maneyra. O tempo descobre a verdade das cousas.

Aljoufar

Ho aljoufar nace nestas partes em Dalac, em Baharem, em Ceylão, e em Hainan. Dalac saam ylhas, dés legoas a la mar do porto de Meçua, terra d'Abexia, ou a elle sojeyta no mar roxo, sesenta legoas da entrada, e menos. Baharem he cemto cinquoenta legoas d'Oromuz pelo streito: saam ylhas pegadas á terra d'Arabia. Este streyto será de duzentas oytenta legoas em comprido, e sesenta de largo no mais largo. Mal pareceria isto a todos os Cosmografos, que estes dous streytos fizeram mui mais compridos, e muito mais largos: e eu digo verdade. Nace em Ceylão, de Nigonbo até os baixos. Gerallmente dizem aljoufar de Carle, porque de Carle o vaam llá pescar; mas pesca-se pegado a terra da ylha de Ceylão. Hainan sam ylhas antre o reyno de Cauche, e a China. O mais aluo he da China; o melhor de Ceylão; o mais redondo de Baharem mais ourientall, e gerallmente todo iguall. Em Dalac ha pouca cousa. Para o anno as que se podem aver, iram. De Cochim a xxvii dias de Janeiro de 516. «Thomé Pyres.»

Nom envie Vosa Alteza de llá nenhũas mezinhas compostas para quá de nenhuma sorte e condição, salvante termentina, alvayade, azinhavre, escamonea pouca, azeyte de Purtugall pera o comer dos doentes, almecega, que vall quá cara, venha nom muyta. Do all nenhuma cousa, e estas qua se escusam; pois quá as cousas, que as façam os bu-

ticairos, e solorgiães, e fisicos, pois levam o premio: e muito milhor me parece nom vir nada: marmeladas, açuquares rozados, estes os sãos os comem, e tudo se gasta debalde: tudo se qua revolve em coysas que quá haa; e encurtará Vosa Alteza despezas das mezinhas, pois quá nom aproveytam, asy por pagarem grandes quantyas, como por ser quá outro clima.

FIM DO TOMO VI

INDICE

	Pag.
Noticia de alguns escriptores Portuguezes que tratárão dos nossos descobrimentos e navegações, ou das regiões e successos de alem-mar	3
Roteiro da viagem de Fernam de Magalhães	109
Breves notas á Vida de D. João de Castro, escripta por Jacinto Freire de Andrade, auctorisadas com documentos originaes e ineditos	147
Lista de alguns artistas Portuguezes, colligida pelo auctor de escriptos e documentos no decurso das suas leituras em 1825 (Ponte de Lima) e em 1839 (Lisboa)	315

APPENDICE

Carta escripta de Cochim a el-Rei D. Manuel por Thomé Pires, em 27 de janeiro de 1516, sobre algumas plantas e drogas medicinaes do Oriente	411